

THAYS M. DE LIMA

O que
resta
de mim

SÉRIE FLORES
flor de lis





THAYS M. DE LIMA

O que
resta
de mim

SÉRIE FLORES
flor de lis



“O que Resta de Mim”

Autora: Thays M. de Lima

Capa: Gisele Souza

Revisão e copidesque: Fabiana Madruga

Editora: Amazon (Kindle KDP)

Ano de publicação: 2017

Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Todos os personagens e fatos da obra são meramente fictícios e qualquer semelhança com fatos ou pessoas reais, é mera coincidência.

A obra está registrada junto à Biblioteca Nacional, e todos os direitos de capa e conteúdo são reservados à autora.

A reprodução e comercialização não-autorizada dessa obra em todo ou em parte caracteriza crime contra a propriedade intelectual.

Prefácio

Marcas do passado, perdas irreparáveis, feridas abertas...

“O Que Resta de Mim” é um romance que retrata dor e superação. Que nos ensina o quanto a vida é frágil, e como uma vida pode ser marcada por uma ação covarde.

Thays M. de Lima, nos leva a uma realidade que muitas vezes não notamos, e muitas vezes não é punida. Nos mostra o quanto a sociedade pode ser evasiva quando o assunto é estupro.

Através da Gabriela, conheceremos a dura realidade de quem viveu esse trauma. Uma garota perdida em si mesma, que se esconde atrás de sua dor.

Um livro que te prende do início ao fim. Segredos serão revelados, laços serão formados e amizades refeitas.

O amor e o passado caminharão lado a lado e o amor poderá ser a cura de tudo.

Bruna Sousa

Blog Cantinho dos Livros

Para Mich lle, a minha estrelinha que está no céu.

Sumário

[Prefácio](#)

[Agradecimentos](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Nota da autora](#)

[Biografia](#)

Agradecimentos

Primeiramente, quero agradecer a Deus porque d'Ele e para Ele são todas as coisas.

Sempre ouvir dizer que ser escritor é ter uma carreira solitária. Eu digo exatamente o contrário: quando se tem *betas* e amigos, tudo se torna melhor. Se não fosse por eles, esse livro não estaria sendo lançado.

Quero fazer um agradecimento especial às minhas betas que estiveram comigo nessa caminhada e aturaram minha rotina maluca de escrita (que não foi nada fácil).

Bruna Helena, por escutar minhas ideias malucas para o livro do Guilherme e do Lucas, e por sempre ser bem sincera. Obrigada por ser uma colaboradora maravilhosa que está sempre me ajudando e me lembrando das coisas.

Sabrina Novaes, por cada puxão de orelha, e por cada elogio. Obrigada por não aceitar nada menos que o melhor de mim.

Heloisa Rosa, que foi uma das minhas primeiras betas e leu quando OQRDM era apenas um rascunho cheio de erros e furos.

Bruna Sousa, por cada surto, por adotar o Guilherme como seu marido (sim, eu já aceitei isso).

Tatiana Ramos, por ouvir as minhas teorias malucas e não me achar uma louca. Obrigada por ser louca junto comigo.

Thalia Calado, por todo apoio, por todos os puxões de orelhas, pelas ideias loucas e por adotar cada um dos meus personagens como se fossem seus.

Larissa Cardoso, pelo apoio, paciência e ajuda com o texto. Você é incrível! Obrigada por estar ao meu lado em cada surto e por sempre me dizer

que eu sou capaz.

Esse livro não é apenas meu, é de vocês também. Vocês se tornaram a minha família. Se hoje estou lançando o livro é por cada uma de vocês. E obrigada pela frase que sempre foi o meu maior incentivo: *faça épico!*

À minha mãe Márcia e minha tia/irmã Margareth que sempre apoiaram meus sonhos independentes de quais fossem.

À minha família que sempre me perguntava “*Thays, já lançou o seu livro?*”. Apesar da pressão psicológica isso sempre me incentivou obrigada!

À minha irmã/prima/sobrinha/produção Jhuly Michéle, que sonha cada um dos meus sonhos comigo e que sempre diz que está orgulhosa de mim. Te amo!

Ao meu namorado, que me deu o melhor conselho de todos: paciência. Obrigada por apoiar cada um dos meus sonhos, por me ouvir por horas falando sobre o livro e me ajudar em cada teoria maluca.

Às autoras a Vivi Cordeiro e a Vanessa Tourinho que leram meu livro quando era apenas um bando de ideias aleatórias, e me ajudaram a melhorar.

À minha gêmea de coração Bhetys Oliveira, que está sempre me apoiando e torcendo por mim.

Às minhas amigas Ana Beatriz Brandão, Angélica Félix, Beatriz Andrade e Alexandra por todo apoio e carinho. Amo vocês!

À Dra. Iara, que demonstrou uma imensa felicidade quando eu lhe disse que havia dado o seu nome a uma personagem do meu livro. A Dra. Iara foi inspirada nessa mulher incrível que me ajudou de muitas formas. Você foi muito especial na minha vida, obrigada por tudo.

À minha revisora Fabiana Madruga por todo carinho e cuidado com a minha história! Você é incrível!

Aos meus leitores do blog pelo carinho imenso que vocês têm por

mim, e por cada mensagem de carinho. Eles iluminam o meu dia e me dão forças para continuar.

Obrigada a todos que sonham junto comigo. Amo vocês!

E lembrem-se sempre:

“Agora, vá... Faça épico! É uma ordem. Ande. Por favor. ”

— Raio de Sol

Prólogo

Março de 2006

Estou em meu quarto observando meu piano há alguns minutos. Já faz alguns meses que meus dedos não tocam mais as suas teclas suaves. O piano foi presente do meu papai quando eu tinha apenas cinco anos de idade. Não que eu tenha crescido muito depois disso, mas agora eu tenho nove anos.

Mamãe e papai sempre foram apaixonados por orquestras e músicas clássicas. Já fui a muitos eventos com eles - alguns eu me lembro e outros não. Mas em um desses eventos, me recordo de ter pedido ao meu papai um piano. Logo depois ele me inscreveu em uma aula e, aos cinco anos de idade, ganhei meu piano. Ele fora feito para mim, pois meus pés nem alcançavam o pedal de um piano normal.

Desde que aprendi a tocar, papai e mamãe após o jantar se sentavam na nossa sala para me ouvir. Hoje eu já não toco mais, não sinto vontade. Agora mamãe está sempre ocupada e meu papai já não pede mais para que eu toque para ele.

Desvio os olhos do meu piano e começo a observar meu quarto. Ele tem paredes brancas e estantes com livros, porque eu já não sou um bebê. Então pedi para mamãe tirar o rosa das paredes e doar as *barbies* que antes ocupavam as estantes. Odeio ficar nesse quarto e nessa casa, mas não importa para onde eu vou, ele sempre irá me encontrar. Ele sempre diz isso e é verdade.

Quando mamãe me acordou para ir à escola, disse que não ficaria em casa comigo, pois iria para o seu escritório. Ela tem passado muito tempo no trabalho, eu não sei o que está acontecendo (ela diz que eu não tenho idade para saber das coisas), mas acho que ela está com problemas com papai.

Nesses últimos meses, eles passaram a discutir quando achavam que eu não estava por perto, mas eu ficava sempre à espreita ouvindo a briga deles. Às vezes o monstro tomava conta do meu papai e ele tentava machucar minha mamãe.

Ela me disse que meu papai tomaria conta de mim enquanto ela estivesse fora. Eu tenho medo de ficar com o papai. Quando a mamãe sai de casa, o monstro tenta vir me pegar. Ele se parece com meu papai, mas eu sei que meu papai nunca faria isso comigo. O monstro diz que sou suja, diz que não devo contar esse segredo à mamãe, ou ele irá machucá-la. Então eu fico quieta enquanto ele brinca comigo.

Só que dessa vez não, ele não vai brincar comigo. Como mamãe havia dito que ele tomaria conta de mim, fui à cozinha antes de me arrumar para ir à escola, desci as escadas, passei os olhos pela sala de estar e vi que mamãe não estava ali. Então, estava segura de não ser pega, logo fui para cozinha. Mamãe nunca escondia as facas ou os objetos que cortam da cozinha - ela sempre me ensinou que se eu usasse poderia me machucar, então nunca os peguei. Mas o que eu quero fazer agora é exatamente isso, quero pegar a faca, não para me machucar, mas para me defender. Olho os armários negros de madeira, sei que não alcanço, pois o faqueiro sempre fica no armário de cima. Pego um dos bancos da cozinha e subo, sinto minhas pernas vacilarem, mas consigo subir. Quando avisto o faqueiro, escolho uma faca média, pois sei que essa conseguirei esconder.

Apoio a faca no balcão da cozinha, passo pelo corredor que dá para a sala e, em cima da mesa de centro de vidro, eu avisto um dos meus livros da escola. Consigo pegá-lo derrubando algumas revistas, mas logo prefiro deixar assim: preciso me apressar! Como não avistei mamãe pela sala, não sei onde ela está.

Volto para a cozinha quase tropeçando em meus pés e consigo esconder

a faca no livro. Quando ponho o livro nos braços e me viro de frente, dou de cara com mamãe me observando. Sinto pânico ao vê-la em pé ali no corredor. Ela levanta uma sobrancelha, um gesto que ela sempre faz quando está desconfiada.

— Gabriela porque o banco está fora do lugar? — Suspiro de alívio, acho que ela não me viu. Mamãe é tão fissurada com organização! Não acredito que esqueci o banco fora do lugar. Tento inventar uma desculpa rápida, gaguejo um pouco, mas consigo responder.

— Eu... Só queria pegar alguns biscoitos para levar para a escola — Ainda bem que eu tinha essa desculpa, normalmente é ela quem organiza minha bolsa, mas mamãe tem andando tão distraída que ultimamente ela vem esquecendo-se de colocá-los lá. Vejo que seu rosto voltou ao normal e sinto um imenso alívio.

— Eu esqueci de novo? — pergunta mais para si mesma do que para mim. Ela me olha e eu assinto com a cabeça — Pois bem, suba tome seu banho e desça logo em seguida. Eu irei te levar para a escola, mas pode voltar com a mãe do seu amiguinho.

Inho é meu vizinho e meu melhor amigo desde que nasci. Nós estudávamos na mesma escola, mas não na mesma classe, pois Inho era mais velho do que eu. Ele era diferente dos meninos da classe, que só sabiam fazer brincadeiras de mau gosto comigo e com minhas amigas, Inho gostava de mim e sempre brigava com seus amigos quando eles faziam esse tipo de brincadeiras.

— Tudo bem — respondo segurando firme em meus braços o livro. Ela se vira e subo as escadas correndo.

— Gabriela — ela me chama e volto a sentir pânico com medo de ter sido descoberta. Olho para trás e a vejo me observando.

— Quantas vezes eu já disse para não subir as escadas correndo? —

Ah, então era isso! Preciso me acalmar.

— Desculpa — respondo já no último degrau.

Entro no quarto e coloco o livro sobre a mesa perto do pufe. Vou para o banho e logo estou pronta para mais um dia de aula. Estou nervosa, cada dia é uma surpresa. Não sei o que esperar quando ele vem até mim, só sei que ele não é o meu papai quando o mostro toma conta dele.

Vou até a escola, assisto a todas as minhas aulas e, quando percebo, já está na hora de ir embora. Fico esperando Inho na porta da minha sala, pois ele diz que é um cavalheiro e eu devo esperá-lo, pois ele virá buscar. Quando entro no carro da sua mãe, começo a suar com medo do que vai acontecer quando eu chegar em casa. Inho logo percebe meu nervosismo.

— Você está se sentindo bem, Gabi? — Não sei por que ele sempre me chama assim, acho que ele nunca me chamou pelo meu nome completo. Não posso transparecer que estou nervosa, então respondo que sim e sorrio para ele. Quando percebo já estamos estacionando em frente à minha casa. Me despeço dele e da sua mãe e entro.

Sinto o pânico querendo me abater assim que abro a porta. Olho para a sala branca quase imaculada e vejo meu pai deitado no sofá. Me aproximo e vejo que ele está dormindo com uma garrafa de uísque. Me viro para subir as escadas sem fazer barulho para que ele não acorde.



Tomo um banho e fico pedindo a Deus para que ele não acorde até mamãe chegar, mas começo a sentir medo, então pego a faca dentro do livro e ponho na mesa ao lado do pufe. Pego um livro na minha prateleira para ler e me sento - estou quase terminando de ler um livro da Thalita Rebouças, *“Tudo*

por um pop star”. Ouço passos subindo as escadas. Meu coração acelera, sinto frio, minhas mãos começam a suar e sinto vontade de chorar. Me encolho perto da cama e fico ali quieta observando a porta sendo aberta.

Quando olho nos olhos do homem que se parece com meu papai, eu percebo que é o mostro. É assustador! Sinto as paredes se fechando ao meu redor, o pânico me sufoca trazendo lembranças não desejadas do que este homem fez comigo. Olho para ele e vejo seu sorriso maligno.

— Ei, gracinha! Vem aqui — ele me chama. Olho para ele, pego a faca da mesa e seguro em minhas costas, vou até ele. Quando ele me faz sentar no colo dele, sinto o seu hálito de bebida e sei que hoje é o monstro que está comigo. Ele começa a me acariciar, pego a faca, mas quando ele vê, fica furioso e começa a me bater. Não satisfeito ele se levanta para me machucar ainda mais. Assim que ele se abaixa para pegar um cinto que estava no chão, vou até as costas dele e consigo acertá-lo no pescoço, que logo começa a jorrar sangue. Ele cai no chão e vejo as minhas mãos sujas de sangue. Então observo o monstro que se parece com meu pai no chão, agonizando.

Agora eu estou tremendo. O que eu fiz? Será que eu o matei?

Capítulo 1

Guilherme

Janeiro de 2006

Eu e Gabi estamos na casinha da árvore há alguns minutos; Eu já sou um pouco grande para ela e preciso ficar um pouco curvado, diferente dela que pode ficar até em pé. Ela me abraça como se eu fosse a sua tábua de salvação em meio ao um naufrágio. Ela me olha com seus olhinhos que agora estão avermelhados de tanto chorar. Eu já lhe perguntei o que aconteceu, mas ela não quer me dizer. Isso já vem acontecendo há meses e eu nunca consigo descobrir o que é, então apenas deixo que ela chore no meu ombro.

— Inho, promete nunca me abandonar? — pergunta olhando fixamente para a barra da sua blusa.

— O que está acontecendo? Gabi, por que está me pedindo isso? — toco seu queixo para que ela olhe para mim.

— Não é nada — ela me diz, mas sei que ela está mentindo — Me promete? — pergunta de novo e eu me desarmo. Gabi é como uma irmã para mim assim como Júlia, é claro que eu nunca irei abandoná-la.

— Eu prometo, nunca irei te abandonar — seguro suas mãozinhas pequenas, e ela me lança um sorriso alegre e começa a contar como foi o seu dia na escola. Ela fala que a sua ex-amiga (palavras dela não minhas) não fala mais com ela, e às vezes eu me pego pensando como seria se Júlia e Gabi fossem amigas. Gabi não a conhece, ela quase nunca vem aqui. Minha mãe sempre prefere me levar para ficar com ela na casa da minha avó, às vezes eu acho que minha mãe esconde Júlia, ou que não gosta dela. Minha

irmã tem quase a mesma idade que Gabi e elas nunca se conheceram. Eu amo a Gabi assim como eu amo a Júlia, e sempre irei protegê-las.

Ela toca minha bochecha com as pontas dos seus dedos e me olha com os olhos mais alegres.

— Obrigada — ela sorri e eu sorrio de volta porque ela também está sorrindo.



Atualmente

Acordo sobressaltado e transpirando muito. Havia anos que eu não era atormentado por esse sonho. Ver aqueles olhos azuis marejados me pedindo para nunca abandoná-la faz com que meu coração se afunde em meu peito.

A promessa que havia feito a ela, não pude cumprir. Fui embora e a decepcionei. Por anos fui atormentado por esse sonho e sempre acordava do mesmo jeito. Isso me consumiu durante anos. Até que, um certo dia, os sonhos já não eram mais tão constantes assim e toquei a minha vida. E agora, anos depois, todas as lembranças voltaram com força total, fazendo com que eu me sinta um merda.

Levanto da cama indo em direção ao banheiro, tiro minhas roupas e vou direto para o box, abrindo o chuveiro. Encosto a cabeça na parede gelada tentando acalmar o meu coração que está acelerado no peito. Sinto o jato forte de água fria caindo pelo meu corpo e fico ali inerte, como se isso pudesse levar para longe todas as lembranças que o sonho despertou em mim.

Mas isso não acontece, e o aperto em meu peito não diminui, pois seus olhos continuam voltando à minha mente.

Fecho o registro e saio do boxe procurando uma toalha no armário do banheiro, mas não encontro nenhuma. A faxineira veio ontem, e provavelmente havia trocado tudo de lugar, ou tinha posto todas para lavar. Decido chamar minha irmã. Como ela passou a morar comigo, não posso mais andar nu pela casa.

— Júlia, traz uma toalha para mim, por favor — peço e a ouço resmungando algo incompreensível.

— A piriguete da vez não pode pegar para você não? — pergunta da sala. Desde que minha irmã passou a morar comigo, as garotas saem daqui mais irritadas do que nunca. Eu sempre tento trazê-las depois que ela dorme, mas é quase impossível fazê-las irem embora antes da Júlia acordar. Eu não posso virar celibatário por causa da minha irmã.

— Traz logo a toalha ratinha — Eu a chamo assim desde criança. Todos os dias de manhã na hora do café, ela tinha que ter o seu pedaço de queijo, fosse ele branco, muçarela, coalho, prato, parmesão, ou qualquer tipo de queijo. Caso contrário, ninguém viveria para contar histórias.

— Não me chame assim seu puto! Você sabe que eu não gosto — Ela gosta sim, só não admite.

— Está bem só traz logo a toalha, mal tomei banho e já estou suando — Estávamos no verão, e, no Rio. É insuportável! A temperatura estava de 35°, mas a sensação térmica estava chegando a 50°.

— Está bem, mas vai para o boxe! Não preciso ver suas coisas — Volto para o boxe e ouço a porta ser aberta.

— Você vai sair?

— Sim, vou dar uma corrida com Rafael e Lucas em Copacabana, e depois iremos para o bar. Não precisa me esperar acordada.

— Está bem — ouço a porta ser fechada e finalmente me seco. Enrolo

a toalha na cintura e vou para o meu quarto, que é o único lugar onde tenho mais privacidade. Eu permiti que ela viesse morar comigo e ficasse no quarto de hóspedes. Sei que ela é mulher e precisa de privacidade e essas baboseiras, mas não abri mão da minha suíte.

Desde bebê minha irmã ficava com a nossa avó materna que morava no litoral. Eu não me recordo, mas, segundo minha avó, minha mãe se afundou ainda mais no trabalho quando nosso pai foi embora. Nossa avó Maria passou a cuidar de Júlia todos os dias - minha mãe a levava e a buscava - mas era muito cansativo para ela. Então Júlia acabou indo morar lá, e minha mãe me levava todos os fins de semana quando Júlia não ia para nossa casa.

Eu era apenas quatro anos mais velho do que minha irmã e ficava com a babá. Nossa mãe nunca gostou muito de babá, mas era necessário. Eu só não entendia por que minha irmã também não podia ficar com a babá. Minha mãe dizia que era porque Júlia era muito bebê ainda, e com o tempo acabei me acostumando.

Quando nos mudamos para o Rio, minha mãe conseguiu convencer a nossa avó de vir para outro estado também, mas não para a nossa casa. Minha avó sempre foi uma mulher independente. Conseguir fazer com que ela se mudasse de estado foi uma tarefa muito difícil - ela insistia em ficar na sua casa, onde seu esposo ficou até os últimos dias da sua vida. Minha mãe ajudou minha avó a comprar uma casa em Campos um município periférico à cidade, porque ela odiava apartamentos. Minha mãe queria morar com ela, mas precisava morar perto do trabalho.

Júlia amava a nossa avó como se fosse uma mãe. Quando tinha idade para ficar sozinha, ela não quis ir para nossa casa, e minha mãe não insistiu. Quando nos mudamos para o Rio, não foi diferente; ela não quis morar conosco. Eu amava a minha avó, mas foi Júlia quem cuidou dela quando ela adoeceu, e, quando ela veio a falecer, foi o fim para minha irmã.

Júlia não conseguia aceitar a morte da nossa avó, e, assim que se mudou para o meu apartamento, começou a se envolver com pessoas ruins.

Meu maior arrependimento foi não ter prestado atenção nos sinais que ela apresentava, porque eu estava ocupado demais comendo todas as mulheres que encontrava pelo caminho.

Eu amava minha irmã mais do que tudo, mas não fui capaz de ajudá-la, então agora, eu faço de tudo que está ao meu alcance para cuidar dela.

Quando tudo aconteceu, eu fiquei dias sem dormir e sem vontade de viver. Toda a dor e toda a culpa me assombraram por meses. Minha mãe não gostou nada quando Júlia decidiu morar comigo após a morte da nossa avó e não com ela, mas minha irmã já não é mais uma criança e tomava suas próprias decisões. Minha mãe acabou aceitando no final, ela nunca ficou sabendo de toda a história e às vezes sinto que nem mesmo eu sei de tudo.

Saio dos meus devaneios e começo a me arrumar, coloco a sunga preta, short e camiseta, procuro meus tênis de corrida, consigo achá-los na minha bagunça habitual.

Passo as mãos pelos cabelos, agora me sentindo um pouco melhor. Olho no espelho e sorrio - sei que consigo chamar a atenção das mulheres com meu porte alto de um metro e noventa de altura e olhos verdes claros. Desde criança não uso mais meus cabelos longos, passo as mãos sobre eles e me lembro da minha menininha que amava meus cabelos longos. Agora eles estão curtos. Passo as mãos sobre meu rosto que agora está liso sem vestígios da barba que eu tirei pela manhã. Passo desodorante e estou pronto. Pego as chaves da minha moto e minha mochila, e saio do quarto em direção à sala.

— Vou nessa, ratinha — dou-lhe um jeito na testa — Se cuida e, se for sair de casa, me avisa.

Depois que tudo aconteceu, passei a ter um pouco mais de cuidado com ela, e sempre me preocupava em estar com o celular por perto.

— Tudo bem, não se preocupe não vou sair daqui. Não tenho amigos mesmo — Ao ouvir isso meu corpo fica tenso. Minha irmã era tão cheia de vida e amigos, mas se afastou de todos e isso aperta meu coração, pois sei o quanto ela se sente sozinha. Mas agora tudo dependia dela, e eu pedia a Deus para que ela conseguisse dar um passo de cada vez sem desmoronar.

— Não olha para mim com esse olhar de pena, estou bem — Eu sei que ela está mentindo, mas concordo com a cabeça e saio da sala indo em direção à porta. Decido voltar, preciso falar o que está em meu coração. Preciso ver ela sair dessa, eu não aguento mais olhar minha irmã se afundando na tristeza e na solidão.

— Ratinha, você precisa sair dessa, sei o quanto você sofreu, mas eu estou aqui. Não deixarei ninguém te machucar. Tem um mundo lá fora esperando pra ser conquistado. Você é a pessoa mais incrível que conheço, e com um enorme coração. Pense nisso: estou aqui, nunca irei te abandonar — eu a beijo novamente e, agora sim, consigo ir para a rua mais aliviado.

Vou direto para a garagem do prédio pegar minha moto. Cumprimento o porteiro com apenas um aceno e vou em direção à rua. Não é como se eu estivesse atrasado, mas gosto de velocidade isso sempre me acalma. E, do jeito que estou me sentindo hoje, um pouco de velocidade me fará bem. É incrível como apenas um sonho pode despertar tantas lembranças em mim.

Assim que chego à praia, avisto Rafael e Lucas na área de musculação. Lucas com seu corpo alto e musculoso chama bastante atenção por onde passa, com os olhos azuis, cabelo loiro e a barba rala. Sempre que vamos a praia, ele faz um sucesso danado. O fato de surfar e ter um bronzeado natural que adquiriu ao longo dos anos surfando parece deixar as mulheres enlouquecidas.

Ele é bem *nerd*, mas não gosta que as pessoas saibam disso. Ele passou em primeiro lugar para cursar direito, mas gosta de manter a pose de

bad boy misterioso, pois ninguém passa tempo demais com ele para saber sobre a sua vida - e ele gosta de viver assim. Uma vida sem amarras. Na verdade, nós três somos assim. Estamos na faculdade, é o momento de curtir e viver a vida antes de cair de cabeça no mundo real.

Já Rafael não liga muito para faculdade e já ficou reprovado em muitas matérias! De todos nós, ele é o mais safado. Já perdi a conta de quantas mulheres já peguei saindo da sua casa enfurecidas quando acordava de mau humor e colocava todas para correr. Rafael sempre deixava clara sua intenção desde o início, mas as mulheres achavam que podiam mudá-lo. Sua pele é morena, seus cabelos são raspados e o corpo é coberto por tatuagens. Ele é bem reservado, e o único momento em que o vemos pleno, feliz e relaxado é quando está mixando - seus olhos adquirem um brilho especial. Rafael é ainda mais misterioso que Lucas, acho que Lucas é apenas reservado, já Rafael, eu sinto como se ele escondesse algo de nós.

Rafael e Lucas vêm ao meu encontro assim que me vêem. Vejo que há algumas mulheres na área de musculação que não conseguem desviar os olhos deles. Dentre elas, vejo uma morena me observando, mas Rafael desvia minha atenção dela quando se aproxima de mim.

— E aí cara? — ele me cumprimenta com um soco no braço. Lucas apenas faz um gesto com a cabeça sem dizer nenhuma palavra — Já viu quanta mulher gostosa tem aqui hoje para escolher? Buffet! — diz observando as garotas bem à nossa frente.

— Vi irmão, e já escolhi o meu alvo — digo para Rafael fazendo um gesto com a cabeça para que ele veja a morena que estava me observando.

Depois que terminamos de nos alongar, começamos a correr. Sempre indo mais lento que o normal para podermos observar as mulheres que passavam por nós, sempre fitando nosso alvo. Depois passamos por elas mostrando nossos músculos com a intenção de atrair ainda mais seus olhares.

Passamos por elas, meus amigos e eu trocamos olhares sabendo que seria fácil executar nosso plano. Paramos bem no meio da calçada e bebemos um pouco da nossa água, somos três então elas teriam que para e passar por nós em algum momento. A morena estava acompanhada por duas loiras, e não perdemos tempo. Exibimos nossos sorrisos e chegamos até elas. Vou em direção à morena.

— Oi — a cumprimento e estendendo a mão para ela — Prazer, Guilherme.

— Olá — diz ignorando minha mão e me dando um beijo no rosto — Meu nome é Karen. Você vem sempre aqui? Nunca havia visto você, eu teria notado — ela olha para meu corpo com desejo estampado em seu rosto. Sua voz é fina e nasalada, acho que a prefiro de boca fechada. Penso em não convidá-la para ir ao bar, mas vejo que meus amigos já convidaram suas amigas, e seria rude da minha parte dispensá-la.

— E aí Guilherme, gostou da morena? — somos amigos há tanto tempo que nos entendemos apenas com um olhar.

— Não enche, se ficar de graça pego a sua loira e te deixo com a morena — digo a ele. Não seria a primeira vez que fazemos isso, mas sei que eles gostaram das outras meninas, então resolvo deixar a morena por minha conta.

Nossa noite correu bem, fomos até o apartamento do Rafael para tomarmos um banho e depois fomos até um barzinho como havíamos combinado. Acabei levando a morena a um motel ali perto do bar e depois nos despedimos. É assim que eu gosto, pelo menos não machuco ninguém, sei que nenhuma delas quer nada sério, então termino a noite sem maiores preocupações.

Não é que eu não goste de relacionamentos: eu só não conseguia me interessar por ninguém. Às vezes eu sentia como se faltasse uma parte do meu

coração, uma parte que nunca encontrei.

Chego à garagem do prédio e estaciono a moto, entro no elevador que está vazio pelo horário e vou direto para o meu andar. Paro na porta de casa e tiro a chave do meu bolso, e então começo a ouvir gritos vindos do apartamento. São os gritos de Júlia e logo fico apavorado. Preciso ajudar minha irmã, o que está acontecendo? Quando entro eu a vejo no sofá encolhida gritando e suando muito. Solto um suspiro quando percebo que é apenas mais um dos seus pesadelos.

Antes de abrir a porta, um furacão de sentimentos e pensamentos me atingiram em cheio, e senti o pânico tomar conta de mim. Não aguentaria se algo acontecesse com ela novamente.

Eu me aproximo dela, me ajoelhando no chão e a chamo, passando a mão em sua cabeça.

— Ju — chamo, mas ela não me ouve. Estico minhas mãos até as suas e as sinto geladas — Acorda ratinha, você está tendo um pesadelo — Ela abre os olhos e vejo ali toda a dor, e me sinto mais culpado ainda.

Ela começa a soluçar assim que abre os olhos e não sei o que fazer então eu a abraço, e digo que tudo vai ficar bem.

— Gui, desculpa fazer você passar por isso — Ela me olha como se fosse a culpada, e aquilo me despedaça. Seus olhos mostram uma tristeza profunda. Se eu pudesse, tiraria toda a sua dor e a colocaria em mim, só para não vê-la sofrer.

— Shhhh, vai ficar tudo bem, vamos para o seu quarto descansar — Ainda estou com ela abraçada a mim quando sinto seu corpo relaxar.

— Canta para eu dormir? — pergunta como uma criança desolada. Vou ao quarto pegar o meu violão enquanto ela se acomoda em sua cama. Assim que me mudei para o Rio, minha mãe me colocou em uma aula de violão para

me distrair e eu aprendi a tocar. Eu estava longe de ser um *rockstar*, mas eu amava dedilhar as cordas do meu violão, e minha irmã sempre gostava quando eu tocava para ela.

Apoio o violão na minha coxa e a observo deitada com os olhos fechados e começo a cantar uma música que diz exatamente como ela se sente. Às vezes colocar para fora a nossa dor é a melhor solução.

Às vezes, quando eu fecho meus olhos eu finjo que estou bem

Mas nunca é o suficiente

Porque meu eco, eco

é a única voz a voltar

Sombra, sombra

é o único amigo que eu tenho

Então ela adormece, e eu fico apenas olhando para ela e penso em quantas coisas minha irmã perdeu. Ela já deveria ter voltado para a faculdade esse ano - ela havia estudado apenas alguns meses e acabou trancando a matrícula depois que tudo aconteceu. Minha irmã é muito inteligente e está bem mais adiantada do que a maioria das pessoas da sua idade. Ela terminou o ensino médio com apenas dezesseis anos e conseguiu passar para psicologia na UFRJ entre as três primeiras da lista.

Olho para minha irmã dormindo tranquilamente e saio do seu quarto. Caminho pelo corredor, abro a porta do meu quarto (que está tão bagunçado quanto meus pensamentos). Em apenas um dia tive uma jorrada de lembranças ruins do meu passado. Jogo toda a bagunça da cama no chão e me deito nela tentando afastar meus pensamentos. Lembro que amanhã é o dia em que os novatos chegam, e os veteranos sempre ajudam os calouros a carregarem suas

bagagens. Isso me anima um pouco, pois será uma ótima oportunidade para conhecer novas calouras. Fecho meus olhos sentindo meu corpo relaxar e então adormeço.

Capítulo 2

Gabriela

Acabei de arrumar minha última mala já faz alguns minutos. Estou sentada em minha cama olhando meu pequeno piano que já não serve mais para mim. De alguma forma, eu o mantive por perto. Olhar para ele sempre me causa uma certa dor, e ao longo dos anos, isso não melhorou, mas eu simplesmente não conseguia me desfazer dele.

O sonho inocente de tornar-me uma grande pianista já não existia mais. Esse fora um dos motivos pelos quais decidi estudar uma ciência exata: ela não muda nunca - é constante e para cada questionamento, há uma explicação. Eu amo a música, mas ela já não pertence mais à minha vida. Eu sempre amei construções de grande porte e, quando chegou a hora de escolher o curso, não tive dúvidas ao escolher Engenharia.

Dez anos já haviam se passado e ainda não consigo me sentir bem nesse quarto, tudo aqui me faz lembrar aquele homem. Ele tirou a minha inocência e minha paz durante anos. Só de pensar nele, sinto uma onda de pânico me atingindo. Começo a respirar devagar (como minha psicóloga me ensinou a fazer quando estou prestes a ter minhas crises de pânico).

Termino de fechar as malas e olho para o meu quarto pela última vez. Vejo ali um lugar aonde não quero mais voltar, um lugar que só me causou dor e destruição. Eu evitava ficar nessa casa sempre que podia. Assim que cresci e já podia tomar minhas próprias decisões sem que minha mãe me proibisse, eu passava a maior parte do tempo na casa da Milena. Essa casa podia ser até minha, mas o meu lar era onde Nina e Mi moravam.

Olho para minha estante que agora está praticamente vazia, e vejo um

livro caído entre a parede e a estante. Provavelmente estava escondido atrás dos outros livros na prateleira de baixo. Quase nunca mexo nessa parte porque era onde ficavam os meus livros infantis. Como havia tirado alguns livros para doar antes da viagem e separado outros para levar, minha estante estava quase vazia, e eu nunca teria reparado no livro caído se ela não estivesse assim.

Me abaixo para pegar o exemplar, a capa está coberta de poeira e desgastada - provavelmente é um livro muito antigo. Quando o abro, um papel cai no chão aos meus pés. Me abaixo para pegar e vejo que, na verdade, é uma fotografia minha com o sorriso torto coberto pelo aparelho dentário. Meus cabelos estão mais claros, quase num tom de branco. Meu rosto era bem gordinho. Em minhas mãos está uma flor que não consigo identificar. Mas o que me chama mais atenção nessa foto é o menino de cabelos compridos cobrindo seus olhos. Quase não consigo ver seu rosto, pois ele está olhando diretamente para mim. Estou com um sorriso bobo no rosto. Acho que essa é uma das poucas lembranças boas que tenho da minha infância, mas não consigo me lembrar do seu nome, nem do seu rosto. Mas se essa é uma das poucas lembranças felizes que tenho da minha infância, quero levá-la comigo. Abro minha bolsa e coloco a foto dentro da carteira.

Fecho a porta do quarto e sinto uma onda de ansiedade por viver algo desconhecido e novo, mas também um grande alívio por saber que nunca irei precisar olhar meu quarto novamente. Desço as escadas carregando uma das malas em minhas mãos e minha bolsa à tiracolo.

— Gabriela, sua amiga Milena já está aqui — minha mãe me avisa.

Milena é minha única amiga desde que o inferno na minha vida acabou. Nos tornamos inseparáveis. Ela é o completo oposto de mim, e eu a amava por isso: ela trazia luz à minha vida.

— Já estou indo — digo já descendo as escadas indo em direção à cozinha.

Olho para a minha amiga, e meus olhos se enchem de lágrimas. Eu sentirei tanto sua falta! Ela resolveu cursar uma faculdade aqui em São Bernardo do Campo, e sei que parte disso é por não querer abandonar sua mãe que está doente. A única coisa que fez hesitar sobre minha ida para o Rio foi a doença de Nina. Sua saúde está muito fragilizada e ir embora as deixando nesse momento parte meu coração. Ela é como uma mãe para mim, havia até me acolhido como sua própria filha e me amado sem pedir nada em troca. Assim que comecei o ensino médio eu estava praticamente morando com elas e nada me fazia mais feliz do que isso.

Mas eu precisava ir embora dessa cidade e ir para longe dessa casa que me traz tantas lembranças ruins e, quando eu descobri que havia passado para a UFRJ - uma das maiores universidades do Rio por mérito próprio, sem ajuda alguma da minha mãe - vi essa oportunidade como uma chance de conseguir recomeçar a minha vida, onde ninguém me conhecia. Mas deixar a minha amiga e Nina aqui ainda dilacerava meu coração. Eu estava indo embora e deixando para trás uma parte de mim com elas.

Eu me lembro de que quando meu mundo desmoronou e eu passava as noites em claro, era a Milena que me abraçava e ficava comigo. Ela passou meses dormindo aqui em casa quando minha mãe não me deixava ir até a sua. Ela segurava minhas mãos enquanto eu tentava normalizar minha respiração após cada pesadelo.

Termino de descer as escadas e a olho. Ela está linda como sempre, com seus cabelos ruivos e olhos negros expressivos, que, neste momento, demonstram uma profunda tristeza.

— Milena, você não tem mais o que fazer não? O que está fazendo aqui? — Ela olha para mim com seus olhos negros agora molhados pelas lágrimas não derramadas. Ela tenta disfarçar piscando rápido e sorrindo.

— O que poderia ser mais importante do que me despedir da minha

amiga? Chuchu, eu não tenho ninguém além de você e da minha mãe... Sim, eu estou sentimental, então, por favor, não se esqueça de sempre me chamar para... — tento interrompê-la fazendo um gesto com a mão para que ela pare de falar, mas ela faz biquinho reclamando. Eu já havia perdido a conta de quantas vezes ela havia me dito para sempre chamá-la no *Skype*, *WhatsApp*, *E-mail*, mandar sinal de fumaça entre outras coisas — Me deixa terminar chuchu. Não se esqueça de me chamar para conversar sobre os cariocas que você conhecer, os lugares que você frequentar, e para me contar sobre suas novas amizades, desde que eu continue no posto de melhor amiga.

— Pode deixar. Quanto aos cariocas, isso pode demorar um pouco para acontecer. Quanto aos lugares, pode deixar que sempre vou te enviar fotos. Eu prometi vir te ver nos feriados quando você não puder ir, e você sempre será minha melhor amiga — digo e logo vejo um sorriso no seu rosto.

— Acho bom mesmo! — diz, agora sorrindo.

Milena é minha âncora no meio do naufrágio que atingiu a minha vida. Ela nunca me julgou, e sempre me apoiou. Sinto lágrimas brotarem nos meus olhos: é inevitável, sentirei muita falta dela.

Eu tinha amigos, era uma pessoa bem diferente do que sou hoje, mas quando meu mundo desmoronou, eu não queria ver ninguém e nem ter amizades. Milena não me deixou em paz até que eu falasse com ela.

Mi estava sempre ali, sentada ao meu lado na classe e no refeitório, sempre tagarelando sobre os seus dias. Eu só escutava, mas nunca havia dito nada; Ficamos assim por quase um mês até que um dia ela chegou chorando e não se sentou ao meu lado. E eu senti falta dela. E foi nesse dia em que a abracei e disse que tudo ia ficar bem e desde então nunca mais nos separamos.

— Gabi, quero falar com você em particular — Saio das minhas lembranças, percebo que ela não queria falar nada perto da minha mãe. Saio da cozinha e me sento na sala com ela — Em toda a sua vida sei que eu fui sua

âncora como você sempre me disse.

— Ah, convencida! — eu a provoco. Mas é verdade

— Mas o que você não sabe é que você sempre foi a minha. Aqueles dias em que passei contando a minha vida para você, eu omitia as partes ruins, pois eu só queria te fazer sorrir, isso sempre me ajudou. Você não sabe como sou grata por me ouvir! Eu escrevi isso para você, quero que leia a caminho da sua nova casa. Eu te amo, nunca se esqueça disso. Mas agora chega de choro, vamos você tem uma nova vida pela frente!

Enxugo as minhas lágrimas que eu nem tinha percebido que haviam caído e a abraço. Estávamos em pleno século XXI, mas as cartas eram as formas que encontramos de eternizar nossos momentos, fazíamos isso desde criança.

— Gabriela, suas coisas estão no carro, vamos para o aeroporto — minha mãe avisa — Milena você vai com a gente?

— Vou sim.

— Estou pronta, vamos.

Dou uma olhada na minha casa e penso em quantas lembranças boas e ruins tive aqui. Agora tudo será novo e diferente para mim, e não vejo a hora disso acontecer.

Seguimos o caminho até o aeroporto em silêncio. Chegamos à área de embarque e, mesmo sabendo que irei me arrepender, olho para minha mãe, para a mulher que até hoje me culpa pela morte do homem que amava. Ela está com o queixo erguido e a postura ereta como se nada pudesse abalá-la. Apesar de todas as agressões e momentos que a fez passar, ela o amava, afinal, ele foi o seu único amor.

Nossa convivência após a morte do meu pai nunca mais foi a mesma. Ela foi esfriando gradativamente, se afundou no trabalho ainda mais, e passei a

maior parte do que restava da minha infância sozinha, sendo cuidada por babás. Nunca me faltou nada, porém me faltou algo que dinheiro nenhum poderia comprar: o amor da minha mãe, a mulher que eu sempre admirei, que me abandonou aos poucos. No momento em que perdi meu pai, também perdi a minha mãe.

Ela viu tudo e ouviu o que aquele homem fez comigo. Ela viu o exame de perícia, mas o seu amor por mim não era tão forte quanto seu amor pelo meu pai.

Eu nunca fui o suficiente para ela. Ao longo desses dez anos, nunca tocamos novamente naquele assunto. Parte de mim se culpa, por tê-la feito sofrer. Se eu não o tivesse matado, ela não estaria assim e eu ainda teria a minha mãe. Mas, apesar de tudo, estive ao seu lado. Só queria que ela reconhecesse isso, mas ela é orgulhosa demais, nunca irá admitir.

Eu queria que ela soubesse o quanto eu precisei do seu amor, o quanto eu ansiava pela sua aprovação, que nunca chegou.

Saio dos meus pensamentos, minha amiga percebeu exatamente o que estou pensando e me deixou quieta. Afinal, ela mais do que ninguém sabia o que eu passei. Infelizmente, tive este fato de minha vida nos noticiários da minha cidade, mas só ela e minha mãe realmente sabiam o que havia acontecido.

Abraço Milena e não falamos nada; se nós disséssemos algo, desmoronaríamos aqui mesmo. Olho para minha mãe e vejo que ela continua impassível, sem demonstrar sentimento algum. Aceno com a cabeça e ela corresponde o meu gesto, ainda com o queixo erguido, inabalável.

Entro no avião, pego a carta de Milena e começo a ler ao som de Fresno, “Sem temer”.

Para minha única e melhor amiga.

Chuchu, sei que você não gosta do Dia dos Pais porque eles te deixam triste. Mas sei que se lembra de cada um deles. E houve um em especial, que nunca vou esquecer. O ano em que descobrimos a doença da mamãe. Chorei durante horas no seu colo, e sei que se lembra disso porque estava tão triste quanto eu. Mas dessa vez, foi você o meu porto seguro. Você também estava sofrendo porque, além de ser Dia dos Pais, sofria pela Ninha.

Mas, naquele momento, você negligenciou sua dor para cuidar de mim. Sou eternamente grata por isso. Eu moveria o céu e a terra para ver a sua felicidade, sei o quanto você se reprime amiga, mas espero que sua ida para o Rio traga algo de bom para você. Você mais do que ninguém merece.

Eu quero que seja feliz, que viva essa nova vida com toda sua alma. Essa é uma chance única, uma cidade nova, pessoas novas, ninguém conhecerá o seu passado, você pode se reconstruir, pode ser o que você quiser. Mas nunca se esqueça da pessoa que você é: forte, corajosa e minha fiel amiga.

Nunca deixe o que aconteceu atrapalhar a sua vida. Ame, viva, encontre um amor, lute por ele, agarre essa chance com tudo que você puder. Nem todos os homens são iguais, eu sei que você encontrará um amor que abalará o seu mundo. Não tenha medo disso.

Quando achar que não irá agüentar, pode me escrever. Serei seu diário pessoal. Se quiser que eu fale, eu falarei; se não quiser, apenas lerei. Conta comigo. E lembre-se sempre: brilhe mesmo que haja escuridão! Agora enxuga essas lágrimas e tira da cabeça que você não quer ninguém, nenhum amor, porque eu não acredito nisso.

Beije e arranje um namorado, está na hora! Ah, um namorado com

amigos bonitos!

Beijos, da sua melhor amiga gata.

Ah, Milena como você me conhece melhor do que eu mesma! Fico emocionada ao ler a carta, não sei se posso deixar tudo para trás, mas definitivamente sei que quero ser outra pessoa.

A maior parte da minha vida, vivi com medo, sendo constantemente assombrada pelo meu passado. Mas agora eu serei outra pessoa, essa é a minha chance de reconstruir o que resta de mim.

Fecho meus olhos e ouço a última frase da música e me agarro a isso.

Mas sei que à frente está um lugar bem melhor

Onde posso respirar sem temer que falte o ar...

Capítulo 3

Gabriela

Pousar no Rio de Janeiro foi uma das coisas mais aterrorizantes que já vivenciei: a área de pouso do avião era próxima ao mar, o avião parecia que a qualquer momento iria cair naquelas águas. Ao desembarcar, tive que forçar minhas pernas trêmulas a funcionarem.

Desço as escadas e acelero os passos para pegar minhas malas nas esteiras. Não me importei com o excesso de bagagem, trouxe o máximo de coisas que pude.

Após colocar as malas em um carrinho enorme, consigo empurrar tudo com um pouco de dificuldade até o ponto de táxi. Avisto um desocupado e agradeço aos céus por não ter que ficar esperando. O taxista me ajuda a colocar as malas no carro, e quando entro no táxi finalmente observo todo o lugar a minha volta; novos ares. Suspiro, e um sorriso nasce em meus lábios, era disso que eu estava precisando.

Abro a janela do carro e sinto o vento bater em meus cabelos. Diferente do ar de São Paulo que é seco, aqui quase consigo sentir a umidade do ar. As ruas estão lotadas de pessoas andando apressadamente. Quando passamos pela praia de Botafogo, consigo ver apenas de longe o reflexo das luzes no mar e da lua que está cheia e brilhante no céu. Recebo isso como um presente de boas-vindas.

O trânsito está um pouco congestionado. O que, de acordo com meu GPS, levaria uma viagem de apenas trinta minutos, levou uma hora para conseguir chegar até a universidade.

O motorista consegue uma vaga e estaciona o carro. Enquanto isso, observo a universidade. Eu havia olhado pelo *google maps* a fachada da

instituição, mas não imaginava que ela era tão grande.

A universidade tem uma pintura creme e janelas grandes e brancas que se destacam; o telhado e as janelas fazem a universidade parecer uma daquelas casas antigas do século XVIII. Fico tão encantada que esqueço até que o taxista está ao meu lado para receber a corrida.

Quando o taxista me ajuda a descarregar as malas, me dou conta de que realmente trouxe muita coisa e não sei como irei levar tudo isso para o décimo andar sozinha.

Olho para o campus e vejo alunos ajudando uns aos outros - a maioria são homens. Provavelmente estão aqui para conhecer as novatas e dar em cima delas, nunca pensei que ficaria agradecida com isso; mas estou realmente precisando de ajuda para levar minhas coisas. E, como quero me divertir um pouco, entrar na deles não será de todo ruim. Meus pensamentos são interrompidos quando vejo um jovem loiro vindo na minha direção, com toda sua masculinidade. Nossa que homem sexy! Passo as mãos pelos cabelos para ajeitá-los.

— E aí gatinha, quer ajuda com as bagagens? — pergunta piscando para mim, com seus longos cílios loiros de dar inveja a qualquer mulher. Sorrio agradecida.

— Claro, mas já aviso que está bem pesado, quero ver você carregar isso tudo sozinho — sorrio para ele. Duvido que ele consiga carregar todas as minhas malas sem ajuda, eu precisei de um carrinho enorme para conseguir levar todas elas até o táxi.

— Ah, a propósito, meu nome é Lucas — ele me cumprimenta com dois beijos no rosto e, além de me atrapalhar toda no processo, me assusto com o toque repentino. Sempre esqueço como os cariocas são diferentes dos paulistas.

— Gabriela — digo.

Ele levanta uma das malas e me olha com os olhos arregalados.

— Meu Deus, gatinha, você trouxe sua casa inteira?

— Só metade dela — é verdade, eu exagerei um pouquinho, trazendo pelo menos cinquenta livros da minha estante, todas as minhas roupas e meus sapatos do meu closet.

— Droga! Espera aí que vou buscar meu amigo. Nem se eu fosse o *Superman* eu conseguiria carregar tudo isso sozinho! — Sorrio do exagero dele e o vejo caminhar até um homem, que está ao lado de uma garota morena de cabelos curtos que fala com ele animadamente passando as mãos pelos seus braços.

Esse era o oposto do Lucas, seu olhar é mais sério e intenso. Era também mais alto, seus cabelos estão bagunçados lhe dando um ar sexy. Ele se aproxima de mim como se dominasse o ambiente à sua volta. Já de perto, consigo ver que seus olhos são verdes, mas assim que vejo algo em sua expressão eu recuo. Seus olhos pareciam enxergar a minha alma. Meu coração se acelera, dou um passo para trás e tento me acalmar, para não demonstrar nenhum nervosismo.

— Gatinha, esse é o Guilherme. Guilherme, essa é a Gabriela — ele nos apresenta. Guilherme continua com os seus olhos sobre mim me deixando em frangalhos. Eu estava prestes a explodir de nervosismo. Brigo internamente comigo para que isso pare: seja lá o que for esse nervosismo todo, não tem como ele saber nada sobre mim — Guilherme, a Gabi trouxe a casa inteira, me ajuda a carregar? Vamos ter que dar duas viagens, enquanto isso ela fica aqui vigiando o restante das suas coisas enquanto subimos com essas aqui — diz, apontando para quatro bagagens que eles irão levar. Ele parece ter um pouco de dificuldade de carregar, já seu amigo, levanta como se não fosse nada para ele. Guilherme se aproxima de mim, e esqueço-me de como respirar.

— Gabriela, certo? — assinto com a cabeça — Você esqueceu de falar o seu quarto — nossa devo estar parecendo uma idiota!

— É...o mil e um — respondo gaguejando.

— Décimo andar? Puta que pariu! — diz e sai carregando as malas. Não entendi sua irritação, observo ao meu redor e vejo que os elevadores estão lotados. Agora eu entendo sua reação e começo a rir sozinha quando imagino os dois subindo dez andares de escadas.

Depois de um tempo, Guilherme volta sem o seu amigo loiro e me lança um sorrisinho que revela suas covinhas que o deixam ainda mais lindo!

— Gabriela, Lucas foi ajudar uma amiga, eu disse que te ajudaria com essas duas malas restantes. Vamos, o elevador esvaziou um pouco.

Assinto com a cabeça e percebo que mal devo ter falado duas palavras com ele. Sigo em frente, entro no elevador e Guilherme vem logo atrás de mim. O ar rapidamente parece ficar mais pesado, principalmente com ele me olhando daquele jeito: parece paralisado e nem disfarça o quanto me olha. Fico completamente desconfortável com seu olhar sobre mim.

Quando chegamos ao andar, tiro as chaves da bolsa e abro a porta. Vejo como meu quarto é grande. Com muita intervenção da minha mãe, consegui um quarto só para mim, até que outra aluna precise. Mas por enquanto é só meu.

Guilherme entra no quarto atrás de mim e começo a tremer só de estar no mesmo ambiente que ele. Tudo bem, ele não está tão próximo, mas é o suficiente para mexer comigo.

— Obrigada! Então... acho que você já pode ir — Ou ele não ouviu ou fingiu que não me escutou. Eu queria que ele deixasse as bagagens e saísse logo, mas ele me ignora e entra no meu quarto.

— De onde você é? — Pelo visto é curioso, espero que não me

reconheça dos jornais. Tento ignorar a paranoia de que posso ser reconhecida, mas é inevitável. Paro e penso que nessa época ele devia ser uma criança como eu, não teria como ele me reconhecer. Decido lhe responder a verdade.

— Sou de São Bernardo do Campo — ele ri.

— Do que você está rindo? — olho séria para ele, e ele para de rir.

— Desculpa, é que é bonitinha a forma como você puxa no “R”, “Bernarrrrrdo” — ele tenta me imitar, e volta a rir — Você vai estudar o que? — pergunta quando ele se recupera do riso.

— Por enquanto vou fazer aulas de cálculo e física, mas pretendo cursar engenharia.

Ele começa a rir descontroladamente, e percebo suas covinhas. Meu Deus, como eu queria lambe-las, não me reconheço! Olho para ele emburrada.

— Qual o motivo de tanta graça? — para de rir, e me olha curioso.

— É que é estranho, você é menina. As poucas meninas que tem nas salas são lésbicas — Ah, agora ele me deixou com mais raiva ainda.

— Quer dizer que além de machista você também é homofóbico? Saiba que de lésbica eu não tenho nada, e não vejo problema nenhum é cursar engenharia.

— Nossa você fica bem sexy irritada — murmura e eu tento lhe lançar o meu melhor olhar assassino. Ele passa as mãos nos cabelos desalinhados — Eu não quis te insultar, desculpa, também estudo engenharia, estou no terceiro ano — ele olha para mim com os olhos cheios de arrependimento.

Ele percebe que exagerou um pouco, e tenta remediar a situação.

— Se você precisar de ajuda em alguma matéria, eu posso te ajudar — Oi? Sério isso? Ele está tentando me ajudar? Não quero criar nenhuma amizade com ele, um arrepio cruza o meu corpo só de ver seus olhos avaliadores como se quisesse descobrir cada um dos meus segredos.

Ele se aproxima de mim, e coloca uma mão em meu rosto erguendo meu queixo em direção ao seu rosto e todo meu corpo se arrepia de medo e de desejo. Dou um passo para trás ofegante, seus olhos se arregalam e sua mão paira no ar, ele não sabe do meu pânico de ser tocada assim por homens; fico muda o olhando e ele recolhe a mão.

— Eu te conheço? Seus olhos me lembram alguém — pergunta para mim, e eu não sei o que responder. Não o conheço de lugar nenhum, mas a forma como ele me tocou mesmo que por um segundo, fez com que eu sentisse uma onda de eletricidade percorrendo o meu corpo. Eu gostei de ser tocada por ele. E eu odeio ser tocada. Tenho medo que qualquer homem se aproxime de mim. Eu sinto medo a maior parte do tempo, tenho medo de andar de ônibus, medo de andar sozinha na rua, ou quando vejo alguém com a cor daqueles olhos frios e doentios... Mas de alguma forma ele mexeu comigo em apenas alguns minutos. Fico aterrorizada, preciso mandá-lo embora.

— Você não me conhece, sou nova aqui esqueceu? Obrigada pela ajuda, e por se oferecer em me ajudar, mas acho que não preciso. Agora preciso descansar.

Ele me olha boquiaberto, acho que não está acostumado a ser dispensado, afinal quem em sã consciência dispensaria aquele homem lindo? Só eu.

Ele me olha uma última vez como se tentasse se lembrar de onde me conhece, se é que me conhece, e sai pisando duro.

Pensei que minha vinda para essa cidade fosse me afastar de todo meu passado, mas se Guilherme sabe quem sou eu, logo todos saberão, e isso era tudo que eu queria evitar.

Faço uma anotação mental para correr dele como o diabo foge da cruz. Quem sabe assim ele tenta tirar da cabeça a ideia de me conhecer de algum lugar? Me sinto tão cansada, pego apenas as roupas de cama que eu trouxe,

ajeito tudo na minha cama, tiro minhas *dock station* da mala e coloco meu *ipod* nelas. Começo a ouvir a música que, sem dúvidas, fala muito sobre minha vida agora.

Estou rompendo, vou começar do zero

Agitada como um brinquedo

Meus lábios estão dizendo adeus

Meus olhos estão finalmente secos

Eu não sou mais do jeito que eu costumava ser

Tirei o disco da repetição

Você me matou, mas eu sobrevivi

E agora eu estou voltando viva

Eu nunca vou ser aquela garota novamente

Não oh oh

Capítulo 4

Guilherme

Mas que porra! Não acredito que ela me dispensou, e nem acredito que estou tão irritado por isso. Tudo bem, eu nunca fui dispensado, pelo menos não assim. Eu lhe ofereci ajuda, mas ela parecia louca para se livrar de mim. Mas seus olhos pareciam pedir socorro apesar do sorriso em seu rosto. Sinto como se a conhecesse, e precisasse ajudá-la.

Seus olhos são lindos, mas pareciam estar nadando em uma dor tão profunda, e eu queria tirar aquela tristeza do seu olhar, mas quem eu estou tentando enganar? Eu tive a oportunidade de salvar alguém e não salvei.

Não estou em meu estado normal, esse final de semana definitivamente não está sendo um dos melhores, estou parecendo uma mulherzinha.

Acabo esbarrando com Rafael agarrando uma ruiva na escada. Rafael é apaixonado por ruivas, elas não são tão fáceis assim de achar, mas se alguém conhece alguma, esse alguém é Rafael. Ele me olha com raiva pela interrupção.

— Porra, brother, o que você tem? — Rafael é o único que fica se agarrando ao ar livre por aí. Eu e Lucas somos mais discretos. Foda-se, decido nem responder e continuo a descer as escadas. Ouço Rafael falar atrás de mim — Gata, já estou indo — e vem atrás de mim. Quando ele me alcança, já estou no térreo.

— Ei, Guilherme o que foi? Não conseguiu pegar a gatinha?

— Ela me dispensou acredita? — digo ainda sem acreditar nisso.

— Sério? — pergunta surpreso. Não tanto quando eu.

— Sim, eu tentei até oferecer ajuda a ela nos estudos caso ela precise,

e ela recusou! Dá para acreditar nisso? Eu, Guilherme Ávila, fui dispensado, por uma loira! E eu nem gosto de loiras.

— Garota esperta — ele murmura.

— Que?

— Pelo visto existem mulheres que são imunes a você, Guilherme!

— Que porra você quer dizer com isso?

— Parece que ela não se rendeu ao seu charme. Você está agindo como se isso fosse grande coisa. Você nunca foi dispensado antes? — pergunta já sabendo a resposta.

— É claro que não! — digo já me virando para ir em direção ao estacionamento onde está minha moto.

Rafael resmunga algo, mas não vem atrás de mim. Subo na minha moto que comprei há mais ou menos cinco meses, meu maior orgulho. Eu não trabalho, mas consegui um estágio apenas para fazer alguns projetos pequenos, então consegui comprar minha Yamaha r6, enorme, toda preta com detalhes azuis esverdeados. Como os olhos de Gabriela... meu Deus, qual é o meu problema?

Seus cabelos loiros quase brancos, sua boca carnuda, e aqueles olhos, deviam ser roubados da mãe natureza. Percebi o quanto ela ficou tímida perto de mim e assustada. Não era para menos, ela parecia uma dessas *barbies* só que mais natural. E eu todo tatuado, babando em cima dela. Onde eu estou com a cabeça? Desde quando eu fico babando por alguém? Gabriela despertou meu lado predador. Ela não sabia que ao me dispensar, só me atiçou ainda mais. Eu faria de tudo para tê-la, de preferência embaixo de mim gemendo meu nome.

Acelero a minha moto e me sinto completamente livre. Em cima dela esqueço todos os meus problemas. Sigo em direção ao prédio, estaciono minha moto e olho meu celular: já passa das dezenove horas, acabei pegando o

caminho mais longo e dando voltas para ter um pouco de privacidade.

Tiro as chaves do bolso e abro a porta. Encontro uma cena inusitada: minha irmã está dançando feito louca, segurando uma vassoura nas mãos arrumando a casa. Nossa! Como eu gostaria de congelar esse momento em que ela está tão feliz. Assim que ela me vê arregala os olhos assustada e depois começa a rir, e eu sorrio com ela.

— Ei, ratinha o que deu em você? Qual motivo de tanta felicidade? — ela me olha com os olhos cheios de lágrimas, mas ainda com um lindo sorriso no rosto.

— Senta, quero conversar com você — olho para ela preocupado, sinto que ela está prestes a me contar algo e fico nervoso — Vou falar e não me interrompa até que eu termine, está bem? — assinto com a cabeça — Sou grata a tudo que você fez por mim, e por todas as vezes em que me segurou enquanto eu estava chorando, e me acordou de um pesadelo. Hoje eu estava aqui ouvindo uma música e comecei a pensar em quantas coisas estou perdendo por tudo que aquele idiota fez comigo. Eu quero voltar a estudar Guilherme, quero me formar em psicologia e ajudar pessoas que passaram pelo mesmo trauma que eu. Quero ir para o alojamento, ter amigos e me divertir. Ainda estou machucada e ferida, mas preciso sair dessa. Não aguento mais ficar presa nessa casa — ela começa a soluçar e eu afago seus cabelos negros tentando confortá-la. Estou tão orgulhoso dela! Sei que não será fácil, mas esse é um passo enorme para ela conseguir seguir em frente

— Ju, sua felicidade é a minha, fico muito feliz por finalmente tentar seguir em frente. Sei que não está sendo fácil, mas estou aqui, irei te ajudar. Só não sei se você vai conseguir um alojamento, mas sabe que pode ficar aqui o quanto quiser, né?

— Eu sei Gui, mas quero viver todas as experiências, a vida é curta demais e eu preciso disso — E eu faria de tudo para dar isso a ela.

— Vamos ver o que podemos fazer — Ela me abraça. Sei que minha irmã é forte apesar de tudo que lhe aconteceu.

Meu Deus, como sou grato por isso.

— Obrigada por tudo irmão, por todas as palavras de incentivo e por todo apoio, eu amo você — uma lágrima involuntária escorre pelo meu rosto — Não acredito! Você chorando? Está ficando mole irmãozinho!

— Ah, cala a boca! — rimos juntos — Amanhã vamos destrancar sua matrícula antes do trote começar, mas estou curioso para saber que música te fez dar a volta por cima — ela me olha sorrindo.

— Sei que você não gosta que ninguém mexa nas suas coisas, mas eu estava limpando seu quarto, que aliás estava uma zona, e acabei achando uma banda chamada Aliados. Vem vou colocar para você ouvir.

Ela me puxa para o meu quarto e vou atrás dela. Ela pega meu som e liga. Começo a ouvir a música, e, pelos primeiros acordes, logo percebo que é a música *Esperança*.

Sonhar, viver

E todo dia agradecer

E rezar, pra você ser a última a morrer

Uma gota de você vale mais que tudo

Quando a solução não pode resolver

Eu fico com você, esperança...

Capítulo 5

Guilherme

Olho para os calouros e sorrio, hoje tem mais gente do que ontem à noite, é o dia do trote então o campus está coberto por veteranos e calouros com latas de tinta e pincéis.

Essa é a primeira vez que eu, Rafael e Lucas iremos participar do trote como veteranos. Na UFRJ o trote funciona da seguinte forma: os veteranos pintam os calouros na maioria das vezes de forma bem engraçada, e eles vão para as ruas com potes, copos, baldes qualquer coisa que dê para arrecadar o dinheiro. 95% de tudo que eles arrecadarem vai para uma instituição de caridade, todo semestre uma instituição diferente é beneficiada com o valor.

Esse ano iria para CODIM, uma instituição que acolhe mulheres que sofreram todos os tipos de abusos e as abrigam quando não têm para onde ir, cuidam delas não só fisicamente, mas também psicologicamente. Os 5% restantes ficam para os veteranos, e geralmente é usado para festas nas quais os calouros não podem ir a não ser que sejam convidados. É, ser calouro é uma merda!

— Caralho! Olha aquela morena! — Rafael praticamente grita para nós, apontando para uma morena com um short curto que faz o contorno perfeito da sua bunda — Quero pintá-la todinha — diz passando a língua nos lábios.

Lucas ri da sua empolgação e eu também. A maioria das meninas estão de short ou saia, passo a língua pelos lábios observando o campus, recebo o olhar de pelo menos três meninas e sorrio de volta. Rafael sai do meu lado e vai até a morena que logo engata numa conversa animada com ele.

— Esse filho da puta sempre se dá bem — Lucas reclama.

— Eu não sei você, mas também não fico muito atrás! — digo e ele me olha furioso.

Lucas continua do meu lado também observando o campus. Como somos nós que pintamos, todos formam filas em frete aos veteranos. Na minha fila tem duas morenas e uma ruiva, todas as três com cabelos longos. A ruiva está com uma saia que vai até metade das suas coxas e as duas morenas estão com as roupas iguais: um short e uma blusa que não tapa nada além dos seios. Observo melhor o rosto delas e vejo que são gêmeas!

— Caralho, são gêmeas! — sussurro para Lucas.

— Sortudo filho da puta! — diz.

Olho para a fila dele e me seguro para não rir, mas é impossível, na fila dele tem uma menina loira (bem bonita por sinal) e dois homens, mas um deles claramente é gay, e o outro parece ser algum parente, pois consigo ver uma semelhança entre eles. Os dois são morenos com o rosto fino, de olhos escuros e vestidos com uma espécie de roupa que faz eles parecerem advogados de férias.

Lucas pinta a loira com muita calma como se isso fosse fazer os caras desistirem, mas eles estão engatados em uma conversa e parecem nem ligar. Olho para Rafael e o vejo se agarrando com a morena perto de uma árvore. Ele não perde tempo! Ela está com apenas as pernas pintadas de onça. Balanço a cabeça sorrindo e olho para morena na minha frente que está ao lado da sua irmã. Seus seios estão bem empinados enquanto faço listras em sua perna para deixá-la parecida com uma zebra. Ela sorri quando passo o pincel no interior da sua coxa, e as suas mãos passeiam pelos meus cabelos, deixando-os ainda mais bagunçados. Elas se apresentam como Aline e Alice. Não consigo identificar quem seja quem porque elas são idênticas! A que está ao seu lado, também pintada de zebra, não desgruda os olhos de mim e tento

dar às duas o máximo de atenção.

— Gato, gostaria de sair com nós duas? — Uma das gêmeas pergunta sorrindo e olho para a irmã que também sorri para mim.

Lanço meu melhor sorriso e aceito, troco o telefone com elas na promessa de ligar mais tarde para sairmos. É claro que irei ligar, duas irmãs de uma vez? É a fantasia de qualquer homem.

Depois que elas foram embora, começo a pintar a ruiva que é bem tímida e quase implorou para não fazer algo extravagante. Ninguém era obrigado a participar, mas era quase um ritual que todo estudante fazia, então todos participavam.

Eu e Lucas terminamos de pintar todos os estudantes que estavam na nossa fila e nos sentamos em um dos bancos observando o campus. Olho para o local onde tem uma quantidade maior de pessoas sentadas e tento ver o que eles estão fazendo. No centro há um cara chamado Diego - eu odeio o cara, ele tem a nossa idade, e sempre anda em bando, mas parece alheio a tudo, é como se ele não se importasse com quem está a sua volta. Os rumores dizem que é ele é filho dos coordenadores da faculdade, mas que também é traficante ali dentro. Ele tem um estilo bem rebelde com o cabelo raspado uma camiseta preta, bermuda jeans rasgada, e para completar, um *piercing* nos lábios - seu rosto eu nunca me esquecerei dele, o que só alimenta ainda mais a minha raiva.

Rafael termina de se agarrar com a morena e se senta ao nosso lado.

— Cara que mulher! — diz tentando tirar o batom vermelho do seu rosto — E você, viado, se deu bem caralho! Gêmeas! — Rafael diz batendo no meu ombro — Por favor, me diz que conseguiu o telefone delas!

— Cai fora, você já se deu bem, o telefone é para mim — digo para ele.

— Eu só me fodo — Lucas diz para nós, o que é mentira ele sempre reclama de barriga cheia! Ele sempre consegue ficar com as melhores quando vamos à praia juntos. Ele vai com a prancha de surfe dele, e as garotas caem matando em cima.

— Bem que você podia dividir com o amigo aqui — diz apontando para si.

— Porra nenhuma — digo a ele.

— Ninguém se dá melhor do que aquele ali — Rafael diz apontando para onde eu estava observando Diego há poucos minutos — Um dia eu vou ser como ele.

— Como o traficante? — pergunto.

— Ninguém tem provas — Rafael diz.

— Mas isso não quer dizer que ele não seja — digo, ele nunca foi pego, porque ele é bom no que faz. Eu tentei incriminá-lo quando tudo aconteceu com Júlia, mas não deu em nada. Só não entendo o porquê dele fazer isso quando obviamente não precisa do dinheiro. Seus pais andam sempre juntos no campus e vivem trocando olhares de amor, sua família parece ser bem estabilizada e bem de vida, o que só me faz odiar ainda mais o cara. Ele tem tudo e joga a vida no lixo, por nada.

— Só quero as mulheres que ele pega, só isso — Rafael diz.

— O cara é um babaca — vejo Lucas serrando os punhos ao lado do corpo. Rafael levanta uma de suas sobrancelhas, confuso.

— O que vocês sabem que eu não sei? — Com tudo que aconteceu com a minha irmã eu acabei não lhe contando quem era o dono do galpão.

— Sabe aquele galpão improvisado para festas em que eu e Lucas encontramos a Júlia? — ele assente com a cabeça — Era dele. Enquanto eu estava com a minha irmã no colo, o rosto de Diego não esboçava nenhuma

reação, ele é frio e eu torço para que algum dia alguém ponha as mãos nele.

— Que filho da puta! — diz irritado.

Olho para um canto bem vazio do campus e vejo uma cabeleira loira me observando com os olhos bem atentos. Quando ela percebe que nossos olhares se cruzaram, desvia o olhar, diferente de todas as outras meninas. Ela está com um vestidinho rosa claro, sua pele está branca como a neve sem nenhuma pintura. Ela está sozinha, apenas observando sentada em um banco, e eu decido ir até ela.

— Gabriela.

— Oi — responde com um meio sorriso.

— Não vai participar? — pergunto a ela que me olha com o cenho franzido — Eu adoraria pintar você todinha — ela sorri, mas é um sorriso que não chega aos seus olhos.

— Não, sou alérgica.

— À tinta? — pergunto.

— Não, a você — ela me responde e sorri satisfeita, fico sem reação com a sua resposta. Enquanto as morenas faziam fila para que eu pudesse pintá-las, Gabriela se dizia alérgica a mim.

Coloco a mão no peito de jeito dramático.

— Nossa assim você parte meu coração.

— Preciso ir — seguro sua mão, mas ela logo se solta como se pegasse fogo. Ela mexe nervosamente na barra do seu vestido e olha para mim com seus olhos intensos.

— Sabe por que fazemos isso? — pergunto a ela tentando fazer com que ela fique.

— Não.

— Todo o dinheiro que arrecadamos vai para uma instituição de

caridade, dessa vez vai para a CODIM. Já ouviu falar? — ela balança a cabeça negando e continuo — É uma instituição para mulheres que sofreram abusos físicos e mentais. Apenas uma parte do que recebemos fica conosco, mas geralmente é usado em uma festa que sempre damos após a arrecadação.

— Que lindo gesto — dessa vez vejo um sorriso sincero em seu rosto e noto o quanto isso a deixa ainda mais bonita.

Eu ia perguntar se ela mudou de ideia sobre me deixar pintá-la, mas uma loira surge atrás de mim e brinca com o pincel na minha orelha. Me viro para ela e vejo uma menina bem baixinha por sinal, com cabelos na altura dos ombros e os olhos castanhos com longos cílios, ela veste uma saia bem curta e uma blusinha curta.

— Me pinta? — pede. Abro meu melhor sorriso para ela para lhe dizer que teria que esperar, quando vejo que Gabriela já havia virado as costas e ido embora. Volto meu olhar para a loira ao meu lado e digo a ela que sim — Começa por aqui — diz apontando para a coxa. Passo as pontas dos dedos por sua perna, sinto sua pele se arrepiar e começo a pintá-la. Quando termino, ela também me dá o seu telefone, e agradeço a ela lhe beijando no pescoço.



Os calouros voltam com os potes cheios de moedas e notas, começamos a contagem e, no final, vimos que arrecadamos uma boa grana, que estava além da meta. Comemoramos naquele dia. A festa que sempre faziam ficou de lado, pois todos acabaram bebendo no campus mesmo, com a autorização do reitor é claro. Bebemos e conversamos com os calouros, pois acabaram liberando para eles ficarem, já que a arrecadação foi boa graças a eles.

Encontrei as gêmeas horas depois e fomos para um motel já que minha irmã conseguia assustar todas as meninas pela manhã.

Olho para as duas gêmeas ao meu lado da cama e instantaneamente sinto minha ereção crescendo. Vejo que elas estão combinando até mesmo na lingerie vermelha, com uma cinta liga que as deixa mais sexy. A noite se prolongou por horas e, quando termino, elas reclamam porque não vou dormir com elas, mas logo depois elas acabam adormecendo de exaustão. Sigo na minha moto apreciando o silêncio da madrugada e sigo em direção ao meu prédio. O semestre estava apenas começando!

Capítulo 6

Gabriela

“— Sai daqui, por favor, eu vou chamar a mamãe! — lhe digo pela segunda vez.

— Não vai não, sabe por quê? Porque se chamar, eu vou enforcá-la até ela não conseguir respirar, aquela vadia! — por que ele está fazendo isso? Cadê o meu papai? Por que o monstro está aqui? — Você ficaria sem sua querida mamãe, e teria que ficar só comigo, você quer ficar só comigo não quer? — Eu não posso ficar com ele. Não quero perder a mamãe. Balanço a cabeça negativamente e quando olho para o seu rosto vejo que ele ficou satisfeito com a minha resposta.

— Então você vai ficar quietinha com o que eu vou fazer com você, e não vai contar nada para sua mãe. Agora vem aqui — ele estende a mão, e eu vou.”



Acordei do pesadelo, transpirando e sentindo uma crise de pânico me dominar, mas consegui me acalmar após alguns minutos. Tomei um dos meus remédios para me ajudar a dormir e consegui pegar no sono novamente, dessa vez sem pesadelos.

Quando acordo já são dez horas. Como não estou com muita fome, decido apenas ir ao refeitório comprar um café. Eu definitivamente preciso comprar minhas coisas para o quarto - ele não é tão grande, mas tem uma

pequena cozinha onde posso colocar alguns utensílios.

Decido tomar um banho, dou graças a Deus por haver um banheiro em meu quarto e não ter que usar o banheiro coletivo. Mesmo evitando minha mãe, gosto da influência dela. Ela queria que eu aceitasse um apartamento, mas eu não quis - esse seria apenas mais um jeito dela controlar a minha vida. Assim que eu conseguir um estágio, irei procurar um apartamento para mim e lhe devolver todo o dinheiro que ela depositou na minha conta.

Resolvo pegar um vestido azul folgado na mala e uma *melissa* bege para usar. Deve estar uns quarenta graus lá fora, por isso pego a roupa mais fresca que tenho.

Vou para o banheiro abro o chuveiro e tomo um banho gelado, uma das poucas coisas de que sei que irei sentir falta em minha casa será minha banheira, e pelo tamanho desse banheiro, sei que nem poderei colocar uma aqui.

Saio do banheiro já vestida, passo um pouco de delineador nos meus olhos e um batom *nude* nos lábios. Com o calor que está fazendo, é bem provável que eu ficasse parecendo o coringa quando começasse a suar se usasse muita maquiagem. Me olho no espelho mais uma vez e vejo que estou bem bonita.

Tranco a porta do quarto e sigo em direção ao refeitório, observo os corredores do meu andar. Eles são pintados em tom de gelo do chão até o teto, aliás, quase tudo aqui é branco ou bege, o que me faz lembrar minha casa. Tento afastar rapidamente esse pensamento, decido que ainda essa semana vou mudar a cor do meu quarto. Preciso tirar o branco da parede, não quero nada me faça lembrar a minha casa.

Vou até o último andar que é onde fica o refeitório no alojamento. Como ocupa quase todo o andar, não é difícil de achar. Entro e observo a quantidade de pessoas ali, compro logo meu café e saio dali rapidamente -

quero ir ao mercado logo e voltar para conseguir tirar minhas coisas da caixa.

Quando saio do refeitório, acabo esbarrando em alguém. Olho para a pessoa e vejo que é Lucas, usando uma bermuda jeans que parece estar um pouco apertada por causa dos músculos das pernas, e uma camiseta sem mangas, que deixa à mostra seus braços definidos e uma bela tatuagem tribal que parece estar vindo de suas costas e cobre completamente seu braço. Ele percebe que estou olhando e me dá um sorrisinho sexy e convencido.

— Sabe, se estiver interessada em ver a minha tatuagem, ficarei feliz em te mostrar — Nossa, que idiota eu sou! Fiquei babando por uma tatuagem.

— Eu, é... Obrigada! Não, quer dizer, não quis dizer isso. Droga, esquece — É sério que eu disse obrigada? Ele continua rindo do meu desconforto. Lucas tenta passar os braços nos meus ombros, mas me afasto. Ele me olha sem entender nada, mas resolve deixar para lá.

— O que está achando até agora da cidade? — pergunta.

— Não tive muito tempo de visitar nada — Mal vejo a hora de visitar todos os pontos turísticos e poder ir a todas as praias. Em São Paulo, se quiséssemos ir até a praia, era preciso uma viagem de uma hora e meia dentro do carro até o litoral. Eu e Milena sempre ficávamos na casa que minha família tinha em Santos, era nosso ritual de férias. Meus melhores momentos são lá, era como se fosse intocado. Minha mãe nunca ia a essa casa, então além de me divertir, eu poderia curtir a paz e a tranquilidade.

— Mas já deve pelo menos ter passado em frente à praia a caminho daqui certo? — ele me pergunta.

— Claro, mas estava meio tarde, não consegui ver quase nada

— Então o que acha de correr na praia? Você gosta de correr?

— Eu corria na minha cidade sim, mas só às vezes — Será que ele está me achando gorda? Sei que às vezes eu exagero nos doces, mas estou só um

pouco cheinha em alguns lugares.

— Vou correr sexta, quer ir também? — Fico apreensiva em aceitar, mas isso não era tudo que eu queria? Me divertir um pouco? Decido aceitar.

— Claro, mas não conheço nada aqui, você vai ter que levar até lá. Vamos correr em qual praia? — pergunto a ele.

— Vamos na de Copacabana, você vai adorar. Gatinha, eu preciso ir — diz olhando para o relógio em seu pulso — Sexta te pego no seu quarto então, vamos sair às dezoito horas. Você já me colocou pra fazer exercícios no dia em que chegou, agora é minha vez de retribuir! — ri e vai andando em direção ao elevador. O vejo pegar o telefone e conversar com alguém, ele parece um pouco nervoso. Percebo que estou parada no mesmo lugar e decido andar em direção ao elevador também para ir de uma vez ao mercado.

Do lado de fora do prédio, avisto algumas pessoas debaixo da árvore lendo livros, conversando ou ouvindo música - parecem tão em paz com elas mesmas. Atravesso o campus e vou até a frente da universidade para pegar um táxi, já que ainda não tenho carro aqui no Rio. Eu havia deixado meu carro em São Paulo - ele não era inteiramente meu, como minha mãe sempre gostava de deixar bem claro. Era dela, mesmo que ela tivesse outros três carros na garagem à sua disposição, aquele era só mais um de seus caprichos.

Hoje o trânsito está mais calmo, não levei nem cinco minutos para chegar ao meu destino. Pago a corrida e entro no mercado, vou logo pegando o carrinho, quero comprar bastante coisa para não ficar voltando aqui toda hora.

Vou direto à seção de higiene e, quando eu tento pegar um absorvente, ele cai no chão, mas alguém pega e me entrega rapidamente. Então me deparo com os olhos verdes mais lindos que já vi. Estou quase abrindo um sorriso e agradecendo quando me lembro da sua gracinha anteontem no meu quarto.

— Gabriela, acho que isso é seu — Ele me olha dando um sorrisinho sexy.

— Hã, obrigada — digo meio sem graça. Ele continua me olhando e sorrindo, joga o absorvente no carrinho tentando não ficar constrangida com a situação.

— Agora eu entendi toda sua irritação anteontem. Está de TPM é? — Que presunçoso ele é, se acha o sabe-tudo.

— Eu não tenho TPM — isso é uma mentira eu tenho TPM sim, fico chorosa e como chocolate o dia todo, mas não fico irritada. É ele quem me irrita com esse sorrisinho sexy e presunçoso.

Ele sorri, mas não diz nada, e quando penso que ele irá me deixar em paz ele se aproxima de mim, quase invadindo o meu espaço.

— Você fugiu de mim ontem — diz como se não fosse óbvio.

— Não fugi não — digo a ele com a respiração um pouco acelerada por causa da proximidade.

— Então, já que você está dizendo que não fugiu de mim.. Quer sair algum dia desses? — fico sem entender nada. Tudo bem que ele me olhava como se quisesse me comer com os olhos, na verdade com o seu corpo inteiro, mas não achei que ele fosse tão cara de pau. Olho para ele, irritada.

— Acho que já deixei claro que não — depois de expulsá-lo ele ainda tem coragem de me convidar para sair? No meio do supermercado? — Qual seu problema? Está me seguindo agora?

— Mesmo que você se ache, não estou atrás de você, tenho uma vida também e minhas necessidades — ele tenta ser indiferente à minha resposta negativa.

— Quer dizer que precisa comprar absorventes? — Olho para ele com um sorriso cínico, vejo-o ficar vermelho de raiva.

— Sabe, se eu pudesse ficar com raiva sem motivo e descontar em todo mundo e culpar a TPM, é, acho que iria sim precisar de alguns

absorventes, quem sabe.

— Eu já disse que não tenho TPM, agradei a sua ajuda ontem, mas não quero ser sua amiga, e não sou como as outras garotas que ficam babando perto de você. Se toca, você não é a última bolacha do pacote não! — digo praticamente gritando. Se ele acha que vou cair nesse papinho, está enganado: ele pode ter quem quiser menos a mim. Se ele acha que sou como as outras garotas, está enganado.

— Bolacha não. BISCOITO! — Sério mesmo que ele quer discutir isso agora?

— Biscoito para mim é biscoito de água e sal, o resto é bolacha! — digo.

Ele vai até uma seção depois da que estamos e pega uma bolacha e vem andando na minha direção com um sorriso besta no rosto.

— Olha aqui — diz mostrando a embalagem de *Oreo* — está escrito “biscoito sabor chocolate”. Viu? BISCOITO.

— Desisto — digo lhe dando as costas, é impossível discutir isso na cidade deles.

— Retiro meu convite para sair com você! É inadmissível que uma pessoa não saiba diferenciar um biscoito de uma bolacha — ele grita, como se estivesse longe de mim, sendo que ele está apenas alguns metros distante.

— Ótimo, pois eu não iria mesmo, não quando obviamente você se acha a última BOLACHA do pacote — realmente nem eu entendi porque ele me chamou para sair. Eu já o dispensei uma vez, isso é o que para ele? Um joguinho de tentar ficar com a garota que o dispensou? E agora essa história da bolacha, quanta infantilidade!

Ele abre e fecha a boca tentando pensar em algo para dizer, mas acho que desiste, não diz nada. Vai até a prateleira onde as camisinhas estão

penduradas, pega algumas e joga no meu carrinho.

— Acho que você está precisando transar, para ver se melhora esse mau humor! — diz com um sorriso de satisfação no rosto (que cretino!). Eu nem sei o que responder, ele é tão atrevido e seu sorriso só me irrita ainda mais. Resolvo então fazer o contrário do que ele acha que irei fazer. Não aparento raiva, sorrio, e caminho até a prateleira e pego mais algumas, e falo para ele:

— É, realmente estou precisando, mas as que você pegou não vão ser suficientes não. Obrigada! — digo com um sorriso triunfante no rosto quando vejo sua cara de chocado. Começo a rir internamente. Mas ele se recupera rapidamente.

— Sabe loirinha, se você transasse comigo, pode ter certeza que iria precisar de muito mais — Ele se aproxima de mim, mas não me toca — Eu faria você gritar a noite toda de prazer, e, esses pacotinhos aí, são pequenos demais para mim. Preciso do tamanho maior, se é que me entende — ele olha para baixo, e eu acompanho seu olhar, para onde observo um volume extravagante entre suas pernas.

Meus olhos se arregalam, ele ficou excitado com a nossa briga?

— Já vi maiores — É mentira, mas ele não precisa saber disso. Ele se aproxima ainda mais de mim e tento recuar, mas ele quase me imprensna na parede, encostando seu corpo no meu.

— Acho que não viu não — dessa vez, ele quase encosta sua boca na minha e sinto raiva, porque tenho vontade de beijá-lo — E eu adoraria dar uma boa noite de sexo para você — diz e dá uma mordida de leve na minha orelha que faz todo o meu corpo se arrepiar sem me dar tempo de recuar. Eu não sei o que dizer, nunca fiquei tão próxima a ninguém assim, ele está me desconsertando e só o conheço há dois dias! Eu devo estar enlouquecendo mesmo. Ele se afasta e continuo olhando para sua boca, a desejado na minha.

— Obrigada, mas eu nunca vou cair na sua conversinha, agora me dá licença? Preciso terminar de comprar minhas coisas — digo me virando para sair da seção.

Caio na asneira de olhar para trás e vejo seu sorrisinho convencido. Ele acena para mim, mas logo se vira indo em direção à seção de bolachas e fico ali parada olhando suas costas largas e os músculos das pernas se flexionando enquanto ele anda. Guilherme exala masculinidade. *Gabriela pare com esses pensamentos agora!* Vou comprar o restante das coisas.

Quando termino de fazer minhas compras, olho em direção aos sanitários e percebo que há um homem ali me observando. Quando olho em seus olhos, sinto meu corpo tremer, só pode ser uma alucinação! Como pode? A personificação dos meus maiores medos está ali, parado. Pisco os olhos com força como se isso pudesse apagar o que eu vi. Ele está morto, não há a mínima chance dele estar aqui. Sinto alguém tocar o meu braço e saio do meu transe. Quando olho novamente para os sanitários não vejo ninguém. *Meu Deus, estou enlouquecendo!*

— Gabriela, você está bem? — ouço Guilherme me chamar. Suas mãos me seguram e balanço a cabeça fazendo que sim, olhando em direção aos sanitários mais uma vez para garantir que ele não está ali.

Meu corpo começa a queimar, sinto meus membros dormentes, uma dor insuportável surge em meu peito e não consigo respirar. Sinto que estou entrando em um mar escuro onde ninguém consegue me alcançar, e então tudo escurece.

Ouçó vozes ao longe, mas sinto um calor confortável, parece que estou aconchegada em algo, e não quero abrir os olhos.

— *Gabriela, Gabriela.*

— *Alguém chama uma ambulância, por favor, não posso levar ela na minha moto.*

— *Nossa! O que aconteceu para ela desmaiar?*

— *Será que ela está grávida?*

— *Veja, ela é tão magrinha, não deve ter comido nada.*

— Gabriela, acorda, por favor, você está me assustando.

Quando ouço essa última frase eu abro meus olhos e me deparo com os olhos verdes de Guilherme. Ele me abraça forte, e só então percebo que estou no colo dele - ele está sentado em uma cadeira e eu estou apoiada no colo dele. Tento me levantar, mas não consigo, ele não deixa.

— Gabriela, continue deitada. Liguei para meu amigo trazer o carro para te levar ao hospital, não posso te levar na minha moto. A ambulância pode demorar, quero te levar logo, meu amigo mora só a dois quarteirões daqui você está se sentindo bem?

Tento me levantar, dessa vez ele não me impede, mas não consigo ficar em pé direito, então ele pega uma cadeira que está ao seu lado e me senta nela.

— Eu estou bem só quero ir para casa — Começo a lembrar do que me levou a ter uma crise de pânico no meio do mercado, e quando me lembro daquele homem, meus olhos se enchem de lágrimas. Tento disfarçar, mas Guilherme percebe.

— Tem certeza? É melhor eu te levar para o hospital.

— Eu estou bem, vou pegar um táxi pra casa, desculpa te atrapalhar — Me levanto meio desajeitada e ele segura meu braço. Percebo que não sinto medo, mas sim uma eletricidade assustadora. O que ele está fazendo comigo?

— Não está me atrapalhando em nada, deixa de ser teimosa e me deixa te ajudar. Já que não quer ir para o hospital, vou te levar a uma lanchonete ou restaurante aqui perto, para você pelo menos beber um suco ou comer algo — diz não me dando tempo nem de recusar. Ele pega minhas compras e coloca duas bolsas no bagageiro da moto e a outra que não coube segura em uma de

suas mãos. Me passa o capacete, sobe na moto, e eu faço o mesmo.

Chegamos até o *Outback* e Guilherme me avisa que estamos praticamente ao lado da faculdade. Ele estaciona a moto e me ajuda a descer. Ele me guia até o restaurante com as mãos nas minhas costas, como se eu pudesse desmaiar novamente a qualquer segundo. O contato de sua mão em minhas costas fez com que eu me sentisse segura.

Ele me senta em uma das mesas de madeira logo na entrada, e vai até lá dentro não dando nem tempo do garçom vir nos atender.

Fico observando tudo ao meu redor - o lugar é bem aconchegante. Se eu não estivesse nessa situação, com certeza iria aproveitar melhor, mas estou muito envergonhada do Guilherme ter presenciado minha crise de pânico. Agora mais do que nunca, ele sabe que sou problemática. Tento esconder meu rosto nas mãos de tanta vergonha, nem percebo ele se aproximando.

— Toma, trouxe essa água para você, mas pedi uma *cheesecake* também, é minha sobremesa preferida! — Ele está sendo tão atencioso comigo, que eu estou sem reação de tanta vergonha.

— Desculpa por ter feito você passar por isso, devo ter tido uma queda de pressão, isso acontece muito — minto.

— Você já foi ao médico ver isso? — pergunta, visivelmente preocupado. Me sinto mal por mentir, mas foi necessário. Balanço a cabeça e logo uma garçonete chega com a sobremesa. Ela fica parada o olhando, sem nem ao menos reparar em mim.

— Seu pedido senhor. Deseja mais alguma coisa? — ela diz a ele com uma voz irritante, ajeitando seu decote para chamar sua atenção, mas ele não está reparando nela - ele está olhando pra mim.

— Obrigado, mas é para ela. Precisando, te chamamos. Obrigada — diz dessa vez olhando para ela. Solto uma risadinha e ele me olha — Você

deveria sorrir mais vezes, fica linda assim! — diz e cora de vergonha. Olho para a sobremesa e resolvo experimentar. Coloco a primeira fatia na boca e sinto um gosto de calda de framboesa. Nossa! Nunca tinha provado uma dessas, fecho os olhos saboreando. Quando os abro vejo Guilherme me observando.

— Você não vai dividir comigo não? — Que falta de educação a minha! Passo o prato para ele, que logo come um pedaço — Cara eu amo isso, às vezes venho aqui só para comprar e levar para casa — diz comendo mais um pedaço. Ajeita um pedaço no garfo e tenta levar à minha boca. Fico olhando para o gesto dele ainda de boca fechada, como se fôssemos namorados, acho que ele mesmo não percebeu o que fez. Pego o garfo da mão dele e volto a comer.

— Sabe isso aqui está ótimo, consigo ficar facilmente viciada nisso — digo a ele.

— Tem certeza que não quer me contar o que aconteceu? Antes de você desmaiar eu vi você branca como papel. Consegui chegar até você e te pegar, mas antes você olhava fixamente para um ponto, tem certeza que foi só queda de pressão? — pergunta mudando de assunto e tenho que continuar com a mentira.

— Eu já te contei o que aconteceu, não foi nada, já estou bem. Agora preciso ir. Tenho que descansar um pouco para arrumar as coisas.

— Está se sentindo bem para arrumar as coisas, não quer ajuda? — Vejo seus olhos brilhando querendo me ajudar, mas tenho que recusar. Não posso deixá-lo se aproximar tanto de mim, ele já viu de mim mais do que qualquer outra pessoa desconhecida viu.

— Obrigada, mas não. Consigo me virar sozinha.

— Então me deixa te levar ao seu quarto pelo menos — Decido aceitar, ele se levanta para pagar a conta e vejo a garçonete que nos atendeu

deixar um papel no seu bolso. Aposto que é o telefone dela, e ele dá um sorriso a ela de agradecimento que logo corresponde sorrindo de volta. Droga de covinhas!

Vamos até a moto que está logo em frente e subimos nela. Dessa vez eu consigo sentir como é estar com ele aqui na moto, eu não sei onde colocar as mãos, não quero ter que o abraçar. Então coloco as mãos nos seus ombros.

— Me abraça, se você segurar assim pode cair, e eu não quero que você se machuque — uma onda de tremor passa pelo meu corpo quando coloco os braços ao seu redor. Sinto sua barriga durinha e um cheiro amadeirado maravilhoso vindo dele, minhas mãos involuntariamente percorrem a sua barriga e o sinto enrijecer sobre minhas mãos, respirando fundo. Me arrependo na mesma hora de ter feito isso.

— Gabriela eu disse para me abraçar, não me alisar. Se continuar subindo e descendo essas mãozinhas, eu vou acabar quebrando a minha promessa e te morder — Meu Deus! Que vergonha!

— Eu não estava te alisando não, seu convencido, só não sabia aonde colocar as mãos — Estou ficando boa em mentir, ou melhor, em tentar mentir. Ele começa a rir e resolve deixar para lá. Coloco minha mão mais perto da altura do peito para não correr o risco de alisá-lo de novo.

— Chegamos — Nem tinha reparado que já estamos no campus. Ele abre o bagageiro para tirar as sacolas e as segura em apenas uma mão.

— Obrigada mais uma vez, e desculpas — lhe digo meio sem graça, erguendo os braços para pegar as minhas compras.

— Não precisa agradecer, vou subir com você, preciso falar com meu amigo que também está no mesmo bloco que você e te ajudo a levar as sacolas. Vamos.

Nós pegamos o elevador, dessa vez tinha gente dentro dele então não

precisei ficar tão próxima a ele e sozinha. Chegamos ao meu andar e ele continua me seguindo.

— Obrigada — digo quando chegamos até a porta do meu quarto. Abro a porta para entrar, ele não diz nada e entra junto comigo.

— Sabe, lá no mercado eu queria ter feito uma coisa e não fiz, você fica tão sexy quando está irritada, quero provar essa boquinha linda — ele se aproxima de mim tão rápido que não consigo recuar.

Ele me imprensa contra a parede, e logo toma minha boca, apoiando um braço na parede, me impedindo de sair.

Fico tão surpresa que não consigo nem abrir minha boca no início, mas lentamente meus lábios se abrem e sinto o sabor da sua boca. Seu beijo é urgente, molhado e gostoso. Sinto sua língua brincar com a minha e resolvo colocar meus braços em volta do seu pescoço. Ele me imprensa ainda mais, e dessa vez, põe as mãos na minha bunda.

O esperado acontece, começo a sentir o ar me faltar, imagens começam a tomar minha mente e sou levada para a minha loucura. Minha mente é uma confusão de imagens que me aterrorizam há anos. Começo a empurrá-lo e ele me olha com os olhos arregalados espantado com a minha reação. *Bem-vindo à minha loucura, Guilherme.*

— Nunca mais faça isso, entendeu? Por favor, vai embora — digo quase lhe implorando. Como ele pode me beijar assim?

— Mas você correspondeu.

— Eu já disse que não quero me envolver com você. E mesmo assim você me agarrou, por favor, pela última vez, vai embora.

— Ok — diz e sai batendo a porta.

Coloco as mãos na minha boca, lembrando o beijo. Por mais que eu não queria me envolver com ele, meu corpo não entende isso: ele ansiou por

ser tocado por ele, e por um momento eu realmente correspon-di. Foi o meu primeiro beijo de verdade, e eu estraguei tudo.

Me joga na cama de roupa e tudo, seleciono uma música no meu celular. “*Stop Crying Your Heart Out*”. Coloco os fones e começo a ouvir.

*Porque todas as estrelas
Desapareceram
Apenas tente não se preocupar
Você as verá um dia
Pegue o que você precisa
E siga seu caminho
E pare de chorar tanto*

Meu último pensamento antes de pegar no sono é de como eu queria que os braços de Guilherme estivessem ao meu redor, me segurando. Preciso me afastar dele, não quero me envolver emocionalmente com ninguém e algo me diz que ele também não.

Capítulo 7

Guilherme

— Porra, porra! — Estou falando sozinho no elevador, ela me dispensou duas vezes, inacreditável. Eu preciso transar, qual o meu problema? Que frescura é essa? As únicas mulheres com quem me importo são a minha mãe e a minha irmã.

Passo por algumas calouras e elas cochicham, olhando para mim. Dou um sorriso forçado, não estou no clima para flertar.

Subo em minha moto com o pensamento a mil, passo pela praia de Botafogo e subo a viseira do capacete para sentir o vento no meu rosto. Sinto meus pensamentos se acalmarem um pouco. Eu não posso me envolver com ninguém, me corrijo mentalmente, *eu não quero* me envolver com ninguém. Eu preciso tirá-la da minha cabeça, cada vez que ela foge de mim eu sinto ainda mais desejo de ficar com ela. Preciso encontrar alguma garota para tirar esse tesão acumulado, porque só pode ser isso! É a única explicação plausível. E aqueles olhos, eles parecem estar fixos na minha mente. Há uma dor tão profunda ali que me causa um aperto no peito.

Eu não estou pronto para me envolver com alguém, e vê-la quebrada daquele jeito, é mais um ponto para não me envolver com ela. Depois de tudo que aconteceu, sei que não posso salvar ninguém, eu fui covarde demais.

Passo pela minha rua que está completamente vazia, estaciono a moto e subo as escadas. Quando abro a porta, me jogo no sofá e fico ali ouvindo música até pegar no sono. A voz de Tiago Iorc enche meus ouvidos e não consigo evitar em pensar na loira que anda atormentando meus dias.

*Pode esperar
O tempo nos dirá
Que nada como um dia após o outro*

Sinto alguém me sacudir e me chamar. Dormi tão mal, me sinto tão cansado, tudo que eu quero é dormir um pouco mais. Abro o olho esquerdo e vejo minha irmã me olhando irritada.

— Guilherme acorda! Está na hora de irmos visitar a mamãe esqueceu? — Coloco um travesseiro sobre minha cabeça e fecho os olhos novamente tentando voltar a dormir — Levanta logo Guilherme, não me force a jogar água em você — abro um dos olhos e vejo minha irmã parada na minha frente com uma garrafa de água em suas mãos. Porra, ela estava falando sério! Me levanto em um pulo só e vou correndo para o banheiro — Não demora, a mamãe está esperando a gente há mais de uma hora!

Com tudo que aconteceu com Gabriela, acabei esquecendo da visita à casa da minha mãe. Desde que estamos morando no apartamento, os dias de domingo são com ela. Saio do banheiro e me arrumo rapidamente, mas quando sento em minha cama começo a me lembrar do pesadelo.

— *Gui, socorro, me salva!*

Olho para ela que está na cama se contorcendo contra o corpo daquele idiota, ele a mantém com os braços acima da cabeça para que ela não tenha como fugir, sua roupa está rasgada e em seu rosto há pequenos cortes sangrando. Seu corpo agora parou de lutar contra o dele, e sinto o pânico me dominando. Entro no quarto e consigo chegar até ela. Lucas dá um soco no cara que logo cai no chão inconsciente.

Eu a pego no colo, e ela encosta a cabeça em meu peito soluçando.

Quando chego ao lado de fora, Lucas abre a porta do carro para que eu possa colocá-la no banco de trás. Ele dirige e eu vou com ela no colo até o hospital mais próximo.

Saio das lembranças do sonho, e fico me perguntando o porquê desse sonho, que sempre tive com a minha irmã, agora estar acontecendo com Gabriela. Tento tirar isso da minha cabeça, mas não consigo. Sei que irei ficar pensando nisso o dia inteiro. Saio do quarto e decido procurar minha irmã.

— Júlia, já está pronta? — grito da sala, ela vem andando em minha direção com uma calça jeans e uma regata branca.

— Sim, vamos, mas primeiro me diz por que você está com essa cara de quem comeu e não gostou? — ela me observa com o cenho franzido.

— Vamos, não quero falar disso — Ela assente e resolve deixar de lado. Pego o capacete e jogo para ela.

A viagem até a casa da minha mãe leva menos de uma hora. Passamos pela ponte Rio-Niterói seguindo em direção a Charitas. Sempre que passo pela ponte, fico pensando no quanto é incrível o que a matemática faz, permitindo o ser humano criar uma ponte que corta a Baía de Guanabara! Toda vez que eu passo aqui, fico admirado. Tenho um fraco por grandes construções.

Minha mãe mora em um apartamento de frente para o mar aqui em Charitas. Passamos pela rua na beira da praia e vejo muitas pessoas com roupas de praia, aproveitando o fim de semana. Passamos pelo porteiro que liberou a nossa entrada e entro na garagem, parando minha moto perto de uma pilastra. Quando entro no elevador, peço a Deus para que Natália não esteja em casa. Ela havia se mudado há uns três anos atrás para o apartamento em frente ao da minha mãe, um pouco antes de eu me mudar para o Rio. Ela foi um erro que não quero cometer nunca mais. Era linda, com longos cabelos negros,

e um corpo maravilhoso! Fiquei com ela uma vez, e depois mais uma vez, e foi aí que eu errei. Tenho uma regra: nunca sair com a mesma garota mais de uma vez, e quando eu digo sair, eu digo transar. Pode parecer idiota da minha parte, mas quando você fica mais de uma vez com a mesma menina, acredite, ela quer algo de você, Natália virou uma perseguidora: ela espalhou até mesmo um boato de que estávamos namorando, e, quando eu a dispensei, ela ficou irritada, até que um ano se passou e ela voltou a me perseguir. Eu virei uma obsessão para ela, e todas as vezes que venho visitar a minha mãe, tenho que fugir dela.

Pego a chave da casa da minha mãe e entramos sem bater. Assim que ponho meus pés na sala, sinto cheiro de infância. Apesar da minha irmã sempre ter morado com minha avó, seus finais de semanas eram aqui quando nos mudamos para o Rio. Minha mãe sempre buscava nossa avó e fazia uma fornada dos seus famosos *cookies*. Fecho os olhos inalando o cheiro delicioso vindo da cozinha.

Minha mãe fica radiante assim que nos vê. Dona Fernanda é uma mulher linda, com seus quarenta e cinco anos, tem uma beleza impecável, com longos cabelos negros. Sua pele, apesar das linhas de expressão, continua jovial. Sei que ela faz o possível para se manter assim, só não entendo por que ela nunca quis se envolver com ninguém. Desde que nos mudamos, mamãe dedicou sua vida para mim, minha irmã e o seu trabalho - eu nunca a vi sair com homem algum.

Minha mãe é uma grande advogada, trabalha praticamente doze horas por dia. Ela não precisaria trabalhar já que o nosso avô nos deixou uma boa herança, mas ela ama a sua profissão e defende aqueles que necessitam de ajuda e não podem pagar. É um lindo trabalho. E eu tenho um orgulho enorme de ser filho de uma mulher tão incrível.

Minha mãe abre um sorriso radiante quando nos vê e vem nos abraçar.

— Filhos, achei que vocês não viessem mais.

— Não olha para mim mãe, foi o Gui quem perdeu a hora — Júlia me dedura e olho feio para ela.

— Aposto que estava em alguma festa, né, Guilherme Ávila? — ela olha para mim semicerrando os olhos, como se eu ainda fosse um adolescente. Mas eu não estava em festa alguma, não dormi bem porque meus pensamentos estavam em uma certa loira — Quando você vai deixar essas festas para lá e arrumar uma garota legal? — minha mãe pergunta direto no ponto. Minha irmã solta uma risadinha e a fuzilo como olhar — Sabe, a Nati... — Ah, não! Minha mãe adora a Natália. Ela conseguiu fazer até mesmo a cabeça da minha mãe.

— Mãe, de novo não você sabe que eu não...

— Fofinho! — Ouço a voz que eu tanto temia, me viro para ela e a vejo ali como uma garota decente com um vestido que vai até os seus joelhos sem decote e sem um pingo de maquiagem nos olhos. Levanto uma das minhas sobrancelhas tentando entender por que ela está agindo assim. Ela provavelmente está querendo aparentar ser uma boa moça para minha mãe.

— Natália — me forço a cumprimentá-la.

— Que saudade! — Ela vem em minha direção tentando me abraçar e eu só lhe dou um beijo no rosto, qualquer tipo de aproximação com ela é uma tortura para mim. Ela passou de uma garota gostosa para uma louca num piscar de olhos e isso não é nada sexy.

— Fefê — ela vai em direção à minha mãe, a abraçando como se não a visse há anos. Minha mãe a abraça com um sorriso no rosto.

Olho para Júlia e a vejo ficando vermelha louca para rir da minha desgraça.

— Vem, vamos almoçar. Júlia vem me ajudar a colocar a mesa — Não, não, não, minha mãe está tentando me deixar a sós com a psicopata. Júlia vai

até a cozinha ajudar minha mãe e Natália se aproveita para se sentar ao meu lado.

Suas mãos passam pela minha perna e eu quase dou um pulo do sofá.

— Sabe, fofinho — diz bem perto do meu ouvido — um dia você vai voltar a ser meu.

Suspiro derrotado, isso está sendo mais difícil do que imaginei.

— Eu nunca vou voltar a ser seu, porque eu *nunca* fui seu, Natália — digo a ela enfatizando o “nunca”, para que ela entenda.

Minha mãe volta com a comida e me levanto para ajudá-la a pôr a mesa. Natália não se toca que eu não quero a sua presença e continua conosco. Nos sentamos na sala de jantar e faço questão de sentar longe para não correr o risco dela tentar nada por debaixo da mesa, isso seria típico dela.

Saboreio o almoço que minha mãe havia feito e sorrio. Ela fez nosso prato favorito, estrogonofe de camarão.

— Nossa, mãe, isso aqui está uma delícia! — digo a ela.

— Se vocês viessem mais aqui, eu faria sempre para vocês. Por mim eu teria vocês comigo sempre. Essa casa fica tão vazia sem vocês! E Júlia, você sabe que eu adoraria que você estivesse aqui comigo, né? — diz para minha irmã, como se quisesse compensar o fato de não ter acompanhado toda a infância dela.

— Sei sim mãe — Júlia responde.

— Filho como está à faculdade? — minha mãe me pergunta enquanto coloco mais comida no meu prato.

— Eu ainda não tive nenhuma aula, mãe. Anteontem nós ajudamos alguns calouros a se instalarem nos alojamentos e ontem foi o dia do trote, para ajudar aquela instituição das mulheres que a senhora sempre ajuda também — Minha mãe sempre tenta ajudar o máximo de pessoas possíveis e

um dos lugares onde ela sempre busca ajudar é o CODIM. Todas as mulheres que estão lá não têm para onde ir, e muitas das vezes fogem sem poder levar nada. Minha mãe ajuda essas mulheres dando a elas todo seu suporte como advogada.

— Fico tão feliz com a ajuda que elas vão receber.

Natália olha para o seu celular como se estivesse entediada e anuncia que precisa ir embora - graças aos céus!

— Filho, a Nati é uma ótima menina, por que vocês não saem? — minha mãe me pergunta assim que ela vai embora.

— Eu não gosto dela mãe — digo para minha mãe que parece ficar chateada, mas não diz mais nada.

— E você Júlia? Como anda esse coraçãozinho? — Minha mãe pergunta como se estivesse pisando em ovos com Júlia. Depois de tudo que aconteceu, minha irmã mal sai de casa. As únicas pessoas com quem ela tem contato são meus amigos, e eles não contam. Sempre a viram como uma irmã.

— Bem mãe, seguindo em frente. Falando nisso, eu decidi voltar a estudar — minha mãe no mesmo instante abre um sorriso enorme e vai até a minha irmã abraçá-la.

Conversamos por horas até que minha mãe recebe uma ligação de um dos seus clientes e precisa ir até a delegacia urgente. Saio da casa da minha mãe e volto para o meu apartamento com Júlia. Já é bem tarde quando Júlia se junta a mim em frente à televisão e faço carinho em seus cabelos. Está passando um seriado na televisão, mas não presto atenção. Meus pensamentos estão voltados para um par de olhos marejados.

Capítulo 8

Gabriela

Hoje é domingo e os corredores que antes ficavam cheios de pessoas falando alto, agora estão completamente vazios. Acordei me sentindo um pouco solitária e sentindo falta da minha amiga Milena. Eu não havia falado com ela desde que cheguei, meu celular ainda estava desligado para evitar ligações da minha mãe.

Levanto da cama sem ânimo algum, ainda mais depois do que aconteceu ontem. Como posso ser forte por fora se estou quebrada por dentro? Prometi a mim mesma que as coisas seriam diferentes agora, mas como? Em apenas quatro dias, tive uma crise de pânico e beijei um garoto que provavelmente é o maior galinha da faculdade. Não que eu ligue para isso, afinal eu quero alguém que não se apegue, quero me divertir. Mas o que mais me perturba é o fato do que eu senti quando seus lábios tocaram os meus. Não senti medo, senti um desejo inundando meu corpo de tal maneira, que eu me vi fora de mim. Desejei aquilo. Quando Lucas me tocou, foi diferente. Eu não o desejei - ele é lindo com aqueles olhos verdes e aquela boca carnuda, e ele não parece enxergara minha alma como Guilherme. Eu deveria me sentir atraída por ele, mas não sinto, não como eu me sinto atraída por Guilherme. Preciso tirá-lo da minha cabeça, talvez se eu conseguir algo com Lucas isso mude.

Sinto um sorriso nascer nos meus lábios. Agora mesmo tentarei encontrá-lo no nosso alojamento. Decido deixar a arrumação para outro dia, afinal hoje é domingo, preciso me divertir. Quem sabe até conseguir ir a uma festa?

Vou até o banheiro para tomar um banho e me arrumar, passo um pouco de maquiagem para dar vida ao meu rosto, visto meu vestidinho rosa curto e minhas sandálias rasteiras de tiras - não me julgue quero impressionar o cara! Ele é lindo e, sem dúvidas, deve ter muitas mulheres aos seus pés. Preciso chamar sua atenção.

Sigo pelos corredores e fico me perguntando como farei para encontrá-lo, irei tentar a sorte passando pelos corredores e indo até a área da academia, que fica logo no segundo andar. Ele sem dúvidas deve malhar muito, seus braços são musculosos assim como os braços de Guilherme... Mas que droga, sem essa Gabriela! Lucas e Guilherme são duas pessoas completamente diferentes. Paro na porta da academia quando ouço uma música alta tocando pelos alto falantes, um rock pesado que desconheço. Só consigo pensar no homem que está ali malhando, como louco. Lucas incansavelmente levanta o que parece pelo menos uns trinta quilos de cada lado, e fico apenas observando. Ele está tão concentrado que nem me nota. A academia está completamente vazia, apenas ele se encontra ali. É uma visão a se admirar: ele está sem camisa, e percebo que além daquela tatuagem dos seus braços, perto do abdômen ele tem uma flor negra que não consigo identificar qual seja.

Lucas parece estar com raiva de algo e está descontando toda sua fúria malhando. Ele finalmente me nota, e um sorriso nasce nos seus lábios. Ele se aproxima de mim com o corpo completamente suado - Deus aquilo deveria ser proibido, ele é a visão do paraíso! Começo a me perguntar como seria ver Guilherme assim. Balanço a cabeça como se isso fosse capaz de afastar a visão que criei em minha mente de Guilherme sem camisa. Lucas está me olhando intensamente, com aqueles olhos verdes.

— Ei, você está aqui. Veio malhar também, ou só queria me ver?

— Para falar a verdade sim — digo um pouco sem graça — Eu queria saber se não tem algum lugar aonde você possa me levar hoje, não é um

encontro nem nada disso, é que eu não conheço nada aqui.

Ele me observa com um sorriso sacana nos lábios.

— Bom, já que você não está me chamando para um encontro nem nada disso, que tal se eu te chamasse para um encontro?

— Eu adoraria, mas não é um encontro, não se iluda com isso, só quero me livrar do tédio.

— Nossa me senti ofendido. Já que não é um encontro nem nada que tal se eu te levar a uma festa?

— Qual festa? — pergunto.

— Meu amigo Rafael vai dar uma festa no apartamento dele, hoje à noite, o que você me diz?

— Pode ser — digo sorrindo.

— Ok, linda, esteja pronta às oito. Te encontro no seu quarto.

— Obrigada Lucas, estarei te esperando — Me viro para ir embora, mas ele me chama.

— Gabriela! — ele segura meu braço me aproximando dele e diz bem perto do meu ouvido — Use essas sandálias — olho para minha sandália de tiras e vejo que ele também a observa — Você fica muito sexy com elas.

— Te espero às oito — Saio rapidamente da academia antes que ele tente algo, não sei como reagiria. Será que meu corpo também iria sentir desejo por ele? Assim como sentiu por Guilherme? Espero definitivamente que sim, quero muito me divertir essa noite, e sinto que Lucas pode me proporcionar isso.



Finalmente consegui tirar quase todas as minhas coisas da caixa, menos meus livros. Ainda preciso comprar uma estante para colocá-los. Mal vejo a hora de dar vida a essas paredes e colocar um pouco de cor. Não que eu seja louca por decoração nem nada disso, mas essas paredes completamente brancas me incomodam, elas trazem uma sensação de vazio sem fim.

Quando termino de arrumar tudo percebo que já são sete horas, e eu nem tomei um banho. Entro correndo no banheiro, tiro minhas roupas do corpo. Sem dúvida irei me atrasar, preciso me arrumar correndo, não quero que Lucas fique me esperando nesse quarto sozinhos. Apesar de sair com ele, não confio em ninguém para ficar a sós comigo.

Depois de tomar uma ducha gelada, para refrescar o calor que faz aqui no Rio, saio do banheiro apenas de calcinha e sutiã, deixo meu cabelo solto e passo apenas um *leave-in*. Está tão quente e abafado que sei que meu cabelo irá se secar rapidamente. Vou até o espelho e começo a aplicar maquiagem. Tenho a pele tão branca que tenho que tomar cuidado, para não exagerar, e, ao invés de ficar sexy, acabar ficando vulgar. Deus me livre! Aplico apenas um delineador e um batom vermelho *matte*. Me sinto linda e sexy, pronta para me divertir. Ouço alguém bater à porta e visto o roupão de seda que estava na cama sobre o meu corpo.

Ainda de roupão com apenas a maquiagem feita vou até a porta atender, ainda faltam trinta minutos então não acho que seja o Lucas, mas também não conheço ninguém e não faço ideia de quem poderia estar batendo na minha porta a essa hora. Surpresa demais para ter qualquer pensamento de fechar a porta, vejo Guilherme parado me avaliando. Seus olhos varrem o meu corpo como se desejasse que a faixa que prende meu roupão caísse.

— O que você está fazendo aqui? — minha voz sai como um grunhido.

— Bom te ver também Gabriela, aliás, ótimo te ver, ainda mais vestida

assim — Olho para o meu roupão e vejo o porquê do seu sorrisinho. Na pressa, meu roupão acabou ficando meio aberto deixando parte do meu sutiã à mostra. Sinto meu rosto esquentar — Que vergonha! Por que ele tem que ser tão atirado e observador? Ele está me olhando com aquele sorriso safado de quem está preste a arrancar a minha calcinha.

— Eu estava passando aqui para levar Lucas para uma festa do nosso amigo e resolvi te chamar, mas vejo que já fez planos. Você está linda, aonde você vai? — Eu não estou linda, eu estou apenas de roupão, maquiada e com o cabelo ainda meio úmido.

— Eu vou a uma festa — Ele entra no meu quarto e caminho até o banheiro para evitar o máximo de aproximação, mas antes que eu consiga chegar até a porta, ele segura meu cotovelo e me faz olhar para ele. Seus olhos estão famintos, como se quisesse provar cada pedaço do meu corpo. Sua cabeça desce até a curva do meu pescoço, distribuindo pequenos beijos e todo o meu corpo se arrepia ao seu toque.

— Porra! Você está tão cheirosa! — Cometo o erro de olhar para ele e o vejo passar a língua nos lábios, involuntariamente faço o mesmo gesto. Eu quero que ele me beije e ao mesmo tempo quero que se afaste. Ele coloca as mãos na minha cintura me puxando para si. Todo o meu corpo esquenta de uma hora para a outra quando ele aproxima o rosto do meu. Alguém bate à porta, eu me solto dele como se só agora me desse conta de que eu estava quase o beijando, de novo.

Guilherme resmunga algo incompreensível e tenta disfarçar a sua ereção. Abro a porta e me deparo com Lucas apoiado no batente da porta. Ele está vestindo uma calça preta com uma camisa branca meio aberta mostrando seu peito, seu semblante está tão confuso quanto o de Guilherme.

— Guilherme, e aí, o que está fazendo aqui? — Lucas pergunta assim que entra no meu quarto.

— Eu vim chamar Gabriela para ir à festa do Rafael, mas acho que ela já tem planos... Já estava indo te chamar, o Rafa me emprestou o carro dele para vir te buscar, soube que o seu está com problemas — Guilherme diz a Lucas que olha para ele meio confuso.

— Valeu cara, mas ela vai com a gente — Lucas diz a ele.

— Não vai não, ela tem planos — Guilherme diz a ele.

— Claro que Gabriela tem planos, ela vai conosco para a festa do Rafael, eu a convidei mais cedo — Guilherme me olha e abre a boca para dizer algo, mas parece desistir.

— Vocês podem por favor esperar em outro lugar? Vocês vieram um pouco cedo demais, ainda não terminei de me arrumar — finalmente consigo dizer algo. Quem em sã consciência imaginaria que eu estaria com dois homens lindos em meu quarto só de roupão? Só em sonhos — Já estou quase pronta, só preciso de dez minutos e já termino de me arrumar.

Eles se entreolham, e conversam entre olhares. E me pergunto há quanto tempo são amigos, e como havia me metido nessa confusão. Meu plano era correr do Guilherme e ele aparece logo aqui na minha porta e ao que parece iríamos a uma festa juntos, que azar!

— Vamos esperar aqui fora, pode ficar à vontade. Vamos Guilherme — ele puxa Guilherme pelo braço que parece petrificado no meio do quarto. Ele me olha mais uma vez e, dessa vez, vejo um vestígio de raiva em seu olhar. Ele sai em direção ao corredor com Lucas.

Fecho a porta do quarto com o coração acelerado, preciso me recompor e manter distância de Guilherme. Está decidido, essa noite não saio de perto do Lucas nem por nada, não vou deixar Guilherme ficar perto de mim.

Tiro meu roupão e coloco meu vestido preto justo e minha sandália de tiras que usei essa manhã. Lucas gostou dela, e vou usar tudo que eu puder ao

meu favor. Pego minha bolsa bege de mão e saio. Vejo os dois ofegando, como se estivessem brigando. Seja o que for, não quero ficar entre os dois, eles que são amigos que se entendam!

Lucas me oferece o braço e eu aceito, vamos até o estacionamento com Guilherme seguindo sempre na frente. Paramos em frente a um *Audi*, lindo, todo preto. Guilherme destrava o carro e vai para o lado do motorista, Lucas abre a porta para mim e se senta ao meu lado, deixando o banco do carona vazio.

— Lucas passa para frente, não sou motorista de vocês — diz e percebo a irritação em sua voz. Se Lucas percebeu, não disse nada, apenas beijou minha bochecha e foi para o banco do carona como Guilherme pediu.

— Você vai cursar o que Gabriela? — Lucas me pergunta.

— Engenharia — Guilherme e eu respondemos juntos, sorrimos e Lucas nos olha sem entender nada — Eu vou cursar engenharia, não sei qual ainda, posso fazer os primeiros quatro períodos e depois me decidir.

— Sério? Engenharia? — ele solta uma gargalhada baixinho. Me pergunto em que ano estamos, porque não é possível que em pleno século XXI as pessoas ainda tenham esse tipo de preconceito idiota.

— Sim, Lucas, engenharia, algum problema?

— Não Gabi, desculpa. É que, é sério, quando você vir a quantidade de homens que fazem engenheira aqui, você vai querer sair correndo. Mas espero que você goste! Adoro mulheres inteligentes — diz com um sorrisinho e vejo Guilherme revirar os olhos pelo retrovisor.

— Já entendi, homens demais na turma, e muitas lésbicas. Se forem lindos como vocês irei adorar — resmungo mais para mim do que para eles.

— O que você disse? — eles perguntam juntos sem entender nada.

— Nada — Percebo que já estamos parando, salva pelo

estacionamento!

Guilherme estaciona o carro e Lucas abre a porta para mim. Vejo pela placa que estamos em Copacabana, na Avenida Atlântica. O prédio de luxo tem vista para o mar, as construções são espelhadas, e as sacadas são grandes, duplex. A vista deve ser linda.

Lucas mais uma vez me oferece o braço e pegamos o elevador. O silêncio no elevador foi completamente constrangedor, Guilherme estava com a respiração acelerada, Lucas até o perguntou se ele estava bem e ele respondeu que sim com um sorriso forçado.

Finalmente chegamos ao décimo quinto andar, uma cobertura. Ela toma todo o andar, a porta de entrada é de madeira branca toda detalhada, dando um ar sofisticado. Do lado de fora não ouvimos nenhum barulho, nem parece que está rolando alguma festa. Mas assim que entramos percebo quantas pessoas estão dançando, a música soa alto das caixas de som. Sem dúvidas as paredes têm revestimento acústico.

A luz do ambiente está mais baixa e vejo as pessoas bebendo e conversando. Logo ao meu lado, vejo um casal praticamente fazendo sexo na poltrona.

Lucas me pergunta se eu quero algo para beber, agradeço e digo que quero apenas uma Coca. Guilherme se aproxima de mim assim que Lucas sai para buscar nossas bebidas.

— Você e o Lucas, estão juntos? — pergunta com aquele mesmo tom de irritação.

— Bom, não ainda, mas essa noite talvez — digo lhe provocando lançando para ele o meu melhor sorriso e vejo o engolindo em seco.

— Ele vai te machucar Gabriela, ele não namora — E quem disse que eu quero namorar? Quero me divertir sem sentir medo a todo instante.

— Ora, não é mesmo o cara que recebe todos os olhares das mulheres aonde vai e dá em cima de mim descaradamente? Por acaso você namora Guilherme? — Agora é a minha voz que sai com um tom de irritação. Quem ele pensa que é para me dizer isso? Ele abaixa a cabeça e me diz.

— Tem razão Gabriela, eu não namoro — diz bem próximo a mim, mas logo se afasta.

Uma mão me toca e levo um susto.

— Calma gata sou eu — Vejo Lucas com uma Coca na mão. Olho ao meu redor procurando Guilherme com os olhos e o vejo indo em direção a uma menina linda, com longos cabelos negros e olhos verdes. Ela quase não usa maquiagem, tem uma beleza angelical e natural que imediatamente me faz ter ciúmes. Como ele pode dizer aquilo, e agora se engraçar com qualquer uma? Vejo quando ele a pega para dançar e sinto meu rosto queimar de ciúmes, eu não quero me sentir assim em relação a ele. Lucas está me observando, mas nada diz.

— Vamos dançar Lucas?

— Claro, vamos — Ele tira o copo da minha mão coloca sobre uma mesa e me guia até uma sala enorme, onde as pessoas estão dançando.

Ouçõ as batidas soarem e imediatamente me solto à voz de *Ariana Grande*. Deixo todo meu medo fluir para o fundo da minha mente, e permito que Lucas toque minha cintura, me sentindo invencível.

Nada a provar e sou à prova de balas e

Sei o que estou fazendo

O jeito como nos movemos, estamos sendo introduzidos

A algo novo

Eu quero provar, guardar pra mais tarde

O gosto do sabor, pois eu sou pegadora

Eu sou uma doadora, é minha natureza

Eu vivo pelo perigo

Suas mãos passeiam pelo meu corpo, e eu não sinto nada. Só o que eu sinto é o desejo de que Guilherme dance comigo como está dançando com aquela garota. Ele parece tão íntimo dela. Lucas me pega olhando para Guilherme, e olha para a morena, com desejo estampado no rosto. Ele me puxa até nos aproximarmos de Guilherme e da morena e Lucas a pega para dançar me deixando sozinha com Guilherme. Começo a suar, não sei o que fazer. Ainda bem que ele parece sentir o mesmo que eu, pois nesse momento estamos nos olhando, no meio da pista. Alguém esbarra em mim e me tira do transe, olho para Guilherme uma última vez e me viro para ir pegar uma bebida.

Sinto as mãos de Guilherme me puxando para ele, e, quando faz isso, sussurra no meu ouvido.

— Você não vai escapar de mim agora Gabriela, nós vamos dançar juntos. Desejei fazer isso desde o momento em que Lucas pôs as mãos em você — diz e começamos a nos mover ao som da música.

Suas mãos estão passeando pelo meu corpo, e diferente do Lucas; dessa vez eu sinto algo, estou incendiando. Meu corpo corresponde a cada gesto dele, como se ele soubesse exatamente o que fazer. Aproximo meu corpo do dele, e sinto sua ereção em minha barriga, ele me dá um sorrisinho sacana, e não sente vergonha. Por mais estranho que possa parecer, eu não sinto medo e sim desejo. Ele aproxima sua boca do meu ouvido ainda agarrado a mim.

— Eu adoraria beijar essa boca gostosa agora Gabriela, veja o que faz comigo, estou duro por você — Ele passa a língua pela minha orelha descendo até a curva do meu pescoço, sinto um arrepio percorrer o meu corpo, e estou

incendiando ainda mais. Tomo coragem e colo as mãos em seu pescoço o puxando para mim. Quando penso que ele vai me beijar ele diz:

— Preciso me afastar gata, Lucas está vindo aí, não seria nada bonito se ele visse como estou por você — diz e se afasta. Guilherme parece tranquilo enquanto eu estou como se um furacão tivesse passado por cima de mim. Minha respiração está acelerada e, se Lucas nota, não diz nada. Ele se aproxima de Guilherme e diz algo em seu ouvido, vejo o maxilar de Guilherme se enrijecer, e ele se afasta de nós furioso, indo em direção à morena. Os vejo saindo abraçados.

Como ele pode fazer isso comigo? E agora vai embora com outra?

Capítulo 9

Gabriela

Nem preciso dizer que após Guilherme ter ido embora, a festa foi por água abaixo, pelo menos para mim. Lucas parecia tão desconcertado quanto eu. Na verdade, ele parecia furioso, sinceramente não sei bem o que aconteceu. Em um momento, eu estava com o Lucas e depois ele estava com a morena que veio com Guilherme. Mas ela havia ido embora com Guilherme, isso está uma confusão só. Não conheci o tal Rafael, ele devia estar ocupado demais para aproveitar a própria festa.

Quem em sã consciência faz uma festa num domingo? Ou melhor, quem em sã consciência vai a uma festa em pleno domingo? Eu, é claro, não bebi como sempre, mas sinto como se um caminhão tivesse passado por cima de mim. Me revirei a noite inteira lembrando da minha dança com Guilherme. Num momento eu estava feliz, mas em outro momento furiosa, lembrando das mãos dele sobre a cintura perfeita da morena.

São cinco horas da manhã e não consigo pregar os olhos, só tenho aula às oito horas, até lá são três horas pela frente. Decido tomar mais um remédio para tentar descansar um pouco.

Acordo sobressaltada e me dou conta de que horas são. Tomar o remédio não me ajudou muito, na verdade me atrapalhou mais do que ajudou - eu voltei a me deitar e quando acordei faltavam apenas vinte minutos para as oito, com certeza chegarei atrasada na primeira aula.

Escovo rapidamente os dentes, passo as mãos pelos cabelos e pego qualquer roupa no armário. Odeio sair sem café, por isso agradeço aos céus por ter um refeitório no prédio. Sinto como se não dormisse há anos, mas não

posso perder o primeiro dia de aula. O refeitório ainda tem bastante gente quando passo por ele, droga! Essa fila só vai me fazer chegar mais atrasada. Quando consigo pôr as mãos no meu café já são oito e meia, corro como uma louca. Minha sorte é que eu havia pego a grade com horários e as salas uma semana antes do início das aulas, caso contrário eu estaria ferrada.

Acabo esbarrando com alguém, quando levanto meus olhos da macha escura da minha camisa que acabou se formando quando esbarramos, estou furiosa. Fico mais furiosa ainda quando vejo aqueles olhos verdes.

Só pode ser brincadeira, é a menina da festa. Toda linda como se nada pudesse abalá-la, sua pele está quase desprovida de maquiagem, ela é linda naturalmente isso me traz lembranças indesejadas da última noite, com Guilherme com as mãos na cintura dela. Não sei qual é o meu problema, por que sinto tanta raiva dessa menina que nem conheço? Guilherme está me levando à loucura!

— Me desculpa, eu não te vi correndo — ela realmente parece arrependida.

— Vê se olha para onde anda — digo irritada.

— Desculpa, acordei atrasada, meu irmão já tinha saído e eu não tinha com quem vir, peguei um ônibus, que parou em todos os pontos e acabei me atrasando. Estava tentando buscar meus horários, e não te vi parada aí, desculpa! O que posso fazer para me redimir? — ela diz rápido demais e gentil demais, para o meu gosto, quero ficar com mais raiva ainda dela, mas simplesmente não tenho motivo, apenas aceno com a mão e digo:

— Está bem, só presta mais atenção por onde anda.

— Me desculpa, sem querer abusar, você sabe onde consigo pegar meus horários, por favor? Parece que tudo mudou de lugar e eu não consigo saber para onde devo ir — pergunta parecendo realmente desesperada.

— É o segundo prédio à direita, na sala dois — ela sorri agradecida — Quem deixa os horários para pegar no primeiro dia de aula? — digo baixinho, mas ela acaba escutando.

— Bem obviamente eu, mas obrigada mesmo assim, e desculpa mais uma vez — ela se vira em direção ao prédio em busca dos seus horários. Bufo, irritada. Além de chegar atrasada no primeiro dia, tenho que enfrentar o primeiro horário inteiro com a camisa completamente molhada e manchada de café.

Subo cinco lances de escadas, porque o elevador estava lotado. Chego na porta da sala completamente suada e ofegante, abro a porta e me assusto com a quantidade de alunos ali dentro. Devem ter mais de cem alunos aqui, a sala parece um auditório. Obviamente, só me restam os piores lugares - os de trás, onde ficam os alunos que mal ligam para as aulas.

Subo os degraus até chegar à penúltima fileira, só restam duas cadeiras na sala inteira, uma ao lado direito e uma ao lado esquerdo. Do lado direito está uma menina com os cabelos pintados de rosa e mascando um chiclete incansavelmente. Do lado esquerdo, está um garoto com os cabelos quase raspados e com músculos cobertos por tatuagens. Ele é lindo, mas tem uma cara um tanto fechada, sua mandíbula está cerrada e ele parece estar completamente entediado com a aula de cálculo um. Resolvo me sentar na carteira ao lado dele, começo a observar a sala e percebo que realmente Guilherme e Lucas estavam certos: essa sala está lotada de homens, posso até contar no dedo a quantidade de meninas por aqui.

Sou interrompida por uma voz grave.

— Por mais que eu admire a visão de uma bela garota nessa sala, o que você pode constatar que são poucas, por que raios você está fedendo a café? — pergunta com um leve sorriso nos lábios, percebo que talvez ele não seja tão carrancudo assim, provavelmente tem essa aparência para assustar

algumas pessoas.

— Longa história — digo sem muita vontade de lhe contar o que aconteceu.

— Adoraria ouvir essa história, essa aula é um saco.

— Se essa aula é um tédio total por que você está nela? Temos a opção de escolher sabia? — pergunto a ele porque realmente não entendo por que ele está nessa classe se nem gosta da matéria.

— Preciso dela para me formar, é meu terceiro ano, mas já repeti em cálculo um duas vezes.

— Duas vezes? É tão difícil assim? — pergunto assustada. Não sei se ele reprovou porque não liga para a aula, ou se realmente passar em cálculo é realmente difícil.

— Acredite em mim se quiser. Escolhi arquitetura para não ter que lidar com tantos cálculos, mas na nossa grade exige pelo menos um cálculo — Acho que eu estava certa, ele provavelmente reprovou porque não liga para a aula.

— Bom, nem tudo na vida é como a gente quer, se você se dedicar um pouco mais, talvez esse semestre você passe. Agora, por favor, me deixa prestar atenção na aula.

Ele ignora meu pedido.

— Quer tomar um café depois da aula? Tenho certeza que você não tomou o seu, já que a sua blusa parece ter bebido tudo — diz gargalhando um pouco alto demais, atraindo olhares furiosos de algumas pessoas que querem prestar atenção na aula.

— Está bem — Decido aceitar, para que ele me deixe em paz.

— Beleza — diz finalmente me deixando prestar atenção na aula.

O professor está falando sobre a importância do cálculo, e como serão

as avaliações nesse semestre.

— Bom, devido à quantidade de alunos, nossa primeira avaliação será em dupla — muitos alunos comemoram, e ele levanta a mão pedindo silêncio — Mas não pensem que será fácil, cada um já pode escolher o seu parceiro e sentem-se juntos até o fim da primeira avaliação. Vocês farão tudo juntos, desde avaliação a trabalhos. Não será moleza, muito pelo contrário, quero a dedicação de cada um, e não quero apenas um parceiro trabalhando duro. A nota final depende da cooperação e da dedicação de cada um — Ele termina de falar, e me arrependo ainda mais por ter chegado tão atrasada, todos os alunos dedicados estão na frente, e a maioria já tem uma dupla. Olho para as duas pessoas que estão ao meu lado, a menina de cabelo rosa continua mascando seu chiclete como se nada demais tivesse acontecendo. E finalmente olho para o bonitão do meu lado, vejo um sorrisinho nos seus lábios.

— Parceiros? — ele me pergunta, balanço a cabeça afirmando. Sei que irei me arrepender, mas que escolha eu tenho? É ele ou a menina de cabelos rosa. Ele já repetiu duas vezes, pelo menos deve saber algo sobre a matéria.

— Obrigado Deus! Esse semestre eu passo em cálculo! Finalmente! — Assim que o ouço dizendo isso olho para ele com os olhos cerrados.

— Não pense que será fácil, quero ver você trabalhando duro.

— De dureza eu entendo perfeitamente gata. Agora, de cálculo, nem tanto — diz como se não tivesse acabado de falar sobre seu pênis. Abro a boca para falar algo, mas simplesmente não consigo, começo a rir. Sei que deveria estar preocupada, mas tenho a impressão de que mesmo que ele e eu reprovemos em cálculo, pelo menos daremos boas risadas.

— Vamos tomar aquele café, estou morrendo de fome.

— Hum... A gata tem apetite, vamos — diz levantando-se, e percebo que nem mochila ele trouxe para a aula. Sinto que terei um trabalho enorme para colocar esse monte de músculo para estudar.

— Aliás, como você se chama? — pergunto a ele. Até aquele momento, não havíamos nos apresentado.

— Rafael.

— Gabriela — digo já com a mochila nas costas me virando para descer os degraus, e ele vem logo atrás de mim.

Seguimos pelos corredores lotados de alunos que acabaram de sair das salas, eu e Rafael descemos as escadas para sair do bloco. Quando chegamos do lado de fora, ele encosta a mão nas minhas costas e me assusto com a proximidade, mas ele não parece notar.

— Vem, vou te levar a uma lanchonete que tem o melhor bolo de chocolate do mundo, quase ninguém da faculdade vai lá apenas eu e meus amigos que, por sinal, já devem estar lá.

Andamos por pelo menos cinco minutos antes de entrar na tal lanchonete. Todas as mesas e cadeiras são vermelhas combinando com a pintura do lado de fora, o piso branco dá um contraste ainda maior nas mesas. Olho para a bancada e vejo vários tipos de bolos e doces. Passo tanto tempo observando o ambiente que não percebi que Rafael estava já em uma mesa com seus dois amigos, quando vejo quem são seus dois amigos, meu coração dá um salto.

— Gabriela — Guilherme e Lucas dizem juntos.

— Vocês se conhecem? — Rafael pergunta parecendo bem surpreso.

Deus! Como vou conseguir me livrar de Guilherme assim? Ele parece estar em todos os lugares, isso só pode ser carma!

Capítulo 10

Guilherme

Sempre que tínhamos um intervalo grande entre as aulas, íamos até a lanchonete da Vó Alzira que é relativamente perto do campus e onde eram vendidos os melhores bolos. Eu e Lucas chegamos primeiro e nos sentamos em uma das mesas vermelhas para quatro pessoas, agora estávamos esperando Rafael, geralmente ele é o primeiro a chegar, mas já fazia alguns minutos que estávamos esperando ele aparecer.

Lucas e eu pedimos apenas um café enquanto ele não vinha, e ficamos conversamos a respeito da festa de ontem e o que aconteceu para que eu e Júlia fossemos embora mais cedo.

— Eu ainda não acredito que aquele babaca teve coragem de aparecer na festa do Rafa ontem — Lucas diz ainda irritado com a situação da noite anterior. O ex-namorado de Júlia havia aparecido na festa sem ser convidado, quebrando a ordem de restrição.

— Nem eu — Quando eu o vi ontem à noite, tive que me segurar para não quebrar a cara dele! Ele estava ainda mais magro do que me lembro, estava com uma aparência acabada e cansada, parecia que não tomava banho há dias. Vê-lo solto me enfurecia ainda mais. Júlia só ao vê-lo ficou petrificada. Lucas, que estava com ela, logo veio me chamar para que eu a levasse para casa.

— Você falou com o delegado que cuidou do caso? — Lucas me pergunta.

— Eu liguei para ele ontem à noite mesmo, mas como ele não havia tentando nada com Júlia, ele disse que poderia não dar em nada.

— Que segurança de merda nós temos! — diz irritado.

Somos interrompidos quando Rafael entra na lanchonete acompanhado de Gabriela.

Não acredito que ela esteja aqui. Primeiro Lucas e depois Rafael?! Ela parece uma sereia - uma linda sereia - que está encantando a todos os meus amigos, inclusive a mim. Agora ela está aqui, de pé na minha frente, com meu melhor amigo. Se ela não estivesse tão surpresa, poderia jurar que fez isso de propósito. Ela parece estar um tanto desconfortável com a situação, afinal todos nós estamos encarando ela.

Pela primeira vez na vida eu vejo Rafael puxar uma cadeira para uma mulher! Eu e Lucas, como se estivéssemos sintonizados, nos encaramos e com certeza pensamos a mesma coisa: Rafael quer algo de Gabriela! Ou melhor, ele quer entrar em sua calcinha. Sinto meu peito se comprimir com esse pensamento.

Gabriela se senta na nossa mesa e continua visivelmente constrangida. Lucas é o primeiro a falar.

— E aí? — Rafael nos cumprimenta.

— Gabriela — sou o primeiro a cumprimentá-la.

— Guilherme, Lucas.

Rafael parece bem confuso no início, mas logo explicamos a ele como a conhecemos.

— E vocês? Como se conhecerem? — pergunto a ele.

— Cara você não vai acreditar, esse anjo estava na minha classe de cálculo um! Ela será minha dupla na prova, finalmente irei passar em cálculo! — ele sorri e percebo as segundas intenções por trás da gentileza.

— Eu já disse que você também vai estudar Rafael, não vou fazer tudo sozinha.

— Que isso anjo, posso te pagar muito bem, da forma que você quiser!
— Gabriela abre a boca e a fecha pelo menos três vezes procurando algo para falar, mas desiste. Meu desconforto só cresce a cada segundo, só pode ser brincadeira. Rafael não pode estar afim dela.

— Rafael — eu e Lucas o repreendemos. Gabriela não é como as outras garotas, mas ele ainda não se deu conta disso.

— Rafael, deixa Gabriela em paz, cara já é a segunda vez que você fica pendurado em cálculo, se você se interessasse, já teria passado, eu mesmo já me ofereci para te ajudar — digo tentando ajudar Gabriela.

— Cálculo é inútil cara! Como se não bastasse isso, ainda temos cálculo estrutural! Que porra é essa? Na boa, estou começando a me arrepender de ter escolhido arquitetura! — Eu já me ofereci muitas vezes para ajudá-lo, mas ele nunca se interessou, e agora menos ainda, já que tem Gabriela para ajudá-lo sem muito esforço.

— Cálculo não é inútil, sabia que vocês arquitetos também precisam do cálculo estrutural? Vocês podem projetar até três andares de casa sem a nossa ajuda.

— Cara, acertei na escolha: além de linda esse anjo é inteligente! — Gabriela fica vermelha, nitidamente incomodada com toda a situação.

— Gabriela não liga não, pode deixar que vamos tentar colocar algum juízo na cabeça desse cara — Lucas finalmente diz algo e dá um tapa de leve na cabeça do Rafael, que olha para ele irritado.

Rafael começa a falar sobre a festa de ontem e das garotas que estavam com ele, fazendo comentários inapropriados perto de Gabriela.

— Você é o Rafael que deu a festa ontem? — Gabriela pergunta a ele.

— Sim — responde.

— Não me lembro de ter te visto lá.

— Eu estava meio ocupado — diz coçando a cabeça e sorrindo, se referindo às duas garotas sobre as quais ele estava falando poucos minutos antes. Rafael entrou em seu quarto com duas meninas e não saiu de lá até a metade da festa, e o resto ele disse que não se lembra, estava chapado demais.

— Todos vocês estão no mesmo ano na faculdade? — Gabriela nos pergunta.

— Sim, estamos no terceiro ano. Nós entramos juntos, eu aguento esses caras desde o ensino médio — digo a ela. Todos nós morávamos no mesmo prédio, Lucas e eu nos conhecemos desde criança, mas só conheci Rafael anos depois, quando ele se mudou para o apartamento da sua avó.

— E você, Gabriela, de onde vem? — Rafael pergunta.

— São Bernardo do Campo — eu e Gabriela dizemos, ao mesmo tempo.

Gabriela dá um sorrisinho, mas percebo que ela não quer falar muito sobre isso, pelo modo pelo qual se mexe, demonstrando estar desconfortável.

— Então vamos correr hoje? — pergunto tentando mudar de assunto. Geralmente corremos toda sexta. Hoje não é dia de correr, mas estou precisando. Se o que dizem sobre esvaziar a mente de problemas for verdade, então preciso de uma maratona!

— Tenho um compromisso, para mim não vai rolar — Lucas diz.

— Eu vou. Vamos Gabriela? — Rafael pergunta a ela e, como num passe de mágica, fico completamente nervoso e excitado com a ideia de Gabriela correr conosco. E com raiva porque Rafael não para de dar em cima dela.

— Não sei se vai dar, tenho algumas coisas para resolver — Algo me diz que é mentira, ela está me evitando com certeza, percebo isso, porque ela tem evitado me olhar.

— Ah vamos anjo, vai ser divertido, nós corremos em Copacabana, você vai adorar — Rafael insiste. Não sei se estou preparado para ver Gabriela com roupas de ginástica, que droga! Só de pensar nela com roupas de ginástica, meu pau fica duro, me remexo na cadeira desconfortavelmente, tentando esconder minha ereção.

— Tudo bem, eu vou. Me pega no meu alojamento? — pergunta agora se direcionando a Rafael, obviamente tentando evitar que eu ofereça carona.

— Certo passo lá às cinco.

— Bom dia, já querem fazer o pedido? — a garçonete nos pergunta, como sempre que viemos aqui, ela não disfarça o olhar de desejo para nós três. Ela anota algo no papel e me entrega, abro e vejo que é o seu número. Dou uma piscadinha para ela, que sorri.

— Eu vou querer um bolo de cenoura, com bastante calda de chocolate, mas para viagem, por favor — Não sei o que vem acontecendo com Lucas ultimamente, ele tem andado estranho... Mal fica conosco, está sempre com pressa para estar em algum lugar que nunca menciona.

— Já vai Lucas?

— Sim, tenho algumas coisas importantes para fazer agora — Lucas é bem reservado, mas ultimamente parece estar escondendo algo. Há algo errado com ele, notei isso. Mais tarde, quando estivermos sozinhos, vou perguntar a ele o que está acontecendo.

— Eu quero um bolo de chocolate com nozes.

— Acho que vou querer o mesmo que ele — Gabriela diz apontando para mim, mordendo os lábios. A visão dela mordendo os lábios traz à minha boca o sabor dos seus lábios. Está cada vez mais difícil não perder a compostura perto dela.

— Eu quero um sonho de valsa para viagem também, por favor —

Rafael diz olhando para o relógio, como se tivesse algum compromisso. É sempre assim, do nada ele olha para o relógio e decide que está na hora de ir, e como sempre que o perguntamos o que ele irá fazer, ele muda de assunto. Então, simplesmente desistimos de tentar entendê-lo, e já nem perguntamos mais.

A garçonete se vira e vai buscar os nossos pedidos.

— Ah acho que vou pedir para viagem também — Gabriela diz.

— Pode ficar Gabriela, eu não mordo — digo a ela, e os meninos riem do seu constrangimento.

Ela não tem tempo de dizer mais nada, pois rapidamente a garçonete deixa nossos pedidos na mesa. Lucas e Rafael se levantam para pagar e ir embora.

— Tchau anjo, nos vemos mais tarde — ele diz e dá um beijo na bochecha de Gabriela.

Gabriela e eu vemos os dois saírem da lanchonete. Ela mexe na barra da sua camisa parecendo meio desconfortável.

— Como foi a sua primeira aula?

— Tirando a parte que eu acordei atrasada, tomei um banho de café, e o destino pôs Rafael como minha dupla, está sendo ótimo — diz ela ironicamente.

— Você tomou um banho de café? Esse é o motivo da blusa estar assim?

Ela olha para sua blusa e parece finalmente notar que ela completamente manchada.

— Droga, acabei me esquecendo que ela estava assim. Preciso correr para trocá-la antes da próxima aula.

— Vamos, a minha aula é só depois do almoço, mas te acompanho até

lá — digo pegando a carteira para pagar nosso lanche.

— Você não precisa — nem a deixo terminar a frase.

— Não preciso, mas quero. Vamos — digo indo em direção ao caixa, pago a atendente muito bonita, com um cabelo curto preto e olhos verdes, e vou até Gabriela que estava ainda em pé perto da nossa mesa — Então, sobre aquele dia, no seu quarto — começo quando já estamos do lado de fora da lanchonete, caminhando pela calçada, mas ela não me deixa terminar.

— Vamos esquecer, não foi nada, eu só não estava bem — Pelo visto ela vai continuar fingindo que nada aconteceu.

— Não minta Gabriela, você queria tanto quanto eu. Você está enganando a si mesma, você me desejou, assim como eu também a desejei — Não é possível que ela não tenha sentindo a eletricidade que senti em meu corpo.

— Foi um momento de fraqueza, tá legal? Meu namorado tinha acabado de terminar comigo, eu estava triste, e acabei vendo alguém no mercado parecido com ele, foi isso — Percebo que tem algo a mais sobre isso, ela está muito nervosa e não olha nos meus olhos.

— Tudo bem, engane a si mesma se quiser — Me aproximo dela fazendo nossas mãos se roçarem, apenas para sentir a sua pele em contato com a minha — Mas eu não vou negar que te desejei aquele dia.

Somos interrompidos pela minha irmã que vem correndo na minha direção parecendo bem animada. Assim que ela se aproxima de nós me dá um abraço apertado.

— Gui, você não vai acreditar no que aconteceu hoje — Gabriela revira os olhos e se vira indo embora.

— Gabriela, espera! — Mas ela já está longe demais, viro-me para minha irmã que está com os olhos brilhando de alegria.

— Então, me conta qual o motivo de tanta felicidade?

Capítulo 11

Gabriela

É possível desejar bater mentalmente em uma pessoa que eu nem conheço? Só do caminho do campus até o alojamento, desejei quebrar a cara daquela morena mil vezes. Como Guilherme me dizia aquelas coisas e logo depois ficava com ela pendurada nele? E depois pisca para a garçonete quando ela dá o seu número?

Guilherme parece ser bem seletivo, parece gostar de morenas, e elas literalmente caem matando em cima dele - isso é tão irritante!

Ela o beijou e o abraçou como se fossem íntimos, ele disse que não namora, mas por que sempre que o vejo ultimamente ele está com ela?

Ela ainda derrubou café em mim! Todas as vezes que eu a vejo, ela está com aquele sorriso no rosto. Óbvio! Guilherme é tão lindo, quem não ficaria feliz ao lado dele? *Por Deus Gabriela, desiste!* Grito mentalmente comigo mesma. Meu objetivo era me divertir, e é isso que eu vou fazer! Preciso tirar Guilherme da minha cabeça, custe o que custar.

Ouçó meu celular apitar e percebo que nem havia pegado nele direito. Vejo que recebi muitas mensagens e alguns e-mails, mas teve um que me chamou atenção. É um e-mail da faculdade, dizendo que agora terei uma colega de quarto. Como se meu dia pudesse piorar ainda mais.

Decido ver minhas mensagens. Meu Deus! Como eu fui me esquecer de Milena? Minha amiga é exagerada, mas trezentas mensagens é coisa demais até para ela.

Não tenho muito tempo até a próxima aula, então envio uma mensagem avisando que estou viva, e que ligarei mais tarde para ela.



O dia passou voando: quando percebo, já são quatro horas da tarde. Estou morta de cansaço! Fico tentada a desmarcar a corrida, mas quando tomo coragem para fazer isso, percebo que não tenho o número de nenhum deles. Decido tomar um banho para relaxar, e reviro meu armário em busca das minhas roupas de ginástica - pego a calça preta, um top rosa e uma camiseta preta.

Só de pensar que terei que tirar tudo desse armário e colocar em apenas um, me deixa irritada. A única pessoa com quem eu já havia dividido o espaço foi Milena, mas ela é a minha melhor amiga. E agora tenho que dividir o meu espaço com alguém que eu nem conheço.

Espero que pelo menos seja alguém organizada - não que eu tenha TOC nem nada disso, mas odeio ver minhas coisas fora do lugar.

Faço um rabo de cavalo rápido, e percebo que demorei mais do que esperava embaixo do chuveiro. Quando termino de me arrumar, alguém bate na minha porta. Com certeza é Rafael. Pego todas as minhas coisas para não ter que deixá-lo entrar e ficar sozinha com ele no quarto, e quando eu abro a porta, me surpreendo ao encontrar Guilherme com short, camiseta e tênis de corridas, um perfume inebriante e aquele sorriso de tirar o fôlego.

— Gabriela — diz me olhando intensamente. Adoro a forma como ele diz meu nome com a sua voz rouca.

— Guilherme, o que você está fazendo aqui? — Pergunto a ele nervosa - eu estava esperando Rafael e não ele.

— Rafael teve que resolver alguns problemas, e não vai poder ir, seremos só eu e você — diz com um sorriso no rosto e percebo que ele está

gostando muito da situação — Vamos, já disse que eu não mordo, e já que você não me deixou te levar para sair, pelo menos posso te levar para correr.

— Por que você não chama a sua namorada? — pergunto a ele com a voz mais alterada do que eu gostaria. Droga!

— Namorada?

— É, aquela morena que estava com você — Ele começa a gargalhar e fecho a cara com raiva.

— O que é tão engraçado? — pergunto.

— Nada, vamos? Minha moto está lá embaixo — Ele veio de moto? Não acredito que vou ter que ficar com o corpo colado no dele sobre a sua moto novamente. Mesmo que eu não queira, isso faz todo meu corpo tremer de expectativa. Isso está ficando tão confuso, nunca deixei que alguém me tocasse, mas meu corpo parece desejar o toque de Guilherme.

Seguimos toda a viagem em silêncio e, diferente da última vez, tento manter as minhas mãos paradas. Eu nunca imaginei que fosse ter uma tara por abdomens, mas com Guilherme parece que a cada segundo vivo uma sensação diferente.

Chegamos até a praia e não posso deixar de admirar toda aquela beleza: as águas azuis, as pessoas passeando tranquilamente com seus cachorros, outras correndo pelo famoso calçadão de Copacabana, os prédios sofisticados com fachadas elegantes, tudo chama a minha atenção. Guilherme parece perceber que estou admirando e tentando conhecer o lugar, pois por um momento não diz absolutamente nada.

— É lindo, não é? Não me canso de vir aqui. Sinto como se pudesse deixar tudo de ruim para trás quando estou aqui correndo — diz com uma voz intensa, e vejo que por trás daqueles olhos verdes, esconde-se um passado assim como o meu.

— Espero sentir isso também — digo baixinho.

— Vamos nos alongar — ele me chama para acompanhá-lo. Estou bem atrás dele, quando tenho uma visão privilegiada das suas costas largas. Tudo nele grita sexo e masculinidade.

Nós nos alongamos por cinco minutos e começamos a correr.

— Você costuma correr quantos quilômetros?

— Dois — digo passando a sua frente.

A sensação de estar correndo na praia sentindo o vento bater em meu rosto é libertadora. Guilherme consegue me passar com facilidade e começamos uma disputa para ver quem corre mais rápido - é óbvio que eu perdi feio! Guilherme tem as pernas mais longas e consegue correr bem mais rápido. Corremos por pelo menos uma hora, parando apenas para beber água.

Quando paramos, estamos molhados de tanto suor. Olho para a água com muita vontade de entrar nela. Guilherme parece pensar o mesmo que eu, pois logo ele vem e me pega no colo, e me leva em direção ao mar. No minuto seguinte, estou gritando com ele e esperneando para ele que ele me coloque no chão. Mas assim que ele me coloca na água, imediatamente agradeço aos céus por ele ter feito isso! Sinto as águas sobre o meu corpo e fecho os olhos deixando me levar pela sensação que a temperatura gelada proporciona ao meu corpo após a corrida. Eu não sinto aquele medo que sempre me consumiu, e é isso que me assusta - o fato de que passei anos da minha vida me esquivando de qualquer toque e agora, com apenas algumas semanas, Guilherme além de conseguir me tocar, consegue me beijar, sem que sinta aquele terror me invadido.

Percebo que seus braços ainda estão ao redor da minha cintura e seus olhos estão sobre a minha boca, e vejo que ele está prestes a me beijar.

— Gabriela, vou te beijar agora — Sem qualquer desejo de pestanejar,

me deixo levar pelo beijo. Não consigo evitar, preciso saber por que meu corpo reage ao toque dele, não com medo, mas um desejo que chega a ser assustador. Fiquei anos tentando superar meu medo de ser tocada, e Guilherme consegue me fazer sentir o desejo de ser tocada apenas com um olhar. Me sinto protegida em seus braços, estranhamente agora que o estou beijando, sinto que o conheço de algum lugar. É como se meu corpo conhecesse o dele. Estou me rendendo a esse beijo, seu corpo está colado ao meu, seus braços estão no meu pescoço, ele me beija como se não tivesse pressa, mas eu tenho! De saber por que meu corpo reage assim, quero saber até aonde ele vai.

Guilherme interrompe o beijo e me olha com aqueles olhos penetrantes.

— Gabriela — ele desvia os olhos dos meus e olha ao redor, acompanho seu olhar e sinto meu rosto esquentar de tamanha vergonha. Eu me deixei levar pelo beijo, estava tão desesperada para sentir cada toque que não me dei conta, de que além de ter muita gente na praia, eu deveria estar fugindo dele e não me jogando nos seus braços.

— Isso... Foi um erro, não deveria ter acontecido — Onde eu estava com a cabeça? Por que ele está com esse sorriso no rosto?

— Você não parecia achar isso quando estava me beijando. Você queria isso tanto quanto eu. E eu sou irresistível, você sabe disso — ele diz e dá uma piscada.

— Como você é convencido! Com um ego desse tamanho, como você consegue correr tão bem? — Ele é impossível, não consigo ficar brava com ele muito tempo.

— Engraçadinha! Você ainda vai se render aos meus encantos, eu sei que vai.

— Só em sonhos Guilherme. Eu só queria saber o porquê de tanto reboliço. As meninas vivem olhando para você como olham para uma vitrine

de sapatos! Só queria saber o que elas viam em você, mas já descobri. Nada de novo, nada de diferente. Agora já sei, estou satisfeita e posso seguir em frente — minto.

— Nada demais? Sério? Sei o que posso provocar nas mulheres Gabriela, com você não é diferente, você ainda vai se render a mim — Sim ele sabe provocar as mulheres. Não que eu tenha com o que comparar, porque nunca beijei ninguém antes, mas estar aqui, sendo beijada por ele, é algo que não se esquece da noite para o dia. Com apenas um toque ele consegue me incendiar, e se eu me rendesse a ele, estaria assinando minha sentença de morte.

— Deixa de ser convencido Guilherme. Isso nunca vai acontecer — digo pausadamente numa tentativa de fazê-lo acreditar, mas quem eu quero enganar? Nem eu mesma acredito nisso!

— Está bem, vou fingir que acredito.

— Pode apostar, Guilherme — digo a ele saindo da água e indo para a areia.

Guilherme não me segue, ele segue nadando cada vez mais fundo. Me sento na areia sem me importar com o fato de que, quando eu levantar, estarei praticamente um bife à milanesa. Preciso tirar esse sentimento do meu peito, aqueles olhos, tão intensos. Como alguém que eu mal conheço me conhece melhor do que eu mesma?

Aqueles olhos me assustam. Se alguém descobrir o meu segredo, minha vida estará arruinada. Sempre me verão como a garota que foi estuprada pelo próprio pai, sentirão pena e nojo de mim. Por anos me afastei de todos que me olhavam assim. Sinto que Guilherme não vai deixar essa história de achar que me conhece de lado, basta pesquisar um pouco mais e toda minha vida estará arruinada. Não posso deixar ele tirar de mim essa chance de uma vida nova.

Meus olhos começam a se encher de lágrimas, e não percebo que

Guilherme já saiu da água e está vindo ao meu encontro. Ele tirou a camisa que estava grudando em seu corpo e a carrega em suas mãos. Tento afastar as lágrimas do meu rosto, mas não consigo, ele já viu. Ele se abaixa na minha frente, e coloca as mãos em meu rosto.

— Você está chorando — diz como se não fosse óbvio — Eu te magoei, desculpa Gabriela! Estava sendo um babaca mais uma vez, não estou acostumado com isso! Passei essa semana toda com você na cabeça, e quando finalmente consigo te beijar, você se afasta. Eu nunca precisei me esforçar para beijar nenhuma garota, mas você não é qualquer garota. Eu já deveria saber disso.

Ele passa as mãos na cabeça, frustrado, sem saber o que fazer. E depois da sua sinceridade, nem eu sei como agir: estou tão frustrada e confusa quanto ele.

— Estou quebrada Guilherme, satisfeito? Eu não sou como essas garotas, nunca serei, você não entende. Eu e você nunca vamos acontecer, coloca isso na sua cabeça. E pare de me beijar, eu não quero namorar.

— Não estou te pedindo em namoro, Gabriela, podemos só curtir isso.

— Não existe isso, Guilherme.

Ele abre a boca para dizer algo, mas parece desistir quando vê Rafael caminhando em nossa direção vestindo uma bermuda jeans rasgada - como sempre - camiseta e o tênis em uma de suas mãos.

— Gui, Gabriela — ele nos cumprimenta — Que caras são essas? Aconteceu alguma coisa?

— Não, não aconteceu nada Rafael — Guilherme lhe responde.

— Rafa, você veio de carro né? — pergunto a ele.

— Sim, por quê? — ele me pergunta.

— Você pode me levar para o alojamento? — peço.

— Mas já? Achei que poderíamos ir comer algo — ele parece desapontado.

— Só quero ir para casa, por favor — peço a ele desesperada para me afastar de Guilherme.

— Tudo bem vamos — diz estendendo a mão para me ajudar a levantar.

Rafael se despede de Guilherme, e eu me viro para ir embora sem me despedir. Preciso ir embora, preciso descobrir por que meu corpo reage assim, preciso saber que sentimento é esse que sufoca meu peito. Mas, acima de tudo, sei que tenho que tirar Guilherme da minha cabeça.

Capítulo 12

Guilherme

Que garota teimosa, reclamo mentalmente. É uma droga, nunca precisei me esforçar muito para ter a garota que quisesse, e, de repente, estou babando como um cachorrinho justamente pela única garota que vem me ignorando. Enquanto a tinha em meus braços, por um momento pensei “finalmente ela se rendeu aos meus encantos”. Mas Gabriela é teimosa como uma mula. Uma semana, esse é o tempo pelo qual, meu corpo parece estar explodindo de desejo pelo dela. Já fiquei com aquela morena quando eu e os meus amigos fomos ao bar e as gêmeas no dia do trote, mas isso não pareceu ser o suficiente. Talvez o único jeito seja ficar com ela pelo menos por uma noite.

Isso! Preciso fazer Gabriela render-se a mim, parece que tudo que eu venho tentando não tem dado certo, preciso tentar uma tática diferente.

Vou até a minha moto, para ligar para Rafael, preciso saber se ele deixou Gabriela bem em casa, mas que porra! Desisto do meu plano antes de executá-lo e largo o celular. Eu preciso parar de tentar protegê-la, mas é impossível. Não consigo não me preocupar com ela. Quando a vi chorar, e soube que fui o causador de suas lágrimas, fiquei despedaçado.

Gabriela esconde algo, que tenho que descobrir. Eu, Guilherme Ávila, terei Gabriela em meus braços, custe o que custar!

Como é possível eu a querer e ao mesmo tempo desejar protegê-la? Eu deveria tentar protegê-la de mim, mas não consigo. Eu preciso tê-la, apenas uma vez, e deixarei Gabriela em paz.

Sigo para casa sobre a minha moto, desejando que os braços de Gabriela estivessem ao redor da minha cintura me provocando mesmo sem querer.

Entro no meu apartamento silencioso e me assusto. Começo a procurar por Júlia e descubro que ela está em seu quarto dormindo. Beijo o topo da sua cabeça e ela resmunga algo, mas não acorda. Vou até a cozinha, abro a geladeira e pego uma cerveja. Me joto no sofá e ligo a televisão, mas não consigo prestar atenção. Meus pensamentos estão sempre voltando para um par de olhos azuis marejados.

Capítulo 13

Gabriela

— Vamos comer algo Gabriela, por favor — Rafael me pede pela terceira vez em menos de dois minutos. Fazendo a sua cara de cachorrinho abandonado. E não é que funciona?

— Está bem, vamos — digo finalmente cedendo, e minha barriga agradece pois ela já estava resmungando de fome.

— Sabia que você não ia resistir anjo, ninguém resiste ao meu charme.

Depois que Rafael apareceu na praia, tive que me recompor, para que ele não percebesse nada. Não gosto que me vejam chorar, eu odeio olhares de pena. Guilherme consegue me fazer sentir coisas que jamais imaginei sentir. Isso é excitante e perigoso, perigoso demais! Se ele descobrir a verdade sobre mim, ele vai me olhar com pena, ele vai saber o quão suja e quebrada eu sou.

— *Subway* ou *Buguer King*? — pergunta. É estranho, Rafael anda pelo campus esbanjando dinheiro, mas gosta de coisas comuns, como comer no em lanchonetes de *fast food*. Ele é atencioso e gentil. Talvez isso seja apenas comigo, para conseguir tirar boas notas e finalmente passar em cálculo.

— *Subway*.

— Você não é uma daquelas mulherezinhas que só comem salada e essas frescuras não, né?

— Não, na verdade estou com tanta fome que acho que vou comer um de trinta centímetros — Ele me olha com os olhos espantados.

— Isso eu quero pagar para ver — diz com os olhos semicerrados, como se não acreditasse no que eu estava falando.

— Pode pagar — Rafael não conhece meu lado competitivo.

— Vamos apostar então, que tal? Se você aguentar comer um de trinta centímetros, eu vou estudar o suficiente para nós dois passarmos. Se você não aguentar comer, vai me ajudar a estudar.

Rafael quer aprender e estudar? Achei que ele só quisesse passar na matéria. Se eu ganhar, ele faz todo o trabalho, se eu perder tenho que ajudá-lo a estudar. Isso significa ter que passar um tempo com ele - não que ele não seja legal nem nada. Aliás, ele é ótimo. Viu que tinha algo de errado comigo e, mesmo assim, não me perguntou nada. Apenas me deixou seguir em meus pensamentos até me perguntar se eu queria comer.

Mas a ideia de passar um tempo sozinha com uma pessoa que mal conheço, me deixa aterrorizada! Mas decido apostar, estou com tanta fome que tenho certeza que conseguirei comer um de trinta centímetros. Paramos com seu carro em frente ao *Subway* e entramos. O ambiente é padrão em todas as lanchonetes: cadeiras na cor verde e mesas de mármore. Eu e Rafael vamos até o balcão de atendimento e fazemos nossos pedidos a uma menina loira, que parece ter a minha idade e não desgruda os olhos do Rafael. Eu pedi um italiano e ele um de frango grelhado, cada um com trinta centímetros de sanduíche.

Sentamos em uma mesa para duas pessoas e começamos a comer nosso lanche. Rafael rapidamente consegue comer o seu de trinta centímetros, e eu só comi quinze centímetros do meu - droga! Ele já está com um sorrisinho triunfante nos lábios.

— Acho melhor você não tentar comer a outra metade, você já está com uma cara estranha, você está meio verde, está enjoada? — pergunta debochando de mim.

Estou realmente enjoada e não aguento engolir mais nenhuma mordida.

— Tudo bem, quer saber? Não consigo, realmente estou muito cheia. E um pouco enjoada... seria uma pena se eu vomitasse tudo no seu lindo carro —

pelo pouco que eu sei dos homens, sei que eles amam os carros como se fossem parte do seu próprio corpo. Ele tem um *Audi* novo, mas tão novo que eu nunca tinha visto o modelo. Não que eu fosse fascinada por carros, mas eu reparo nessas coisas.

— Você não se atreveria! Não no meu bebê — Não disse? Ele trata o carro como um bebê. Começo a rir involuntariamente.

— Seu bebê?

— Sim, meu bebê. Se você vomitar no meu carro, você será uma Gabriela morta. Não vamos sair da lanchonete até que você já esteja melhor.

— Eu posso ir a pé — digo.

— Poder você até pode, mas não vai aguentar, e pelo que posso imaginar, você não está com a sua carteira, pois sei que ninguém traz a carteira quando vai correr. Além do mais, você está sem celular, e você não está aqui há tempo o bastante para conseguir lembrar todo o caminho de volta — ele tem razão. Droga, tenho que aceitar de que realmente não posso ir andando. Não estamos tão longe da faculdade, mas eu nunca andei por aqui, é a primeira vez, sei que vou me perder, e ele também sabe disso — Então já que vamos passar um tempo na lanchonete, me conta, como foi a corrida?

— Foi bom — espero que ele não faça mais nenhuma pergunta, por que nesse momento me sinto mais enjoada que antes, sinto meu estômago revirar.

— Só bom? Você e Gui pareciam estar no meio de algo importante. O que está acontecendo entre vocês? — pergunta. Rafael é mais observador do que eu pensei.

— Nada — digo sabendo que ele não vai se dar por vencido.

— Ah, qual foi Gabriela? Sei que tinha algo acontecendo. Nunca vi Guilherme com aquela cara, a não ser quando um incidente aconteceu com sua irmã, mas hoje eu o vi com a mesma cara. Ele parecia perdido.

— Incidente com a irmã?

— Sim, droga, não era para eu ter dito isso. Deixa para lá, Gabriela. Quando ele quiser, ele vai te contar. Isso é assunto dele, mas acho que Guilherme gosta de você, o que é relativamente estranho porque em todos os anos que conheço Guilherme, nunca o vi se relacionar com ninguém. Não que você não seja bonita o suficiente para ele, longe disso, você é muito gata, mas ele prefere morenas. Eu fiquei observando vocês de longe, e ele tinha aquele olhar perdido — diz, como se não significasse nada. Sabia que Guilherme era do tipo que não namora, mas eu o vi com aquela morena e, sempre que eles estavam juntos ficavam trocando carícias. E ele não estava com um olhar perdido, ele poderia estar com raiva, mas não com um olhar perdido. Não sei o que ele quer de mim, e não quero saber, preciso me manter longe dele.

— Você está enganado, ele só estava com raiva, pois nunca vou ser como as outras garotas que vivem pulando em cima dele — digo me lembrando daquela morena e minha voz acabou saindo com mais raiva do que planejei.

— Ciúmes? Eu sabia que tinha algo acontecendo entre vocês.

— Você está se equivocando Rafael, já estou bem podemos ir embora?
— pergunto a ele tentando mudar de assunto.

— Podemos, mas ainda vamos voltar a esse assunto. Afinal, vamos passar muito tempo juntos, já que você vai me ensinar cálculo — diz com um sorrisinho que dá vontade de socar a cara dele só para desmanchar.

— Aonde eu fui me meter, meu Deus! — digo um pouco alto para que ele ouça que não estou tão feliz assim por passar um tempo com ele.

Não levamos muito tempo da lanchonete até o alojamento. Rafael foi gentil e muito atencioso comigo. O estranho é que ele tem aquela pose toda de *bad boy*, e tem a cara de quem diz “não mexe comigo”, mas isso é só fachada. Acho que todas aquelas tatuagens e músculos são para intimidar.

Chegamos ao alojamento e vejo alguns olhares sobre mim e Rafael. Ele se despede de mim com um beijo na bochecha e, num reflexo acabo me assustando, mas ele consegue me beijar mesmo assim e vai embora cantando pneus.

Vou em direção ao meu quarto, entro e logo pego meu notebook. Preciso olhar meus e-mails, vejo que tem mais de vinte mensagens na minha caixa principal, e uma delas me chama atenção. É um e-mail da minha psicóloga de São Paulo. Eu havia me esquecido completamente dela. No e-mail que ela me enviou tem apenas o contato de uma das psicólogas do Rio de Janeiro que minha mãe insistiu que a doutora me passasse, para que eu continue com as sessões, como se isso fosse adiantar de alguma coisa. Fecho o *notebook* irritada e vou em direção ao banheiro; entro no box, abro o chuveiro e deixo a água fria tirar o sal do meu corpo. Fecho os olhos e instantaneamente meu pensamento voa para o momento em que senti os lábios de Guilherme nos meus. Foi mágico, e foi errado! Não consigo me afastar dele, é como se ele fosse um ímã e estivesse me atraindo para ele, e eu vou sem conseguir evitar.

Capítulo 14

Gabriela

Hoje faz uma semana desde que recebi a notícia de que terei uma colega de quarto, meu humor hoje não está um dos melhores, passei a semana inteira tentando evitar Guilherme - toda vez que ele entrava no refeitório eu dava um jeito de fugir dali. Apesar que, fugir dele não era tão difícil, afinal ele não morava no campus, pelo menos foi o que Rafael me disse.

Rafael e eu estamos em uma amizade estranha e eu gosto disso. Desde o dia em que lanchamos juntos depois da praia, ele não me perguntou nada mais sobre aquele fatídico dia em que me viu chorado. Minha mãe não me ligou, como já era esperado, conversei poucas vezes com Milena - sua mãe parece estar piorando a cada dia e isso tomou maior parte do tempo dela. Me sinto triste, pois considero Nina como minha própria mãe, ela me acolheu em sua casa, cuidou de mim enquanto minha mãe me ignorava. No próximo feriado, irei até São Paulo visitá-las. Preciso vê-las, sei que Milena precisa de mim, mesmo que não admita. E estou com muitas saudades das duas.

Olho para meu quarto com uma angústia, pois sei que a partir de hoje não será mais apenas meu. Todas as minhas coisas já estão espremidas em meu armário minúsculo, meus livros ainda estão nas caixas empilhadas em um canto ao lado da cama. Ainda não tive tempo para comprar móveis, minha semana tem sido bem intensa. Uma confusão só de trabalhos gigantescos e aulas - acho que ter escolhido puxar as matérias de cálculo e física no mesmo semestre não foi muito inteligente da minha parte. Mas como queria passar a maior parte do tempo ocupada, não me importei com isso. Agora sinto a exaustão tomando conta de mim.

Ouçõ uma batida na porta e vou atendê-la sem muita vontade. Quando eu abro a porta, me deparo com a morena de Guilherme. Sinto meu rosto esquentar de raiva.

— Acho que você bateu na porta errada querida — digo, sem dar tempo para que ela possa responder.

— Eu acho que é aqui sim, aqui diz quarto mil e um, e isso quer dizer que você é a minha nova colega de quarto — diz, parecendo bem contente. Minha vontade é tirar aquele sorrisinho da cara dela.

— Você é a minha nova colega de quarto? — pergunto como se isso pudesse mudar o fato que a minha nova colega de quarto é amiga/namorada/peguete do Guilherme.

— Sim, não é o máximo? Agora tenho uma nova colega de quarto! — Não consigo entender sua animação; Será que se ela soubesse que seu namorado me beijou estaria tão feliz assim?

— Bom, pelo que parece sim, agora vamos dividir o quarto. Espero que seja organizada e limpa, não quero que mexa nas minhas coisas, e nem traga seu namorado aqui para o quarto — ela me olha e vejo seu sorriso morrer e seu rosto sendo tomado por confusão, mas somos interrompidos quando Guilherme aparece na porta carregando suas malas com um lindo sorriso no rosto, como se nada pudesse piorar ainda mais o meu dia.

— Falando no diabo — resmungo.

— Gui, pode deixar as malas ali no canto, vem conhecer minha colega de quarto — Ela me apresenta. Por que ela tem que ser tão simpática? Isso faz minha missão de odiá-la ruir — Que grosseria a minha, nem perguntei seu nome, como você se chama?

— Gabriela — digo a ela sem olhar para Guilherme.

— Gabriela, eu sou Júlia, e esse é o meu irmão Guilherme. Ele é um

pé no saco, mas não liga não — “Irmão”. Essa palavra ecoa na minha mente. Minha obsessão por Guilherme está tão fora do normal que consegui não perceber as sutis semelhanças: os olhos verdes, a forma como as covinhas aparecem conforme eles sorriem. Eu estava tão cega que não notei nada disso!

— Gabriela — ela me chama

— Oi.

— Que história é essa de namorado? — ela me pergunta. Droga! Como vou explicar a ela que eu achei que o irmão dela fosse seu namorado, obviamente me achariam louca.

— Namorado? Você está namorando Júlia? — Guilherme pergunta. Que idiota, ele sabia que havia achado que eles eram namorados, por isso ele ficou rindo da minha cara. Fiz papel de boba na frente dele, e ele parece estar adorando tudo isso.

— Eu não. Eu nem a conhecia até hoje.

— Acho que ela pensou que nós dois fôssemos namorados — Guilherme diz isso com um sorrisinho besta no rosto. Ele está ao lado da sua irmã com uma bermuda jeans preta e uma camiseta branca deixando à mostra seus braços musculosos. Fico lembrando dele sem camisa, e balanço a cabeça tentando tirar aquela visão da minha mente.

— Namorados? Eu e você? Eca que nojo — diz com uma expressão horrorizada.

— Eu, é... não achei nada... nem sei por que disse isso — digo tentando inutilmente não gaguejar.

— Sei. Júlia, por que você não vai lá embaixo pegar a última mala do carro, quero conversar com Gabriela e saber se ela é boa influência para você.

— Vou lá buscar, mas não encha o saco da Gabriela viu? Ela é a minha

mais nova amiga, não espante ela também. E nem tente seduzi-la! Estou de olho em você, Guilherme — diz gritando e apontando para os seus olhos enquanto sai em direção à porta.

Droga, só agora percebi que ficarei sozinha com Guilherme enquanto Júlia vai buscar o restante das coisas. Não tenho nada para fazer nas últimas horas, mas preciso sair desse quarto. Pego meu celular e minha carteira, mas Guilherme me interrompe.

— Você não pensou que se livraria de mim tão fácil, pensou? Acha que não notei você fugindo do refeitório todos os dias? Você não é tão sutil quanto pensa — diz aproximando de mim. Estamos frente a frente, ele está me olhando com aqueles olhos intensos de desejo. Minha respiração está acelerada, e meu coração bobo e idiota está batendo rapidamente em meu peito.

— Você me deseja tanto quanto eu te desejo — diz bem próximo do meu ouvido, e quando eu tento me afastar para lhe dar uma resposta malcriada, ele lambe meu pescoço e mordisca minha orelha. Todo pensamento de me afastar evapora quando sua língua encontra minha pele. Estou completamente entregue, ansiando para ser beijada, e sentir os arrepios que apenas ele consegue despertar em mim. Mas, rapidamente, Guilherme se afasta, sem nunca desviar os olhos dos meus — Você me deseja, olhe seus olhos, sua pupila está dilatada, sua respiração ofegante, você me deseja Gabriela, admita isso para si mesma, pare de negar.

— Eu... — ele põe a mão na minha boca e não me deixa falar.

— Não diga nada, poupe a si mesma de suas mentiras — ele é tão convencido. Estou tentada a lhe dar um soco, mas somos interrompidos quando Júlia aparece com sua mala na mão no quarto.

— Guilherme seu idiota, se afasta da Gabriela agora! VOCÊ NÃO VAI SEDUZIR MINHA COLEGA DE QUARTO — diz praticamente gritando a

última frase. Gostei da Júlia, ela será minha barreira contra Guilherme.

— Júlia, fica na sua, não estava fazendo nada, apenas conhecendo sua colega de quarto — diz para ela.

— Sei, já que você já a conheceu pode ir embora — Júlia lhe responde.

— Está bem, ligue para mim se precisar, coma direito e não mate aula! Estarei sempre por perto. Se eu não estiver, sabe onde fica o quarto do Lucas — ele diz a ela e percebo o quanto ele é protetor. Até que é bonito um homem daquele tamanho dando instruções à sua irmã, que deve ter quase a mesma idade que ele.

— Está bem papai — diz debochando dele.

— É sério. Vou nessa — ele se aproxima da irmã e lhe dá um beijo na testa. Quando menos percebo, ele está se aproximando de mim. Seus lábios se aproximam da minha bochecha e ele sussurra apenas para que eu possa ouvi-lo — Você não vai mais fugir de mim Gabriela, espero que saiba disso — se afasta na maior tranquilidade enquanto sua irmã grita com ele para que ele me deixe em paz. Mas não presto muita atenção. Como ele pode ser tão gentil e protetor e ao mesmo tempo um cafajeste? Custa ele me deixar em paz? Custa meu corpo idiota não se render a ele? Fugir de Guilherme está parecendo uma missão impossível.

Capítulo 15

Guilherme

Ver o espanto no rosto de Gabriela ao achar que Júlia era minha “namorada” e estava se mudando para o quarto dela, fez valer a pena toda correria para conseguir um alojamento para minha irmã.

Minha irmã ficou seis meses morando comigo; apesar de não ter muita privacidade com ela em casa, eu me sentia melhor em tê-la por perto e saber que estava bem e protegida. Nesses meses, fiquei mais próximo da minha irmã do que jamais tive a minha vida inteira. Acabei me acostumando com suas coisas espalhadas pelo apartamento e com compartilhar as refeições com ela.

Bom, talvez isso não seja problema se eu aparecer com o jantar no alojamento dela, e de quebra vir o lindo rostinho de Gabriela irritado por me ter ali de novo.

Nunca precisei me esforçar muito para conquistar uma garota, esse joguinho está se tornando cada dia mais divertido.

Vou para o alojamento do Lucas que fica logo no andar abaixo do de Gabriela. Bato na porta duas vezes. Antes eu até entrava sem bater, ele sempre deixa a porta aberta quando está em casa, mas certa vez eu o peguei em uma cena um tanto comprometedor com uma garota, e desde então passei a bater. Após alguns segundos, Lucas abre a porta e me deixa entrar.

Entro em seu quarto e vejo que seu colega de quarto não está. Seu amigo é *nerd* caladão, e mal fala com a gente. Lucas já se acostumou com ele, mas acho que eu nunca irei me acostumar - o cara parece ter TOC, sua cama está sempre impecavelmente arrumada, seus livros nas prateleiras por ordem alfabética, tudo do lado dele no quarto está perfeitamente arrumado, não tem

absolutamente nada fora do lugar.

— Seu colega de quarto me assusta. Não me surpreenderia se um dia descobríssemos que ele é um psicopata — digo me sentando em sua cama bagunçada.

— Eu sei, você diz isso toda vez que vem aqui — diz sorrindo — Jujuba já está no quarto dela?

— Sim, já levamos tudo, agora ela e Gabriela estão lá conversando.

— Sabe, eu nunca entendi muito bem o porquê você chama minha irmã de Jujuba — Faz tantos anos que Lucas a chama assim, e eu nunca havia perguntado. Ele parece desconfortável com a minha pergunta e aperta a ponta do nariz, um gesto que ele faz quando está bem nervoso.

— Eu, é... — ele gagueja e estreito meus olhos para ele — É apenas um apelido carinhoso, que merda é essa agora Gui? Você nunca ligou que fôssemos amigos.

— Só curiosidade.

— Quer dizer então que Gabriela é a nova colega de quarto da Júlia? — pergunta surpreso. Devo ter esquecido de mencionar que Júlia e Gabriela dividiriam o quarto.

— Sim, ela e Gabriela estão dividindo o quarto agora. Você acredita que a Gabriela achou que Júlia fosse minha namorada? Cara você devia ter visto a cara dela — começo a rir só de lembrar.

— Você e Júlia namorando? — ele começa a rir — Por que ela achou isso?

— Talvez porque eu tenha dado a entender isso, e não neguei quando ela perguntou.

— Cara você está afim dela? E está tentando fazer ciúme na garota?

— Algum problema Lucas? Ou você está com ciúme? — pergunto a

ele, e estremeço por dentro só de pensar. Quando é que eu comecei a virar mulherzinha? Nunca me importei antes se Lucas ou Rafael ficassem com alguma mulher antes ou depois de mim. Isso nunca foi problema para nenhum de nós três, mas quando se trata de Gabriela tenho essa sensação estranha dentro de mim: um sentimento de posse. Preciso ficar com ela de uma vez, quem sabe isso desapareça.

— Eu? Nenhum. Já você, não sei. O que anda acontecendo com você afinal, Guilherme? Rafael me disse que no dia em que você deixou as malas no alojamento da Gabriela, minutos depois você desceu furioso e nem falou com ele direito. Você fica babando quando ela está por perto, nem tente negar! E eu vi você dançando com ela no dia da festa do Rafael — diz quando começo a balançar a cabeça — Acho que você gosta dela, só não admite. Ela é linda que cara não ficaria louco por ela? Aquela boca carnuda, os olhos azuis cristalinos, aquele corpo cheio de curvas...

Sinto um aperto no peito e uma raiva inexplicável me dominando só em cogitar Lucas pensando no corpo de Gabriela dessa forma.

— Cala a boca Lucas! — Avanço para cima dele querendo arrebentar a sua cara. Eu o seguro pela camisa quase o levantando do chão, e ele começa a rir.

— Já entendi você acabou de provar meu ponto, você está louco pela Gabriela, só você que não vê — Eu o solto quando percebo o que ele acabou de fazer. Mas ele está errado, eu só quero ficar com ela uma vez, isso vai ser o suficiente. Isso é tesão, e vai passar após prová-la.

— Eu só quero ficar com ela uma vez cara isso é tudo. Ela vem me evitando, você sabe que ninguém me evita.

— Está bem, sei — diz ainda desacreditando em mim.

— Estou com fome, vamos sair para almoçar? — pergunto mudando de assunto.

— Está bem, deixa só eu trocar de roupa e já vou — ele vai para o banheiro vestindo uma cueca samba-canção levando suas roupas. Assim que ele sai, pegamos suas coisas e saímos. Já estamos no elevador quando algo vem à mente.

— Lucas, e se a gente levar almoço para Júlia e Gabriela? — pergunto torcendo para ele diga sim. Vejo um sorriso se formar em seu rosto e só de pensar que pode ser por causa de Gabriela, minha vontade de socá-lo retorna, mas me controlo. Ele deve estar fazendo isso para me provocar.

— Vamos claro, faz um tempo que não vejo Jujuba quero dar um abraço nela — Lucas sempre cuidou da Júlia tão bem quanto eu mesmo; ele sempre se importou com ela, e fico feliz em saber que alguém além de mim cuida dela.

— Contanto que fique só no abraço mesmo — digo, mas sei que ele nunca ficaria com Júlia. Lucas sempre a viu como uma irmã.

— Você sabe que Jujuba é como uma irmã para mim — diz reforçando meu pensamento, afinal Lucas é como eu e não quero um mulherengo com a minha irmã.

— Sei.

— Vamos na sua moto? — pergunta.

— Não, vamos comprar ali mesmo no *Outback* e levamos para o alojamento delas, tenho certeza que Ju não comeu nada. Ela estava tão animada em ter uma nova colega de quarto que, com certeza, não parou um minuto para comer.

Caminhamos pelo campus e vemos algumas novatas nos olhando. É sempre assim, normalmente eu pararia para flertar, mas estou mais preocupado em levar comida para minha irmã e Gabriela. Lucas também parece não ligar, o que é mais estranho ainda, já que ele ficou um bom tempo falando sobre

como era bom início de semestre para ver as calouras... e agora tem andado meio distante.

— Lucas, você está bem? — pergunto a ele.

— Sim, por quê?

— Você anda meio distante — digo.

— Não é nada. Vamos pedir o que? — pergunta mudando de assunto assim que entramos no restaurante. Pelo visto, ele não quer falar sobre isso, então decido deixar pra lá.

O ambiente estava bem lotado pelo horário e demoramos um pouco a sermos atendidos. O cheiro de comida sendo preparada estava fazendo minha barriga roncar de fome.

Assim que chega a nossa vez fazemos nosso pedido a uma ruiva com um sorriso bonito e olhos claros que estava atendendo. Peço também uma sobremesa para Gabriela e de repente tenho uma ótima ideia.

— Você pode me emprestar uma caneta? — peço à ruiva que nos atendeu, já pensando no que escrever para Gabriela.

— Claro — ela diz sorrindo.

— Para que você precisa de uma caneta agora? — Lucas me pergunta enquanto pego a caneta das mãos da ruiva. E vou até uma das mesas com suas cadeiras esperar nosso pedido ficar pronto.

— Preciso escrever um recado para Gabriela — digo a ele que me olha como se eu fosse um *E.T.*

— De amor? — pergunta.

— Não fode, Lucas! “De amor”? Você sabe que eu não sou dessas merdas! É só uma ideia que eu tive — Lucas me conhece como ninguém, não sou romântico. Na verdade, nunca me envolvi com alguém por tempo suficiente para ser romântico. Não que eu esteja sendo romântico com

Gabriela, mas com ela eu sabia que precisava jogar com outras armas.

Pego nosso pedido no balcão de mármore assim que ele fica pronto e voltamos em direção ao alojamento.

Passamos pelo campus que estava bem movimentado pelo horário e seguimos em direção ao alojamento. Batemos na porta e vejo Gabriela abrir, seu sorriso se abre quando ela vê Lucas, mas assim que ela me vê, vejo seu sorriso morrer.

— Então, não vai nos convidar para entrar? Trouxemos almoço — digo e levanto as sacolas para que ela veja.

— Ah, claro. Entrem — ela diz fazendo uma careta.

Vejo Ju sentada na cama, mas ela logo se levanta e dá um abraço em Lucas. Gabriela e eu nos entreolhamos e sorrimos. Ela força os lábios até formar uma linha fina para não sorrir.

— O que vocês trouxeram? — Júlia pergunta.

— O seu preferido, e trouxe o mesmo para Gabriela, espero que ela goste.

— Trouxeram para mim também? — Gabriela pergunta sorrindo, finalmente um sorriso, que a deixa ainda mais bonita — Ah, e trouxe aquela sobremesa que comemos aquele dia.

— Que sobremesa? — Ju me pergunta.

— A *cheesecake* — respondo.

— Você a levou para comer sua sobremesa favorita? — Lucas e Ju falam juntos e vejo Gabriela corar.

— Sim — digo a eles ignorando seus olhares.

— Não tem mesa para comermos, não tive tempo de comprar nada — Gabriela diz envergonhada.

— Não tem importância a gente come na cama mesmo — digo a ela.

Cada um pega sua comida e se senta. Ju e Lucas se sentam na cama dela e eu, que ainda estou em pé, me sento na de Gabriela. Óbvio que eu ficaria na cama dela! Ela se mexe, desconfortável, mas não diz nada.

— Nossa, isso aqui está uma delícia! Sempre comi lá, mas nunca havia experimentado esse prato — Gabriela me diz. Preciso me lembrar mais vezes de trazer comida, o som de gemido que ela fez ao provar a primeira garfada desperta tesão em qualquer homem. Agora quem está se mexendo desconfortavelmente sou eu. Droga de tesão!

— Sério? Ju sempre come isso, mas nunca provei — digo a ela me referindo ao *chicken pasta primavera*, que é um *fettuccini* de legumes com fatias de frango grelhado acompanhado de legumes e coberto de queijo *parmeggiano*. Eu já sabia de cor o prato que Ju gostava. Sempre que eu ia até lá, comia costela, e acabei nunca provando o tal prato que Júlia amava.

— Quer provar? — pergunta com o garfo levantado em minha direção, e me surpreendo com seu gesto. Isso é o mais próximo que ela desejou estar de mim nessas semanas. Abro a boca para que ela possa colocar a comida nela, ela parece ficar meio relutante, acho que ela esperava que eu pegasse o garfo e comesse, mas eu não ia perder essa oportunidade não é mesmo?

Fecho os olhos experimentando a comida, e saboreando, é realmente muito gostoso.

Terminamos de comer, e Lucas se levanta para ir embora. Ele acabou recebendo uma ligação do seu chefe e precisa ir resolver um caso urgente. Lucas já faz estágio na área de advocacia há pelo menos um ano. Ju parece triste em ver que já estamos indo embora - pelo visto, não vou ser só a sentir falta dela, mas nada que algumas visitas ao seu alojamento não resolvam. Entrego à Gabi uma sacola, dou um beijo na testa de Ju e vou embora com Lucas.

Capítulo 16

Gabriela

Olho para a sacola na minha mão e não entendo por que Guilherme comprou a sua sobremesa favorita para mim. Júlia está olhando para mim tão curiosa quanto eu para saber o que tem dentro. Tem uma embalagem com o doce e um papel.

— Deve ser alguma gracinha do Guilherme — resmungo para mim mesma.

Tiro o doce e o papel da sacola, coloco o doce na cama e abro o papel para ler.

Se eu fosse um cavalheiro, diria que esse doce é para adoçar a sua vida, mas como não sou, se quiser adoçar sua vida, me ligue e marcamos para que eu possa fazer isso de todas as maneiras que você quiser.

— *Guilherme*

Convencido! Olho atrás do guardanapo e, como era de se esperar, Guilherme deixou ali o seu telefone. Júlia, que já viu o doce e o recado em minhas mãos, está sorrindo.

— Acho que meu irmão está mesmo tentando te seduzir — diz como se eu não soubesse.

— Eu sei, mas se ele pensa que eu vou ceder, ele está muito enganado. Dois podem jogar esse jogo — digo a ela.

— Vou ter uma conversinha séria com meu irmão, não quero ele atrás da minha nova colega de quarto. Eu o amo, mas sei bem como ele gosta de jogar com as mulheres. Não caia na dele.

— Eu sei. Na verdade, já falei que não quero nada com ele, mas ele é bem insistente.

— Sei bem disso. Como você e meu irmão se conheceram? — Júlia me pergunta visivelmente curiosa.

Ela se senta em sua cama e cruza as pernas como se eu fosse lhe contar uma longa história.

— Ele e Lucas me ajudaram a trazer as malas até aqui no dia que eu cheguei — digo omitindo a parte em que ele me socorreu no mercado.

— Só isso? — pergunta desconfiada.

— Sim.

— Você ainda não comprou móvel nenhum, né? — pergunta analisando o quarto.

— Não tive tempo, mas pretendo redecorar tudo. Essas paredes brancas são tão sem graça — Na verdade, elas estão me incomodando demais.

— Nem me diga! Quando eu fui morar com meu irmão, tive vontade de decorar tudo. É tudo tão masculino, móveis pretos, paredes em tons escuros e sem graça, não tem nenhum porta-retratos acredita? — pergunta e percebo que ela, assim como eu, ama decorar. Percebo que aquela rixa que existia apenas na minha cabeça se evaporou e percebi que talvez possamos ser amigas.

— Vocês não moravam juntos? — É estranho eles não morarem juntos antes, a não ser que ele tivesse saído de casa primeiro.

— Não, eu morava com a minha avó, mas ela faleceu, então fui morar com meu irmão — diz com os olhos cheios de lágrimas. Sei o quanto é difícil falar do passado. Assim como eu não quero falar do meu porque é difícil para mim, pode ser difícil para ela também, ao que me parece, elas eram bem apegadas.

— Desculpa perguntar — digo a ela levantando da minha cama e me sentando ao seu lado. Vejo que ela não trouxe muita coisa, apenas duas malas — Que tal se semana que vem fossemos comprar alguns móveis? — digo

tentando mudar de assunto. Seu rosto logo se ilumina e ela abre um sorriso.

— Claro, posso pedir para o meu irmão levar a gente. Ele pode pedir o carro do Rafael emprestado e podemos fazer as compras — balanço a cabeça negativamente; a ideia de passar, mais tempo com Guilherme é tentadora, mas estou fugindo dele. Tenho que me lembrar disso, meu coração idiota não consegue entender! Não posso vê-lo que meu coração dispara em meu peito, causando uma sensação estranha que só acontece quando eu o vejo.

— Não, Guilherme não, que tal o Lucas? Ele tem carro, não tem? — pergunto a ela torcendo para que ela diga sim.

— Verdade ele tem sim, vocês são amigos?

— Mais ou menos, ele é legal — digo.

— Ah sim — ela diz, mas sinto que ela queria perguntar algo mais.

— Vi que ele te trata com bastante carinho, vocês se conhecem há muito tempo? — pergunto a ela curiosa. Ele a trata com tanto carinho, que parece existir algum sentimento entre eles.

— Sim, ele é como um irmão para mim. Nós nos conhecemos quando mamãe se mudou para o Rio, morávamos no mesmo prédio que ele — Então quer dizer que Guilherme não é daqui.

— De onde vocês eram? — pergunto.

— Éramos de São Paulo, mas eu era bem pequena quando saímos de lá.

Sinto uma dor comprimindo meu peito, minhas mãos começam a suar, sinto todo meu corpo tremer. Droga, não posso ter uma onda de pânico agora.

Guilherme morava em São Paulo, é por isso que ele dizia que meus olhos lembravam alguém. Ele com certeza sabe. Ele devia ter a minha idade, mas com certeza ele sabe o que aconteceu. As notícias saíram nos jornais, todo mundo da minha cidade sabia. Estou arruinada. Ninguém pode saber essa

parte do meu passado. Minha respiração começa a ficar irregular, me levanto da sua cama tentando ir até a minha para que ela não perceba o que está acontecendo comigo, mas não consigo disfarçar. Na minha tentativa de alcançar minha cama, quase caio, minhas pernas me traem e já não consigo dar um passo sem ameaçar ir para o chão. Júlia me segura e seu rosto demonstra preocupação.

— Gabriela! Você está bem? — Balanço a cabeça positivamente. É apenas uma crise de pânico, só preciso conseguir me acalmar. A caminhada até a minha cama parece longa, mas são apenas dois metros de distância. Ela me ajuda a sentar na minha cama, fecho os olhos tentando respirar lentamente, como minha psicológica me ensinou. Quando abro os olhos, vejo Júlia com o seu celular na mão digitando. Fico em alerta.

— O que você está fazendo? — pergunto.

— Ligando para o meu irmão oras, você está passando mal, precisa de ajuda — Meu pânico ameaça voltar e acabo me descontrolando com ela.

— Não, Guilherme não! Eu não pedi a sua ajuda, sei me virar sozinha — digo quase gritando e percebo o quanto fui grossa quando vejo seu rosto assumir um semblante triste — Desculpa, não queria ser grossa com você! Isso acontece às vezes, não precisa ficar tão preocupada — digo tentando me desculpar por gritar com ela.

— Tudo bem, Gabi, mas você quase desmaiou, eu fiquei assustada. Se tivesse acontecido algo com você, eu não saberia o que fazer — diz realmente preocupada, e fico emocionada com o seu carinho.

— Eu tenho crises de pânico, tá legal? Eu... sou assim, não consigo evitar — digo a ela envergonhada. Apenas Milena, minha mãe e Nina sabiam das minhas crises. Me abrir com Júlia foi algo que nunca planejei, mas preciso que ela não se desespere e saia ligando para o irmão dela toda vez que isso acontecer. Ele já me ajudou uma vez e isso basta.

— Eu não sabia — diz meio envergonhada — Desculpa perguntar, mas você já foi ao médico ver isso? — Sei que não é por mal, ela está apenas curiosa; O mais incrível é que não vejo pena em seus olhos, apenas confusão.

— Eu já cuido disso. Por favor, não pergunta mais nada — preciso afastar isso da minha mente, preciso que ela deixe isso de lado, sinto vergonha dessas crises. O olhar de pena que as pessoas lançam para mim me persegue a todo instante, me causando uma sensação de impotência.

— Tudo bem, vou buscar algo para você beber no refeitório então. Você vai ficar bem sozinha por enquanto? — pergunta e sorrio com a preocupação dela. Algo me diz que eu e Júlia seremos amigas. Ela está se virando para sair quando a chamo.

— Júlia, por favor, não conte a ninguém — só de pensar que mais alguém possa saber, me aterrorizo.

— Não vou contar, prometo — ela sai do quarto me deixando sozinha com meus pensamentos.

Capítulo 17

Gabriela

Acordo com o som estridente do meu despertador. Rapidamente me repreendo por ter marcado uma sessão com minha nova psicóloga às sete da manhã. Não estou nem um pouco animada para conhecê-la. Isso significa ter que passar por tudo de novo, terei que contar tudo novamente e vivenciar todos os meus medos para que ela saiba como me sinto. Ela fará sua avaliação, e irá me dizer como viver.

Só me consulto porque essa é a condição da minha mãe para que eu continue estudando longe de casa com todos os custos pagos por ela. Não entendo por que ela insiste nessa bobagem, como se ela se importasse comigo. Isso é muito contraditório: num minuto ela me odeia e no outro ela tenta cuidar de mim à sua maneira. Mas acho que isso é apenas uma das formas de demonstrar o poder que ela exerce sobre mim. Um dia conseguirei trabalhar e não dependerei mais dela, e nunca mais terei que sentar por uma hora e contar como me sinto para uma pessoa desconhecida.

Me espreguiço tentando me livrar do cansaço. Não tenho dormindo direito. Antigamente eu perdia o sono por conta dos pesadelos constantes, mas essa semana os pesadelos foram substituídos por um par de olhos verdes penetrantes que inundam minha mente e tiram o meu sono. Tento a todo instante tirá-lo da minha mente, mas sinto que a cada dia que passa, apenas com seu olhar, ele vem penetrando uma barreira que por muito tempo lutei para reerguer. Estar com ele é perigoso, mas esse perigo parece tornar tudo ainda mais excitante. É como uma dose de epinefrina que estimula meu corpo toda vez que ele põe seus olhos sobre mim.

Levanto da cama tentando empurrar aquele par de olhos para o fundo da minha mente. Mais estranho ainda é o fato de que a irmã dele está sentada na sua cama me olhando com os olhos idênticos aos do irmão.

— Nossa você tem aula tão cedo assim? — pergunta.

— Sim — minto, ninguém precisa saber que a louca precisa de uma psicóloga — E por que você está acordada a essa hora? — pergunto a ela estranhando o fato dela estar acordada às seis da manhã, de pijama, com as pernas cruzadas sobre a cama, me encarando.

— Não consegui dormir, eu tenho pesadelos às vezes, Guilherme sempre me ajudava, acho que com a mudança isso piorou. Bom, agora tenho que me acostumar sem ele — diz envergonhada, contando parte da sua vida, enquanto eu omito até a parte em que tenho que sair para uma sessão de loucura. Invejo sua sinceridade.

— Por que você não continuou morando com ele? — É estranho, eles se dão bem demais e não vejo motivos para ela deixar de ficar com ele.

— Sabe, como é ele é homem, precisa da sua privacidade e sinto que eu estava tirando isso dele. E eu quero viver todas as emoções da vida universitária — ela diz sorrindo. Me sinto desconfortável em saber que Guilherme precisa de privacidade, para que? Minha mente pergunta. *Para comer quem ele quiser, sua idiota*, penso.

— Entendi — digo procurando minha roupa do armário, tentando não ficar constrangida com a situação.

— Bom, vou me arrumar também. Vou comprar um bolo para tomar café, estou morta de fome — sinto meu estômago resmungar de fome quando ela fala a palavra bolo.

— Aquele bolo da lanchonete vermelha?

— Sim, os bolos da Vó Alzira são de outro mundo, já comeu lá?

— Sim, outro dia Rafael me levou lá — digo enquanto coloco minha roupa. E vejo que Júlia também está colocando a dela.

— Rafa? O maior canalha, mulherengo, safado e amigo do meu irmão? — pergunta descrente.

— Sim, ele mesmo, cabeça raspada um metro e noventa braços fortes — digo sorrindo. Rafael parece assustador por fora, mas é uma ótima pessoa.

— Ele te levou para comer bolo? Pode ter certeza que ele tem segundas intenções. Não caia na dele, ele é um canalha de marca maior, não se engane.

— Eu sei, na verdade ele é minha dupla de cálculo — Júlia torce o nariz, franze a testa e cai na gargalhada

— Você sabe que vai fazer a maior parte de tudo sozinha, né? — ela me pergunta como se eu já não soubesse, mas não vou esquecer da minha aposta com Rafael.

— Na verdade, ele ficou de estudar e me ajudar, fizemos uma aposta e eu perdi, e agora vou ensinar a ele a matéria.

— Você vai ter um baita trabalho — ela me avisa indo em direção ao banheiro.

— É, eu sei — digo me apoiando na porta do banheiro. Nem sei por que concordei com isso, nunca fui uma pessoa muito competitiva, mas parece que ultimamente eu não tenho sido eu mesma — Então, mudando de assunto, eu posso ir com você até a lanchonete? — pergunto.

— Claro vamos.



Depois que saí da lanchonete com Júlia, ela disse que ia passar na casa do irmão. Então não precisei inventar outra desculpa quando ela me perguntasse o porquê eu não estava indo em direção às salas de aula.

O consultório fica em Copacabana, então tenho que pegar um táxi para conseguir chegar até lá. Tenho bastante tempo para aprender a andar no Rio, o ar aqui é tão diferente, que faz com que eu me sinta bem.

A corrida do táxi até o consultório dura alguns longos minutos. Às sete horas da manhã, o trânsito está completamente congestionado. Entro na sala de espera meia hora atrasada, vou em direção ao balcão onde se encontra uma garota praticamente da minha idade, com cabelos curtos castanhos claros e olhos negros como a noite.

— Bom dia, em que posso ajudar? — pergunta com a voz simpática, me analisando. Talvez não esteja tão acostumada em ver alguém como eu no consultório.

— Tenho hora marcada com a Dra. Iara Marins, acabei pegando trânsito e me atrasei meia hora — digo a ela com um pouco de vergonha. Não gosto de chegar atrasada nos locais.

— Pode entrar ela chegou agora há pouco também — agradeço a ela e entro no consultório.

Sinto a ansiedade oprimindo meu peito, observo o ambiente e me lembro o porquê de odiar hospitais e consultórios. Tudo aqui é branco imaculado, intocável; Há um sofá em forma de L no centro da sala, em frente a uma mesa num tom de tabaco escuro. Atrás da mesa tem uma parede que é feita de espelho do teto até o chão. É sério que terei que olhar para o meu reflexo enquanto conto tudo sobre minha vida?

— O espelho te incomoda Gabriela? — passei tanto tempo observando o ambiente que acabei esquecendo-me da doutora, solto o ar e que nem percebo que havia prendido.

— Não — minto e me sento em seu sofá branco imaculado.

— Bom, Gabriela, sua antiga psicológica, minha amiga, me passou toda a sua ficha para que nós continuássemos com as sessões. Espero que saiba que não sou igual a ela, meus métodos são diferentes.

— Não me diga — digo sarcasticamente odiando cada segundo que fico sentada aqui.

— Quero que me conte sobre como foi sua mudança de São Paulo até o Rio.

— Foi tudo bem — digo.

— Você não é de falar muito, percebi, mas vamos trabalhar nisso. Já que você não quer se abrir comigo sobre isso, podemos falar sobre seu pai — diz tocando em meu ponto fraco. Ela realmente tem métodos diferentes.

— Ele era um monstro, cruel, frio e sem coração. E eu o matei e agora sou tão suja e cruel quanto ele — levanto do sofá apoio as mãos sobre a mesa dela — E ele não é o meu pai — ela despertou a fera em mim. Falar que aquele homem é o meu pai traz o pior em mim.

Ela nem se assusta com a minha reação, continua ali parada me olhando com os olhos serenos.

— Vamos trabalhar mais nisso, você ainda não superou isso obviamente. Ele era o seu pai Gabriela. Você o matou em sua defesa. Você não é suja. Me diga como se sente quando se olha no espelho — diz tentando me acalmar. E então me sento no sofá sem lhe pedir desculpas pela minha explosão.

— Eu... — faço uma pausa sem saber o que falar, isso é algo que eu nunca pensei muito. Sempre fui muito vaidosa e sempre me olho no espelho para me maquiar. Mas ali, olhando para o espelho sob os olhares dela, lembrando cada minuto daquela noite... — Eu sou suja, imunda, ele sempre

me disse que sou suja, que minha mãe nunca ia me amar. E ele tinha razão, no fundo sempre teve razão. Eu o matei, matei o homem que me deu a vida, matei o homem que devia ser meu pai, o homem que deveria me dar amor e tirou tudo de mim, tudo! Eu estou vazia, quebrada, nada mais resta de mim. Nada! Estou oca, completamente vazia — digo essa última frase gritando. Percebo que estou tremendo e as lágrimas inundando meu rosto. E ela só fica ali, me olhando friamente.

Minha antiga psicóloga nunca me pressionou desse jeito, acho que estou tão no limite que soltei tudo que estava dentro de mim. Sentindo meu peito se comprimir, abro a boca buscando o ar que falta em meus pulmões.

— Deite-se no sofá com a barriga para cima Gabriela, respire fundo. Você está tendo um ataque de pânico, tente relaxar — faço o que ela pede, deito no sofá sem me importar se meus pés estão sujando o sofá branco, coloco as mãos ao lado do corpo fecho os olhos e respiro fundo como ela diz.

— Você deu o primeiro passo. Pelo que vi na sua ficha, você não é de falar muito. Isso já foi um passo enorme! Continue respirando enquanto vou falando com você. O que você fez foi em sua defesa, você não tinha nenhuma outra opção. Você aguentou muito tempo por conta própria e resistiu ao máximo que alguém pode suportar. Você é apenas uma vítima, Gabriela. Vamos continuar trabalhando nos seus sentimentos com relação a isso. Mas outra hora, não vou forçar mais. Você falou hoje mais do que já falou em três anos. Quando se sentir melhor, pode se sentar e ir embora. Marque uma sessão daqui a uma semana.

Sinto meu corpo relaxar. Como eu gostaria de acreditar em tudo que ela falou! Eu sei quem sou. Mesmo que eu tenha vindo para o Rio recomeçar, continuo sendo a mesma pessoa, suja, vazia sem nada a oferecer a ninguém.

Levanto rápido, querendo correr tanto quanto o diabo deve querer correr da cruz. Forço minhas pernas a me obedecerem e a andar em direção à

porta, e saio sem dizer uma palavra.



O restante do meu dia foi um borrão. Fiz tudo no automático, não consegui me concentrar nas aulas, não tive vontade de comer nem de fazer nada. Só fiquei relembrando em minha mente o meu reflexo no espelho, tão suja, imunda por dentro.

Estou deitada na minha cama com a luz apagada, não consigo pegar no sono. Já tomei três comprimidos de *Donaren* para tentar dormir e, mesmo assim, o sono não vem. Ouço a porta se abrir e meu corpo trava, mas logo me lembro de Júlia. Ainda não me acostumei com a minha colega de quarto. Ela entra o mais silenciosamente possível, para tentar não me acordar, mas ela não sabe que não consigo dormir; Ouço seus passos e sei que ela está indo em direção ao banheiro. Ouço o som do chuveiro se abrindo e fechando, inalo o cheiro de sabonete que está no ar, e ouço quando ela se deita na cama.

Não sei quantas horas se passaram e tudo que eu sei é que eu não consigo dormir. Ouço um gemido e sei que não veio de mim. Levanto da cama rapidamente e acendo a luz, vejo Júlia se contorcendo na cama. Meu Deus, ela está suando muito! Ponho a mão na sua testa para saber se ela está com febre, mas ela não está quente; Seus gemidos aumentaram e eu não sei o que fazer.

— Não... — ela grita se contorcendo ainda mais. Estou desesperada, não sei o que fazer — Saia de perto de mim — ela está tendo um pesadelo — Tire as mãos de mim — ela grita ainda mais alto — Guilherme — ela grita clamando pelo irmão — Me ajuda — o nome de Guilherme me tira do transe e me aproximo ainda mais dela. Eu a chamo baixinho.

— Júlia — repeti três vezes, e ela ainda não acordou. Continua

chamando pelo irmão, não sei de onde veio tanta coragem dentro de mim. Mas eu a pego e apoio no meu colo com toda força que possuo, passo as mãos nos seus cabelos e faço exatamente o que Milena fazia comigo nos meus pesadelos.

— Estou aqui, shhhh... estou aqui, é só um pesadelo Júlia — faço carinho em seus cabelos e a puxo para mais perto ainda do meu colo — Você está segura.

Sinto suas mãos tocando meu braço e vejo seus olhos se abrindo. Seu rosto está inundado de lágrimas e nem percebo que eu mesma estou chorando, pois ali naquele momento vejo que não sou a única com problemas. Júlia também deve ter um passado difícil, e isso quebra algo dentro de mim, derruba minha barreira de frieza.

— Desculpa, Gabriela, não queria te acordar — diz envergonhada, se levantando do meu colo. Ela põe as mãos no rosto e chora — Não queria que ninguém me visse assim, me desculpa, não consigo evitar — Eu sei como é, eu sentia a mesma coisa. Sei que apesar da vergonha, ela deve estar precisando muito de alguém nesse momento e tudo me diz que esse alguém é Guilherme. Isso explica o sentimento de proteção que ele tem por ela.

— Júlia, não precisa se preocupar, eu estava acordada, não consigo dormir.

— Meu irmão sempre me ajudava, mas tenho que aprender a me virar sozinha — diz com um semblante triste.

— Você não está sozinha, estou com você — digo a ela. Eu não sei cuidar nem de mim, estou tão quebrada quanto ela, talvez até mais! Mas sinto a necessidade de tentar protegê-la também.

— Vamos fazer assim, vamos juntar nossas camas e ficamos uma perto da outra, que tal? — Isso sempre me ajudava nesses momentos. Eu sempre ficava com Milena, ia para a cama dela e buscava o seu conforto.

— S3rio? Voc4e faria isso por mim? N4o quero te atrapalhar — pergunta envergonhada, sei bem como ela se sente. Sei tamb4m que ela deseja isso pelo sorriso que ela deu quando ofereci a ideia.

— Claro, venha me ajude — a chamo para ajudar a empurrar minha cama at4 a dela. Agora nossas camas est4o juntas e me deito. Fico olhando para o teto, n4o sei bem o que fazer agora para ajud4-la. Ela se vira e sinto seus olhos sobre os meus. Ela segura minhas m4os e eu n4o retraio, eu as seguro.

— Obrigada — ela diz num sussurro e, quando eu viro o rosto para v4-la vejo que ela dormiu segurando minhas m4os.

E nesse momento choro. Choro porque, de alguma forma, eu consegui ajudar algu4m. Choro porque sei que nessa noite nasceu uma grade amizade. Sinto meus olhos pesando e sou levada para uma escurid4o, dessa vez sem pesadelos.



Acordo com uma sensa4o estranha. N4o acordei nenhuma vez durante a noite, sinto como se estivesse pisando nas nuvens. Abro meus olhos devagar, pois h4 um brilho intenso do sol l4 fora; Olho para o rel4gio e vejo que s4o apenas oito horas, minha primeira aula hoje come4a apenas 4s dez. Vejo J4lia ao meu lado ainda dormindo. Ontem 4 noite foi estranho, de alguma forma senti uma enorme vontade de proteg4-la do mundo. Ela 4 t4o doce e gentil, n4o merece passar por esse tipo de pesadelo seja ele qual for. Levanto da cama sem fazer barulho para n4o acord4-la. N4o sei se ela tem aula cedo, mas decido que 4 melhor n4o acord4-la, pois n4o sei quanto ela vem lutando com esses pesadelos, talvez ela nem durma direito h4 um tempo.

Me arrumo sem acordá-la, e quando termino, vejo que estou bem adiantada para a aula. Ainda faltam quarenta minutos. Decido ir até o refeitório para comprar um café para mim e para ela.

Ela dorme tão profundamente que nem se mexe quando derrubo minha bolsa no chão - às vezes sou tão desastrada! Milena ficava horrorizada comigo, pois normalmente meu corpo vive com manchas roxas de tanto que bato em algum lugar ou acabo caindo mesmo. Uma vez ela até me perguntou se eu estava sendo espancada. Milena é bem exagerada. Sinto tanto sua falta, da sua risada, da sua voz doce tentando me acalmar, e das suas ideias de que necessito de um namorado. Ela ficaria louca se soubesse que ando com Rafael, Lucas e Guilherme. No mínimo ela teria um infarto e faria de tudo para vir para o Rio caso sua mãe não estivesse doente.

Decido enviar uma mensagem para saber como ela está, falei com ela algumas noites atrás. Ela estava tão ocupada cuidando da sua mãe que mal teve tempo de falar comigo.

Gabriela

Mi, como você está? Ninhá melhorou? Saudades.

Em menos de um minuto recebo sua mensagem enquanto ando até o elevador.

Milena

Chuchu, minha mãe não teve melhora, o médico disse que será sempre assim, tudo que temos que fazer é esperar e tentar ao máximo dar a ela no tempo que resta, conforto e amor. Eu não sei mais o que fazer amiga.

Não acredito que ela escondeu isso de mim. Até onde eu saiba, o médico ainda tinha esperanças que o câncer poderia ser curado, e ela voltaria a ter uma vida normal. Decido ligar para ela, não dá para conversar esse tipo de coisa por mensagem. Estou muito nervosa, o medo começa a tomar conta de mim, pois sua mãe foi muito importante na minha vida. *Foi* não, digo para mim mesma: ela é, eu ainda não a perdi! Preciso ir vê-las o mais rápido possível. Ligo para ela que me atende no segundo toque. Nem lhe dou tempo de falar primeiro.

— Por que você não me disse Milena? O que aconteceu? Mês passado você me disse que o médico estava esperançoso — pergunto.

Ela suspira e sei que ela está contendo as lágrimas. Nem imagino como deve estar sendo difícil para ela. Ela perdeu seu pai em um acidente de moto, ele era jovem e ela ainda era bebê. Desde sempre seu mundo girou em torno da sua mãe, e perdê-la agora será devastador.

— Ela teve pneumonia semana passada, ainda não se recuperou. Nos últimos exames o médico disse que o câncer já está tomando todo o seu corpo, e que não tinha mais esperanças, ele me deu apenas dois meses amiga — eu a ouço chorar baixinho — Ela é tudo que eu tenho, Gabi. Eu não quero ficar órfã — sua voz chorosa quebra um muro de frieza que normalmente se encontra erguido dentro de mim. Sou péssima em consolar pessoas, fico nervosa e não sei o que fazer, ainda mais quando eu mesma estou sofrendo. A dor nem se compara com a dela. Mas quando menos percebo as lágrimas estão inundando meu rosto.

— Milena... — tento dizer que sinto muito, que tudo isso vai passar, mas a quem estou tentando enganar?

— Eu sei — Milena parece ler meus pensamentos. Ela sabe exatamente o que eu quero dizer mas não consigo. Hoje ainda é quarta, mas

nesse fim de semana eu irei até lá para ficar com elas.

— Mi, nesse fim de semana, eu vou até aí para ficar com vocês — ela tenta falar, mas não deixa, pois sei o que ela irá falar. Ela dirá que não precisa que está tudo bem, mas sei que nesse momento ela precisa de mim — Não, nem adianta dizer que não precisa, eu vou sim.

Já estou na porta do refeitório quando ela diz:

— Tudo bem, Gabi, obrigada de verdade — ela faz uma pausa e ouço alguém falando com ela — Gabi, mamãe acordou agora, irei vê-la.

— Me manda uma mensagem depois, quero saber como ela está — digo.

— Ela não vai... —ouço o seu soluço, meu coração se parte nesse momento e eu daria de tudo para tirar sua dor e jogá-la no fundo do oceano. Milena não merece passar por isso. Lágrimas estão escorrendo pelo meu rosto, não importa o quanto eu tente mudar, Milena sempre saberá quem eu sou. Com ela não preciso de máscaras nem de muros erguidos, ela é uma parte de mim, uma irmã que nunca tive.

— Vai sim — digo a ela, tentando acreditar em minhas palavras — Te amo, Mi. Fica bem.

— Te amo, Gabi.

Ela desliga o telefone, corro para o banheiro mais próximo, me esquecendo do café, sinto uma onda de enjoo tomando meu corpo. Meu estômago está me traindo mais uma vez. Sinto meu esôfago se contraindo, tentando colocar tudo para fora. O banheiro está lotado a essa hora da manhã, avisto a cabine para pessoas com necessidades especiais e entro ali. Coloco tudo para fora, não há nada mais em meu estômago, nem ao menos café da manhã eu tomei; Sinto mais uma onda de vômito e forço para que tudo saia. Nada vem, é inútil. Sinto as lágrimas inundarem meu rosto, eu não posso

perder uma das únicas pessoas que me amou e cuidou de mim.

Um soluço escapa da minha garganta, e não me importo com as pessoas que estão do lado de fora e estão ouvindo tudo. Choro pela mãe que nunca tive, e pela mãe que estou prestes a perder. Não posso permitir isso. Meu corpo todo ainda está tremendo, passo as mãos pelo meu rosto tentando inutilmente enxugar as lágrimas que caem, não sei quanto tempo ainda fico sentada no chão do banheiro.

Quando abro a porta, vejo que o banheiro está vazio, olho meu reflexo no espelho e vejo como estou mal, meu corpo todo dói pela forma como fiquei sentada no chão. Jogo água no rosto como se isso pudesse apagar toda a tristeza que toma conta de mim, pego meu celular e vejo uma mensagem de Milena.

Milena

Gabi, mamãe não está nada bem, preciso de você.

Eu não esperava que fosse receber notícias tão cedo. Sinto meu corpo todo tremendo, minhas mãos tentando digitar algo para ela, mas simplesmente não consigo. Saio do banheiro correndo e não me importo quando esbarro em algumas pessoas no corredor. Subo as escadas correndo, preciso agendar um voo urgente.



— Preciso de uma passagem urgente para São Paulo — digo à mulher que deveria fazer o papel de mãe na minha vida, mas não fez.

— Bom dia para você também, Gabriela — diz com tom de reprovação — Use o dinheiro da sua poupança, tem o suficiente para você se cuidar. Estou ocupada, não me ligue mais em horário de trabalho — e ela desliga o telefone.

Droga! Eu havia me esquecido da poupança que ela fez para mim antes da faculdade. Não queria usar esse dinheiro, mas a necessidade é maior. A sua frieza que antes me faria desmoronar não me afetou em nada. Hoje já estou quebrada o suficiente.

Consigo rapidamente agendar um voo para amanhã de manhã. Arrumo a minha mala, não sei quantos dias irei passar lá, não me importo com as aulas que irei perder. Só preciso ficar com minha amiga e com sua mãe. Passo o resto do dia na cama, não levanto nem para comer. Quando Júlia entra se assusta em me ver deitada.

— Você está bem Gabriela? — pergunta preocupada. Olho para ela e vejo o quanto ela me lembra Milena, seu jeito doce e preocupado.

— Estou apenas com cólicas — minto, não quero que ela saiba o que está acontecendo. Odeio que as pessoas me vejam frágil, odeio olhares de pena. Já lidei com eles durante anos em São Paulo, agora quero apenas ser uma pessoa normal.

— Precisa de alguma bolsa térmica? Sempre funciona comigo — Me sinto culpada por mentir ao ver como ela deseja me ajudar.

— Não, já estou bem, obrigada.

Ela senta na beirada da minha cama e me olha. Não tocamos no assunto sobre o que aconteceu de madrugada, acho que parte dela entende meus demônios interiores, pois ela também tem os dela.

— Tudo bem — ela segura minha mão, e não reprimo. Acho que nunca desejei tanto um abraço como agora — Vou buscar comida pra gente — diz se

levantando — O que você vai querer?

— Não sei, uma lasanha talvez? Qualquer coisa está bom.

— Volto já.

Fico apenas sentada na cama, tentando absorver tudo que estava acontecendo, fico aterrorizada só de pensar em perder Nina. Fico ali apenas tentando me lembrar de todas as memórias felizes ao lado dela quando Júlia entra com muitas sacolas, caminho até ela para ajudá-la.

— Nossa Júlia você chamou alguém para comer com a gente? — brinco com ela, mas espero que não seja verdade. Meu estado de espírito não está muito bom, e ver aquele sorrisinho do irmão dela, não irá me ajudar em nada.

— Não sua boba, trouxe alguns potes de bolo. Não sabia qual você gostava, então comprei vários. Tem de sonho de valsa, cenoura, milho e nozes, sempre me ajuda quando estou de TPM — diz enquanto coloca as sacolas na mesa.

Ela trouxe bolo para mim? Esse gesto de carinho me toca tanto que uma lágrima solitária cai dos meus olhos. Enxugo rapidamente para que ela não veja.

Ela abre as sacolas e sinto um cheiro maravilhoso. Ouço minha barriga roncar e somente agora percebo o quanto estava com fome.

— Nossa, que cheiro maravilhoso, o que você trouxe? — pergunto a ela indo até a mesa.

— Para você lasanha de quatro queijos, para mim escondidinho de carne seca, mas podemos dividir, tem o suficiente para quatro de nós — ela sorri. Quando abro uma das bolsas, vejo que ela realmente está falando a verdade.

Comprei uma mesa pela internet mesmo porque não aguentava mais

ficar sem uma. Eu e Júlia havíamos combinado de sair para compramos alguns móveis, mas acabamos não tendo tempo, então acabei comprando as coisas mais necessárias online mesmo. A mesa havia chegado há alguns dias, comprei em uma loja que entregava e montava no mesmo dia e eu simplesmente amei. É bem pequena e redonda, num estilo *vintage*, amarela que agora está completamente ocupada com todas as sacolas. Ela deveria ser para quatro pessoas, mas obviamente só cabem duas.

Sentamos à mesa e começamos a comer, o queijo derrete em minha boca e fecho os olhos contemplado o sabor. Um silêncio se instala entre nós, mas é um silêncio confortável. Não estou com vontade de conversar, minha cabeça não está aqui no Rio, minha mente está em São Paulo.

Terminamos de comer, e limpamos a mesa juntas.

— Quanto te devo Júlia? — pergunto a ela, afinal ela trouxe comida para nós duas.

— Hã?

— Da comida, quanto te devo?

— Nada, isso é um agradecimento por cuidar de mim. Por ontem à noite.

E isso é tudo que falamos daquela noite que mudou nossa amizade. Depois disso não há mais conversa, ela não aceita o dinheiro e se sente um pouco ofendida.

— Você vai viajar? — pergunta olhando para as malas que fiz enquanto ela estava fora.

— Sim, vou visitar uma amiga — digo a ela não querendo entrar muito no assunto.

— Eu vou ficar aqui sozinha? — ela pergunta, mas tenho certeza que ela apenas pensou em voz alta — Ah — ela diz me olhando.

Depois disso escovamos nossos dentes e nos deitamos. Meus olhos estão bem despertados, e minha mente não consegue parar de pensar como será minha vida sem a mãe de Milena. Meu peito sobe e desce rapidamente, tento controlar a onda de pânico que está me invadindo.

— Posso segurar sua mão? — Júlia me pergunta me tirando do meu desespero.

Algo me diz que algo de muito ruim aconteceu com Júlia. Diferente de mim, ela demonstra toda a fragilidade, e busca por calor humano. Quando percebo que estou demorando a responder, seguro sua mão esquerda, solto minha respiração que estava prendendo e deixo que o calor da sua mão traga paz para nós duas.



Acordo com alguém batendo na porta, pego meu celular que está embaixo do travesseiro e vejo que está bem perto da hora do alarme tocar. Não consigo imaginar quem possa ser, olho para cama ao lado da minha e vejo que está bem arrumada e não há sinal de Júlia por ali.

Ouçó mais uma batida na porta, pode ser Júlia; Ela deve ter esquecido as chaves, mas por que raios ela saiu tão cedo? Coloco minhas pantufas de coelhinhos e vou até a porta.

Quando eu abro a porta vejo nada mais nada menos do que Guilherme parado no batente da porta com aquele sorrisinho besta.

Sinto seu perfume amadeirado e sinto um frio na barriga ao vê-lo. Que porra é essa? Ele me olha com um sorriso ainda maior e percebo que estou sem sutiã com apenas um pijama que não cobre nada. O top é tão curto que nem cobre minha barriga e meu short é tão curto que a popa da minha bunda

provavelmente está aparecendo.

Seu olhar está sobre mim, como um predador que está prestes a capturar sua presa, seu rosto não está mais com aquele sorrisinho besta. Seus olhos estão me olhando intensamente, sua boca está só um pouquinho aberta, o suficiente para deixar o ar passar, meu corpo entra em combustão apenas com o seu olhar. Meu celular soa o alarme me tirando desse momento constrangedor. Deixo a porta aberta para que ele entre, e vou atrás do celular. Quando eu me viro para lhe perguntar o que ele está fazendo aqui, vejo que ele está olhando para minha bunda, e vejo sua ereção evidente em sua bermuda cargo que, aliás deixa ele muito sexy.

— Eu... hã... vou ao banheiro — diz e sai correndo em direção ao banheiro.

Que porra foi essa? Pegue rapidamente a roupa que separei ontem para viajar e a visto enquanto Guilherme estava no banheiro. Depois de longos dez minutos, ele sai do banheiro suando. Não quero nem imaginar como meu banheiro deve estar agora, mas preciso entrar nele para tomar um banho.

— Então, o que você está fazendo aqui? — pergunto ainda tentando entender o motivo da sua visita. Olho para ele e vejo sua testa brilhando de suor — Você está bem?

— Eu estou. Júlia disse que você ia viajar e me pediu para que eu te ajudasse com as malas — Então isso é culpa da Júlia? Ela não seria meu escudo anti-Guilherme? Por que raios ela mandou ele aqui?

— Eu não preciso de ajuda, posso chamar um táxi — digo querendo evitar passar um tempo com ele, mesmo que meu corpo deseje isso. Corpo idiota!

— Faça questão, afinal não acordei cedo à toa, então levanta essa bunda daí e vamos — que cara arrogante.

— Eu já disse que não preciso da sua ajuda. E você acordou cedo porque quis, não te pedi nada.

— Eu disse que faço questão, vamos — olho o relógio e vejo que tenho pouco tempo. Droga, ficar aqui discutindo com ele não vai adiantar de nada.

— Está bem, só preciso tomar um banho antes.

Entro no banheiro com muito medo. Ele passou tanto tempo aqui dentro e saiu suando daquele jeito, imagino como meu banheiro deve estar fedendo, céus! Era só o que me faltava.

Entro no banheiro e, diferente do que imaginei o banheiro continua como estava ontem à noite: limpo e sem vestígio do que Guilherme estava fazendo aqui.

Balanço a cabeça desistindo de tentar imaginar e faço minha higiene em questão de segundos.

— Vamos — digo e vejo seu sorrisinho besta surgindo novamente.

Capítulo 18

Guilherme

Quando Júlia me ligou de madrugada, logo meu corpo despertou imaginando que o pior poderia estar acontecendo com ela.

— O que aconteceu? — digo já levantando da cama e vestindo a primeira bermuda que eu vi pela frente.

— Bom dia maninho. Não aconteceu nada, pode se sentar na cama — ela me conhece bem demais. Solto um suspiro aliviado por não ter acontecido nada com ela.

— Então qual é o motivo de estar me ligando de madrugada?

— Gabriela — diz e todo o meu corpo estremece.

— Que porra aconteceu com ela Júlia? — pergunto praticamente gritando com minha irmã.

— Ei, se acalma aí, nada. É que ontem ela não estava se sentindo muito bem, e hoje ela vai precisar fazer uma viagem. Como não tenho carro, não posso ajudá-la. Você se importa de pegar o carro do Lucas e ir com ela? — ela sabe que nunca consigo negar nada a ela.

— Está bem, que droga ratinha, não me assuste assim, por favor — Posso ser jovem, mas já vi muitos casos de infarto na minha idade. Um dia essa preocupação com minha irmã vai me matar.

— Vem logo maninho. Beijos — e desliga o telefone.

Desligo o celular e me jogo na cama. Só de pensar em ver Gabriela, meu corpo todo reage. Droga de ereção matinal.



Paro na porta do quarto delas e me vem à cabeça que eu poderia ter ao menos trazido um café ou algo para comer, as mulheres gostam dessas merdas, né? Bato na porta e, quando eu ia bater mais uma vez, Gabriela abre a porta.

Porra, ela está apenas de shortinho - ou seria calcinha short? E um top que consigo visivelmente ver seus mamilos.

Vejo confusão em seu rosto. Droga, acho que ela não está tão feliz em me ver aqui.

Sua respiração está rápida assim como a minha. Mesmo que ela negue, sei que seu corpo me deseja. Um toque nos desperta e ela se vira em busca do som, me deixando ali na porta. Entro atrás dela e... caralho! Consigo ver a popa da sua bunda com aquele short minúsculo, ela nem deve estar usando calcinha. Sinto minha ereção crescer rapidamente e sinto uma dor no saco, que droga Gabriela! Quero agarrá-la aqui mesmo, mas se eu fizer isso, ela vai fugir como sempre. Eu a quero embaixo de mim, me desejando e gritando meu nome, não fugindo. Quando percebo que minha ereção não vai diminuir, decido que preciso fazê-la diminuir.

— Eu...hã... vou ao banheiro — Digo e saio correndo pra lá.

Não tranco a porta, não consigo pensar em nada, apenas naquela bunda apertada naquele short e seus mamilos duros ao me ver. Seu cheiro pela manhã despertou meu lado predador. Ouço uma movimentação dentro do quarto e olho pela frestinha da porta. Vejo que ela está trocando de roupa.

PUTA MERDA, ESTOU FODIDO!

Agora mesmo que minha ereção não vai descer. Respiro fundo tentando pensar em qualquer coisa que não envolva Gabriela.

Ela está de costas para mim, só consigo ver sua bunda, e puta que pariu que bunda! Ela se vira rapidamente e vejo seus seios pequenos que com

certeza cabem perfeitamente nas minhas mãos. Quero lambê-los até que ela grite meu nome me pedindo para estar dentro dela.

Céus, provavelmente gozarei nas calças. Fecho meus olhos pensando em coisas aleatórias e respirando fundo. Quando consigo me acalmar saio do banheiro e a vejo completamente vestida.

Ah Gabriela, me aguarde: você será minha.

Capítulo 19

Gabriela

A viagem de avião até São Paulo durou apenas cinquenta minutos. Normalmente, voar me deixaria nervosa e eu entraria em pânico por não ter controle da situação caso algo acontecesse. O voo foi um borrão - não houve tremedeira, mãos suadas, nem respiração ofegante. Eu estava tão aterrorizada com o fato da única pessoa que cuidou de mim estar à beira da morte, que não consegui me importar com mais nada. Estava em estado de choque. Quando o avião aterrissou, fui a última pessoa a sair. A aeromoça me chamou e disse que já havíamos aterrissado no aeroporto de Congonhas. Levantei da cadeira e encarei a minha realidade.

Milena não estava me esperando. Ela insistiu, mas eu disse que não precisava. Passei a maior parte da minha vida aqui, sei chegar até o hospital, conheço essa cidade como a palma da minha mão. Eu não trouxe muita coisa, estou apenas com uma mala, não sei quanto tempo ficarei aqui. Na verdade, não pensei muito; apenas peguei minhas coisas sem me importar com mais nada.

O taxista me ajuda a colocar a minha única mala no carro e seguimos viagem até o Hospital Anchieta. Não me importei de ter que ir até ao hospital com as malas; Só queria vê-las. Pedi a Deus para que ela não morresse, por que a vida é tão injusta? A única pessoa que me deu amor materno estava no leito de um hospital lutando pela vida que lhe restava.

— Chegamos senhorita — o taxista me diz, me tirando do estado de torpor. Seguro minha única mala em minhas mãos e entro no hospital. A cor, o cheiro, as pessoas desoladas na porta pela perda dos entes queridos - engulo a

seco, tentando afastar a onda de náuseas. Preciso ser forte pela Milena, mas como serei forte se sinto como se estivesse perdendo uma parte de mim?

Vir ao hospital me despertou uma lembrança que há muito tempo não visitava.

Novembro de 2005

Estou sentada na casinha da árvore do Inho - ele odeia que eu o chame assim. Sorrio com esse pensamento. Estou sentada na casinha há algum tempo já, aqui me sinto segura e o monstro não consegue me achar. Inho deixou que eu trouxesse minhas bonecas para cá, hoje eu só queria ficar sozinha, mas sempre que venho para cá ele me encontra. Mamãe, mais uma vez, foi trabalhar e me deixou sozinha com ele. Raramente consigo fugir, mas ele estava tão bêbado que acabou dormindo no sofá. Estava com medo de quando ele acordasse e me visse, por isso vim para cá.

Ouçõ alguns passos e sei que é Inho, sempre é ele.

— Gabi, tudo bem?

— Sim, eu só queria brincar na casinha um pouco. Você quer brincar comigo? — pergunto a ele mostrando minha boneca loirinha.

— De boneca? — pergunta.

— Sim, você pode ser o papai dela

— Mas isso é brincadeira para menina, Gabi! Vamos brincar de outra coisa — diz franzindo o nariz.

— Poxa, Inho!

— Se continuar me chamando assim, aí mesmo que eu não brinco.

— Está bem, desculpas, por favor, brinca comigo — faço biquinho porque isso sempre o convence.

— Tá bom, mas você não vai contar nada para ninguém, senão

nunca mais brinco com você — ele diz e eu sorrio.

Brincamos por alguns minutos, mas eu já estava há tanto tempo ali na casinha que estava faminta. Minha barriga roncou bem alto e Gui ouviu.

— Está com fome Gabi? — ele me pergunta, mas acho que nem precisava responder. Minha barriga roncou tão alto! Balanço a cabeça afirmando.

— Vamos lanchar então, mamãe fez aquele cookie de chocolate que você gosta — eu amo os cookies. Mamãe nunca fez para mim, mas sempre que eu ia à casa dele tinha um pote cheio de cookies! Ele se levanta e me oferece a mão para me ajudar.

Ele desce a escada de corda e me espera lá embaixo, eu tenho medo de altura. Subir foi fácil, era só não olhar para baixo, mas para descer eu precisava olhar para baixo.

— Vem Gabi, estou aqui embaixo, basta colocar um pé e depois o outro.

Minhas pernas estão tremendo de medo, não consigo nem colocar as pernas na corda, e o que aconteceu após isso foi pior ainda - eu coloquei um pé na corda, estava confiante de que agora conseguiria descer, e não percebi que o outro pé não estava apoiado. Meu pé direito enroscou na corda e eu caí de frente. Todo o meu corpo doía, mas a minha perna estava com um corte bem perto da minha virilha. Olho para onde caí e vejo que havia um caco de vidro meio enterrado na terra. Coloquei a mão em minha cabeça e senti um líquido nas pontas dos meus dedos: era sangue. Não consegui pensar em muita coisa, apenas sentia o sangue escorrer quente em minha pele, e as mãos de Inho nos meus ombros me perguntando se eu estava bem. Comecei a ficar tonta e, quando acordei, estava em um hospital.



Atualmente

Eu sempre via a cicatriz em minha perna, mas era normal, não me despertava lembranças. Afinal, ela estava ali há tantos anos que eu me esquecia dela, mas ao entrar no hospital senti uma rajada de lembranças. Sempre evitei hospitais o máximo que pude após aquele episódio, só devo ter voltado a um umas duas ou três vezes.

Caminho até a recepção e vejo uma mulher loira bem vestida. Seu rosto está marcado por um sorriso. Acho que aquele era o trabalho dela, tentar passar tranquilidade às pessoas que chegavam desesperadas por informações. E, nesse momento, eu estava tentando não ficar assim.

— Bom dia, em que posso lhe ajudar? — pergunta ainda sorrindo.

— Eu vim visitar a paciente Maria Lúcia Mendez Ferreira.

— Ela está em um quarto privado, vou pedir para que alguém acompanhe a senhorita até lá, mas antes, por favor preencha esse formulário — ela me entrega uma folha de visitação para preencher com meus dados.

Lhe entrego a folha preenchida e vejo uma enfermeira ao lado da atendente para me levar até o quarto. Meu coração está acelerado, não consigo controlar o medo que toma o meu corpo. Meus pés parecem estar presos ao chão, e dar cada passo é como levantar cem quilos com as pernas. Finalmente consigo chegar até a porta do quarto, a enfermeira me lança um sorriso encorajador como se isso pudesse me ajudar.

Entro no quarto onde a mãe da Mi se encontra. Vejo minha amiga encolhida na cadeira, com certeza ela está desconfortável, mas não se afastou da mãe. Se eu tivesse uma mãe como ela, também não sairia do seu lado. Fico um tempo observando Ninha na cama respirando pesadamente; há um tubo de

oxigênio ligado a ela. Olho para aquela que me deu todo amor do mundo, que sempre fora forte, mas ali naquela cama do hospital, parecia absolutamente frágil, sem seus cabelos ruivos e muito magrinha. Me aproximo um pouco e seguro sua mão. Sentir o calor da mão dela na minha me faz ter um pouco de esperança. A tecnologia está tão avançada, como não conseguem curar a porra de um câncer? Sinto minhas lágrimas escorrendo livremente pelo meu rosto, e me lembro a primeira vez que eu consegui segurar a mão de alguém após aquele dia terrível.



Agosto de 2006

Dia dos pais

Mamãe me deixou sozinha mais uma vez. A mãe de Milena ia me deixar em casa, mas assim que chegamos à minha casa a empregada disse que mamãe não estava, e que a minha babá também não estava. Ninha me levou para a casa dela, subi direto para o banheiro e me tranquei lá dentro, sentindo uma enorme vontade de chorar. As crianças da minha sala ficaram me perguntando por que eu não estava preparando uma lembrancinha para o meu pai, como todas as outras estavam fazendo. Eu e Milena ficamos juntas, todo mundo sabe que o pai dela morreu e já não fazem tantas perguntas a ela, mas esse é o meu primeiro dia dos pais sem meu pai.

O dia parecia não acabar nunca, segurei o choro durante toda a aula. Milena parecia estar se segurando também. Ouço alguém bater na porta do banheiro.

— Gabi, está tudo bem aí? — Ninha me pergunta.

Tusso um pouco para disfarçar minha voz embargada. Passei tanto tempo no banheiro que a deixei preocupada.

— Sim, só não estou me sentindo bem — minto, não quero que ela saiba que sinto falta do meu papai e de quem ele era antes de se tornar um monstro.

— O que você tem? — ela pergunta com a voz preocupada.

— Só uma dor na barriga — minto mais uma vez.

— Vou buscar um remédio para você tomar, já volto — ela me diz e ouço seus passos se afastando da porta.

Me levanto do chão onde estava sentada e me olho no espelho. Não gosto do que vejo, meu rosto está vermelho e meus olhos estão inchados. Uma voz grita na minha mente: “você não tem um pai, porque você matou ele”. Sinto raiva de mim mesma, abro a porta para tentar fugir do espelho, não quero me olhar.

Saio do banheiro apressada quase correndo e esbarro com a Nina. Ela derruba o copo de água que estava segurando, e uma cartela de comprimidos voa da sua mão.

— Meu Deus Gabi, o que houve? Por que você estava correndo? — ela me pergunta e não sei o que dizer. A imagem do meu rosto no espelho volta à minha mente com força total. As lágrimas rolam pelo meu rosto e me sento no chão sem me importar com mais nada. Essa não é a primeira vez que choro por causa dele, minha mente está uma confusão de raiva e saudade. Ouço um grito e percebo que ele veio de dentro de mim, estou descontrolada, chorando por tudo que sofri, chorando de raiva e de saudades. Nina se ajoelha na minha frente, tenta passar as mãos em meus cabelos. Afasto o rosto para que ela não me toque, eu não quero ser tocada. Não mereço amor dela, não mereço o amor de ninguém. Nem a minha mãe consegue me amar.

— Gabi, meu amor, não sei o que dizer, mas estou aqui, minha querida! Nós amamos você, você é muito importante para nós. Não se sinta culpada, não foi culpa sua. Eu não imagino o que você esteja sentindo, mas não quero que lide com isso sozinha. Você não está sozinha! Nada vai mudar esse amor que sentimos por você, você entende isso? — vejo Milena atrás dela, se aproximando de mim com um sorriso tímido — Odeio que você tenha que passar por isso. Se eu pudesse tiraria toda sua dor, mas eu não posso! Só posso te prometer que vou estar ao seu lado toda vez que ela aparecer. Você é como uma filha para mim.

Ela me ama, alguém me ama. Não sei se choro ou se rio. Como é possível alguém me amar depois do que eu fiz? Mas olho em seus olhos castanhos como os de Milena e vejo sinceridade. Me rendo àquele olhar, mesmo que todas as minhas células gritem comigo para não fazer isso. Levo minhas mãos tremulas até a mão dela e a de Milena que está sentada no chão ao seu lado.

E foi assim, a primeira vez que senti que poderia ter uma família, mesmo depois de tudo. Ela foi a primeira pessoa que segurou minhas mãos e, naquele momento, eu me senti amada.



Atualmente

Um soluço me escapa, ponho a mão na boca e seguro sua mão com mais força, mantendo o calor da sua palma na minha. Por que Deus estava levando a única família que eu tenho?

Meu soluço faz Milena acordar do seu sono. Ela me olha e começa a piscar como se precisasse ter certeza de que eu estava ali. Ela levanta do sofá

e me abraça sem dizer uma palavra. Como senti falta desse abraço! Depois de alguns segundos, ela me solta e olha para sua mãe.

— O que os médicos disseram Mi? — pergunto a ela mesmo sabendo que a resposta pode arrancar todas as esperanças de mim.

— O Dr. Carlos disse que a última pneumonia fez com que o estado dela piorasse. Como ela está com câncer no pulmão, as pneumonias são freqüentes. Mas esse mês ela teve duas, está com muita dificuldade de respirar, e, sem os aparelhos, ela já não consegue respirar mais — diz com a voz embargada e rouca. Seguro sua mão tentando transmitir que estou aqui com ela. E Milena continua me dando a notícia que com certeza irá mudar as nossas vidas.

— O médico disse que o câncer já se espalhou pelo seu corpo, e que tudo que podemos fazer por ela é deixá-la confortável — diz sem conter as lágrimas que escorrem pela sua face. Uma voz rouca nos tira desse momento - aquela voz que antes era doce e suave, que me transmitiam palavras de amor e carinho, já não era mais a mesma, sua voz estava muito rouca.

— Eu ainda não morri, então podem parar de chorar — ela nos diz.

— Ninha — eu a chamo pelo apelido carinhoso. Desde que me entendo por gente, a chamo assim, e já nem consigo nem lembrar a origem do apelido.

— Gabi, vem até aqui, eu não quebro sabia? Passo um mês sem te ver e você não vem nem me dar um abraço? — ela me pergunta, mas pela sua voz arrastada, vejo o quanto ela está cansada.

Chego até ela e lhe dou um abraço meio desajeitado, percebo o quanto ela está mais magra do que eu imaginava ao vê-la. Consigo sentir seus ossos na minha pele.

— Mi, por que você não vai buscar alguma coisa decente para que eu possa comer? Não aguento mais essa gororoba que me servem — ela pede à

Milena, que logo vai buscar algo para sua mãe.

Ela observa Milena sair e me chama até a sua cama.

— Gabi, meu amor, como eu queria que tivesse outra solução para isso, mas vocês já estão crescidas e meu papel no mundo foi cumprido. Você e minha menina são duas moças lindas que a vida me deu de presente, mas agora, Deus quer que eu me junte ao meu amado, e saber que vocês estão lindas e crescidas conforta meu coração — diz e vejo uma lágrima escorrer pelo seu rosto.

— Não — digo não querendo aceitar. Só queria que ela dissesse que tudo ia ficar bem, e não que falasse comigo como se em tom de despedida. Por que ela estava se conformando se eu não conseguia me conformar?

— Me escuta, Gabi, a vida foi dura demais com você. Mas olha quem você é hoje! Isso não fez de você uma pessoa ruim, amarga. Muitas pessoas no seu lugar já teriam sucumbido — ela dá uma pausa para respirar e percebo seu esforço ao pronunciar cada palavra — Quero que você cuide de Milena, assim como ela cuidará de você. Minha menina ficará órfã, você é toda a família que ela vai ter.

— Por favor, para — digo tentando fazer com que ela pare de falar. Não quero escutar isso, minhas pernas estão bambas e me sento na beirada da sua cama para não cair.

— Sei que agora é difícil, mas eu já me conformei meu amor. Depois de anos poderei ficar ao lado do meu amado — ela nunca se casou novamente, nem nunca namorou, acho que é isso que acontece quando se vive um amor épico e ele se vai — Quando eu me for, na minha casa, embaixo da minha cama, tem duas caixas que parecem um mini baú. O rosa é o seu e o azul é o da Milena. Quero que vocês guardem, vocês saberão a hora de abrir.

— Você não pode nos deixar, Ninha, isso não é justo! — minha voz soa com raiva, estou furiosa com a vida, com tudo, com todos.

— A vida não é justa, meu amor. Meus dias aqui já estão contados, eu estou em paz minha filha. Só quero que vocês sejam felizes. Felizes como eu fui — Nesse momento, Mi entra com uma sacola na mão que eu deduzo ser alguma comida.

— Obrigada Mi — ela agradece à filha que lhe responde com um sorriso que não chega aos olhos. Minha amiga está abatida, seus cabelos estão desgrehados, e está com olheiras profundas. Me repreendo por não estar com ela nesse momento que ela mais precisava de mim.

Ela tenta se alimentar sozinha, mas não consegue. Suas mãos estão tremendo muito, ela protesta quando Mi tenta colocar comida em sua boca, mas acaba cedendo.

— Parece que os papeis se inverteram — ela nos diz sorrindo. Assim que ela termina de comer, pega no sono.

Passamos a noite nas duas cadeiras que estavam no quarto, praticamente não dormimos. Algumas enfermeiras entraram durante a noite para trocar a medicação dela. De manhã recebemos a notícia que Ninha havia entrado em coma. Desde que tudo aconteceu na minha vida, eu deixei de acreditar em Deus. Ele não foi muito justo comigo. Mas depois de receber essa notícia, eu pedi a Ele que não levasse a única pessoa que me amou incondicionalmente.

Capítulo 20

Guilherme

Depois de deixar Gabriela no aeroporto Santos Dumont, fui até o alojamento do Lucas para devolver seu carro. Estou bem inquieto, o que não é normal para mim. Normalmente não fico tão nervoso, mas estou muito curioso. Para Gabriela viajar assim e não se preocupar com as aulas que perderá, deve ser por algo importante. Ela é um enigma para mim: em um momento parece gostar de mim e no outro, parece me odiar. Não que eu me importe com isso, gosto de causar todos os sentimentos nela, ver a sua carinha de irritada fazendo bico e o seu sorrisinho discreto quando está feliz. Desde quando passei a me importar com isso, porra? Estou virando mulherzinha mesmo, preciso ficar logo com ela, e resolver esse tesão acumulado.

Bato na porta e Lucas abre, parecendo estar um pouco assustado.

— Que cara é essa de quem viu um fantasma? — pergunto a ele. Lucas já tem a pele bastante pálida, mas parecia estar ainda mais branco.

— O que? Nada! — ele me diz ainda segurando a porta impedindo minha passagem.

— Então vai me deixar entrar? Ou vou ter que me contentar em virar enfeite da sua porta? — digo rindo do seu nervosismo.

— Babaca, entra — diz abrindo mais a porta. Quando eu ia entrar, ele trava a porta impedindo mais uma vez a minha passagem — Antes que você diga alguma coisa, ela meio que dormiu ali na cama.

— Do que você está falando Lucas? — pergunto a ele, sem entender o motivo do seu nervosismo. Entro no quarto e me deparo com minha irmã deitada na cama dele, encolhida agarrada a uma colcha. Vê-la dormir sempre me faz pensar em como ela é frágil.

— Posso saber o que minha irmã está fazendo na porra da sua cama imunda, Lucas? — pergunto a ele. Já passaram tantas mulheres pela sua cama quanto pela minha. Ver minha irmã deitada ali me enfurece, pois sei que ele nem deve ter trocado os lençóis.

— Ela disse que não conseguia dormir, estava tendo um daqueles pesadelos, ficamos conversando e ela acabou pegando no sono — Solto um suspiro aliviado. Ainda bem que foi isso, não sei por que pensei outra coisa. Lucas sempre tratou minha irmã como se fosse sua própria irmã.

— Desculpa, Lucas, estou meio estressado. Ultimamente estou parecendo uma mulherzinha. Sei que você respeita minha irmã e nunca a usaria — digo me sentando na sua cama.

— Como foi a ida com Gabriela até o aeroporto? Jujuba disse que ela fez uma viagem rápida, e não disse mais nada — ele me pergunta mudando de assunto.

— Foi tudo bem, mas ela não queria aceitar a minha ajuda mais uma vez. Disse que podia se virar sozinha, aquela cabeça dura de sempre! Acho que só aceitou porque foi Júlia quem ligou para mim. Eu não sei cara, mas acho que a Ju tem um grande carinho por ela sabe? — Minha irmã é do tipo de pessoa que se apega rápido demais, tenho medo que ela se machuque. Não que eu ache que Gabriela poderia machucá-la, mas Gabriela tem um passado e não sei se isso pode afetar minha irmã, tenho medo que ela se magoe.

— Eu percebi, mas acho que você também tem um carinho bem grande, pelo visto.

— Sem essa de novo Lucas — digo fuzilando com os olhos.

— Sério cara, olha só você: acordou cedo para levá-la ao aeroporto, você nunca fez isso! Mas com Gabriela você faz isso e muito mais. Carona, almoço, sobremesa. Você acha que eu não tenho notado? Eu sei que você nem ficou com ela, mas está sempre tentando ficar perto, ajudando... — Mas que

merda! Realmente tenho tentando ficar mais perto dela, mas o que eu posso fazer? Os olhos dela são as janelas da sua alma, e eu não consigo evitar o sentimento de protegê-la, mesmo que isso signifique protegê-la de mim mesmo. Ao mesmo tempo, também não consigo afastá-la nem evitar sentir o desejo de ficar com ela.

— Ela é linda cara, quem não iria querer ficar com ela? Só que diferente das outras garotas, ela não cede tão fácil. Jogar esse jogo está sendo divertido, mal vejo a hora de ficar com ela por uma noite — digo a ele. Acho que esse é o problema, ela não me querer me faz desejá-la ainda mais.

— Então ela é como as outras para você — ele diz afirmando.

— Guilherme? — a voz da minha irmã nos interrompe. Ela parece um pouco assustada, passa a mão no rosto e no cabelo tentando ajeitá-lo.

— Sou eu ratinha — digo andando até ela e me sentando na cama — Você está tendo dificuldades para dormir de novo? — Odeio o fato de não estar por perto quando ela tem seus pesadelos.

— Sim — ela me diz como se tivesse um pouco envergonhada, ela sempre fica assim quando tem seus pesadelos, como se sentisse culpada por isso.

— Por que não me ligou ratinha?

— Não queria incomodar, e a Gabi estava me ajudando com isso — Saber que Gabriela de alguma forma ajudava minha irmã, me reconfortava.

— Sério? É por isso que as camas de vocês estavam juntas pela manhã? — Notei que as camas estavam juntas, mas não havia mais conseguido raciocinar. Ver Gabi com aquele short minúsculo me tirou de órbita.

— Sim — ela me diz — Gabi é fechada, mas tem um ótimo coração. Ela segurou minha mão enquanto eu dormia — saber disso fez meu coração se acelerar. Gabi estava cuidando da minha menina.

Ela falou mais algumas coisas sobre não se envolver com a melhor amiga dela, mas não prestei muita atenção. Algo estava mudando dentro de mim, senti vontade de conhecer essa garota de verdade e saber de todos os segredos que ela escondia por trás daqueles olhos tristes. Meu coração estava acelerado e eu não estava gostando disso.

Capítulo 21

Milena

Uma semana, oito horas e vinte minutos, é exatamente esse o tempo em que não ouvimos mais a voz da minha mãe e nem olhamos em seus olhos castanhos. Ela ainda não acordou do coma. O médico disse que é possível que ela não acorde mais, e pediu para que nós nos despedíssemos dela.

Gabriela está com uma aparência horrível, assim como eu. Mal saímos do quarto do hospital, estamos com a mesma roupa há três dias. Ver a minha mãe naquele estado me parte o coração, porque eu sei que a vida dela está se esvaindo aos poucos. O tique-taque do relógio na parede está zombando de mim, o tempo está passando e eu não quero me despedir dela. Parte de mim sabe que minha vida nunca mais será a mesma - estou órfã. Meu pai se foi e minha mãe também está indo. Eles viveram um amor épico, e, desde a morte do meu pai, nunca vi minha mãe com alguém. Ela sempre disse que nada tiraria meu pai do seu coração, então decidiu ficar sozinha. Pelo que sei, meu pai fora o homem dos seus sonhos, um amor que a transformou, e me fez fruto. Eu quero esse tipo de amor, não me contento com menos. Já saí e curti, fiquei com alguns caras e não me arrependo, mas eu quero viver uma história assim. Um amor que faz a outra pessoa contar os minutos para ficar junto, o amor que faz vencer os medos, o tipo de amor que só sente uma vez na vida.

O médico disse que queria conversar comigo, e temo pelo que ele pode falar. Queria poder prolongar esses minutos ao lado dela, mas ele entra no quarto e pede para irmos até a sua sala. Solto a mão da minha mãe com um aperto no peito e o acompanhamento. Assim que nos acomodamos ele começa.

— Milena, isso não é fácil. Cuido da sua mãe há apenas alguns meses,

mas tenho um enorme carinho por ela, por isso quero fazer disso uma conversa informal. Os sinais vitais da sua mãe estão fracos, temo que ela não passe dessa noite. Se despeça dela — diz, sem sorrisos e nem palavras de conforto. Lágrimas estão escorrendo pela minha face e sinto Gabriela segurando minha mão — Sua mãe disse que não queria sofrer, Milena. O maior desejo dela era ter uma morte rápida, e não ficar vegetando em cima de uma cama. Ela lutou muito pela vida... — não consigo ouvir mais nada, estou tremendo de raiva, como isso pode estar acontecendo comigo? Por que comigo? Corro para fora do hospital, forço minhas pernas a correr o mais rápido que podem. Não quero me despedir dela, meu coração está acelerado em meu peito, não consigo respirar! Ouço Gabriela me chamar, chego à parte de trás do hospital onde tem um gramado e alguns bancos, esbarro em alguém, mas não consigo olhar. Meus joelhos se dobram e os soluços irrompem em meu peito. Alguém se ajoelha na minha frente. Seus olhos verdes encaram os meus e não tenho reação. Estou com tanta raiva de tudo que grito! Grito por tudo que estou perdendo nesse momento. O estranho me abraça, começo a me debater tentando me soltar, não aguento o furacão de sentimentos que está em meu peito. Estou perdendo meu mundo e nada pode mudar isso. Por que esse estranho está me abraçando? Busco o ar, meus pulmões não querem funcionar.

— Deixe a dor ir, respira devagarinho — ele diz, e percebo como sua voz é grave. O homem à minha frente tem o cabelo raspado e muitas tatuagens. Me abraçou sem nem me conhecer. Forço minha respiração a se acalmar, e inspiro e expiro, mas as lágrimas continuam rolando pelo meu rosto. Ouço alguém se aproximar correndo, e o estranho me solta e olha para cima.

— Gabriela? — Ele pergunta confuso. Como ele sabe o nome da minha amiga?

— Rafael?

Capítulo 22

Gabriela

Estou correndo pelo hospital atrás de Milena com a sua bolsa que acabou ficando na sala do Dr. Carlos. Minha melhor amiga estava se despedaçando nesse momento, ela estava perdendo mais do que uma mãe, ela estava perdendo parte do seu mundo. É exatamente assim que me sinto, eu queria ser forte para ela nesse momento, mas como posso ajudá-la se meu coração está se desfazendo também?

Consigo achá-la ajoelhada com alguém à sua frente, e me choco quando vejo Rafael ali abraçado a minha amiga. Será que eles se conhecem? Mas isso não era possível, ou seria?

— Rafael o que você está fazendo aqui? — pergunto confusa, sem entender como era possível ele estar no mesmo hospital em que a mãe de Milena está.

— Vocês se conhecem? — Mi pergunta com a voz baixa entre os soluços, eu a ajudo a levantar e sento com ela no banco.

— Eu, hã tenho que ir — Rafael diz e se vira e sai andando apressadamente, sem me dar chance de entender o que estava acontecendo.

— Quem é ele? — pergunta.

— Rafael, uma longa história, mas ele tem uma aula na minha classe — digo.

Olho para minha amiga que agora está fitando um ponto no céu. Quero ser forte por ela, mas não consigo. Me sento ao seu lado segurando a sua mão, nossos dedos estão entrelaçados como quando éramos crianças.

Lhe entrego sua bolsa e ela pega a carteira e tira uma foto de dentro

dela. Ela me entrega e vejo uma foto nossa com Nina lado de um leão. Nina morria de medo de animais selvagens, mesmo que eles fossem treinados e estivessem em um zoológico.

— A primeira vez que fomos ao zoológico com ela — digo quase sussurrando, Nina todo mês fazia questão de nos levar a algum lugar especial. Ela dizia que era o dia de mãe e filhas, era o nosso momento íntimo, coisa que minha mãe nunca havia feito por mim depois que tudo aconteceu.

— Nós a deixamos louca nesse dia — ela diz sorrindo.

— Ela tinha pavor de animais selvagens, mas mesmo assim ela entrou com a gente para tirar uma foto — As lembranças deixaram minha visão embaçada, sei que Milena está assim também, mas vejo um sorriso no seu rosto que não combina com as suas lágrimas.

— Tivemos bons momentos com ela Gabi — ela me diz, e é verdade, viveria cada minuto de novo se pudesse voltar no tempo — É assim que eu quero me lembrar dela — ela me mostra a foto que está segurando em suas mãos tremulas. Nina está com um sorriso radiante, que ofuscava o medo em seus olhos — Quero me lembrar de cada momento em que ela esteve conosco, a cada sorriso, cada beijo — eu a vejo engolir em seco, não consigo fazer minha língua descolar do seu céu da boca, não consigo dizer nada, mas o sentimento é mútuo e ela sabe disso — Não quero me despedir dela, mas é necessário. Quero guardar para sempre o seu sorriso em minha memória, era isso que ela iria querer. E se Deus está me permitindo um momento para me despedir dela, eu quero aproveitar.

Admiro a força e a coragem de Milena. Como ela pode estar assim sabendo que vai perder a sua mãe?

— Eu não quero me despedir — digo a ela com uma forte dor no peito.

— Sabe o que é engraçado Gabi? Minha mãe conhecia você como ninguém mais conhecia. Acho que te conhecia até mais do que eu mesma. Há

uma semana, ela me deu isso para esse momento. No começo eu não queria pegar, pois isso era o mesmo que aceitar que ela iria embora, até esse momento eu não entendi o que isso significava. Mas talvez você entenda — ela me entrega um papel minuciosamente dobrado que também estava na sua carteira — Ela queria que eu te desse para o caso de você não estar aqui quando ela se fosse. Agora vou aproveitar esse último momento que tenho com ela. Espero que você venha Gabi, ela iria querer isso — ela se levanta do banco e vai. Fico pelo menos dez minutos olhando para aquele papel que parece pegar fogo em minhas mãos.

Desdobro o papel e começo a ler.

Gabi, minha filha - sim você é a minha filha mesmo que sua mãe não goste disso- eu te amo na mesma intensidade que eu amo a Mi. Lembro quando você veio até a nossa casa, parecia um gatinho assustado atrás de Milena. Quando olhei em seus olhos eu soube que faria qualquer coisa para te proteger. Eles transparecem tudo que você tenta esconder Gabi, e quando olhei para eles eu soube que você precisava ser protegida.

A vida não é como gostaríamos, Gabi, mas agradeço a Deus pelo tempo que eu tive com você, e por poder te dar um amor de uma mãe. Você nunca me chamou assim, era sempre Ninha pra lá, Ninha pra cá. Você nunca disse que me amava. Não se sinta mal por isso, pois eu sei que você amava, do seu jeito, mas amava. Eu só quero dizer que isso não é o fim. Pode ser para mim, mas não para você e Mi. Vocês estão vivendo a vida de vocês agora, e fico feliz porque eu sei que cuidei de duas meninas que me darão muito orgulho! Eu agradeço a Deus, porque eu não tive uma filha, eu tive duas, e eu as amo imensamente!

Com amor, mamãe.

Quando termino de ler, vejo que a carta estava completamente molhada. Há alguns minutos, eu não queria me despedir dela, mas eu preciso, não só por mim, mas por ela. Ela merece isso, mesmo que eu esteja em pedaços, ela merece escutar o que eu tenho a dizer.

E então eu corro, corro até chegar ao quarto. Milena está ao lado dela com o rosto vermelho e os olhos inchados de chorar. Me aproximo da cama, seguro uma mão e Milena segura a outra. Milena busca a minha mão, que estendo a ela. Crio coragem e falo aquilo que eu deveria ter falado há muito tempo.

— Eu te amo, mãe — digo com toda intensidade do meu ser. Sinto um aperto na mão olho para Milena, pois sei que ela sentiu também. Olhamos para Nina, e ouvimos um barulho que fez os nossos mundos desabarem.

Capítulo 23

Gabriela

Apesar da família de Milena ter uma boa situação financeira, o enterro e a cerimônia foram simples e com poucas pessoas. A mãe e o pai de Ninha já haviam falecido, só tinham amigos bem íntimos, e o Dr. Carlos. Ele realmente havia se tornado um grande amigo de Ninha. Eu e Milena passamos a maior parte do enterro nos apoiando uma na outra, como uma pessoa se segura numa corda na beira do precipício. É exatamente onde nós estávamos. A pior parte foi quando abaixaram o caixão, e ali enterraram a mulher que fez o meu mundo mais feliz e que me mostrou o que é ter uma família. Eu não tinha condições de consolar Milena, pois nada no mundo mudaria nossa dor.

Infelizmente, nada no mundo é mais certo que a morte. É inevitável, sabemos que eventualmente irá acontecer, mas nunca estamos preparados para enfrentá-la. Todos nós temos uma espécie de relógio dentro de nós, e a cada tique-taque, a nossa hora se aproxima. É incrível como só nos damos conta disso quando temos que enfrentar a morte.

Ao chegar à casa de Milena, desabamos - choramos juntas a morte da nossa mãe. Como eu gostaria de tê-la chamado assim mais vezes! Cada canto daquela casa era como uma caixa de lembranças. Tomamos um banho e deitamos na cama como nos velhos tempos, perdidas em pensamentos. Sinto o calor da sua mão na minha - nesse momento, nós duas precisávamos desse contato.

— Como será a sua vida agora Mi? — pergunto a ela, mesmo sabendo que ela não teve tempo nem condição emocional para pensar nisso.

— Eu não sei, Gabi. Só tenho uma certeza em minha vida nesse

momento, perder a minha mãe para o câncer só fez crescer ainda mais a minha vontade de cursar medicina — ela me diz, e admiro o seu pensamento de ajudar as outras pessoas. Milena sempre foi altruísta.

— Por que você não vem para o Rio comigo? Você pode pedir transferência, assim poderemos ficar mais perto uma da outra — Milena não tem mais ninguém em São Paulo, seus avós paternos não moram no Brasil, e agora ela está completamente sozinha. Ter a minha amiga por perto seria ótimo.

— Eu não sei, Gabi. Ainda preciso resolver tudo aqui, preciso de um tempo para mim, mas eu pensei nisso e acho que eu preciso de um lugar para recomeçar também.

— Ela me disse que tinha algo para nós duas no quarto dela.

— Ela te disse o que é? — ela me pergunta fitando o teto.

— Não, mas ela disse que iríamos saber o tempo certo de abrir — digo a ela dessa vez olhando para o seu rosto — Acho que ela vai dar um jeito de cuidar de nós mesmo não estando mais aqui.

Meu coração está tomado pela dor da perda e da raiva, é como se o destino quisesse tirar tudo de bom que há em minha vida. Primeiro meu pai, que se transformou em um monstro, e depois levou embora o amor da mulher que me deu à luz. Agora perdi a única pessoa que me deu uma família de verdade. Tento não transparecer minha raiva perto da minha amiga, mas sei que ela sabe como estou me sentindo.

— Estou sem rumo agora, Gabi — percebo sua dificuldade em falar ao ouvir sua voz embargada — Ela era o meu mundo, passei tantos meses cuidando dela, que não sei o que fazer agora que ela se foi. Eu a amo Gabi, eu amo tanto que sinto como se o chão tivesse se aberto sobre meus pés e estou prestes a cair em um buraco negro e desconhecido — suas palavras se transformam em soluços altos, e, nesse momento, eu não estou me contendo.

Me desmancho em lágrimas. O muro que tanto erguia para conter os meus sentimentos nunca estava erguido para minha família, e era isso que Milena era: minha família.

Minhas lágrimas estão caindo livremente pelo meu rosto enquanto abraço a minha amiga. Eu a abraço como se pudesse livrá-la de toda essa dor. Milena chorou durante um tempo, e depois adormeceu. Admiro sua capacidade de conseguir dormir rapidamente, me levanto da cama sem fazer barulho e ando pela casa.

Olho para o corredor, onde ficávamos correndo e brincando. É nessa casa que estão as minhas melhores lembranças. Quando menos percebo, estou em frente ao quarto de Nina, e me lembro do que ela me disse. Vou até a sua cama, abaixo e vejo os pequenos baús que ela falou que estariam ali. Pego o meu passo a mão pela colcha florida. Me sento em sua cama, que está desarrumada como se ela fosse voltar para se deitar a qualquer instante. Abraço meus joelhos e fico assim durante um tempo, me permito chorar e sentir a dor da perda.

Pego o baú e abro. Vejo alguns papéis que estão bem dobrados, pego o primeiro e reconheço sua caligrafia. Embaixo está uma foto minha abrindo um forno - me lembro desse dia, nunca tive muita paciência para esperar as coisas ficarem prontas, a todo instante abria o forno para ver se o bolo já estava pronto. No fim, abri o forno tantas vezes que o bolo solou. Sinto uma pontada de dor no meu coração causada pela saudade. Abro a carta e começo a ler.

Gabi, se você está lendo essas cartas significa que eu já faleci e estou ao lado do meu amado. As cartas desse baú não são para você, são para Milena - a minha menina irá ficar sozinha e quero estar presente de alguma forma em todos os momentos da sua vida. Há uma carta para cada um desses momentos, e eu quero que você dê a ela quando for o momento certo. Cada carta tem um título e você irá se guiar por eles. Não fique

triste, sei que você provavelmente abriu o seu baú após o meu enterro, em busca de alguma resposta. Você nunca foi muito paciente, mas, assim como você está com as cartas de Milena ela está com as suas. Tudo tem a sua hora, e, quando essa hora chegar, e eu estarei com você, como sempre estive. Seja feliz minha menina!

Com amor, Ninha.

Um sorriso brota em meu rosto. É incrível a capacidade que Ninha tem de me conhecer. Fecho o baú e volto para o quarto com ele nas mãos. Guardo ele em minha mala, e me deito na cama. Só de pensar em deixar Mi aqui sozinha me entristece, mas acho que ela realmente precisa de um tempo para ela. Sinto meus olhos pesarem e consigo finalmente pegar no sono.



Guilherme

Estou inquieto, Júlia me disse que Gabriela ainda não ligou para ela, e que não tem notícia dela há semanas. Estou preocupado, principalmente pela forma como ela viajou rápido deixando minha irmã sem nenhuma explicação.

Eu nem sei por que estou desse jeito, minha cabeça está literalmente fodida nesse tempo que não tive nenhuma notícia dela. Tive que dormir no alojamento dois dias, pois minha irmã estava com pesadelos constantes, e apesar dela e Lucas serem amigos, não me alegrava muito ver minha irmã dormindo em sua cama. Insisti para que ela viesse para o apartamento, mas ela não arredava o pé com medo de Gabi voltar e ela não estar no quarto. Minha irmã se apegou a ela nas poucas semanas em que ficaram juntas. Ver a minha irmã feliz e com uma amiga me alegra, mas agora vê-la triste por não estar

com sua amiga por perto me deixa angustiado.

Estou no alojamento e minha irmã está sentada na sua cama. Estou na cama de Gabi, nós estamos há horas fazendo maratona de um seriado. Considero gay demais para mim, mas o que eu não faço pela minha irmã não é mesmo? Pelo menos a atriz principal é uma gata.

— O Lucas vai adorar saber que você está vendo *Supergirl* comigo — ela zomba de mim.

— O Lucas não vai saber de nada, porque você não vai contar nada para ele — digo para ela com um olhar ameaçador.

— Ver *Supergirl* não te faz ser menos homem não Gui. Ou será que faz? — debocha de mim.

Igonoro seu comentário.

— Como você sabe que ele assiste?

— Eu... assisti com ele — diz e percebo que ela está um pouco nervosa.

— Vocês estão passando bastante tempo juntos — digo. Sei que são amigos, mas saber que ela fica sozinha com Lucas me deixa com uma pulga atrás da orelha. Minha irmã é linda e os caras ficam babando nela.

— Eu não estava conseguindo dormir — diz, e logo o pensamento de que Lucas poderia estar se aproveitando da minha irmã se esvai.

— Tudo bem Ju, sei que você tem juízo — Acho que depois de tudo minha irmã criou um pouco de juízo na sua cabecinha. Ela balança a cabeça afirmando.

— Acho que ele realmente gosta porque toda vez que a abertura começa ele grita “*eu sou a Supergirl*” — diz o imitando. Só de pensar em Lucas gritando “*eu sou a Supergirl*”, choro de rir.

— Acho que se ele deixasse o cabelo crescer e usasse uma capa

vermelha, seria uma boa *Supergirl* — digo sorrindo. Ah, Lucas, por que você foi dar um mole desse? Minha irmã está com a mão na barriga rindo e com lágrimas nos olhos.

— Gui, não seja cruel, se ele souber que eu te contei isso estou frita — Sem dúvida alguma ele ficará puto quando descobrir.

— Está bem maninha, minha boca é um túmulo — digo, mentindo. Eu não perco a oportunidade de infernizar a vida dele.

— Coloca logo o episódio dezoito é o meu preferido, o *Flash* aparece nele. A química entre eles é tão forte, bem que eles podiam ficar juntos! O fotógrafo de quem ela gosta é tão sem graça, o *Flash* é até magrinho, não tem músculos, mas ele é fodão — ela me diz com um ar de sonhadora e de menina apaixonada.

— Olha a boca Ju!

— Sem essa Gui, não sou mais criança — diz fazendo um biquinho que provaria o contrário se ela se olhasse no espelho.

Coloco o tal episódio, mas não consigo prestar muita atenção. Meus pensamentos estão em uma certa loira que não usa capa, mas é ainda mais bonita que a tal *Supergirl*. Ah, Gabriela, quando você voltar ou você fica comigo ou eu não me chamo Guilherme Ávila.



Gabriela

Deixar Milena foi muito difícil. Minha amiga estava abatida e com olheiras profundas, mas já havia se passado duas semanas e eu tinha que ir embora, ou iria ficar atrasada em todas as matérias. Milena me perguntou

novamente de onde eu conhecia o homem que a abraçou, e eu disse a ela que ele estudava comigo, mas que não fazia ideia do que ele estava fazendo ali. contei a ela sobre Lucas e Guilherme.

— Guilherme? — ela me olha com um sorriso no rosto depois de dias — Por que tenho a impressão de que você não está me contando tudo que deveria? — ela me pergunta curiosa. Com Mi nunca houve segredos, ela me entende como ninguém, então decido me abrir com ela.

— Eu não sei, Mi, eu sinto algo estranho quando estou perto dele, sinto vontade de ser tocada por ele — digo a ela, que me olha surpresa com os olhos esbugalhados e decido continuar — Ele me beijou Mi, não foi um beijinho qualquer, foi um beijo sexy que fez pensar em coisas que antes me davam medo — confesso para ela, que está com um lindo sorriso no rosto e agradeço a Deus por poder dar a ela esse momento de distração — Mas eu não consigo deixar ele entrar Mi, eu fui para o Rio para mudar de vida, eu quero me afastar do passado, mas quando olho em seus olhos sinto como se ele me conhecesse.

— Não tem como ele saber de nada, Gabi, já se passaram dez anos

— O problema, Mi é que ele era de São Paulo. Eu sinto, Mi, sinto como se ele me conhecesse.

— Você não está fugindo dele por causa desse medo, está? — pergunta semicerrando os olhos.

— Você não viu a forma como ele olhava para mim, era como se seus olhos pudessem ver a minha alma como se pudesse desvendar cada um dos meus segredos. Eu quero me divertir um pouco Mi, não sentir essas coisas que estou sentindo. Sem contar que ele é o maior galinha, não que eu me importe com isso.

— Você se importa sim, caso contrário você não iria nem mencionar se ele é galinha ou não, afinal como você mesmo disse, você só quer se divertir

— Milena e a sua capacidade de me conhecer melhor que ninguém.

— Não é isso — tento dizer a ela.

— Você está enganando a si mesma, Gabi — ela me diz. Dessa vez, sem o sorriso no rosto.



Nós nos despedimos e embarquei. Senti todo o cansaço a que meu corpo foi submetido essa semana. Meus olhos se fecharam involuntariamente. Consegui cochilar apenas alguns minutos, pois a viagem de São Paulo até o Rio é bem rápida. Cheguei ao alojamento rapidamente, o trânsito estava limpo e sem congestionamento. Já passam das nove da noite e mesmo assim o fluxo de pessoas ainda era grande. No alojamento não era diferente, algumas turmas faziam aula à noite, e pelo visto estava na hora de saírem. Passo pelas pessoas apressadamente.

Só quero tomar um banho quente e tentar dormir, meu corpo está ansiando por um pouco de descanso. Preciso, nem que seja por um momento, esquecer tudo que aconteceu nas últimas semanas. Abro a porta do quarto e estranho ao não ver Júlia ali. Entro no banheiro e fico embaixo do chuveiro durante um tempo, desejando que a água quente leve embora toda minha dor. Depois de estar com a pele bem vermelha por causa da temperatura do banho, me enxugo e coloco um pijama folgado. Apago todas as luzes e me deito na cama. Sentir a familiaridade da minha cama me traz um pouco de paz e estabilidade. Deito de bruços e sinto um cheiro inebriante no meu travesseiro. Adormeço me perguntando por que raios o cheiro do Guilherme estava por toda a minha cama.

Capítulo 24

Guilherme

Gabriela voltou da sua viagem há duas semanas. Seu rosto está muito abatido e com olheiras profundas. Sentei na mesa que ela ocupava no refeitório e lhe dei uma sacola com a minha sobremesa favorita. Isso sempre me ajuda. Parece que dar minha sobremesa favorita para ela estava se tornando um hábito, e não sei como me sinto com relação a isso. Vi um sorriso que não chegou aos seus olhos em seu rosto. Tentei puxar conversa e saber como ela estava, mas ela se fechou completamente e murmurou algo sobre estar atrasada para alguma aula.

Júlia tentou falar com ela, mas ela também não sabia muita coisa. Minha irmã estava triste, pois Gabriela se afastou dela. Vê-la triste me deixa arrasado, tentei saber o que estava acontecendo, mas não adiantou muita coisa. Vou para a aula frustrado e não consigo prestar atenção em Hidrostática. Normalmente essa é uma das aulas que mais gosto - encontrar as propriedades de um líquido em equilíbrio estático é uma das minhas partes favoritas, mas minha mente está em outro lugar bem longe dessa sala (e de qualquer equilíbrio).

Ando até o pátio e vejo Gabriela gesticulando e gritando com Rafael. Normalmente ele intimida as pessoas, mas acho que isso não acontece com Gabriela. Me aproximo deles para saber o que está acontecendo e acabo ouvindo parte da discussão, pois nenhum dos dois se deu conta de que eu estava ali.

— Eu fiquei fora duas semanas, duas semanas Rafael. Você não poderia pelo menos copiar a matéria ou pegar o material com alguém? —

Gabriela nervosinha é extremamente sexy.

— Se você não se lembra, eu tive que viajar também, por isso não tenho a porra da matéria — diz sem levantar a voz. Acho que nem precisa, ele consegue ganhar discussões sem se exaltar.

Entro em cena quando parece que Gabriela está pronta para partir para cima do Rafael.

— E aí o que está pegando? — pergunto a eles e Gabriela desvia sua atenção do Rafael para mim, seu rosto se comprime em uma careta, posso apostar que só de me ver, ela fica mais furiosa ainda.

— Não é da sua conta — diz irritada.

— Ela é louca — Sorrio com o comentário dele e isso parece deixá-la ainda mais nervosa. Ela olha para Rafael com aqueles olhos azuis, como se pudesse fulminá-lo. Se eu fosse ele, cruzaria as pernas e protegeria minhas bolas, pois nesse momento tenho certeza que ela está louca para machucar alguma parte do seu corpo, e posso apostar que é essa parte.

— Rafael não conseguiu pegar nenhum material das três aulas de cálculos que nós tivemos.

Olho para Rafael e vejo que ele está com um semblante de culpado. Droga parece que a conversa que tivemos sobre isso não adiantou muita coisa.

— A ementa de todos os cálculos é a mesma para todas as turmas de engenharia, já se passaram quatro semestres, mas eu tenho o costume de guardar todas as matérias. Posso ajudar vocês — Mesmo que Gabriela tenha rejeitado minha ajuda no início, pelo seu rosto sei que ela está tão desesperada que não se importa com o fato de ter que ceder e aceitar minha oferta.

Gabriela está com a boca um pouco aberta e quase percebo um brilho em seus olhos.

— S3rio?

— Sim, posso ajudar se voc3s quiserem — digo, olho para Rafael, ele est3 com os ombros mais relaxados e emite um “obrigado” sem som. Preciso conversar com ele e saber o que est3 acontecendo.

— Ah meu Deus n3o acredito! Obrigada, quando podemos come3ar?
— pergunta mais animada.

— Eu tenho apenas uma aula 3 noite durante a semana nas ter3as, nos outros dias estou livre. Meu est3gio 3 apenas at3 as seis, depois disso sou de voc3s — digo olhando diretamente para Gabriela. Minha mente come3a a maquirar todo um plano para seduzi-la, parece que o destino est3 ao meu favor e finalmente conseguirei passar um tempo com ela.

— Hoje mesmo pode ser?

— Sim, pode, no meu apartamento pode ser?

— Sim — Rafael e Gabriela dizem. O sorriso de Gabriela morre em seu rosto e sei que s3 agora ela se tocou que ir3 passar um tempo em minha presen3a. Ah, Gabriela se voc3 soubesse o que te aguarda!

Capítulo 25

Gabriela

Quando Guilherme disse que teríamos que estudar na casa dele, instantaneamente me arrependi de ter aceitado ajuda, mas a quem eu quero enganar? Não tínhamos mais tempo para conseguir pegar a matéria, estudar e terminar as listas de exercícios.

Tive quatro aulas intensas de física, meu cérebro parecia querer explodir, estava com tanta dor de cabeça que tive que tomar alguns analgésicos. O dia parecia interminável, fui para o quarto e encontrei Júlia estudando na nossa mesa minúscula.

Essas semanas eu me mantive afastada, me recusei até mesmo a ir à psicóloga, recusei todas as ligações da minha mãe furiosa. Júlia apenas me deixou quieta no meu canto e não disse mais nada, mas sei que ela está chateada. A morte de Nina me deixou pior do que eu imaginava, estava com um buraco enorme em meu peito.

Milena parecia bem ao telefone, disse que está organizando tudo para conseguir estudar na UFRJ. Fiquei muito contente com a notícia de que em breve terei minha amiga por perto. Sento na cama e solto um suspiro. Júlia me lança um olhar triste e me arrependi no mesmo instante por deixá-la de lado.

— Tudo bem? — ela tenta puxar assunto.

— Sim, quer dizer, não — tento dizer a ela, organizo meus pensamentos e decido me abrir — Me desculpa, Ju por ter me afastado de você — ela fecha o livro sobre a mesa e se levanta caminhando até a cama e se senta ao meu lado.

— Quer conversar sobre isso? — Seu jeito carinhoso que me lembra

Milena, a forma como ela me pergunta baixinho, e o seu olhar de compreensão mesmo sem saber do que se trata, me fazem querer ser sincera com ela.

— Eu perdi uma pessoa — digo e uma lágrima solitária rola pelo meu rosto. Júlia apenas me abraça. Ela não diz que vai ficar tudo bem, nem que essa dor vai passar com o tempo. Ela apenas me abraça e eu deixo. O calor do seu abraço me conforta e me traz um pouco de paz.

— Eu sinto muito — diz e ficamos ali conversando sobre alguns dos nossos professores e as nossas matérias. O tempo passou rapidamente e, quando vi, já estava quase na hora de ir para a casa do Guilherme. Sinto meu estômago se revirando só de pensar que terei que ficar perto dele por algumas horas. Pelo menos não estaríamos sozinhos. Chamo um táxi que pego em frente à faculdade e dou ao motorista o endereço que Rafael me passou por mensagem.



O taxista para em frente a um prédio que deve ter apenas dez andares, todo branco com sacadas de vidro azul. Sem dúvida nenhuma a família de Guilherme tem uma boa condição de vida. Não consigo entender por que Júlia mora em um alojamento ao invés de morar com o irmão. Os dois parecem ser tão próximos que fico curiosa para saber o porquê de não morarem juntos.

O porteiro libera minha entrada e entro no elevador que me leva até o sexto andar. Olho para o meu celular para conferir o número do apartamento, chego até a porta e bato. Estou alguns minutos adiantada, espero que Rafael já esteja lá, não quero ficar sozinha com Guilherme.

E, como se o destino quisesse zombar da minha cara Guilherme abre a porta sem camisa, ele está apenas com um short. Noto que ele tem uma palavra

tatuada em seu peito, “*fidélité*” e embaixo há uma flor. Eu conheço essa flor. Meus olhos quase saltam do rosto quando percebo a coincidência: é a mesma flor da foto que está em minha carteira. Faço uma anotação mental de pesquisar a tradução ou o significado dessa palavra, mas logo meus olhos percorrem a sua costela e ao lado direito está a seguinte frase: “*Porque meu eco é a única voz a voltar. Sombra é o único amigo que eu tenho*”. Reconheço imediatamente essa frase, é de uma das músicas do *Jason Walker*, e é uma das minhas preferidas.

Se minha vida fosse como era antes de tudo ser destruído, eu sem dúvidas sentaria em frente ao meu piano que deixei na minha antiga casa e tocaria com toda a intensidade do meu ser. Sinto tanta falta de tocar que tento não pensar muito sobre isso. Tocar sempre me trouxe alegria. Quando meu pai chegou em casa no natal com um piano de presente para mim após me matricular nas aulas, foi um dos dias mais felizes da minha vida. Sempre tive tudo que desejei, todos os brinquedos, mas aquele presente significou muito para mim. Sempre fiquei admirada com vídeos de pessoas tocando, quando meu pai me levava em recitais eu ficava fascinada com o som que o piano produzia, simples, limpo e intenso.

Meu sonho era estudar música, mas isso se tornou um sonho distante e decidir fazer algo seguro e exato. Isso foi uma das coisas que ele tirou de mim. As coisas ruins que ele fez comigo ofuscaram todas as coisas boas. É como se fossem duas pessoas diferentes. Balanço a cabeça como se isso pudesse afastar as lembranças, e vejo Guilherme pigarrear chamando minha atenção.

— Você vai ficar parada aí ou vai entrar? — pergunta no batente da porta me dando passagem. Entro em seu apartamento e vejo que é exatamente como eu imaginava: masculino, mas lindo, com um design luxuoso sem ser extravagante. O pé direito é um pouco maior do que o normal, há um sofá preto de couro na sala e uma mesa de centro de vidro, com algumas revistas de

motos sobre ela. Me sento no sofá e Guilherme continua em pé.

— Rafael já chegou? — pergunto, pedindo a Deus para que ele já esteja ali dentro, nem que seja no banheiro e, que por tudo que é mais sagrado, que Guilherme coloque uma camisa! Não consigo me concentrar olhando para o seu peito nu e musculoso.

— Ele não chegou ainda, me mandou uma mensagem dizendo que tinha que resolver algo, mas já está vindo — Só hoje eu já havia assassinado Rafael duas vezes mentalmente.

— Ele poderia ter me avisado.

— Não deve ter dado tempo, mas acho que ele tem um pouco de medo de você, o que é estranho porque ele não tem medo de ninguém. Mas se quer saber, eu acho que você fica linda brava.

— Eu não fico brava.

— Não? Achei que você fosse acertar as bolas dele hoje — tento esconder o riso, mas não consigo, eu realmente queria partir para cima dele. Sou contra a violência, mas ele conseguiu me irritar — Você sempre está brava.

— Eu sempre estou brava com você, é diferente — digo, mas me arrependo na mesma hora, pois sei que ele vai me perguntar o motivo.

— Ah é? Posso saber o que eu fiz para merecer tanta raiva?

— Ah deixe-me listar! Um: Você se acha demais. Dois: Você se acha a última bolacha do pacote. Três: Seu ego é maior que você.

— Nossa, do jeito que você fala, me faz parecer um prepotente — diz sorrindo ao invés de ficar irritado como eu achava que ele ficaria — Sou irresistível, o que posso fazer?

— Viu, é disso que estou falando, você não é não! — Ele se aproxima de mim, ficando em pé na frente de onde estou sentada.

— Então me explica: se não sou irresistível, por que você não tirou os olhos do meu peito, ou devo dizer, do meu corpo inteiro? — Minha respiração fica mais rápida, e o sangue começa a bombear rapidamente em minhas veias. Droga, ele é irresistível e sabe disso. Mas não vou entrar no seu jogo, não sou uma de suas conquistas.

— Porque é indecente e nada educado abrir a porta assim — Aponto para seu peito nu — E eu não estava olhando.

A campainha toca e agradeço aos céus por isso. Guilherme vai até a porta atender e involuntariamente meus olhos acompanham cada passo seu, é impossível não o admirar ele é lindo, sexy, suas costas são largas e me fazem desejar passar as minhas mãos por elas, estou ferrada, Guilherme ferra com a minha cabeça, e é exatamente disso que eu quero fugir, preciso de alguém que me deixe sã, com Guilherme perco meus sentidos.

Rafael entra e me cumprimenta, diferente do cara bem-humorado que conheci, parece que um caminhão passou por cima dele, seu rosto está com uma careta e sua testa está franzida.

— Desculpa pelo atraso — diz com a voz baixa. Seja lá o que o fez se atrasar, não foi algo bom. Decido não reclamar.

Guilherme sai e me deixa a sós com Rafael. Minutos depois, ele volta vestido com uma camiseta, que deixa seus músculos de fora. Vai ser impossível se concentrar assim.

— Tudo bem — digo a ele que solta um suspiro no mesmo instante.

— Vamos para o escritório — diz e o seguimos. O que ele chama de escritório parece um estúdio / biblioteca / escritório, é uma junção de todas as coisas, mas é elegante e bonito. Todos os móveis são escuros, há uma estante cheia de livros que parecem se misturar entre livros de estudo de ficção, em uma parede negra, onde há um violão pendurado e uma guitarra. Logo abaixo tem uma cadeira de descanso branca, que chama muita atenção em contraste

com os móveis escuros. Guilherme abre um armário e pega uma pasta escrito “Cálculos um, dois e três”, e leva até uma mesa redonda perto de uma das estantes.

— Vocês estão estudando derivada e limites em cálculo um, certo? — pergunta sem olhar para nós, concentrado nos papéis à sua frente.

— Sim — eu e Rafael dissemos juntos.

— No que vocês estão com mais dificuldade?

— Derivada — digo me sentando em uma das cadeiras.

— Imaginei, eu também tive um pouco de dificuldade. O problema é que os professores preferem passar o conceito completo e não te ensinam do jeito mais rápido e fácil. Como vocês devem ter pelo menos uma vaga ideia do que é o conceito, vou mostrar como vocês podem resolver uma questão rapidamente sem precisar dar muitas voltas — Ver Guilherme falando assim, todo intelectual, sem o seu jeito sacana e completamente concentrado, me faz ficar tonta.

Não consigo prestar muita atenção no que Guilherme está falando, presto atenção nos seus músculos se flexionando enquanto ele gesticula, me concentro em seus olhos verdes, na sua boca carnuda, nos seus dentes perfeitamente alinhados. Meus pensamentos se voltam para quando nossas bocas se encontraram pela primeira vez, e de como eu fiquei completamente apavorada depois daquele beijo. Medo dele saber quem eu era, e, mesmo assim, meu coração idiota insistiu em desejá-lo.

Sou arrancada dos meus pensamentos quando um celular começa a tocar uma mixagem absurdamente alta, e vejo Rafael se levantar e sair do escritório para atender a ligação.

— Você não estava prestando atenção — não é uma pergunta, ele está afirmando. Droga, ele percebeu!

— Estava sim — digo a ele.

— Então me diz quanto é infinito mais um — Droga, como saio dessa agora?

— Não sou obrigada a responder.

— Bom, eu não sou obrigado a ajudar, mas estou ajudando mesmo assim, o mínimo que você pode fazer é prestar um pouco de atenção — Não sinto raiva em sua voz. Ele está jogando comigo, e um sorriso que faz suas covinhas aparecerem se forma em seu rosto — Meu ego adora quando você me olha assim, mas não quero que você reprove.

— Eu não estava olhando — digo, mas sei que ele não acredita em mim.

— Sei, mas vamos lá responda a minha pergunta — pede.

— Um? — pergunto e respondo ao mesmo tempo.

— Não, qualquer número somado ao infinito é igual a infinito. Pense assim: você tem infinitos pensamentos, e você quer somar mais um pensamento a eles. Ou seja, se você somar um pensamento com infinitos pensamentos, ele se torna apenas mais um no meio de um infinito, então a resposta não é um, e sim infinito — Percebo o quanto ele é inteligente. Rafael passa pela porta com uma expressão ainda pior no rosto.

— Anjo — ele chama pelo apelido carinhoso que me deu no primeiro dia de aula — Me desculpa, mas eu realmente preciso ir. Sei que Guilherme pode te ajudar.

Olho para ele incrédula. Ele já chegou atrasado e ainda vai sair sem nem termos feito um exercício da lista? Abro a boca para reclamar, mas vejo algo em seu rosto, um olhar de tristeza e desespero. Decido deixar para lá. E tento não me desesperar por ter que ficar nesse apartamento sozinha com Guilherme.

— Tudo bem, vai poder continuar me ajudando sem Rafael? — pergunto a Guilherme, afinal, estamos na casa dele.

— Sim.

— Vou nessa então, obrigado, Gui — ele aperta a mão de Guilherme — Desculpa, Gabi, amanhã te ligo — ele beija minha testa e Guilherme o acompanha até a porta.

Fico ali olhando aquele espaço que parece revelar tanto sobre Guilherme. Estou em seu espaço, e conhecê-lo um pouco mais faz com que o meu coração ignore o que o meu cérebro insiste em dizer. Sei que devo me manter afastada dele, mas como? Eu nunca me senti assim, nunca gostei de ninguém, eu não sei como agir nem o que fazer com esses sentimentos que transbordam em meu ser. Guilherme volta com um sorriso no rosto, interrompendo meus pensamentos.

— Vamos começar as listas. Sei que vocês estão sem tempo, posso te ensinar a resolver algumas, e eu mesmo vou respondendo outras questões, mas você precisa aprender. Por isso vamos estudar mais depois de fazermos a lista em outro dia, tudo bem?

— Tudo bem.

— O que? Sem reclamar?! Acho que vou abrir a porta para você mais vezes sem camisa se isso fizer você passar mais tempo comigo — Não acredito, Guilherme é impossível! Ele não consegue segurar o ego — Aposto que você ainda está com a imagem na cabeça — suas covinhas aparecem assim que ele sorri.

— Ego — digo lembrando a ele nossa conversa anterior.

— Coloca sua cadeira mais perto — pede ignorando meu comentário.

— Tenho medo do seu ego me cegar, Guilherme — digo colocando as minhas mãos sobre meus olhos.

— Vou te mostrar algo que vai te cegar fácil — Do jeito que ele é perverso, deve estar falando de suas partes íntimas. Abro a boca tentando pronunciar algo, mas simplesmente não consigo. Guilherme causa esse efeito em mim, sempre perco a fala perto dele.

— Senta logo aqui, senão vou até aí — Que insistência! Empurro minha cadeira até ficar bem perto da sua.

Ele começa me ensinando alguns truques que ele foi pegando ao longo das aulas e que o ajudaram. Consegui entender boa parte da matéria. Fico impressionada, Guilherme é muito inteligente! Estudamos por horas: quando olho no relógio, vejo que já são três horas da manhã. A hora voou, mas conseguimos terminar duas listas de exercícios.

— Droga, está tarde — resmungo brigando comigo mesma por ter esquecido da hora.

— Nossa, acho que me empolguei um pouco! Eu adoro essa matéria, foi o meu semestre favorito — olhando para ele eu não diria que ele é um CDF, mas a forma como ele conseguiu me ensinar três aulas em apenas algumas horas provam o contrário.

— Eu tenho que ir. Obrigada pela ajuda — digo recolhendo minhas coisas.

— Fica, está tarde, é perigoso ficar andando sozinha.

— Posso chamar um táxi.

— Por favor, não vou me sentir bem se você sair tarde da noite. Minha moto está na oficina, se eu pudesse te levaria. Você pode ficar no quarto antigo da Júlia — diz e minha mente começa a listar os motivos pelos quais eu não deveria ficar ali, mas estou cansada demais e decido aceitar.

— Vou ficar, mas se você tentar algo eu acerto suas bolas, entendeu?

— Tudo bem, Gabriela acertadora de bolas. Quer tomar um banho

antes? — pergunta.

— Se não for incômodo.

— É na porta à direita — diz apontando — No armário tem toalhas.

Vou até o banheiro completamente cinza com as louças brancas e fecho a porta. Entro no boxe abrindo o chuveiro e tomo um banho quente, pensando naqueles olhos verdes que causam sensações novas em meu corpo. Ouço a porta do banheiro abrir, uma porta que eu não havia visto. Por que esse banheiro tinha duas portas? Solto um grito quando escuto a voz de Guilherme.

— Só vim deixar uma roupa para você vestir, estou de olhos fechados.

— Que porra é essa, Guilherme? Você podia ter me dado lá fora — digo irritada com a invasão.

— E deixar você sair de toalha do banheiro? Estou tentando ser cavalheiro!

— E por acaso entrar no banheiro enquanto estou tomando banho é cavalheirismo, Guilherme?

— E quem disse que eu sou cavalheiro? Eu disse que estava TENTANDO ser cavalheiro, mas não disse que sou — diz saindo do banheiro.

Começo a rir sozinha no banheiro quando vejo que a minha raiva me fez ficar cega. O boxe era todo de blindex, mas estava tão embaçado pela água quente que ele não conseguiria ver nada. É obvio que ele saberia disso, afinal esse é o seu banheiro! Ele realmente estava sendo atencioso. Droga, faça algo para que eu te odeie Guilherme, porque agindo assim fica difícil!

Pego as roupas que ele trouxe para mim, que se resumem a apenas uma camisa branca dele. Visto a camisa, que me cobre quase até os joelhos, e sinto seu cheiro nela. Saio do banheiro e o vejo sentado no sofá. Seus olhos encontram os meus e eu digo:

— Obrigada pelas roupas.

— Vem, vou te mostrar o antigo quarto da Ju — eu o sigo até o quarto.

Entramos em um cômodo que mais parece um quarto de hotel, sem nada. Nenhuma indicação de que esse quarto pertencia a alguém. As paredes são em um tom bem claro de lilás e os móveis brancos; uma cama de casal está no centro do quarto e há um closet e uma mesinha de cabeceira com um abajur.

Fico em pé desconfortável com a situação.

— Ali no closet tem cobertas e mais travesseiros, se você quiser.

Guilherme está bem próximo a mim, mas não se aproxima mais. Acho que finalmente ele está aprendendo que deve manter distância.

— Durma bem, Gabriela — diz olhando em meus olhos e faz algo completamente inesperado: beija minha testa e sai.

Estou sem reação e sorrindo feito boba. Guilherme é um invasor que adentrou o meu espaço e abriu uma brecha, quebrando minhas barreiras. Tenho medo só de pensar no rastro que ele deixará no meu coração quando sair como acabou de sair do quarto, quando eu menos esperar. Vou até o closet e vejo várias roupas que devem ser de Júlia. Sorrio com o pensamento de que ele me queria aqui com a sua camisa e não com as roupas de Júlia. Pego uma coberta e me deito na cama. Sinto seu cheiro em sua camisa e durmo como não dormia há semanas.



Guilherme

Não imaginei que ela realmente fosse dormir aqui. Tentei agir naturalmente e não agarrá-la, mas, ao vê-la ali vestindo apenas a minha camisa

branca e saber que, por baixo dela está aquele corpinho sexy no qual anseio passar as mãos por cada uma de suas curvas, fez meu corpo reagir rapidamente. Lhe dei um beijo de boa noite antes que eu começasse a pensar com a cabeça de baixo. É tão difícil conseguir algo de Gabriela que estou tentando usar uma tática diferente.

Agarrá-la parece funcionar apenas por alguns minutos, mas prendê-la contra a parede e devorar sua boca por tão pouco tempo não era o que eu queria. Eu queria mais. Queria passar as mãos pelo seu corpo, sentir seus mamilos rígidos contra o meu peito enquanto a prendo na parede, quero passar a língua na curva do seu pescoço e morder a sua orelha, quero ouvi-la gemer meu nome enquanto brinco com seu clitóris.

Meu pau começa a ficar ainda mais duro com a imagem que se forma em minha mente, e sinto uma grande necessidade de me aliviar. Estou parecendo um adolescente que acaba de entrar na puberdade, decido tomar um banho frio para tentar acalmar meu amigo.

Deito na cama e fico me revirando a noite inteira. Eu não consigo simplesmente dormir sabendo que Gabriela estava no outro cômodo, dormindo apenas com a minha blusa.

Levanto da cama com apenas uma *boxer* e vou até o antigo quarto de Júlia. Ver Gabriela ali me faz sentir algo que nunca senti antes: uma vontade enorme de tê-la ali sempre comigo. Isso fez o meu estômago se revirar. Pela primeira vez em anos, sinto vontade de conhecer alguém a fundo, quero desvendar todos os seus segredos, e cuidar dela para que não tenha mais aquela tristeza em seu olhar.

Sinto o sono vindo e me levando para um lugar calmo e confortável. Decido ceder ao que meu corpo deseja, me aproximo da cama e me deito. Encaixo Gabriela em meus braços e ela nem se move. Sinto o cheiro doce do seu cabelo e adormeço com a certeza de que algo estava mudando dentro de

mim.



Acordo e sinto meus braços dormentes, vejo cabelos loiros jogados pelo meu peito. Gabriela ainda está dormindo, e agradeço a Deus por isso. Não consigo nem pensar no escândalo que ela iria fazer se me visse ali deitado atrás dela, e, ainda por cima, com a minha ereção matinal. Vou até o banheiro tomar um banho, volto para o quarto e a vejo sentada na cama com os cabelos bagunçados e com os olhinhos inchados de quem acaba de acordar.

— Bom dia.

— Dia — responde ela, sem olhar para mim.

— Dormiu bem?

— Sim e você?

— Bem — Ah, se você soubesse Gabriela! Ter você em meus braços por essa noite fez com que tudo mudasse dentro de mim. Eu te quero, te quero como nunca antes quis alguém. Todos os meus esforços para te conquistar se viraram contra mim e quando eu percebi, você já havia me conquistado. Gostaria de poder dizer isso a ela, mas se eu fizesse isso, ela fugiria como sempre — Vou preparar o café para a gente — digo a ela que finalmente me olha, e vejo seus olhos arregalados. Ouço um gritinho que mais parecia um miado saindo da sua boca, olho para baixo, onde seus olhos estão pousados, e só agora entendo o porquê. Eu ainda estou apenas de cueca *boxer*. Bendita seja a ereção matinal, adoro causar todo tipo de reações nela. Ouvir seu miadinho só fez com que a minha ereção ficasse ainda mais dura.

Gabriela levanta da cama e vai até o banheiro correndo e ouço a porta ser aberta. Acabo de me arrepender de ter dado a chave do meu apartamento

para minha irmã, ela entra nervosa e falando alto.

— Ela sumiu — diz e não consigo acompanhar seu raciocínio — Ela simplesmente sumiu e não disse nada, estou preocupada com ela.

— Do que você está falando, ratinha? — pergunto preocupado.

— Gabriela não dormiu no alojamento, estou preocupada, Gui — Se ela soubesse que Gabriela passou a noite em meus braços, arrancaria minhas pernas. Júlia nutre um carinho tão grande por Gabriela que já recebi várias ameaças para não me envolver com a amiga dela.

A porta do seu antigo quarto se abre e Gabriela sai vestindo suas roupas de ontem à noite.

— Gabriela? — minha irmã pergunta com os olhos arregalados — O que você está fazendo aqui?



Gabriela

Assim que abro os olhos e vejo que não estou em meu quarto, sinto uma onda de pânico percorrendo meu corpo. Mas ela logo se evapora quando lembro onde estou. Sinto seu cheiro amadeirado em cada centímetro do meu corpo. É como se ele tivesse dormido junto comigo! Nas últimas três semanas eu lutei contra o sono. A ansiedade e a insônia estavam me consumindo. Mas estar ali, de alguma forma, me trouxe paz. E consegui dormir.

Sento na cama tentando me lembrar do porquê que eu deveria me afastar dele, já que meu coração parece se esquecer disso. Quando ele me chama, eu não queria olhar para ele. Eu devia estar horrível com os cabelos desgrehados e remela nos olhos. Quando finalmente olho para ele, vejo que

ele está vestindo apenas uma cueca *boxer*, e que ela se encaixa perfeitamente em suas pernas musculosas. Dessa vez, acho que ele não fez por mal, pois ele parecia surpreso. Corri até o banheiro, tentando conter essa onda de desejo que sinto por ele.

Encosto na porta e tranco as duas para não ter risco dele entrar aqui. Sinto meu estômago se revirando e minha respiração entrecortada. Quando estou em sua presença, eu simplesmente não consigo formular uma frase coerente em minha mente para mantê-lo afastado.

Não consigo entender como ele domina o ambiente quando está comigo, e sabe exatamente o que fazer para me desarmar. Preciso entender o que se passa pela minha cabeça. Jogo água no meu rosto e, contra a vontade, tiro a sua camisa que está com seu cheiro impregnando. Coloco minhas roupas e saio do quarto quando ouço uma voz conhecida na cozinha.

— Gabriela? — Júlia me olha com os olhos arregalados — O que você está fazendo aqui? — Seu rosto está um misto de confusão e descrença — Eu fiquei preocupada quando você não voltou para o quarto.

— Eu e o Rafa estávamos estudando, mas quando acabamos estava muito tarde.

— E por que meu irmão não te levou de moto?

— Minha moto está na oficina, ratinha.

— Não está não! Eu a vi ali embaixo — não acredito que o tempo todo a moto dele estava aqui e ele não quis me levar! Por quê? Tudo bem: suponhamos que ele me queria aqui, mas para quê? Ele apenas me deu um beijo de boa noite, e esse não parece ser o estilo de Guilherme. Não que eu esteja reclamando, Deus! Estou confusa e preciso me afastar para conseguir entender esses sentimentos dentro do meu peito.

— Filho da puta — resmungo baixinho.

— Ei, não xinga minha mãe não! Ela não tem culpa se meu irmão é um cretino. Vamos, Gabi, vamos para casa — Ela segura meu braço, me puxando porta a fora. Olho para trás apenas para me certificar de que ele não está nos acompanhando. Vejo em seu rosto aquele sorrisinho cafajeste estampado. Pisca um olho para mim, estou ferrada!

Capítulo 26

Gabriela

Uma das coisas que sempre gostei é a sensação de quando acordo nos minutos antes de abrir os olhos e estou no escuro, sem me dar conta da realidade.

E a minha realidade agora era ter que encontrar a minha psicóloga. Tentei ao máximo não ir às consultas, mas não tive para onde fugir. Júlia já foi para a aula e estou sozinha, me arrumo sem muita vontade e vou até o consultório.

Em questão de minutos chego até Copacabana. Olho para o meu celular e vejo que estou meia hora adiantada. Olho para a praia e para o calçadão, quero espairecer minha mente. Como sei que o consultório é praticamente no fim da praia decido andar por ela. Tiro meus sapatos para sentir a areia fina sob meus pés.

Preciso entender esse turbilhão de sentimentos dentro de mim. Algumas pessoas passam pela orla da praia, passeando com seus cachorros, correndo ou apenas caminhando como eu, alheios ao que acontece a sua volta. Apesar do barulho dos carros na pista, consigo sentir paz e tranquilidade como há muito tempo não sentia. Quero entender essas sensações dentro de mim, estou de cabeça baixa quando alguém esbarra em mim e eu caio de bunda na areia

— Meu Deus! Desculpa, eu não te vi — O garoto com a pele bem morena, cabelos negros como a noite e olhos verdes que me derrubou no chão estende a mão para me ajudar a levantar.

— Droga — resmungo baixinho tirando a areia da minha roupa.

— Você se machucou? — pergunta preocupado. Tirando a minha dignidade, estou bem.

— Não, estou bem — Agora terei que ir até o consultório suja de areia.

— Desculpa, de verdade. Às vezes tenho essa mania de correr olhando para o chão — ele realmente parece arrependido — Meu nome é Bruno.

— Gabriela — digo sem muita vontade de iniciar uma conversa.

— Você está indo para onde? — ele me segue enquanto estou andando — Deixa eu te acompanhar — ele não espera por uma resposta e vem atrás de mim.

— Você é nova aqui? — Acho que meu sotaque me denuncia, sempre.

— Sim, estudo na UFRJ.

— Eu também!

— Você estuda o que?

— Direito, estou no segundo ano, e você?

— Engenharia — digo já esperando o famoso discurso de ter apenas homens na classe, mas ele não o faz. Apenas parece surpreso.

— Uau! — é tudo que ele diz. Ficamos em um silêncio constrangedor até chegarmos perto do consultório.

— Bom eu vou ficar ali — digo apontando para o prédio onde fica o consultório.

Me abaixo para colocar minhas sandálias, mas percebo que colocá-las é uma tarefa mais difícil do que parecia. O vento está forte e não sei se seguro a minha saia ou se me abaixo para amarrar as tiras. Depois de muito esforço, consigo colocar a sandália.

— Acho que a gente se vê por aí, Gabriela — ele me dá um beijo no rosto sem me dar tempo de recuar, e volta ao seu trajeto de corrida. Qual o

problema das pessoas com beijos no rosto? Por que será que elas gostam tanto de beijar o rosto de outra pessoa? Isso me deixa desconfortável, sempre me pega desprevenida e nunca consigo recuar a tempo.

Continuo andando até chegar ao sinal e atravesso. Caminho até o prédio e espero o elevador.

Entro no consultório, mas dessa vez tenho que esperar porque a Dra. Iara está com outro paciente. Sento em um dos sofás acolchoados da sala de espera enquanto aguardo. As paredes brancas me causam agonia e me sinto sufocada ali dentro. Olho para a secretária, uma moça jovem de cabelos negros em um coque perfeito e bochechas rosadas pelo blush. Só estamos nós duas na sala, e, diferente da secretária da minha antiga psicóloga, ela não me olha como se eu pudesse surtar a qualquer momento. Ela recebe uma chamada em seu telefone e diz que posso entrar.

Entro na sala e vejo que os espelhos não estão ali. Suspiro, soltando o ar que havia percebido estar preso em meus pulmões.

— Bom dia — ela me cumprimenta.

— Bom dia.

— Me conte, Gabriela, como você está?

Penso em tudo que me aconteceu essa semana. Eu posso me abrir com essa mulher que nem conheço ou guardar para mim. Penso nos prós e contras, sobre se devo ou não contar a ela e, pela primeira vez na vida, decido contar.

— Eu perdi minha mãe.

Ela me olha com espanto e pergunta.

— A senhora Maria Rita? Eu falei com ela ainda essa semana.

— Não, não foi ela, foi uma pessoa que foi mais minha mãe do que a minha própria mãe.

— Conte-me.

E começo a narrar toda a história para ela, em como eu perdi tempo em nunca tê-la chamado de mãe, de como nunca disse que a amava e lhe conto até mesmo sobre Guilherme e como me sinto quando estou perto dele.

— Uma vez me disseram que o amor é a compensação da morte. Você a amou, e antes dela partir, você conseguiu demonstrar a ela que a amava. Agora a maior prova que você pode dar a ela, é viver a sua vida se amando e valorizando como ela sempre fez — diz.

Fico em silêncio, pois realmente não sei o que dizer. Ficamos olhando uma para a outra por longos minutos, mas tenho certeza que foram apenas alguns segundos.

— Conte-me mais sobre o Guilherme.

— Eu não sei o que dizer sobre ele, na verdade estou tentando entender.

— Vi na sua ficha que durante muitos anos você não suportava ser tocada pelas pessoas, apenas por pessoas íntimas. Como você reagiu ao toque de Guilherme?

Tento organizar meus pensamentos antes de falar.

— Eu não recuo.

— Isso é um bom começo — diz, escrevendo em seu papel.

— Eu sinto vontade de ser tocada por ele.

— Como você se sente? — pergunta, dessa vez olhando para mim.

— Eu não sei explicar.

— Tente, descreva como se sente perto dele.

— Eu me sinto desestabilizada perto dele. Toda vez que o vejo, sinto todo o meu corpo se arrepiar — faço uma pausa para respirar — Ele é bem galinha para falar a verdade, mas é tão protetor com a irmã! Às vezes age como um ogro, mas às vezes age como um príncipe encantado. Meu Deus, ele é tão contraditório! — Tenho noção de como minhas frases saem incoerentes,

mas não consigo organizar meus pensamentos — Eu sinto vontade de beijá-lo e gosto quando ele me beija, mas ele é justamente tudo de que eu desejo fugir — ela me olha confusa e eu lhe explico — Ele era de São Paulo, tenho certeza que ele me conhece de algum lugar — ela me deixa respirar e continuo falando — Eu vim para o Rio para recomeçar, eu quero que meu passado fique onde está. Odeio os olhares de pena que as pessoas lançam sobre mim quando conhecem a minha história.

— O que te impede de ter um relacionamento com ele, é esse medo?
— pergunta.

— Sim e não. Eu não quero me relacionar com ninguém, eu nem sei como reagiria se tivesse um relacionamento. E quando ele quisesse avançar? E se a minha loucura viesse à tona? — sinto minhas pernas tremerem e olho fixamente para a parede onde antes havia alguns espelhos. Ela só deve colocá-los ali em algumas sessões, pois consigo ver um prego de onde estou. Suspiro e sinto o ar enchendo os meus pulmões. Continuo — Eu vim para o Rio para me divertir, quero conhecer pessoas, mas não me relacionar intimamente com elas.

— Nem todos os homens são como seu pai, Gabriela — ela tira os óculos e me olha fixamente — Se Guilherme te faz sentir algo, deixe o seu corpo descobrir o que ele quer. Você é a dona do seu corpo, lembre-se, apenas você pode fazer isso por você mesma. É você quem está no controle.

— Você está me dizendo para ficar com ele?

— Não, estou te dizendo para se permitir viver esse momento, você mesma disse que veio para curtir a sua vida e se divertir. Se Guilherme é uma das poucas pessoas que te despertaram a vontade de ser tocada, deixe-se descobrir como se sente com relação a isso. Dê um passo de cada vez. Você quem está no comando.

— Achei que você iria me dizer o que devo fazer — digo a ela, pois

estou ainda mais confusa do que quando entrei nessa sala.

— Estou aqui apenas para orientá-la e fazer você entender o que quer. Não posso decidir por você, mas posso te ajudar a entender suas emoções.

Suspiro derrotada, ela dá a nossa sessão por encerrada e, pela primeira vez na minha vida, me sinto mais leve. Parte de mim queria acreditar que dizer os meus problemas a uma pessoa desconhecida não me ajudaria.

Não sei o que fazer daqui para frente, nada do que ela disser irá mudar meu medo. Mas preciso descobrir se só sinto isso com Guilherme. Nunca me aproximei de uma pessoa a ponto de permitir tocar-me. Começo a formar um plano em minha mente. Enquanto isso, decido ir caminhando pela praia novamente.

Capítulo 27

Guilherme

— Cara, você não vai acreditar, acabei de receber um convite para tocar no New Mariunzim — Rafael me conta pelo celular. Fico feliz com a sua empolgação.

— Sério? — pergunto sem acreditar, pois sei que é uma balada difícil de conseguir tocar. Apenas os melhores DJs tocam lá.

— Porra, brother, sério! Nem eu acreditei. Parece que o DJ que eles contrataram para essa noite acabou ficando doente, e, como ele já me conhecia, me recomendou para o gerente — existem poucas coisas que deixam Rafael animando desse jeito e a música é definitivamente uma delas — E é claro que o gerente me deu passe livre para levar quem eu quiser. Lucas já confirmou, você vai também?

— Claro, não perderia por nada.

Conversamos mais um pouco e ele desligou para organizar os equipamentos.

Liguei para Lucas e combinamos de nos encontrar lá. Já que ele teria um compromisso antes e não poderia ir comigo, me arrumo para ir até o estágio. Não preciso ir até lá todos os dias, apenas umas duas vezes na semana. Mas eu tenho que terminar um projeto da construção de um prédio que é bem simples, mas existem muitos detalhes que precisam de uma atenção redobrada.

Vou para Botafogo e subo os dez andares de elevador até o piso da construtora. Faço estágio há mais ou menos um ano. Não sou nenhum CDF, mas não tenho muita dificuldade de aprender as coisas. Meu chefe exige bastante

de mim, o que até certo ponto é ótimo. Aprendi a fazer projetos que só aprenderia no último semestre da faculdade! Ele me deixa fazer até o fim e depois me diz onde está errado e onde eu posso melhorar. Mês passado, construímos um hospital. Foi o meu maior desafio, pois são muitos detalhes que passam despercebidos.

Entro na construtora e logo vejo meu chefe em sua enorme mesa em forma de L, lotada de processo e projetos.

— Guilherme — ele me cumprimenta tirando os óculos do rosto. Ele tem cinquenta anos de idade e vinte de profissão. Fico admirado com todo o conhecimento que ele adquiriu ao longo dos anos, e por ele não ser uma pessoa arrogante, que fica se vangloriando pelas suas conquistas. Muito pelo contrário, ele é humilde e sente prazer em me ensinar.

— Como está o andamento do Edifício Village?

— Vou começar os cálculos estruturais hoje.

— Preciso do projeto em rascunho em pelo menos um mês, acha que consegue? — Ele sempre me deixa tenso com esses prazos. Eu nunca antes extrapolei, mas também nunca entreguei com muita antecedência.

— Acho que sim — digo.

— Eu vou sair agora, tenho que ir a uma visita técnica — avisa.

Me despeço dele e vou até a minha mesa. Sento e começo a fazer alguns cálculos, mas não consigo me concentrar em nada tendo Gabriela na minha cabeça. Eu simplesmente não consigo deixar de pensar nela. Quando consigo completar meu horário, olho para os papéis à minha frente e vejo que mal iniciei o projeto. Mal consegui fazer um cálculo estrutural! Mesmo que meu chefe veja tudo antes de iniciar o projeto, morro de medo de fazer algo errado e, com isso, acabar ferindo as pessoas. Já vi tantos prédios desabarem por falta de competência, e isso é inadmissível! Guardo tudo aquilo que eu sei

que está certo, e, o que eu estou em dúvida, decido jogar fora. Me sentido derrotado, saio da construtora e vou direto para o meu apartamento tomar um banho e ir até a boate.



Estaciono em frente à boate. Decidi vir de moto, pois não estou muito a fim de beber hoje. Até sou a favor de afogar as mágoas na bebida para tentar tirar Gabriela da minha cabeça, mas ter que enfrentar uma puta ressaca de manhã não é nada agradável quando preciso acelerar o andamento do projeto.

Estaciono minha moto na área de funcionários, cortesia que Rafael conseguiu para mim e Lucas. Entro na boate e vejo que ela ainda não está tão cheia, cheguei um pouco mais cedo. Avisto Lucas sem dificuldades em um dos sofás brancos com uma mesa redonda vermelha no centro. A música está mais baixa do que o normal, me sento ao lado de Lucas que está bebendo uma água. Sério que Lucas está mesmo bebendo água?

— E aí, qual é a do jejum? — pergunto apontando para a água.

— Não estou a fim de beber — Olho para ele semicerrando os olhos, pois Lucas, depois do Rafael, é o que mais bebe nas festas.

— E desde quando isso acontece? — pergunto.

— Como Júlia está se adaptando? — pergunta ignorando minha pergunta.

— Não sei. Por que você não me diz *Supergirl*?

— O que? — ele abre a boca e fecha algumas vezes, surpreso — Ah, não acredito que ela comentou isso com você!

— Acho que você tem a fantasia perfeita para a próxima festa que

formos! — Ele tenta ficar de cara feia, mas não consegue e começa a gargalhar — Você e minha irmã estão ficando bem próximos — digo, querendo saber o que mudou para eles estarem passando ainda mais tempo juntos.

— Que papo é esse Guilherme?

— Você e a minha irmã, primeiro pego ela dormindo na sua cama e depois fico sabendo que estão vendo seriado juntos.

— Qual foi, Gui? Você sabe que ela é como uma irmã para mim.

— Espero mesmo — Se Lucas se atrever a tentar algo com a minha irmã, eu faço picadinho dele! Ele sabe que ela não é garota para ele, sei bem o tipo de garota com que ele fica e minha irmã não vai entrar nessa lista.

— E você, não vai beber? — pergunta.

— Não, eu vim de moto, amanhã tenho um projeto para terminar e preciso ajudar minha irmã. Ela e Gabriela resolveram pintar o quarto.

— Boa sorte, amigo! Elas vão te fazer de escravo, sabe disso, né?

— Pior que sei. Quando Ju faz aquela carinha de cachorrinho sem dono, não tem como dizer não.

Ele resmunga algo baixinho, mas não dou muita bola. O ambiente à minha volta começa a encher. De onde estamos sentados, conseguimos ver Rafael em sua cabine com seus fones de ouvido gigantes. Ele está tão concentrado que nem nos nota. Vejo duas meninas vindo em nossa direção, e abro um sorriso, pois a noite está apenas começando. Elas estão vestindo saia e uma blusinha curtinha que nem cobre suas barrigas. Perguntam se podem se sentar no sofá que fica de frente para o nosso, mas rapidamente passo para o outro sofá, para deixar a morena se sentar ao lado de Lucas e deixar a outra ao meu lado.

Lucas está com uma carranca, que não consigo entender. Ele sempre fica animado quando as meninas se aproximam da gente. Vejo a morena passar

a mão sobre a nuca de Lucas e ele se afasta. Que porra é essa?

— Lucas, vamos pegar uma bebida? Já voltamos, meninas!

Seguro o braço de Lucas e caminho com ele até o bar, passando pelo mar de pessoas que começou a se formar.

— Que porra é essa, Lucas? O que está pegando?

— Nada.

— Que nada o que, Lucas, aquela morena estava te dando o maior mole e você estava se afastando como se a menina estivesse com lepra!

— Não gostei dela — diz, mas sei que ela é o tipo de garota que ele adora, pelo menos na aparência. Ela é morena, com cabelos longos, olhos claros e magrinha.

— Para de mentir, Lucas.

— Não estou afim, só isso. Que porra, sou obrigado a pegar todas as mulheres que dão mole agora? Só não me interessei, relaxa!

Peço ao barman uma Coca e voltamos para a mesa, mas as meninas estão na pista de dança com pisos que parecem um tabuleiro de xadrez. Parecem ter encontrado outra diversão. Olho para Rafael e vejo um sorriso em seu rosto, meu amigo parece realmente amar tudo isso, só não entendo por que ele faz arquitetura quando é bem óbvio que ama música.

— Se você estava tão interessado nas meninas, porque não foi até elas? — Lucas pergunta olhando para elas, que dançavam exclusivamente para um homem.

— Elas encontraram outra diversão — digo virando meu rosto para a pista de dança que ficava ao meu lado esquerdo.

— Isso nunca te impediu — Isso é verdade, normalmente não me importaria em ir até lá e pegá-las para dançar, mesmo que estivessem com outro homem — É a Gabriela não é? — ele me pergunta. Sem dúvida

nenhuma, aquela loirinha estava ferrando com a minha cabeça. Enquanto eu me sentava ao lado da morena, tudo que eu conseguia pensar era em como o perfume dela era enjoativo perto do perfume da doce Gabriela. Ela cheira a flor de lis, as mesmas que cultivo em casa. E o perfume daquela garota parecia vulgar perto da delicadeza de anjo que Gabriela tem — Ela está ferrando com a sua cabeça — não é uma pergunta.

— Eu não consigo me manter afastado, simplesmente não consigo. Aqueles olhos azuis da cor do mar me chamam. Eu preciso ficar com ela, acho que só assim essa obsessão vai passar.

— E você acredita mesmo nisso?

— É claro que sim!

— Não me parece muito convincente.

Resolvo ficar quieto, tentando convencer a mim mesmo que era apenas isso que eu queria, uma noite e nada mais.

Capítulo 28

Gabriela

Júlia acabou me deixando na mão justo hoje, o dia em que ficamos de pintar o dormitório. Começo a afastar os móveis com um pouco de dificuldade para começar a pintar, espero que essa distração me ajude a entender os meus sentimentos por Guilherme, ou pelo menos me ajude a mantê-lo longe da minha cabeça.

Não sei o porquê, mas eu amo decorar e fazer as coisas do meu jeito. Parece que quando alguém faz, nunca fica como eu queria. Comprei tudo que eu preciso, olho para as coisas espalhadas pelo quarto e percebo o quanto de trabalho irei ter. Pelo menos isso irá ajudar a tirar Guilherme da minha cabeça.

Coloco meu *ipod* para tocar minha *playlist* de limpeza e arrumação (sim, eu tenho uma *playlist* só para limpeza e arrumação. Sempre tive dinheiro, ou melhor, minha mãe sempre teve, mas sempre gostei de fazer minhas coisas, então toda vez que eu fazia uma faxina ou uma re-decoração, eu a colocava para tocar).

Começo ouvindo *SexyBack* do *Justin Timberlak*. Ok, admito que adoro essas músicas eletrônicas com uma pegada sexy. Quando a música começa a tocar, sinto as notas me envolverem, começo a me movimentar com a batida sensual, e a me lembrar do meu primeiro beijo com o homem que vem tirando minhas noites de sono.

*Eu vou trazer a sensualidade de volta
Outros homens não sabem como agir*

Eu penso que você é especial, o que tem atrás de você?

Dê meia volta que eu recupero o atraso

Começo a me lembrar de suas mãos sobre o meu corpo, e como ele cheirava bem, seu corpo preso ao meu contra a parede, nossas respirações aceleradas o sabor dos seus lábios nos meus, e, quando menos percebo, estou fazendo uma dança erótica em meu quarto, passando a mão pelos meus cabelos e pelo meu corpo. Quando eu abro meus olhos, vejo alguém me olhando com os olhos arregalados.

Que vergonha! Guilherme está na minha porta com o capacete na mão e um sorriso besta no rosto. Ele está rindo de mim e achando tudo muito divertido! Para ele, não para mim: estou morta de vergonha, não acredito que ele me viu assim. Parece que, sempre estou perto dele, algo constrangedor acontece. Ele dá um passo à frente e fecha a porta atrás dele. Não consigo nem formular uma frase, e o que eu consigo falar sai completamente gaguejado.

— O... que vo..cê está FAZENDO AQUI? — Quando consigo dizer uma palavra sem gaguejar eu começo a gritar. Estou com muita raiva e vergonha, ele não pode entrar assim em meu quarto.

— Bom, além de ver um show de *striptease* ao vivo e a cores, eu vim ver minha irmã. Ela pediu minha ajuda na decoração. Se eu soubesse que você estava fazendo um show, eu teria vindo antes com certeza. Achei de uma indelicadeza enorme ninguém me avisar — diz se aproximando de mim. Percebo que seus olhos mudaram de cor. Ao invés de verdes eles estão em um tom mais escuro.

— Eu... você não pode... — Ele não me deixa nem terminar. Jogou o capacete na cama da sua irmã e veio ao meu encontro. Dou um passo para trás, e depois outro, até que percebo que não tenho mais para onde ir. Estou presa entre ele e a parede, e não tenho mais como fugir nem negar o que eu estava

sentindo durante todos esses meses. Todos os sentimentos que eu estava guardando dentro de mim, todo o desejo está nítido em meus olhos e ele sabe disso. Decido viver esse momento como a Dra. Iara havia dito. Ao invés de recuar, coloco as mãos em seu pescoço. Ele coloca as mãos no meu rosto, e me puxa para um beijo. Não tem nada de romântico nesse beijo: ele é sensual e urgente. Acho que ele também não via a hora disso acontecer, porque parece tão desesperado quanto eu. Suas mãos agora estão em meus cabelos, puxando minha boca para a sua. Num ato de coragem e de puro desejo que vinha me consumindo, entrelaço as pernas em sua cintura. Ele coloca as mãos sobre a minha bunda para me ajudar a ficar com o corpo agarrado ao dele, me levanta sobre a cama e praticamente me joga sobre ela junto com seu corpo.

Sinto que estou vencendo mais uma barreira, no entanto, quando ele vem entre as minhas pernas, começo a tremer, e me lembrar de coisas horríveis do meu passado. Começo a chorar desesperadamente, soluços irrompem em minha garganta e choro. Choro porque eu não consigo nem ao menos ter um momento de prazer com alguém por conta do que aquele monstro fez comigo. Nunca namorei, nunca beijei ninguém, ele me estragou a partir do momento em que ele pôs suas mãos imundas em mim. Ele fez com que a Gabi que ele tanto dizia amar morrer. Ele me quebrou pra sempre.

Nunca senti tanta raiva dele como agora. Guilherme me coloca em seu colo e acaricia meus cabelos. Não preciso dizer nada - por mais estranho que possa parecer, ele realmente enxerga minha alma e sabe que não estou preparada para isso. De alguma forma, ele sabe.

Ele me olha com aqueles olhos verdes que eu tanto admiro e enxuga as lágrimas do meu rosto, beija minha testa com carinho e continua me aninhando em seu colo. Quando meus soluços param, ele olha dentro dos meus olhos.

Guilherme não estava olhando para os meus olhos, ele estava olhando através deles, por cima dos meus muros. E isso me aterrorizava.

— Quem é ele, Gabriela?

— Ele?

— Sim, ele, quem foi o homem, ou melhor, o moleque que te machucou? Porque eu já fiz sim muitas mulheres chorarem na cama, mas não assim, não de sofrimento e sim de prazer. Você estava soluçando! Eu juro por Deus, Gabriela, me diz quem foi e eu vou matá-lo.

Saio do seu colo e fico de pé perto da cama onde ele está sentado.

— Não foi ninguém. Acho que apenas não estou em um bom momento, só isso.

— Não parece que foi só isso, me diz quem foi. Não suporto homens covardes, ninguém deveria machucar uma mulher — diz se levantando e vindo até mim. Meu coração bate acelerado em meu peito, porque, de alguma forma, ele chegou bem perto de saber o que mais me aterroriza — Ninguém deveria machucar você, Gabriela. Isso não pode ficar assim.

Eu não posso falar sobre isso agora, não estou pronta, não quero que ninguém saiba do meu passado, muito menos ele. Não quero pena de ninguém e não preciso que ele venha montado em um cavalo branco me proteger. Aprendi da maneira mais triste que príncipes encantados não existem.

— Ninguém, já disse! Só não estou bem, sabe? A mudança, sinto falta de casa — minto, não tem a menor chance de ele saber sobre minha vida imunda.

— Não minta para mim, posso ver em seus olhos. Quer saber, não importa, não agora. Você não quer me contar, e eu entendo, mas espero que algum dia me conte. Porque isso que aconteceu, aqui entre nós, foi bom pra caralho e eu quero de novo. Quero mais do que isso — ele mais uma vez começa a se aproximar de mim, e percebo meu corpo me traindo. Minha mente está tão bagunçada quanto meu coração. Tenho medo, mas o desejo que sinto

por ele é algo que nunca senti por ninguém. Ele coloca as mãos no meu rosto, me fazendo olhar em seus olhos — Eu quero você pronta para mim, quero que se entregue de corpo e alma, e quando você chorar, não será de tristeza, será de alegria, porque vou estar te dando um orgasmo maravilhoso. Eu quero você para mim, que fique bem claro isso.

Ele me quer? Realmente encontrei alguém que me quer, alguém que eu também desejo. Mas sou tão quebrada que nem isso posso ter. Dou um passo para trás, mas ele rapidamente me puxa de volta para ficar perto dele, e minha boca está perto do seu peito. Inalo seu perfume amadeirado, levanto a cabeça, mesmo com medo de que ele veja o que escondo com o olhar, e olho em seus olhos. Não vejo pena.

— Não precisa dizer nada agora está bem? Vou te dar um tempo, que tal uma trégua? — ele estende a mão para mim, e eu aperto — Amigos? — ele segura minha mão e leva até os seus lábios e a beija. Sua barba roça em minha mão e sinto um arrepio percorrer meu corpo, rapidamente tiro a mão da sua — Agora me diz, antes daquela dança sexy, o que você estava fazendo? — ele olha em volta, e só agora ele percebeu a bagunça que está ao seu redor.

— Eu estou fazendo uma re-decoração. Você já viu a cor dessas paredes? É tudo tão sem vida, vou pintar tudo hoje — digo a ele, contente por ele mudar de assunto tão rápido.

— E estava pensando em fazer tudo isso sozinha?

— Na verdade não, sua irmã ficou de me ajudar, mas ela teve que sair. Eu sempre faço essas coisas sozinha, embora nunca tenha pintado uma parede! Mas resolvi tentar. Já que somos amigos agora, que tal você me ajudar? — Comprei um rolo extra e uma ajuda seria ótima. Sei que deveria manter distância, mas, no momento, não quero ficar sozinha, pela primeira vez na vida. Ele com certeza pode me ajudar a pintar as paredes. Ele me olha e então dá aquele sorrisinho sexy e sacana que só ele tem.

— Se você continuar fazendo aquele showzinho de antes, eu com certeza terei o maior prazer em te ajudar.

É possível cavar um buraco no chão e me enfiar? Só hoje foram dois micos, mas resolvo entrar na brincadeira ao olhar seu sorrisinho lindo.

— Quem sabe? Talvez eu faça — digo lhe entregando o rolo.

Capítulo 29

Guilherme

Por um momento, achei que Gabriela fosse finalmente ser minha, e que todo desejo seria sanado ali, em sua cama estreita. Mas algo mudou dentro de mim assim que vi o terror em seus olhos azuis, como se eu fosse capaz de machucá-la. Nunca imaginei que a frase “meu coração se partiu” pudesse fazer tanto efeito em minha vida novamente, pois naquele momento, eu senti como se uma faca perfurasse meu peito, quebrando meu coração. Aquele olhar perdido me tirou do eixo, eu sentia algo mudando dentro de mim.

Me dar conta desse sentimento me desestabilizou; eu simplesmente não sabia o que fazer. Estou aterrorizado com a intensidade desse sentimento. Precisava me acalmar ou Gabriela saberia, e ela fugiria.

Admitir para mim mesmo que eu estava apaixonado tirou meu ar, e eu sabia que não me contentaria mais com um momento de prazer apenas. Gabriela seria minha, e não pelo sentimento de posse, mas porque meu coração se recusa a esquecê-la. Eu preciso dela.

Gabriela se esconde por trás de uma fachada. Naquele primeiro dia em que a vi, eu senti que escondia algo. Era como se seus olhos gritassem por socorro. Mesmo que ela tente esconder e disfarçar, consigo ver através das suas barreiras que, de alguma forma, seu coração já fora partido.

Ela me ofereceu uma trégua, mas o que ela não sabia que a nossa amizade duraria apenas um tempo, pois ela seria minha. E, seja qual for o seu medo, eu a protegerei. É como se a vida estivesse me dando uma segunda chance de conseguir proteger e cuidar de alguém, e eu vou me prender a essa chance. Irei conduzir essa situação, assim como quando estou no céu, voando

seguro em minha asa-delta.

Gabriela é a pessoa que está voando livre no céu, se segurando apenas na asa-delta, que sou eu. Não a deixarei cair. Nunca.

Capítulo 30

Gabriela

Duas semanas haviam se passado desde o último beijo que dei em Guilherme. Coloco a mãos em meus lábios, como se isso pudesse trazer de volta o sabor dos dele. Ele se manteve afastado, provavelmente havia se dado conta da minha loucura. Não veio sequer ver a irmã, que por sinal não parecia estar bem. Nós duas estávamos na fossa: eu por desejar algo que não poderia ter e, bem, Júlia não sei. Não tive nem coragem de perguntar o que aconteceu com ela, pois isso daria brecha para ela perguntar o que aconteceu comigo, então simplesmente deixei pra lá.

Passo pelos corredores, tentando não esbarrar com Guilherme. Perto dos armários, há algumas pessoas conversando e outras apressadas como eu. Pego meu livro de cálculo e coloco em minha bolsa carteira junto com as listas que resolvi com Guilherme e com as outras que resolvi sozinha. Sinto alguém esbarrar em mim e quase caio de cara no chão, mas logo um braço me segura, impedindo esse mico. Não tive nem tempo de reagir nem sentir medo, foi tudo rápido demais. Olho para cima e vejo um par de olhos verdes me encarando. Sinto uma decepção quando percebo que não são os olhos verdes e brilhantes de Guilherme, e sim os do garoto da praia.

— Parece que o nosso destino é se esbarrar — diz com um sorriso no rosto.

— É parece que sim — digo sem saber o que falar.

— Eu tentei te procurar durante a semana, e não te achei. Acho que nossos horários não coincidem. Se não fosse pelo professor de Direito Penal ter ficado doente, nunca iríamos nos encontrar. Não que eu esteja feliz por ele

estar doente, mas estou feliz por ver você — ele me olha de cima a baixo, fazendo com que eu me sinta um pouco desconfortável — Nossa, estou falando demais, né? Como você está? — Na maioria das vezes as pessoas não se importam com a resposta, é apenas uma mera formalidade. Ninguém quer ouvir “*olha minha vida está uma droga, acho que estou ficando apaixonada por um cara que com certeza conhece minha alma - mesmo que isso não seja humanamente possível - acabei de perder a única mulher que me deu um amor de mãe, e, ao invés de recomeçar minha vida, pareço estar retrocedendo*”. Mas como é uma mera formalidade, não me sinto mal por mentir.

— Estou bem, e você?

— Melhor agora — diz com um sorriso enorme no rosto — Está indo para a aula agora?

— Sim, na verdade estou atrasada, preciso ir — digo segurando a alça da minha bolsa em meu ombro.

— Eu te acompanho — ele me diz e vem atrás de mim. Me esforço para não ficar muito desconfortável, mas minha mente insiste em comparar ele com Guilherme. Ele me olha como se quisesse me comer, Guilherme me olha com devoção; Ele tem olhos verdes, mas não são tão bonitos quanto os olhos de Guilherme, e é por esse motivo que tento ficar o menos desconfortável possível ao seu lado. Preciso saber se é só Guilherme que me faz sentir esse tipo de coisa.

— Como está se adaptando a cidade nova? — pergunta.

— Bem.

— Já visitou algum ponto turístico? — pergunta.

— Só fui em Copacabana, dar uma corrida pelo calçadão na orla da praia — digo a ele.

— Eu adoro correr pela praia — me confessa, e entendo o sentimento. Sentir o vento no rosto, e a areia úmida sobre meus pés é extasiante.

— Acho que seria bom morar aqui — digo.

— Mas, agora você mora, não é? — pergunta.

— Bem, sim. Quer dizer, seria bom ter crescido aqui — digo, pois, deve ser bom mesmo, poder sempre ir à praia, tomar água de coco e correr pelo calçadão. É a aplicação do conceito de paz e tranquilidade para mim.

Chegamos ao segundo andar do prédio e vejo Guilherme no batente da porta. Seu maxilar está retraído e vejo suas mãos fechadas. Olho para Bruno, que também está me olhando, mas logo desvia o olhar quando Guilherme se aproxima de nós.

— Gabriela — ele me cumprimenta.

— Guilherme.

— Bruno, esse é Guilherme... — nenhum dos dois me dá tempo de apresentá-los.

— Já nos conhecemos — os dois dizem ao mesmo tempo.

— Bom, eu vou nessa. Até mais, Gabriela — diz e me dá um beijo no rosto. Eu tento recuar, mas não deu tempo, ele foi rápido demais.

Guilherme suspira e passa a mão pelo cabelo, parecendo estar nervoso.

— O que você estava fazendo com esse babaca? — ele me pergunta, e vejo algo em seus olhos. Seria raiva?

— Acho que não é da sua conta — digo a ele que logo faz uma careta — O que você está fazendo aqui?

— Estou procurando certa loira que anda me evitando — Será que ele está falando de mim? Sinto meu celular vibrar no bolso da minha calça jeans e vejo que é uma mensagem de Milena. Olho para a hora e me lembro que estou

atrasada.

— Talvez ela não queira ser encontrada — digo a ele e entro na sala de aula, que está lotada. Vejo uma pilha de papéis na mesa do professor, que deduzo serem as listas de exercícios. Só preciso do nome do Rafael completo e seu registro para colocar na nossa lista. Subo os degraus e me sento na última carteira ao lado do Rafael e da menina de cabelo *pink* que parece ter feito também algumas mechas roxas.

— Conseguiu pegar bem a matéria, Anjo?

— Sim, as dicas que Guilherme me deu aquele dia me ajudaram — direciono meu olhar para ele e vejo que seus olhos estão com olheiras profundas e ele parece bem cansado. — Está tudo bem?

— Sim, tudo bem — diz se virando para frente, para prestar atenção na aula, mas sei que é apenas para fugir de perguntas. O que ele não sabe é que eu nunca faria isso com ele. Se tem algo que eu aprendi, é que as pessoas não se importam com o que se passa ao seu redor, o que elas sentem é algo chamado curiosidade. Eu me importo com ele de verdade, mas eu sei como é querer ficar sozinha. Então apenas balanço a cabeça, deixando para lá.

— Rafa — eu o chamo — Posso te chamar assim?

— Claro, Anjo.

— Escreve seu nome e o número do seu registro — dou as folhas com os exercícios que o professor passou semana passada. São tantas listas que eu já estava surtando. Ele não me devolve, e diz que ele mesmo pode entregar ao professor.

A aula foi bem produtiva, e não tive dificuldade de acompanhar a matéria. As dicas que Guilherme havia me passado complementaram a matéria e me ajudaram no que eu não sabia. Já Rafael, estava com uma cara péssima. Ele olhava para o quadro repleto de exercícios como se fosse um bicho de

sete cabeças.

Quando a aula termina, recolho minhas coisas e me levanto da carteira desconfortável em que estava sentada há horas.

— Não consigo entender nada do que esse velho fala — ouço Rafael resmungar.

— Você está com muita dificuldade?

— Um pouco — diz passando a mão pelos cabelos quase inexistentes.

— Por que você não deixa Guilherme te ajudar? — Eu aprendi muitas coisas em um dia, Guilherme seria um ótimo professor. Mas não entendo por que Rafael sempre nega quando ele oferece ajuda.

A garota de cabelo *pink* e agora roxo se aproxima de nós, interrompendo a nossa conversa.

— Cara, era você que estava tocando na Mariunzim, não era? — pergunta entusiasmada.

— Sim — diz, e uma coisa que nunca achei que fosse ver acontece. Rafael está bem sem jeito com a situação, passa a mão pela cabeça e começa a mexer em seu *piercing* na sobrancelha.

— Cara você é demais, a mixagem da música *Clarity*, ficou melhor com você tocando do que com a banda *Zedd*. Você foi demais!

Rafael está completamente vermelho e apenas diz um “obrigado” e vai andando porta a fora.

Fico surpresa em saber que Rafael toca. Sabia que por ter aquelas tatuagens e *piercing*, ele tinha personalidade, mas não imaginava que ele fosse DJ. Estava mais para um integrante de uma banda de rock. Não que eu fosse o tipo de pessoa que julga os outros pela aparência.

Eu tento segui-lo, mas o perco de vista. Desço as escadas para sair do bloco e vejo Bruno encostado no fim da escada. Quando ele me vê, vem ao

meu encontro.

— Estava te esperando — diz.

— Por quê?

— Queria te convidar para comer algo, tem uma lanchonete bem legal perto daqui, quer ir? — Penso em todos os motivos pelos quais eu não deva ir, mas não encontro nenhum.

— Claro! — decido aceitar.

Andamos até a lanchonete, que fica a apenas alguns minutos da universidade. Uma lanchonete que está mais para um restaurante chique, com a fachada toda de vidro transparente e cadeiras de ferro brancas, com guardanapos milimetricamente dobrados. Há algumas mesas ocupadas por pessoas bem vestidas, com ternos e roupas sociais. Conversamos mais sobre ele do que sobre mim, o que me deixou um pouco menos retraída. Eu odiava falar sobre mim mesma. Bruno é filho de pais separados, seu pai é um grande advogado, e no momento está viajando a trabalho. Ele mora sozinho e não têm irmãos, sua mãe é corretora de imóveis, mas no momento está morando em outra cidade. Ele não me pergunta nenhum minuto sobre mim, ele estava bem entretido contando sobre sua própria vida. Ele me convida para ir até um pub e decido aceitar. Trocamos nossos números e combinamos de nos encontrar no final de semana que vem.



Entro no quarto e me deparo com ele completamente revirado, ao som de sertanejo universitário que está bem alto saindo pelo som das caixas que eu trouxe. Vejo Júlia com o cabelo amarrado, uma roupa que com certeza já teve dias melhores e com uma vassoura na mão.

— Passou um furacão por aqui? — pergunto desviando de alguns objetos pelo chão.

— Não esquentar, vou pôr tudo no lugar de novo, só estou tirando a poeira — ela me diz sem olhar para mim, ainda segurando a vassoura.

— Só tirando a poeira? — Pelo jeito parece que ela queria dedetizar o quarto ou algo assim, estava tudo fora de ordem, as colchas e os lençóis da cama estão embolados em cima delas, que estão em um canto na parede junto com a nossa minúscula mesa. Ela está parecendo uma maníaca por limpeza.

— Sim, fazer isso me acalma — ela se abre comigo. Como não digo nada, ela continua — Eu gosto do Lucas — diz um pouco envergonhada, e de uma vez, como quem puxa um *band-aid*.

Eu sabia! Vi naqueles olhinhos brilhantes que ela estava apaixonada por ele, mas pela sua cara, e como ela ficou na última semana, as coisas não estavam indo tão bem. Júlia é do tipo de pessoa que demonstra intensamente todos os seus sentimentos.

— Ele parece ser um cara legal — O que é verdade, ele é atencioso, e, apesar do seu jeito paquerador, ele realmente parece se importar com ela.

— E é, mas não vai dar muito certo. E você e meu irmão? — diz, mudando de assunto tão repentinamente que fico sem palavras. Tento formar frases coerentes em minha mente, mas acabado gaguejando a frase inteira.

— Não vai dar muito certo — digo a ela, lhe devolvendo a frase.

— *Touché!* — diz sorrindo.

— Então, quer ajuda para terminar de destruir o nosso quarto? — pergunto a ela que abre a boca, e dizemos a mesma coisa — já sei, só tirando a poeira.

Vou até o *dock station* e aumento o volume da música do Luan Santana. Quando conseguimos terminar tudo, já era bem tarde. O sol já se punha.

Arrumamos, arrastamos, limpamos, tiramos tudo de lugar, e agora estamos deitadas no chão recém-encerado, exaustas e famintas. Ouvimos a campainha tocar, viro a cabeça para o lado e vejo que os olhos de Júlia continuam fechados. Me levanto e vou até a porta.

Sabe aquela expressão “*o diabo bate à porta*”? Ela condiz exatamente com esse momento em que abro a porta e me deparo com o sorrisinho diabólico de Guilherme. Ele está com as duas mãos ocupadas, segurando caixas grandes.

— Gabriela — ele me cumprimenta como sempre, e nunca antes ouvi alguém dizer meu nome tão sensualmente.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto, mas ele apenas me dá um sorrisinho como resposta, entrando no quarto.

— Gui — Júlia se levanta apressadamente do chão recém-encerado, quase caindo, para abraçar seu irmão. É nesses momentos em que, por um instante, deixo meu coração ser preenchido por Guilherme. O amor que eles têm é tão lindo, que às vezes consegue penetrar o muro em volta do meu coração. Às vezes me pergunto como seria ter um irmão mais velho. Talvez tudo fosse diferente.

— Ratinha — eu o ouço lhe chamando pelo apelido que particularmente não combina nada com ela.

— Lembrou que eu estou viva, maninho?

— Exagerada.

— O que você trouxe? — Júlia lhe pergunta também notando o embrulho.

— Um presentinho para vocês duas — eu e Júlia nos olhamos desconfiadas — Andem, abram logo.

Nos atrapalhamos um pouco para abrir o embrulho, de tão pesado que

estava. Retiramos o plástico que estava envolvendo a madeira e ficamos ali olhando tentando entender o que seria aquilo.

— É uma estante — diz como se isso fosse óbvio — Júlia reclamou um dia desses que vivia esbarrando em algumas caixas que tinham livros dentro, porque você ainda não havia comprado, então resolvi te dar uma de presente. Quer dizer para vocês duas, não quero que minha irmã quebre a perna nem nada disso.

— Eu disse é? — Júlia pergunta e Guilherme balança a cabeça afirmando.

— Obrigada, mas como vamos montar isso? — pergunto a ele.

— O que? Montar isso é moleza. Não que eu precise, mas o Lucas está subindo para me ajudar — Assim que Guilherme diz o nome de Lucas, Júlia rapidamente vai até o banheiro — Como tem passado? — pergunta assim que ficamos sozinhos.

— Bem, e você?

— Bem, ando meio estressado com um projeto do estágio, mas montar essa belezinha aqui vai me ajudar a espairecer a mente — diz e consigo perceber que ele está com olheiras e um semblante cansado, mas sem abandonar o sorriso do rosto — Como você está nas matérias que perdeu? — pergunta sendo atencioso de novo, e não sei bem como reagir a um Guilherme assim.

— Está indo tudo bem, consegui resolver algumas listas sozinha. Obrigada pela ajuda.

— Estou à disposição — diz com aquele sorrisinho safado em seu rosto.

Balanço a cabeça sem ter o que falar, mas antes que o silêncio se tornasse constrangedor entre nós, Lucas aparece na porta com algumas sacolas

na mão — Que demora, hein? — Guilherme reclama — A mocinha estava se arrumando?

— Oi Gabriela, tudo bem? A mocinha aqui — diz apontando para si — estava comprando sanduíches para todo mundo.

— Obrigada, Lucas! — digo pegando as sacolas da sua mão me direcionando para a mesa, que já estava no seu lugar de sempre.

Assim que Júlia sai do banheiro, fico de boca aberta. Diferente da roupa que estava completamente suja e puída, agora ela está com um short minúsculo e regata justa. Olho para Lucas que está com as bochechas vermelhas, como se estivessem o sufocando.

Nós sentamos no chão e vemos os meninos olhando para o manual de instruções como se fosse um quebra-cabeça.

— Dificuldade, meninos? — Júlia pergunta rindo, e eu sorrio também. Acho que não é tão simples assim montar uma estante.

— Não — os dois resmungam. Júlia e eu estamos de pernas cruzadas e com a cabeça apoiada na cama. Conto a ela sobre minha amiga que vai se mudar para o Rio, e Júlia logo fica animada para conhecê-la. Não sei o que Júlia passou, mas percebi que ela não tem muitos amigos. Vê-la animada com a chegada da minha amiga me trouxe um grande alívio! Júlia se tornou parte da minha vida, mas Milena já era parte dela, e mesmo que eu conheça Júlia há pouco tempo, sinto um enorme carinho por ela.

— Chave estrela — ouço Lucas reclamando com Guilherme, que está passando as mãos pelos cabelos nervosamente — Vai me dizer que a mocinha não sabe o que é uma chave estrela?

— Não fode com minha paciência, *Supergirl* — Guilherme diz para Lucas.

Olho para Ju confusa e ela me explica por que Guilherme estava

chamando Lucas de *Supergirl*.

Eu e Júlia estamos com lágrimas nos olhos de tanto rir, pois Guilherme martelou o próprio dedo e Lucas deixou algumas peças caírem. Marcenaria definitivamente não estava no currículo deles.

Quando eles conseguem terminar de montar a estante, vejo como ela é linda, apesar de estar meio cambaleante.

— Eu acho que a estante está um pouco bêbada — Júlia diz gargalhando. Não aguento e começo a rir. Guilherme e Lucas, que antes estavam emburrados, começam a rir também.

— Obrigada, Guilherme, pela estante. Mesmo de pileque, ela é linda!

Ela tem um tom azul turquesa, com o acabamento quadrado, cinco prateleiras. Deu um toque *retrô* ao quarto que está pintado com uma tinta amarelo mostarda. Ficou simplesmente lindo.

— Estou morrendo de fome — Guilherme diz com a mão na barriga.

— Eu também — Lucas diz também.

— O que você trouxe para a gente? — Júlia pergunta.

— Para Júlia, frango grelhado. Para Gabriela, fiquei na dúvida, mas trouxe um italiano — Acho que nem se ele me conhecesse acertaria tanto na escolha. Eu simplesmente amo *pepperoni* e mostarda — Para nós dois — ele diz apontando para Guilherme e ele ao mesmo tempo — trouxe o de almôndegas.

Pegamos nossos sanduíches e nos sentamos no tapete felpudo que consegui comprar pela internet. Estamos nós quatro sentados nele, tentando disfarçar que estamos atraídos pela pessoa que está à nossa frente. Só mesmo Guilherme para não perceber que sua irmã fica com os olhinhos brilhantes e a bochecha rosada quando olha para Lucas.

E eu, bem, tento disfarçar o quanto estou pensando no sabor do beijo

de Guilherme.

— Eu preciso ir — Lucas diz para nós — Júlia posso falar com você rapidinho, lá fora? — Guilherme ergue uma sobrancelha, mas não diz mais nada, enquanto Lucas e Júlia saem do quarto.

— Enfim, sós — Guilherme diz com seu típico sorriso safado.

— Não estamos não, você já está indo embora — digo para ele, pois não estou em condições de tentar afastá-lo de mim. Tenho certeza de que se Guilherme me beijar aqui, agora, não conseguirei resistir.

Como se estivesse lendo meus pensamentos, Guilherme engatinha até onde estou e me puxa para o seu colo. Ele não precisou de muita força, pois meu corpo não consegue negar mais o que o meu coração deseja há tempos.

Olho em seus olhos e vejo um brilho de satisfação.

— Vou te beijar — diz com a boca próxima da minha — Eu só consigo pensar no sabor dos seus lábios e em seu cheiro. Gabriela, se você não quiser isso, me diz agora, e eu vou embora.

Eu não digo nada por alguns minutos, mas sei que foi apenas impressão minha. Foram apenas alguns segundos, e não espero que ele venha me beijar, eu o beijo.

Beijo Guilherme como se fosse a última coisa que eu fosse fazer em minha vida. Enrosco minhas pernas em sua cintura e ele me puxa para mais perto, gemendo contra a minha boca. Apesar de sentir seu desejo na sua ereção, que está bem abaixo de mim, ele coloca a mão em meu rosto como se eu pudesse quebrar, como se eu fosse um violão e ele estivesse tocando uma música lenta e calma.

Mas eu quero que ele me segure e me beije como ele fez quando me ajudou a pintar as paredes. Ele para e abro meus olhos. Seus olhos estão me fitando como se quisessem verificar se estou sóbria. E eu estou, apesar de

estar um pouco zozza pelo seu beijo.

— Não — diz tentando afastar os lábios da minha boca — Gabriela — ele me chama de novo — Mesmo que eu queira muito continuar nossa brincadeira, não podemos — Saio do seu colo me afastado dele e passo as mãos pelos cabelos desgrelhados. Olho para ele confusa, pois pude sentir como ele me deseja, mas está me rejeitando.

— Qual é o problema? Você faz seus joguinhos e depois desiste? — Estou praticamente gritando, por que estou tão furiosa? Não era tudo que eu queria? Que ele me deixasse em paz? Mas como ele pode me querer em um momento e me rejeitar no outro?

É tão frustrante, estou cansada de ficar confusa em relação a Guilherme, parece que minha cabeça vira uma gelatina e não consigo raciocinar direito. Levanto do tapete e começo a andar pelo quarto.

— Isso — diz apontando para nós — não vai acontecer assim. Quero que seja especial — ele diz com os olhos brilhando, mas estou tão confusa e furiosa que só consigo pensar na rejeição.

— Você não pensava nisso quando me imprensou na parede várias vezes — digo tentando entender o que se passa pela cabeça dele.

— Não até ver você com medo — diz como se sentisse dor. Ele se levanta e põe a mão esquerda em meu rosto. Fecho os olhos ao sentir o toque quente em minha bochecha, não consigo mais negar tudo que sinto por ele. É assustador, como posso estar no controle da situação quando ele consegue despertar tantas coisas em mim? Contra minha vontade me afasto do seu toque.

— Não tenho medo — digo com a voz embargada. Ele tenta se aproximar de mim novamente, mas dou um passo para trás — Por favor, vai embora — peço, pois nesse momento, sinto vontade de chorar e de gritar. Porque a minha vida tinha que ser assim? Por que eu preciso viver com medo? Por que eu não posso ficar com um cara normal pelo qual me sinto atraída?

— Eu vou, mas a gente ainda vai conversar sobre isso — diz apontando para nós novamente.

— Isso — faço o mesmo gesto que ele — não vai acontecer novamente.

Ele se aproxima de mim e me surpreende com um beijo na testa, lento e quente.

— Não tente negar, você me deseja assim como eu te desejo — diz olhando em meus olhos — Mas quando nós ficarmos juntos, será do jeito certo, e você será completamente minha. O medo que vejo em seus olhos não existirá.

Ele diz isso e vai embora.

Simples assim, como se ele não tivesse virado meu mundo de cabeça para baixo. Assim que a porta bate, as lágrimas que estavam presas em meus olhos descem livremente.

Me dou conta de que estou apaixonada por Guilherme. Me apaixonei por ele da mesma forma como se tivesse caído de um penhasco: tão rápido, que só me dei conta que estava caindo ao sentir o impacto em meu coração.

O *dock station* ainda está tocando baixinho, mas consigo ouvir a música de uma das minhas cantoras favoritas, *Gabrielle Aplin*, que parece ter uma música certa para cada situação da minha vida.

Eu nunca quis me apaixonar por você, mas eu

Estava enterrada e

Tudo o que eu podia ver era branco

Não sei por quanto tempo eu chorei. Sei apenas que senti os braços de Júlia me envolverem. Pela primeira vez em anos, não estou chorando com

medo, estou chorando por não saber lidar com tanto sentimento dentro de mim.

Capítulo 31

Gabriela

Abro os olhos e sinto minha cabeça latejando. O quarto está escuro com exceção de alguns pontos de luz vindo do lado de fora, pela fresta da janela. Olho para o lado da minha cama e vejo que Júlia não está na dela.

Ontem à noite senti um turbilhão de sentimentos dentro de mim. Como Guilherme pode ser uma exceção para o meu coração?

Ouçó meu telefone tocar, e sinto minha cabeça latejar ainda mais. Estico o braço para tentar pegar o aparelho da cômoda, olho para o visor e vejo o nome de Milena.

— Gabi, não me diga que ainda está dormindo! — diz gritando. Afasto o celular do ouvido, pois qualquer baralho faz minha cabeça parecer explodir.

— Nossa, que horas são? — pergunto.

— Já são onze horas da manhã chuchu — diz animada, fico feliz em ouvir sua voz alegre como sempre foi — Abre a porta estou esperando — ela desliga na minha cara, estou tão cansada que minha mente demora um pouco para processar a informação. Como assim ela já está aqui? Ela disse que ainda precisava resolver algumas coisas antes de vir, não acredito que ela já esteja aqui. Abro a porta sem me importar de estar com pijama, sorrio ao ver sua cabeleira ruiva, mas quase grito de susto assim que vejo Guilherme atrás dela.

Devo ter feito a cara de quem estava muito confusa com a situação, pois ele logo explica.

— Encontrei essa pessoa perdida brigando com o vigia quando ele não a deixou entrar.

Olho para Mi, que está na frente de Guilherme e consigo vê-la mover

os lábios dizendo “*que gato!*”. Tento disfarçar o riso, mas é quase impossível. Vou até ela e lhe abraço. Senti tanta falta da minha amiga.

— Obrigada chuchu — Milena diz para Guilherme, que acena com a cabeça. Se fosse qualquer outra pessoa chamando outra de chuchu, eu diria que é pura falsidade, mas não Mi. É apenas uma forma carinhosa de chamar os outros.

Ele entra no quarto como se estivesse procurando por algo.

— Cadê a Ju?

— Não sei, quando acordei ela já não estava mais aqui — me sinto desconfortável perto dele. Depois do que aconteceu ontem, eu nunca mais olharei para ele da mesma forma. Guilherme assente com a cabeça. Ele ia falar algo, mas logo Júlia entra com Lucas e algumas sacolas nas mãos.

— Festa do pijama? — pergunta sorrindo.

— Júlia, Milena. Milena... — Júlia nem me dá tempo de apresentá-las e se aproxima de Milena lhe dando um abraço.

— Nossa, Gabi me falou tanto de você! — diz com a voz animada — Sinto como se já te conhecesse, seja bem-vinda.

— Obrigada — Milena agradece — E você deve ser a Jú.

— Sim — ela afirma contente.

— Onde vocês foram? — Guilherme pergunta para Júlia e Lucas.

Ouçó Guilherme perguntar a Júlia enquanto caminho até o banheiro para me trocar, e volto vestindo uma bermuda jeans e uma regata. Ouço uma batida na porta, e vejo Rafael entrando vestindo uma bermuda de corrida, camiseta, tênis e um suporte para celular em um dos seus braços tatuados. Reparo que Guilherme está vestido quase da mesma forma, provavelmente marcaram para correr.

— Está tendo uma festinha e ninguém me convidou? — pergunta

sorrindo, quando seus olhos recaem sobre Milena. Vejo um brilho em seus olhos, e aquele sorriso safado surgindo em seu rosto. Rafael está com o semblante melhor, seu rosto está mais corado. Olho para Milena que parece ter visto um fantasma.

— A menina do hospital — diz quase sussurrando enquanto passa por mim. Foi tão baixo que sei que apenas eu escutei. Ele se aproxima de Milena e lhe dá um beijo na mão, olhando em seus olhos. Vejo Milena corar. Droga, minha amiga já teve cota o suficiente de *bad boys*, ela não precisa de mais um no seu currículo!

— O que vocês estão fazendo aqui? — Júlia pergunta.

— Eu passei no quarto do Lucas e o esquisitão do colega de quarto dele disse que ele tinha saído com a peguete da vez, mas ele começou a descrever a Júlia, então vim chamá-lo para correr como tínhamos combinado antes.

— Peguete? — Guilherme está com o rosto vermelho transparecendo raiva, muita raiva. Se eu fosse Lucas, correria enquanto há tempo — Que porra é essa Lucas? — ele vai em sua direção pronto para o abate, quando Júlia se coloca entre eles e diz.

— Gui, você sabe que somos só amigos — ela tenta contornar a situação.

— Espero mesmo que seja só isso — diz resmungando, dessa vez olhando para os olhos de Lucas.

— Eu trouxe bolo, vamos comer? — Júlia diz tentando mudar de assunto.

Sentamos nas nossas camas, Rafael na minha junto com Milena e Lucas, Júlia e Guilherme na cama dela, e começamos a comer o famoso bolo de nozes. Milena começa a contar por que veio para o Rio, meus olhos se

enchem de lágrimas ao lembrar de Ninha, assim como os de Milena. Mas vejo mais do que isso em seus olhos; vejo um enorme orgulho ao falar da mãe. Júlia e os meninos ouvem ela falar como nos conhecemos. Noto o olhar do Rafael sobre ela, tão fissurado que nem deve estar prestando atenção no que estamos falando.

Se alguém me dissesse antes que ao sair de São Bernardo eu estaria no quarto com duas amigas, três garotos lindos e um que mexe comigo de uma forma inexplicável, eu riria da cara dessa pessoa. Eu não sou forte, estou longe de ser isso, estou mais para um vidro frágil que pode se quebrar a qualquer instante, mas me sinto diferente. Algo está mudando dentro de mim, e essa mudança é assustadora. Pela primeira vez em anos, eu não desejo estar em outro lugar que não seja aqui.

Sou tirada dos meus devaneios pelo som de algumas risadas.

— Então você simplesmente a empurrou lá de cima? — Guilherme pergunta a Milena. Olho confusa para eles e ela me explica.

— Eu estava contando para eles da primeira vez em que fomos para o Ceará, e Ninha nos levou ao *Beach Park* — me lembro claramente desse dia. Sempre tive medo de altura e Milena sempre tentava me fazer vencer todos os meus medos. Um deles foi quando ela me levou para um brinquedo gigante chamado *Insano* que tem quarenta e um metros de altura e que pode atingir cento e cinco quilômetros por hora. A altura é equivalente a um prédio de quatorze andares! Só o nome já me arrepiava. Estava um sol de trinta e oito graus, tínhamos dezesseis anos e estávamos de férias junto com Ninha. Assim que Milena soube do parque aquático, ela ficou completamente fascinada com a idéia. Então, lá fomos nós para o maior e mais veloz toboágua do mundo. Eu subi mais de dez lances de escadas, e quando cheguei lá em cima, sentia uma exaustão percorrer meu corpo. O parque aquático se tornava minúsculo lá do alto. Vi uma garota sair chorando e sendo vaiada até chegar lá embaixo, pois

estava com medo de descer. Milena insistia dizendo que seria divertido. Por mim, eu já teria desistido, mas odeio perder um desafio. Mas no momento em que me posicionei com as mãos na cabeça e as pernas cruzadas, eu travei. Todo o meu corpo tremia, e Milena simplesmente me empurrou. Fiquei com raiva durante alguns segundos, mas quando cheguei lá embaixo com as pernas bambas e com a adrenalina no corpo, eu apenas sorri.

— Me lembre de nunca levar você ao *Rio Water Planet*, lá temos um brinquedo semelhante chamado noventa graus — Júlia diz para Milena.

— Mas é claro que você vai levar a gente — Milena diz animada.

— Não conte comigo para isso, se quiser pode ir sozinha — digo a ela que faz a sua famosa carinha do Gato de Botas para me fazer mudar de idéia. Mas essa carinha não me engana mais.

— Eu te levo ruivinha — Rafael diz a ela piscando.

— Vou adorar — Milena diz animada. Acho que preciso ter uma conversinha com a minha amiga sobre Rafael. Ele é um cara legal, não faz perguntas inconvenientes, mas é um *bad boy* de primeira e com a vida mais misteriosa ainda. Até hoje me pergunto o que ele estava fazendo no hospital. Minha amiga está sorrindo de novo, e não irei deixar ninguém magoá-la.

Conversamos durante mais um tempo, e os meninos foram embora. Quando percebemos, já eram três horas da tarde e nem tínhamos almoçado ainda. Chamamos um táxi e fomos ao *Café London*, em Copacabana para almoçarmos. Passamos pela praia e entramos no restaurante, sentando em uma das cadeiras que são feitas de troncos de árvores num estilo bem rústico. Comemos o famoso prato: peixe grelhado, arroz e salada composta de batata cozida e couve-flor.

Ver minhas duas amigas felizes e conversando me trouxe uma paz enorme. Estava com medo delas não se entenderem. Milena é o tipo de pessoa que fala o que quer, sem temer as conseqüências, e Júlia é frágil e sentimental.

Não que Milena não seja, mas Júlia demonstra tudo com uma intensidade ainda maior. Vê-las juntas sanou todos os meus medos.

— Você já tem onde ficar Mi? — Milena é meio impulsiva, e na maioria das vezes faz as coisas no calor do momento. Ela havia me dito que conseguiu resolveu todas as pendências em São Paulo, mas não a ouvi falando sobre onde iria morar.

— Eu aluguei um quarto em uma pousada aqui perto enquanto não acho um apartamento — diz tranquilamente colocando o garfo na boca. Eu não me surpreenderia se ela dissesse que veio apenas com a roupa do corpo.

— Você está louca Mi? — pergunto a ela. Como ela pode vir para um estado sem ter onde ficar?

— Relaxa Gabi, você se preocupa demais — diz bebendo sua coca com limão.

— E você se preocupa de menos Mi.

— Vou ficar bem.

Milena conta algumas coisas que teve que resolver antes de vir, como a faculdade, a casa e a herança que a sua mãe deixou para ela. Pelo visto, minha amiga poderá ficar bem por bastante tempo. As horas passaram rápido enquanto conversávamos, e logo tivemos que voltar para o nosso alojamento e Milena para a pousada. Estávamos exaustas e logo que batemos na cama caímos no sono sem dificuldade alguma.

Capítulo 32

Gabriela

Já fazia um mês que Milena havia se mudado para o Rio e ainda não tivemos tempo de sair juntas porque ela estava muito atarefada com as matérias que havia perdido. Ela continua morando na pousada enquanto não encontra o apartamento perfeito.

Como Bruno havia me convidado para ir a um pub inglês em Botafogo, aproveitei para convidar Milena também. Ela merecia uma folga dos estudos.

É meu primeiro “encontro” com Bruno, e obviamente não quero ir sozinha. Se eu não estivesse tão confusa com relação aos meus sentimentos por Guilherme, talvez eu não tivesse aceitado, mas percebi que desde que vim para Rio, eu não consegui me divertir. Júlia estava tão fissurada no livro que não queria ir comigo.

— Vamos Ju — a chamo pela milésima vez.

— Eu não tenho vestido — diz manhosa, sei que é apenas mais uma desculpa para que eu a deixe sozinha em casa.

— Eu posso te emprestar um vestido, aquele rosinha que você adorou, vai ficar lindo em você — digo tentando convencê-la — E Milena também vai.

— Droga, você sabe que amei esse vestido! — diz fazendo biquinho.

— Então vamos, Bruno já deve estar chegando.

— Está bem, deixa só eu me arrumar.

— Finalmente! — digo.

Quando Bruno me convidou, fiquei bem receosa. Afinal, é um local

com muitas pessoas e bebidas alcoólicas, mas passar mais um fim de semana em casa estava fora de cogitação.

Estou praticamente pronta, coloquei uma saia jeans preta com *strass* e uma blusa mais curta na frente que atrás. Nunca gostei de roupas vulgares que deixavam o corpo à mostra, e essa está bem-comportada, me sinto bonita. Júlia acabou de colocar o vestido e dá uma voltinha toda sorridente para que eu possa ver.

— Nossa, Ju, ficou lindo em você.

— Acho que você acabou de perder o vestido — diz sorrindo. Eu nem ligo tanto para esse vestido, não me importo de lhe dar, nela ficou ainda mais bonito, em contraste com seus cabelos longos e negros. Seus olhos verdes se destacaram com a cor clara do vestido. Ele é bem parecido com minha blusa, longo atrás e um pouco mais curto na frente, é todo liso sem nenhuma estampa, lindo.

— Pode ficar com ele se quiser — digo a ela.

— Sério? De verdade? Esquece não vou perguntar de novo, vai que você muda de idéia! Obrigada!!! — ela sorri e me abraça, indo em direção ao banheiro para terminar de se arrumar. Júlia é muito carinhosa, e demonstra seu agradecimento abraçando ou beijando. Confesso que demorei um pouco para me acostumar com isso, mas agora é reconfortante. Só de pensar que eu tinha implicância com ela, pois achava que ela era namorada de Guilherme, sinto vergonha! Ele consegue despertar o pior em mim, não sei mais quem eu sou quando estou com ele, me desconheço. É uma sensação agri-doce. Luto entre o desejo que sinto por ele e a razão que me diz para mantê-lo afastado.

Desde o dia em que ele disse que me deseja e quer que o nosso momento seja especial, ele vem aparecendo sempre com comida para nós. Acabamos estabelecendo uma amizade estranha. Ele me olha exatamente como eu o olho: com desejo. Nós não havíamos falado sobre o dia em que

praticamente me joguei em cima dele, ele não tem tentado me seduzir, mas se mantém sempre por perto. Não sei bem como me sinto com relação a essa aproximação, só sei que cada dia que passamos juntos me faz sorrir. Meus dias são como histórias em quadrinhos, preto e branco, mas quando o vejo, cada parte do meu dia se colore. E isso é o que mais me assusta. Apenas ele desperta isso em mim, e esse é um dos motivos pelos quais decidi aceitar o convite de Bruno. Preciso saber se mais alguém seria capaz de me provocar esse tipo de sentimento.

Júlia sai do banheiro e vejo que ela está pronta. Dessa vez, seus cabelos estão com alguns cachinhos, como os meus.

— Espero que você não se importe de eu ter usado sua prancha.

— Não problema nenhum, ficou lindo — digo sendo sincera. Aliás, tudo nela fica lindo. Júlia tem uma beleza natural.

Meu telefone começa a tocar e vejo o número de Bruno na tela.

— Oi.

— Gata, já estou aqui embaixo.

— Tudo bem, eu e a Ju já estamos descendo — digo enquanto pego minha bolsa na mesa. Júlia já está com a dela nas mãos, desligo o telefone e descemos para encontrá-lo.

Logo em seguida recebo uma mensagem de Milena dizendo que também está lá embaixo.



Levamos pelo menos vinte minutos para chegar até o pub. Bruno nos deixa na calçada e pede para esperarmos enquanto ele arruma uma vaga para

estacionar o carro.

O pub por fora parece uma casa bem antiga, pintada num tom de vermelho escuro com detalhes brancos. Se não fosse pela placa pendurada, indicando ser um pub, eu diria que era uma casa bem bonita.

Logo, Bruno vem e oferece o braço para mim e Júlia. Eu ofereço o meu braço livre para Milena. Uma parte de mim quer recuar e não segurá-lo, mas preciso disso. *Você está no controle da situação, um passo de cada vez, Gabriela.* Ouço a voz da minha psicóloga em minha mente, enlaço o braço dele com a mão e entramos.

O pub é todo decorado com madeira em um tom bem escuro. A bancada que fica de frente para o bar é alta, assim como os banquinhos. Em um espaço maior ao lado direito está uma televisão enorme e pedestais com microfones. Vamos até uma mesa e nos sentamos.

— O que vocês irão beber? — Bruno pergunta bem alto por conta da música.

— Uma batida de frutas para mim, sem álcool, por favor — digo a ele.

— O mesmo para mim, obrigada — reparei que Júlia também não bebe, o que é bem estranho. A maioria das meninas da nossa idade bebe. Sou uma exceção com relação a tudo, mas não Júlia. Ela ainda não me contou o que aconteceu com ela, mas entendo como é querer deixar as coisas no passado, por isso nunca lhe perguntei nada.

— O mesmo só que com vodka — Milena sempre pede álcool, e sempre se arrepende na manhã seguinte.

— O que está rolando entre você e o Bruno? — Milena me pergunta, me pegando desprevenida.

— Nada, estamos só nos conhecendo — digo a ela.

— Sei — Milena diz.

— Não gosto muito dele, por isso vim com você — Júlia diz.

Bruno chega com as nossas bebidas e se senta à mesa. Dou um gole na minha bebida e sinto um gosto amargo.

— Meu Deus! Que horror, o que tem na minha bebida? — pergunto a ele.

— Um pouco de vodka, gata — Sinto minhas bochechas queimarem, o gosto amargo ainda está em minha boca. Sinto uma raiva percorrendo o meu corpo, me levanto tremendo, furiosa!

— Eu pedi sem álcool, sem Á-L-C-O-O-L, qual parte disso você não entendeu? — pergunto pausadamente praticamente gritando.

— Era só para você relaxar, gata! — diz sorrindo. Eu não bebo, e não ligo que bebam perto de mim, mas eu odeio bebidas. Elas fazem lembranças indesejadas virem à tona. Só de sentir o gosto, sinto náuseas. Faz com que eu me lembre todo o horror que passei nas mãos daquele monstro.

Olho ao redor e vejo algumas pessoas olhando para gente, ele faz menção de se levantar e Milena se põe à sua frente. Depois disso não vejo mais nada, meu estômago começa a se revirar e sinto o suor escorrendo em minhas costas. Corro até o banheiro e coloco tudo para fora. Sinto as lágrimas descerem quentes pelo meu rosto, Júlia coloca a mão em minhas costas acariciando.

— Shhh, vai ficar tudo bem — diz.

Milena entra no banheiro com um sorriso triunfante no rosto sacudindo sua mão direita.

— Joguei a bebida na cara dele e lhe dei um soco — diz sacudindo uma de suas mãos e Júlia solta uma gargalhada. Milena nunca teve medo de ninguém e nem se deixa intimidar. Sorrio imaginando a cara que Bruno deve ter feito quando Milena o pegou desprevenido.

Jogo água em minha boca, tentando inutilmente tirar o gosto amargo dela.

— Vem vamos pegar uma Coca-Cola — Júlia segura meu braço, me puxando para fora do banheiro. Olho para nossa mesa e vejo que Bruno não está mais ali, ele está agarrado a uma morena com um vestido minúsculo perto de uma parede.

— Uma coca para mim e para elas — ouço Júlia dizer ao bartender, e saio dos meus devaneios.

— Pode pôr na minha comanda — um arrepio cruza minha espinha e fico sem reação. De todos os lugares nos quais imaginava encontrar Guilherme, esse seria o último. Ele está com uma camisa em gola V branca, uma bermuda preta e um sapatênis. Seus cabelos estão bem arrumados e não aquela bagunça habitual. Ele está bebendo o que parece ser um chope e, como sempre, está com aquele sorriso presunçoso no rosto.

— Não precisa.

— Eu insisto. Aliás, você conseguiu fazer minha irmã sair de casa um pouco, preciso te agradecer por isso. Não aguentava mais esse fantasma perambulando pelo meu apartamento nos fins de semana.

— Ei, eu ainda estou aqui e eu posso te ouvir — Júlia diz.

— Ah, ratinha só estou feliz por você estar saindo de casa. Aliás, vocês estão lindas!

— Obrigada — dizemos juntas.

— Lucas! — Júlia diz surpresa.

— Oi, Jujuba — diz lhe dando um beijo na testa. Guilherme olha um pouco intrigado mas não diz nada.

— Me vê um chope, por favor — Lucas pede ao bartender — Não sabia que vocês marcaram de vir juntos.

— Não marcamos, eu vim de moto, encontrei elas aqui — Guilherme diz — Aliás, com quem vocês vieram?

— Com Bruno — Júlia diz sem me dar tempo de responder. Guilherme fecha a cara.

— E onde ele está agora? — pergunta olhando ao seu redor. Assim que ele avista Bruno, ainda agarrado com a garota, seu maxilar se contrai — Babaca! — resmunga.

— Vamos jogar um pouco de dardos? — Lucas pergunta quebrando o silêncio constrangedor.

— A gente já está indo embora, vamos chamar um táxi — digo. Perdemos nossa carona, e depois do que aconteceu, perdi a vontade de me divertir.

— Deixa disso, a gente leva vocês para o alojamento. Vamos nos divertir um pouco — Guilherme me diz.

Olho para Júlia e vejo seus olhinhos brilhando querendo ficar. Decido ceder. Afinal, viemos para nos divertir um pouco. Terminamos de beber nossas bebidas e vamos até a parede onde está o alvo. Lucas vem em nossa direção com as mãos cheias de dardos.

— Vamos formar um trio e uma dupla para jogar, eu fico com a Júlia e Gabi, e você com o Guilherme — Mi diz para Lucas. Sou horrível em qualquer atividade que envolva coordenação motora! Anos tomando remédios para dormir e para ansiedade deixaram minhas mãos trêmulas. Tomara que Júlia seja boa, porque eu não quero perder.

— Vamos fazer uma aposta: quem perder vai ter que cantar no karaokê — Guilherme diz. Merda! Por que raios viemos a esse pub mesmo?

— Topamos, né, Gabi? — Júlia me pergunta com os olhinhos brilhando.

— É claro que ela topa! — Milena responde por mim, sem me dar tempo de protestar.

— Espero que vocês sejam boas nisso, porque eu não sou e eu nem sei cantar — aviso a elas.

— Relaxa, vai ser moleza! Eles já beberam um pouquinho, duvido que consigam acertar alguma coisa — ela revela a estratégia e fico um pouco mais esperançosa.

— Parem de cochichar e vamos jogar! Estou ansioso para ver vocês cantarem — Guilherme diz, mas nem em sonhos! Eu tenho meu lado competitivo afloradíssimo, e ele não gosta de perder.

— Vai achando — resmungo.

— Primeiro as damas — Lucas diz com um sorrisinho sacana no rosto.

Júlia é a primeira a arremessar. Ela acerta a segunda linha, bem próxima ao centro. Isso garota! Batemos palmas e damos pulinhos.

Agora é a vez de Lucas arremessar, ele parece bem concentrado e pisca muitas vezes. Acho que Júlia tem razão, eles terem bebido antes do jogo vai ser um ponto ao nosso favor. Lucas arremessa e acerta a quarta linha próxima do centro. Rimos da cara dele e agora é a minha vez.

— Mandar ver, Gabi! — Júlia e Milena gritam torcendo por mim.

Levanto as mãos e elas estão um pouco trêmulas como sempre. Minha confiança se esvai, pois sei que não conseguirei acertar. É bem capaz que eu jogue o dardo na cabeça de alguém, inclusive. Me concentro no centro do alvo e arremesso. Consigo acertar a terceira linha, bem abaixo de Júlia. Comemoro por dentro. Isso sim, já é uma vitória e tanto! Bato as minhas mãos nas de Júlia, que está com um sorriso enorme no rosto.

— Isso aí, garota!

Milena, que já bebeu um pouco, nem chega perto de nenhum dos

círculos. O dardo bate na parede e cai no chão. Estamos todos rindo da cara dela quando Guilherme passa por nós, ficando de frente para o alvo.

— Saiam da frente que agora vou ensinar vocês a acertarem o alvo — Guilherme diz para nós com um olhar arrogante. Torço internamente para que ele perca.

Guilherme nem se concentra muito e logo lança o dardo, acertando uma linha antes do centro! Droga, ele sabe jogar.

Jogamos por mais dez minutos e, como era de se esperar, perdemos feio! Guilherme e Júlia são competitivos demais, mas Júlia acertou a jogada apenas uma vez, e Milena desistiu depois de duas jogadas que acertaram a parede. Guilherme acertou três vezes. Quando terminamos, eles estão com um sorrisinho vitorioso no rosto.

— Estou louco para te ver cantar! — Guilherme diz sussurrando no meu ouvido. Sinto um arrepio na nuca com sua proximidade e meu coração bate acelerado em meu peito.

Milena já vai andando em direção ao karaokê, acho que ela está animadinha demais.

— Vem, Júlia, vem, Gabi! — ela grita. Ando até a área de karaokê, a televisão está pendurada a uma parede de tijolos e há um pedestal com quatro microfones. Júlia paga ao homem que comanda o karaokê e ele nos dá o controle para que possamos escolher as músicas. Júlia coloca a música *Cool for the Summer*, da *Demi Lovato*. Céus isso só pode ser brincadeira.

— Sabe essa né, Gabi?

— Eu sei — Milena solta um gritinho dando pulinhos quando vê a música escolhida.

— Não podemos fugir não? Não é como se eles fossem nos forçar a cantar.

— Negativo, viemos aqui para nos divertir. Vamos cantar sim! — Milena diz bem animada. Ela me entrega o microfone e a música começa a tocar. Evito olhar para Guilherme porque essa música é sensual demais. Fico a música inteira olhando para Júlia, que está com os olhos vidrados em Lucas. Olho para Guilherme, tentando ver se ele reparou que sua irmã está praticamente cantando para Lucas, mas seus olhos estão em mim. Canto a parte mais sensual da música olhando para ele, pois não consigo evitar. É como se um imã nos atraísse.

*Me leve até o seu paraíso
Não tenha medo, pois eu sou seu tipo de corpo
Isto é apenas algo que queremos tentar
Pois eu e você
Estamos de boa para o verão*

Terminamos de cantar e saio do transe em que me encontrava olhando para Guilherme. Guardamos os microfones e nos aproximamos deles. Lucas parece estar bem desconfortável, Guilherme ainda não tirou os olhos de mim. Decido quebrar o silêncio.

— Vamos comer alguma coisa? — pergunto.

— Vamos — Lucas oferece o braço para mim e para Milena, e Guilherme oferece o braço para Júlia. Vejo o sorriso de Júlia sumir quando ele me oferece o braço, não entendo por que Lucas fez isso e por que estava tão desconfortável. Sentamos em uma mesa redonda com seis cadeiras.

— Quero uma porção de aipim com carne seca, o que vocês vão querer? — Guilherme diz ainda olhando para o cardápio.

— Pode ser a mesma coisa — digo, e Júlia, Milena e Lucas

concordam também.

— Vou pedir uma porção para cinco então — ele levanta a mão para a garçonete que está com microvestido vermelho e um avental verde com o logotipo do pub. O sorriso dela logo se abre quando vê Guilherme a chamando. Droga de sorriso safado!

— Pois não. Vocês desejam o que? — diz olhando para Lucas e Guilherme. Eles são tão lindos, impossível não olhar. Júlia tosse e finalmente a garçonete olha para a gente. Odeio que ele cause nas outras mulheres o que ele causa em mim.

— Uma porção de aipim com carne seca para cinco, por favor — Guilherme diz olhando para a garçonete com seu sorrisinho sedutor.

— Já trago — ela diz e sai rebolando em seu minúsculo vestido.

— Rafael veio? — Milena pergunta aos meninos.

— Sim. Ele já está aqui. Aliás, ele é o DJ que vai tocar hoje, após o karaokê.

— Não sabia que ele tocava — Milena diz surpresa.

— Não é algo que ele conte para todo mundo, mas ele é foda! — diz sorrindo orgulhoso do seu amigo — Como vocês estão em cálculo? — pergunta e vejo Milena esticar o pescoço procurando por Rafael. Ainda não conversei com ela sobre ele, como posso aconselhar a vida amorosa da minha amiga quando nem eu mesma consigo me ajudar?

— A nossa primeira avaliação está bem próxima, as dicas que você me deu têm me ajudado, mas Rafael ainda está com muita dificuldade.

— Ah gente, chega de falar de faculdade. Já passamos mais da metade dos nossos dias lá dentro, viemos aqui para nos divertir! — Milena diz entediada, balançando um copo com uma Coca-Cola pela metade.

Olho para ela, que está com a cara emburrada.

— Vamos dançar!

— Não tem quase ninguém na pista — digo olhando para a pista. Há poucas pessoas dançando onde está o karaokê que já parou de funcionar para que o DJ da noite, no caso Rafael, toque as suas músicas. Mas, pelo que percebi, a noite inteira o karaokê intercala com o DJ.

— Está com medo de que, Gabi?

— Está bem vamos — Odeio que me desafiem e ela sabe disso.

— Lucas, quer dançar comigo? — diz Guilherme para Lucas. A cara dele é impagável.

— Vai à merda!

— Você está com medo de que, Lu? — Guilherme diz imitando Milena.

— Senta essa bunda aí Guilherme, deixa elas irem dançar, vamos pedir mais um chope.

— Assim você machuca meu coração — Guilherme diz colocando a mão no peito, fazendo cara de magoado.

Eu e Júlia estamos nos desmanchando de rir, Milena já estava na pista balançando o corpo ao som das batidas. Olho para Lucas e vejo que ele está vermelho igual a um pimentão.

— Meu irmão não tem jeito — Júlia diz sorrindo enquanto andamos até a pista.

— Lucas ficou envergonhado, a cara dele foi impagável.

— Foi mesmo — diz um pouco mais alto, pois o karaokê parou de funcionar e a música agora pulsava pelas caixas que estavam espalhadas pelo ambiente. Começamos a dançar uma mixagem do *Zedd*, e nos soltamos ao som da música. Por um minuto, olho para Guilherme, que está com olhar de águia para nós. Ninguém se aproximou, também com os olhares que os dois lançavam, eram capazes de cortar a cabeça de qualquer intruso.

Em um momento da dança, me lembrei de que era Rafael quem estava mixando. Olho para o canto, o único lugar que não está com luzes coloridas e sim com uma iluminação constante e o vejo com um boné preto com a aba virada para frente, calças jeans e uma blusa que provavelmente deve ser de alguma banda.

Ele levanta a cabeça, finalmente olhando em nossa direção. Vejo um sorriso em seu rosto e eu e Júlia acenamos para ele. Milena está petrificada em seu lugar, olhando fixamente para ele, que apenas balança a cabeça.

A música acaba e vejo Rafael descansando em uma cadeira. Nós estamos esgotadas e suadas. Andamos até a mesa onde Lucas está e dou falta de Guilherme. Ele não está na mesa. Júlia é a primeira a perguntar.

— Onde meu irmão está?

Nem presto muita atenção com que eles estão conversando, procuro Guilherme com o olhar e, quando o encontro, vejo que ele está com o microfone na mão e acabou de entregar dinheiro ao rapaz que cuida do karaokê, que já voltou a funcionar.

— O que ele está fazendo? Vocês ganharam a aposta — pergunto confusa.

Rafael se aproxima da nossa mesa e nos cumprimenta, mas estou curiosa demais para prestar atenção nele. Lucas continua falando e eu tento entender o que Guilherme está fazendo.

— Você logo verá — Lucas diz sorrindo. Guilherme olha para nós e diz com a voz um pouco embargada no microfone, para todos ouvirem.

— Gabriela essa é para você — O som das conversas foi cessando conforme sua voz grave soava nos altos falantes.

Uma batida começa, mas não reconheço a música.

— Que música é essa? Pergunto quase gritando de nervoso.

— A música que está tocando é a música do Luan Santana, *Eu você o mar e ela*. Eu disse para ele não fazer isso, mas ele não quis me ouvir.

— Céus! O que tinha na bebida dele? — Júlia pergunta, mas ele não parece estar tão bêbado assim.

Todas as outras vozes somem, pois só consigo ouvir a voz de Guilherme cantando para mim. MEU DEUS ELE ESTÁ CANTANDO PARA MIM!

*Ser romântico às vezes ajuda
Mas se fecho os olhos te imagino nua
Talvez pareça uma cena de Hollywood
Se tá pensando isso, por favor não se ilude
Eu só quero uma noite de amor
Como as outras, só mais uma que passou*

— Que merda é essa? — Faço menção de me levantar, mas Lucas segura meu braço.

— Só escuta.

*Mas foi só a porta fechar
Pra mudar minha cabeça
A sua boca vale o preço
Pra perder o sossego que eu tinha*

Meu coração perdeu o ritmo e minha respiração parou nesse exato

momento.

*A lua até beijou o mar
Pra não ficar de vela
Os quatro perdidos de amor
Eu, você, o mar e ela*

Estou chocada, completamente fora de órbita. Que raios Guilherme estava pensando? Essa música não é apenas sobre paixão, é sobre amor também. Como ele pode estar sentindo isso? Somos amigos, estou apaixonada por ele, mas cogitar que ele sente a mesma coisa, é surreal! Nunca daríamos certo. *Os quatro perdidos de amor*, repasso a letra na minha mente. É um sertanejo universitário, e não é tão romântico assim. Na verdade, se não fosse trágico seria cômico. A música é até engraçada, mas ainda assim, por trás disso tudo, ela fala de amor. Nesse momento, estou sem reação, meus impulsos internos lutando com a minha força de vontade. Sinto ainda mais raiva de tudo que aconteceu comigo. Se fosse em outras circunstâncias, eu poderia fingir ser uma garota normal que está apaixonada pelo irmão da melhor amiga, e que se jogaria em seus braços assim que a música terminasse. Mas eu não sou uma garota normal, sou a porra de uma garota com um passado fodido!

Lágrimas escorrem pelo meu rosto. Ultimamente, tenho chorado muito. Minhas emoções estão à flor da pele. Balanço minha cabeça como se isso pudesse afastar as lágrimas, olho no fundo dos olhos de Guilherme e saio correndo.

Corro como se não houvesse amanhã. Queria que tudo isso acabasse, que todo medo fosse embora. Sinto os pingos de chuva molhando meu corpo. Um grito sufocado escapa da minha garganta. Eu quero morrer, ele tirou tudo

de melhor que havia em mim. *Você já está morta*, uma voz grita em minha mente. Ouço vozes atrás de mim, atravesso a rua. Quero me afastar de tudo isso, não tenho nada para oferecer a Guilherme. Ele merece mais do que eu posso oferecer. Eu sou suja! Ouço alguém gritando meu nome, e vejo um farol forte bem perto de mim. A última coisa que vejo antes de sentir uma dor terrível e apagar, são os olhos de Guilherme me olhando como se pudesse me salvar. *Mas eu não posso ser salva Guilherme*, tento dizer a ele, mas já é tarde.

Capítulo 33

Guilherme

Merda! Mil vezes merda! Já era para ter aprendido que Gabriela é como um balão, quanto mais cheio, maior a possibilidade dele explodir. Tentei cantar um sertanejo universitário com o objetivo de brincar com ela e fazê-la me dar uma chance, mas o tiro saiu pela culatra. Eu fui paciente, não tentei seduzi-la, mas me mantive perto para ela saber que eu não iria desistir. Só faltava enviar flores, caralho, será que isso daria certo? Por que não pensei nisso antes? Eu não aguentava mais olhar para ela e não dizer como eu me sentia. Gabriela preenchia meus pensamentos todos os dias. Meu coração estava preenchido por um sentimento que nunca imaginei sentir, e agora eu estraguei tudo, e ela saiu correndo como o diabo foge da cruz. Larguei o microfone em uma das mesas mais próximas e saí atrás dela. Meus amigos e as amigas delas também estavam correndo atrás de mim. Elas diziam algo como, *deixe ela em paz, ela só precisa ficar sozinha*, mas eu não liguei, acelerei ainda mais o passo. Gabriela não deve conhecer nada por aqui, é bem provável que ela se perca. Vejo uma cabeleira loira virando a esquina, mas logo ouço barulho de pneus no asfalto e vejo um corpo magrinho sendo jogado para frente. Perco o ar no momento em que me dou conta de que a menina é Gabriela.

Corro até ela e me abaixo, passando as mãos pelo seu rosto. O motorista sai do seu carro com o celular na mão falando comigo, mas não consigo prestar atenção, só conseguia me concentrar em Gabriela que estava ali no chão com o corpo paralisado e com os olhos fechados. Estava tão concentrado em seu rosto que não notei que a sua perna estava quebrada, o

osso quase saltando através da pele. Observo o restante do seu corpo para ver se não há mais nada exposto, não vejo sangue, apenas alguns arranhões em seus cotovelos e nos joelhos. Meu Deus, o que eu fiz?

— Alguém liga para a ambulância porra! — grito para que alguém faça alguma coisa. Sinto uma mão tocar meu ombro e diz que já chamaram. Acho que foi a voz de Júlia que estava abafada pelo choro.

— Cadê Rafael? Alguém chama o Rafael, a ambulância vai demorar demais, vamos de carro — grito desesperado. Ver seu corpo inerte no chão estava me deixando fora de mim.

— Você não pode movê-la, Gui, pode piorar — Júlia se abaixa do meu lado falando comigo — E a ambulância já está vindo.

Ouçó soluços descontrolados e me viro para trás vejo Milena se segurando em Rafael desesperada, e então me lembro que ela acabou de perder sua mãe. Acho que nunca vi Rafael abraçar alguém apenas para consolar. Ele está passando as mãos pelos seus cabelos, tentando acalmá-la.

— Fica comigo, Gabi, por favor — uma lágrima escorre pelo meu rosto e nesse momento nem ligo que meus amigos me vejam chorar. Queria apenas que fosse eu no lugar dela.

Levanto a cabeça quando ouço o barulho da ambulância, mas não me movo, não quero deixá-la sozinha. Quero ir com ela.

— Por favor, senhor, se afaste — ouço um dos bombeiros falando comigo — Senhor!

Me afasto apenas um pouco e os vejo colocando Gabriela na maca com cuidado, Milena, que já não está mais agarrada ao Rafael, me entrega a bolsa de Gabriela com as mãos trêmulas.

— Vá com ela — diz com os olhos inchados de tanto chorar.

Não penso duas vezes e subo na ambulância com ela, com sua bolsa na

mão.

O bombeiro que falou comigo me pergunta se sou parente dela.

— Namorado — digo a ele, mesmo que não seja verdade, não quero sair do lado dela.

— O senhor é maior de idade?

— Tenho vinte e um.

Os paramédicos estão mexendo em Gabriela, vendo seus sinais vitais e provavelmente verificando se não há nada mais exposto. Perguntei por que Gabriela não acordava, uma das enfermeiras mais velha com cabelos grisalhos me disse que os sinais vitais dela estão bons e que ela desmaiou devido a pancada. Mas me garantiu que seria melhor assim, caso contrário, Gabriela estaria sentindo muita dor.

A ida até o hospital CREMERJ pareceu durar uma eternidade. O barulho da sirene estava me deixando ainda mais nervoso. Quando desceram com a maca, empurrando em direção ao hospital, me disseram que eu não poderia ir com ela, que eu devia esperar e fazer a ficha dela.

Uma enfermeira bem magra e morena me pede os documentos dela. Abro a bolsa, me atrapalhando para conseguir pegar sua carteira com os documentos. Olho sua identidade e vejo seu sobrenome: Rosemberg. Esse sobrenome não me é estranho. Entrego a identidade.

— Senhor, ligue para a família da jovem e, por favor, veja se há algum documento onde consta o tipo sanguíneo dela — a enfermeira me diz com a voz calma.

— Tudo bem — digo já procurando algum documento que tenha o seu tipo sanguíneo na carteira. Vejo uma fotografia cair no chão, acho sua carteirinha da faculdade e lhe entrego.

Me abaixo para pegar a fotografia e percebo que é bem antiga. Meus

olhos quase saltam do meu rosto quando olho melhor.

É uma foto minha quando criança, junto com a menininha dos cabelos brancos. Sinto minhas pernas fraquejarem e me sento desajeitado na cadeira ao lado do balcão de atendimento.

— Senhor, está tudo bem? — a enfermeira me pergunta preocupada. Balanço a cabeça afirmando que sim. Mas o problema é que eu não estou bem. A única explicação para Gabriela ter essa foto é que ela seja a menina dos cabelos brancos. Olho novamente para a foto, seu sorriso mesmo coberto pelo aparelho dentário. Ela está radiante, com seu vestidinho azul claro. Em suas mãos, uma flor de lis. Olho para mim e vejo a criança que não se parece nada comigo. Minhas bochechas estão mais cheinhas e meu cabelo sobre o meu rosto. Só consigo me identificar na foto porque me lembro claramente desse dia.

Todos os dias eu dava uma rosa vermelha para Gabriela. Eu as pegava no jardim da minha mãe. No começo, minha mãe ficou furiosa, mas depois acabou aceitando quando eu prometi que iria ajudar a cuidar das flores. Sempre lhe entregava as rosas vermelhas e ela coloca em seu cabelo quase branco, prendendo atrás da orelha. Mas nesse dia da foto, nenhuma rosa havia florescido, e a única flor que havia no jardim da minha mãe era uma flor de lis. Eu corri até a cozinha onde ela estava e pedi para que ela me deixasse pegar a flor. Lhe perguntei sobre o seu significado. Falar sobre o significado das flores sempre deixava mamãe feliz, e quando ela começava a falar sobre o assunto, não parava mais! Mamãe sorriu dizendo que eu poderia lhe dar a flor e me disse o seu significado. Corri para pegar a flor e fui até a casinha da árvore. Gabriela já estava embaixo dela, me esperando com a mochila nas costas. Quando eu cheguei com a flor de lis nas mãos, Gabriela franziu a testa e me perguntou onde estava a rosa.

— Mamãe me disse que essa flor era dos reis e das rainhas da França — digo a ela tentando me lembrar de tudo que mamãe disse — Ela representa lealdade e honra, e eu nunca deixaria seu cabelo sem uma flor.

A rosa era mais bonita do que a flor de lis, mas quando eu lhe disse o seu significado, ela me deu aquele sorriso radiante como um raio de sol num dia chuvoso. Mesmo de dia, pude perceber um flash em nossa direção. Era mamãe rindo com a câmera na mão. Gabriela correu até ela e lhe deu um abraço, sem deixar a flor cair de suas mãos pequenas.

A foto ficou distorcida em minha visão, pois minhas mãos estão trêmulas. Percebo que agora tudo faz sentido. A dor em seus olhos, o medo. Gabriela foi machucada, e eu não pude ajudá-la. Eu havia ido embora e lhe deixado, e agora o destino estava zombando de mim, pois eu havia me apaixonado pela única mulher que eu já havia magoado. Como pude não perceber o que estava diante de mim?

Eu sabia que conhecia aqueles olhos, mas reencontrar minha Gabi era um sonho distante para mim. A única notícia que tive dela foi alguns dias depois da nossa mudança para o Rio. Eu estava deitado com a cabeça apoiada no colo da minha mãe enquanto ela conversava com uma amiga pelo seu celular, a única pessoa que ela manteve contato após nos mudarmos. Ela provavelmente achou que eu estava dormindo e não se importou em conversar comigo ali. Eu escutei que o pai de Gabriela havia morrido. E, algumas semanas depois, descobri que na verdade Gabriela vinha sofrendo abusos do homem que deveria protegê-la do mundo. Ele apagou o sorriso do rosto da minha menina, da minha flor de lis. Eu tentei ir atrás dela, mas minha mãe acabou descobrindo e fiquei de castigo por quase um mês inteiro.

Sinto como se uma mão tivesse rasgado meu peito, apertando meu coração. Minha visão fica embaçada pelas lágrimas. Ouço passos, mas não

levanto minha cabeça. Lucas me pergunta se estou bem e as meninas perguntam como Gabriela está. Estava tão perdido no passado que não perguntei por ela.

Entrego a foto a Milena e ela fica sem entender nada.

— Sou eu — engulo em seco tentando desfazer o nó em minha garganta — e é Gabriela — consigo dizer.

— Como isso é possível? — Lucas me pergunta confuso.

— Inho? Você era o Inho dela? — Milena pergunta.

Meu coração se acelera ao ouvir o apelido que eu tanto odiava, mas que anos depois passei a sentir tanta falta.

— Eu morava em São Paulo — digo a Lucas — Sim eu era o Inho, mas eu fui embora — digo a Milena que agora está com o rosto coberto por raiva — Mas não foi porque eu quis — completo.

— Você a abandonou quando ela mais precisou de você — diz com a voz carregada de ódio — Ela chamou por você durante meses, eu estava lá com ela — ela diz apontando para si — até que ela finalmente conseguiu esquecer você.

— Eu só tinha doze anos Milena, doze! — grito pra ela com as lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

— Você — ela aponta olhando para mim com mágoa e raiva — era tudo que ela queria e precisava. Mas agora ela não precisa mais de você, vai embora.

— Eu não vou abandoná-la outra vez Milena — digo para que ela entenda que irei me manter firme ao lado de Gabriela.

— Você já abandonou uma vez, seu idiota — diz se aproximando de mim. Uma enfermeira pede para que nos retiremos da recepção até nos acalmarmos. Quando estamos do lado de fora do hospital eu digo a Milena.

— Eu não sabia que ia embora — mesmo não olhando para mim, sei

que ela está prestando atenção — Quando eu voltei da escola, minha mãe já havia arrumado todas as malas. Minha irmã já estava no Rio de Janeiro com a nossa avó — olho para Júlia que até então não havia dito nada, ela se aproxima de mim e segura minhas mãos me dando força — Eu queria me despedir, queria dizer a ela que iria voltar, mas minha mãe não deixou. Eu era uma criança ainda, Milena, e eu senti falta dela todos os dias da minha vida. Minha mãe não deixava termos celular nem internet, até hoje não sei por quê. Eu lhe perguntei inúmeras vezes e ela nunca me disse. Depois que cresci, já havia tirado a ideia de encontrá-la da cabeça. Provavelmente ela estaria com raiva de mim. Eu sei, fui um covarde, mas eu nunca quis magoá-la, de verdade — limpo a lágrima que escorreu em meu rosto e sinto os braços finos de Milena me envolverem.

— Me desculpa — diz com o rosto em meu peito — Eu fiquei tão furiosa, você não teve culpa, mas não era você que ouvia seu nome sendo chamado em meio aos seus pesadelos. Você precisa contar a ela a verdade.

— Ela vai me odiar.

— Provavelmente, mas ela te amava. Vocês eram crianças, mas você era o porto seguro dela, Guilherme — ela me diz e sinto um pouco de esperança

— Assim eu espero — digo, torcendo para que seja verdade.

Fiquei do lado de fora do hospital durante alguns minutos tentando não pensar na triste realidade. Se antes Gabriela queria correr de mim, nem imagino como será quando ela descobrir quem sou. Não sei como lhe contar a verdade, não sem perdê-la no processo. Júlia vem correndo até mim, ofegante pela corrida, e diz que o médico falou que Gabriela estava passando por uma cirurgia, mas que ela estava estável. A cirurgia era para colocar o osso de volta no lugar.

Volto para a recepção e fico com os meus amigos. Peço para Júlia ir

para casa descansar, mas ela quer ficar ao lado da amiga quando ela acordar, então todos nós passamos a noite no hospital, dormindo nos bancos (o que provavelmente causará uma dor nas costas desgraçada depois).

Me mexo desconfortável quando sinto um cheiro de café preenchendo minhas narinas. Eu estava cochilando na cadeira, e agora sinto todo meu corpo doer pela posição em que estava.

— Bom dia — Júlia diz com um sorriso que não chega aos seus olhos, com dois copos de café nas mãos. Minha irmã está com a aparência de quem não dorme há dias. Sob seus olhos, há bolsas enormes, provavelmente pela noite mal dormida.

— Bom dia — respondo mexendo meu pescoço que está dolorido pela posição na qual ficou durante algumas horas — Alguma notícia?

— Ainda não, o médico vai terminar seu plantão daqui há meia hora, e disse que já vem falar conosco. Alguém já ligou para a mãe dela? — Antes que eu possa responder, ouço uma voz baixinha resmungando e olho para Milena que está passando a mão pelos seus cabelos ruivos.

— Eu liguei, mas ela não vem — Milena diz, e percebo que há algo mais por trás disso tudo. Como assim, Gabi se acidenta e a sua mãe não vem?

— Que mãe de merda — Rafael diz despertando do seu sono, esfregando os olhos.

— Rafael! — Lucas o repreende.

Um médico com uma aparência bem cansada, com os cabelos grisalhos e os olhos azuis entra na sala de espera parecendo procurar por alguém.

— Bom dia — ele nos cumprimenta — Algum de vocês é parente da paciente Gabriela Rosenberg?

— Sou irmã de criação — Milena diz a ele.

— Como ela está doutor? — pergunto.

— Vamos para minha sala, apenas duas pessoas, por favor.

— Eu vou — Milena diz.

— Eu também — Todos assentem, e eu e Milena seguimos o médico por um corredor de salas até chegar à dele. Entramos no ambiente, que é típico de hospital - paredes brancas, uma cama coberta por lençóis brancos com a logo do hospital, uma mesa com um notebook de última geração e um porta-retratos com a foto de algum parente.

— Então doutor? — pergunto com pressa para que ele nos conte logo o seu estado.

— Bom, a paciente teve uma queda e tanto. Fizemos alguns exames, por causa da forte pancada em sua cabeça, mas os exames mostram que tudo estava normal. Ela desmaiou devido à pancada. Já a situação da sua perna exigiu uma cirurgia. Ela fraturou a tíbia e tivemos que colocar uma haste intramedular — ele deve ter percebido nossa cara de confusão e explicou melhor — Pensem em uma peça de metal que mantém o osso no lugar. Ela vai precisar de fisioterapia por alguns meses após tirar o gesso, e precisará ficar com o gesso durante três meses. É imprescindível que ela fique de repouso, e não force a perna! Compre uma muleta. Se por ventura ela precisar subir escadas, aconselho que não o faça.

— Mas ela pode assistir às aulas Doutor? — Milena pergunta.

— Poderá sim, mas nessa primeira semana preciso que ela fique de repouso absoluto, usando inclusive uma cadeira de rodas para que não force a perna. Depois ela poderá usar as muletas.

— Vai ser difícil de conseguir convencê-la, ainda mais porque ela perdeu tantas aulas — Milena diz para mim baixinho.

— Ela ainda vai sentir um pouco de dor — ele diz anotando algo em um receituário — E precisa tomar esses medicamentos — ele diz entregando o

papel para mim — Ele pode causar sonolência, mas é normal. Ela já está acordada e logo mais receberá alta, vocês podem vê-la se quiserem.

— Obrigado, Doutor — digo apertando a sua mão. Milena também agradece e vamos até o quarto de Gabriela. Minhas pernas fraquejaram ao chegar à porta. Toda a realidade veio à tona. A partir do momento em que ela souber a verdade, tudo irá mudar. Coloco a mão sobre o lado esquerdo do meu peito, onde está a tatuagem da flor de lis. Essa foi a minha primeira tatuagem que eu fiz, quando dezoito anos. Rafael e Lucas também quiseram se tatuar nesse dia. Eu já tinha em mente exatamente o que iria fazer, mas eles não, então minha mãe, após ouvir a nossa conversa, lhes contou o significado de algumas flores e cada um escolheu uma diferente.

Mesmo que eu tenha ido embora contra minha vontade, serei leal a ela. Lhe contarei toda a verdade e pedirei a Deus para que não a tire de mim, não agora que eu a reencontrei.

Capítulo 34

Gabriela

Luzes, esse é primeiro pensamento assim que eu desperto. Aperto os olhos, sinto minha cabeça latejar. Tento abrir os olhos, mas a luz é forte demais. Pisco até que a minha visão se acostume com a claridade. Olho para o quarto em branco e sinto uma onda de pânico.

— Onde estou? — consigo dizer em voz alta. Tento me levantar, mas não consigo. Olho para minhas pernas e vejo o motivo. Em uma delas há um gesso branco que vai do meu pé até o joelho. Fecho os olhos angustiada, e as imagens da noite passada voltam à minha mente com força total. O pub, as minhas amigas, Guilherme cantando a música, *"Eu, você, o mar e ela"*. Por isso eu fui embora... naquele momento eu percebi que eu não era apenas uma conquista para Guilherme, ele realmente gostava de mim e isso me apavorava. Como alguém pode gostar de mim? Eu sou suja, imunda, não há nada de bom em mim. Estou tão perdida em mim mesma que ninguém será capaz de me achar. Então, me dou conta de que ele não sabe da verdade. Por mais que seus olhos pareçam enxergar minha alma, na verdade Guilherme não sabe nada sobre mim.

Tenho certeza de quando descobrir, ele mudará de ideia. Uma enfermeira interrompe meus pensamentos, entrando no quarto. Seus cabelos estão arrumados em um coque frouxo, as olheiras embaixo dos seus olhos denunciam o seu cansaço, mas mesmo assim seu rosto está coberto por um sorriso simpático.

— Vejo que acordou — diz e, mais uma vez, inutilmente tento me mover, sem obter sucesso.

— Onde estou? Por que estou com a perna engessada? — pergunto.

— Você está no Hospital das Clínicas de Botafogo, porque sofreu um acidente e fraturou a tíbia. Foi operada há algumas horas, mas o médico virá conversar com você melhor.

— Eu quero ir embora — odeio ficar em hospitais, ainda mais deitada em uma cama sem poder me levantar.

— Logo você poderá ir embora, seus amigos passaram a noite inteira no hospital, pelo que eu soube seu namorado deixou as enfermeiras loucas... — diz, mas não consigo prestar atenção depois da palavra que sai da sua boca. Namorado? Guilherme passou a noite ali? Depois que eu fugi como louca, ele deveria ter desistido. Ele não percebe que eu estou quebrada e não tenho conserto? Por que ele simplesmente não desiste de mim? Minha cabeça lateja e aperto os olhos como se isso pudesse aliviar minha dor.

— Minha cabeça dói — consigo dizer a ela. Ela se aproxima de mim e coloca algo no meu soro e abre o acesso da minha veia.

— Obrigada.

— Você vai sentir uma sonolência, mas é normal, descanse. Logo mais poderá ver seus amigos e ir para casa.

Involuntariamente meus olhos se fecham e, diferente dos meus pesadelos, dessa vez eu tenho um sonho. Mas não parece apenas um sonho, parece uma lembrança.



Abril de 2005

Ele me tocou, o meu pai, meu melhor amigo, não existe mais. Só vejo

o monstro quando olho em seus olhos.

Estou na casa da árvore de Inho há alguns minutos. Chorei baixinho mesmo que ninguém pudesse escutar. Mas Inho sempre sabia quando eu estava chorando. Ele sempre pergunta o porquê, mas eu sempre digo que não é nada. Ouço o barulho das escadas batendo na casinha da árvore, uma onda de pavor toma meu corpo. Me encolho e peço a Deus "por favor que não seja ele". Mas antes que Guilherme apareça eu sei que é ele, consigo sentir o cheiro da flor que está em sua mão. Antes eu recebia uma rosa todos os dias, ainda recebo, mas às vezes ele me dá uma flor de lis, que eu apelidei da flor da lealdade. E agora gosto mais dela do que da rosa, mas ele não sabe disso.

Ele se senta do meu lado com a flor na mão, eu não o olho, não preciso. Ele sempre sabe quando estou chorando. Sinto os seus braços me envolverem e permito que o grito que estava guardado em minha alma se liberte. E foi assim, muitas vezes, que Inho me confortou.



Atualmente

Guilherme

A primeira coisa que observo são seus olhos cansados, não sei como ela iria reagir ao me ver, mas Gabriela parece indiferente a tudo. Pensei que sentiria raiva de mim, mas seus olhos apenas transparecem uma tristeza sem fim. Eles estão molhados e sinto uma enorme necessidade de abraçá-la como eu fazia quando éramos crianças. Me lembro da primeira vez em que a vi, de alguma forma meu coração sabia que era ela. Aquele olhar que vi perdido em seu rosto, era o mesmo olhar da minha menina dos cabelos loiros. E eu não

estava lá para protegê-la.

De repente me dou conta. Há quanto tempo isso vinha acontecendo? Todas as vezes em que eu a peguei chorando, achei que era apenas porque ela não se dava bem com seu pai, quando na verdade, ele a estava destruindo. Ele a quebrou. Só Deus sabe o quanto minha menina agüentou. Estou paralisado na porta quando Milena toca meu braço para que eu entre também.

Me aproximo dela, está difícil conter a emoção que sinto em vê-la, agora que eu sei de toda a verdade. Meu coração salta do peito por finalmente reencontrá-la, preciso me conter. Ela ainda não está bem para saber de toda a verdade. Deus sabe como isso será difícil! Quero me ajoelhar ao lado de sua cama e implorar por perdão, perdão por tê-la abandonado quando ela mais precisou, mas ainda não é a hora. Coloco o melhor sorriso que posso no rosto, ergo as mãos e acaricio seu rosto, e ela deixa.

— Minha menina — eu sussurro apenas para mim mesmo. Olho em seus olhos e vejo o resquício de uma lágrima, e me pergunto o quanto esse acidente a afetou não só fisicamente, mas também emocionalmente — Como você está?

— Com sono — diz passando a mão pelos olhos — Tudo doí, só quero ir para casa.

— Gabi, você me assustou — Milena diz chorando. Fico com pena dela, ela acabou de perder a mãe, todo o acidente de Gabi a afetou.

— Eu estou bem, vem aqui — ela abre os braços para que Milena a abrace, e vejo um lado de Gabi que eu não havia visto desde que chegou a faculdade. Vejo o carinho que ela sente por Gabi, e agradeço a Deus por Milena ter estado com ela quando eu não pude.

— Não me assuste mais desse jeito — diz brigando com Gabriela, ao mesmo tempo em que chora. Gabi passa as mãos pelos seus cabelos e a acalma. Júlia entra no quarto e vai correndo e abraça-la. Vejo que o mesmo

carinho que ela tem por Milena, tem pela minha irmã. Isso faz eu me apaixonar de novo por ela. Dizem que o amor é se apaixonar todos os dias pela mesma pessoa, e a cada dia que passa, eu me apaixono ainda mais por ela.

Elas conversam entre si e eu fico apenas observando. Seus olhos tristes se encontraram com os meus algumas vezes, mas ela sempre desviava o olhar quando percebia que eu estava olhando para ela.

— Quero ir para casa — Gabi fala novamente.

— Sobre isso — Milena começa a falar — Júlia me disse que o elevador quebrou e ainda não tem previsão para voltar a funcionar. Sem contar que não tem como você tomar banho em um chuveiro, você precisa de uma banheira. Eu até ofereceria a pousada em que eu estou, mas lá eu subo escadas, e você não vai poder colocar o pé no chão por pelo menos uma semana — Gabi faz um biquinho e resisto à vontade de beijá-la — Então é melhor você ficar na casa do Guilherme, ele mesmo ofereceu — Quero abraçar Milena por isso. Genial, ela está tentando nos manter juntos.

Olho para Gabi e vejo que ela está boquiaberta, sem ter o que dizer. Milena excluiu todas as possibilidades dela ter onde ficar, e só restou a mim.

— Você não se incomoda? — ela me pergunta e lhe digo que não, tentando conter minha felicidade.

— Você pode ficar com a gente, Ju? — pergunta à minha irmã.

— Claro, vou adorar — ela responde e se vira para mim e pisca. Minha menina tem as melhores amigas do mundo.

— Isso vai ser interessante — sussurro para mim mesmo. Estou com um sorriso tão bobo no rosto que é impossível disfarçar.

— Do que você está rindo? — pergunta.

— Nada, vou procurar o seu médico — digo saindo da sala antes que eu grite de felicidade. Acho que nunca fiquei tão feliz em ter uma garota em

minha casa, *mas não é qualquer garota Guilherme é a sua menina*. Algo me diz que as coisas irão mudar, só preciso fazer com que seja para melhor.

Capítulo 35

Gabriela

Em determinados momentos de nossas vidas, devemos apenas deixar que o vento nos leve para onde for, como uma pena recém caída de um pássaro, sendo guiada apenas pelo acaso, sem destino.

Estou tão cansada de lutar comigo mesma, estou rodeada de pessoas, mas me sinto vazia, oca por dentro.

Deixo Guilherme me guiar para fora do hospital em uma cadeira de rodas. Olho para minha perna e me sinto ainda mais impotente. Ainda não conversamos sobre o pub, por mim, nem conversaríamos, talvez ele nem queira conversar! Talvez tenha se dado conta de toda a minha loucura. Mas então, por que ele oferecia a sua casa para que eu pudesse ficar? Pena? Será que Guilherme sente pena de mim? Sou tirada dos meus pensamentos quando sinto um braço passando pelas minhas pernas e sobre meus ombros.

Guilherme me levanta da cadeira de rodas sem nenhum esforço. Nem protesto, apenas deixo que me leve. Por um milésimo de segundo, me segura em seu peito como se eu fosse quebrar. Ele me coloca no carro de Lucas, e se senta ao meu lado. Lucas sai do estacionamento com o carro.

— Gabi — Lucas me cumprimenta — Como você está?

— Com um pouco de dor, mas estou bem — digo.

— Dor? Aonde? Vou te levar para dentro do hospital de novo — Guilherme diz preocupado abrindo a porta do carro. Sorrio da sua preocupação.

— Eu estou bem! O médico disse que é normal ainda sentir um pouco de dor.

— Você não pode ficar sentindo dor Gabriela! — ele está praticamente gritando — Para a porra do carro Lucas! — agora sim ele está gritando.

— Gui! Relaxa cara. Ela já disse que está bem — Lucas diz.

Ele bufa e cruza os braços sobre o peito, ficando ainda mais sexy.

— Tem certeza? — pergunta e eu assinto com a cabeça.

— Cadê Milena e a Júlia? — pergunto. Quando o médico entrou no quarto, elas me deixaram a sós, e quando saí, encontrei apenas Guilherme me esperando.

— Elas foram buscar suas coisas — Guilherme diz.

Encosto a cabeça no banco de couro e meus olhos começam a pesar. Sinto o braço de Guilherme passando pelos meus ombros, e mais uma vez, sinto seu cheiro amadeirado. Deixo que ele me apóie em seu ombro, luto para manter meus olhos abertos, mas não consigo.



— Você vai foder com a sua coluna se continuar carregando ela para todo lugar — ouço Lucas falando com Guilherme.

— Pois eu foderia minha coluna com prazer — Guilherme diz me apertando ainda mais em seus braços. Ainda sinto meus olhos pesados de sono, tento me mexer para sair do colo de Guilherme. Ficar assim tão perto dele está me afetando mais do que gostaria. Eu poderia facilmente me viciar em ficar em seus braços. Para quem não conseguia sequer cogitar a ideia de ter alguém me tocando, as coisas estão mudando rápido demais. Sinto que a cada dia Guilherme vem quebrando cada barreira imposta por mim, mas cada segundo ao seu lado é um lembrete de que eu nunca poderia ficar com ele nem

com ninguém.

— Ei, me coloca no chão — peço a ele com a voz rouca de sono.

— Negativo. Você não pode colocar o pé no chão, esqueceu?

— Então me coloca na cadeira de rodas — peço querendo me afastar do seu peito, por mais confortável e tentador que seja. Não quero que ele ache que eu realmente estou gostando.

— Não — diz e ouço Lucas rindo baixinho.

Guilherme continua me segurando em seus braços e Lucas abre a porta para que possamos entrar no apartamento.

— Vou nessa, cara, mais tarde eu passo aqui — Lucas diz assim que entramos e coloca minha bolsa (que nem havia reparado que estava com ele) na mesa de centro.

— Obrigada, Lucas — agradeço a ele.

Ele chega perto de mim e de Guilherme e beija minha testa. Sinto os braços de Guilherme me apertarem ainda mais em seu peito, de forma protetora.

— Se cuida, Gabi — diz me deixando sozinha com Guilherme.

— Você quer comer algo antes de descansar? — Gui pergunta comigo ainda em seu colo.

— Não, só quero descansar mesmo, obrigada.

Ele me leva para um quarto com a iluminação mais baixa que deduzo ser dele, pelas paredes que têm um tom de branco gelo e apenas uma azul escuro, que combina perfeitamente com o jogo de cama também azul. O quarto tem poucos móveis, mas é bem elegante. Há apenas uma cama, uma mesa de cabeceira com um abajur sobre ela, e um grande closet com portas de espelhos, simples e elegante. Ele me coloca em sua cama de casal, e tenho que resistir à vontade de pegar o travesseiro para sentir o seu cheiro. O que logo

me lembra que eu não deveria estar nesse quarto, não tão próxima a ele.

— Quero ficar no quarto de Júlia — digo a ele.

— Você vai ficar, mas preciso limpar ele antes, não quero que você fique espirrando ou algo assim. Pode ficar na minha cama por enquanto, não vou dormir agora vou fazer a janta e limpar o quarto para você poder ficar nele.

— Tudo bem — digo aceitando a derrota, mas por que não sinto que isso seja uma derrota? Por que meu coração insiste em bater acelerado em meu peito com a ideia de ficar em sua cama?

Ele se aproxima de mim e beija minha testa e me deixa sozinha em seu quarto, deixando para trás o seu cheiro. Adormeço agarrada ao seu travesseiro. Dessa vez sem sonhos.



Guilherme

— Guilherme, por que você não quer que eu vá agora? — ouço Júlia me perguntando ao telefone. Assim que saí do meu quarto decidi que precisava de um tempo sozinho com Gabi, sei que preciso lhe contar a verdade, mas antes preciso que ela entenda que eu gosto dela.

— Quero passar um tempo com ela sozinho um pouco, por favor, ratinha — peço. Era para ela ter vindo conosco no carro, só não veio porque precisava arrumar as coisas de Gabriela.

— Tudo bem, mas de manhã estou aí. Se eu a vir triste, juro por Deus que eu quebro seu violão, sua moto e a sua asa-delta. Não brinque com os sentimentos dela!

— Nossa, como você é cruel! — minha irmã parece uma mãe defendendo seus filhos. Sorrio feliz pela minha menina estar rodeada de pessoas que a querem proteger.

Tranquilei minha irmã dizendo que eu nunca brincaria com os sentimentos da minha menina.

— Gui, você sabe por que fomos embora de São Paulo? — pergunta. Eu me fiz essa pergunta um milhão de vezes e em nenhuma delas eu obtive resposta. Apenas uma pessoa pode me dar a resposta, mas tenho certeza que não será fácil conseguir essa informação da minha mãe. Mas estou disposto a tentar. Preciso que Gabriela saiba que eu não a abandonei, mas pra isso preciso entender o motivo de termos ido embora. Quando mais novo, sempre perguntei à minha mãe e ela nunca me disse. Então, apenas deixei isso de lado. Já não ligava mais. Não até reencontrar minha menina.

— Não sei, ratinha, mas vou descobrir, prometo.

— Cuida dela, Gui — diz desligando o telefone. Volto para o meu quarto e a vejo deitada agarrada ao meu travesseiro num sono profundo. Fico observando sua respiração e seu rosto sereno. Deus, eu nunca imaginei que minha menina estaria em minha cama. Ela pode estar quebrada, mas ela é a minha menina e eu a protegerei, cuidarei dela e nunca sairei do seu lado... se ela assim permitir.

Sento na minha poltrona ao lado da cama, com a flor de lis em minhas mãos. Pode até ser bem gay da minha parte, mas quando me mudei para o meu apartamento, minha mãe me deu uma estufa com essa flor. Apesar de tudo, ela sabia que eu gostaria de tê-la comigo. Passei tanto tempo da minha infância ajudando a cuidar do seu jardim, que eu aprendi a cuidar das flores, e hoje, a estufa que ela me deu está repleta de flores de lis. Nem mesmo Lucas e Rafael sabem disso, e que Deus me proteja, senão serei zoadado pelo resto da minha vida.

Olho novamente para a flor em minhas mãos e coloco ao seu lado. Fico observando minha menina dormindo. Resisto à vontade de me deitar ao seu lado, não quero assustá-la. Dizer que o quarto da minha irmã precisava ser limpo foi a desculpa perfeita para que minha cama ficasse com o seu cheiro. A faxineira vem duas vezes por semana, o quarto de Júlia está tão limpo quanto o meu, mas Gabriela não precisa saber disso.

Saio do meu quarto com o meu coração batendo acelerado em meu peito. Colocar a flor ao seu lado foi um tiro no escuro, só espero que ela se lembre do seu significado. Passo a mão em meu peito sobre minha tatuagem: *fidélité*. Minha menina, sempre serei leal a você. Pego meu violão e dedilho, sentado na varanda do apartamento, colocando para fora todos os sentimentos contidos em meu coração. Todos que ainda não posso compartilhar com ela. Ainda...

Eu vejo seus monstros

Eu vejo sua dor

Conte-me seus problemas

Vou afastá-los

Eu serei o seu farol

Eu vou fazer tudo bem

Quando vejo os seus monstros

Eu permanecerei valente

E mandá-los embora

Capítulo 36

Gabriela

Dessa vez acordo sem pânico, sei onde estou e, inexplicavelmente, estou bem com isso. Estou exatamente onde queria estar. Mas não deveria, pois eu nunca estarei completa, nunca poderei oferecer nada a Guilherme. E, provavelmente, ele deve estar achando que sou louca. Estico os braços para me espreguiçar e sinto algo macio roçando meus dedos. Viro o rosto e vejo uma flor, mas não é uma flor qualquer.

Olho para a mesa de cabeceira procurando minha carteira, mas não acho. Preciso saber onde estão as minhas coisas. Quero ver com meus olhos se essa é a mesma flor da foto e não uma ilusão. Tenho tido mais sonhos com o menino da foto, e fico me perguntando se não são lembranças. Por que Guilherme deixaria uma flor ao lado do meu travesseiro?

Desisto de tentar entender, pois Guilherme é um enigma para mim. Tento colocar o pé no chão, mas sinto uma dor forte na perna que me fez soltar um gemido alto. Vejo Guilherme entrando no quarto correndo com o violão na mão.

— O que houve? — pergunta preocupado.

— Não consigo pisar — resmungo entre os dentes por causa da dor.

— É claro que não! Você não pode! O médico disse que você tem que ficar de repouso, eu te levo para sala — diz me pegando no colo antes que eu possa dizer algo. Rapidamente pego a flor da cama e seguro em minhas mãos. Ele me leva para a sala de jantar e vejo uma mesa posta à luz de velas. Estou sem reação com o gesto dele, será ele preparou isso tudo sozinho?

— Uau! — digo em voz alta, realmente impressionada. Olho para a

mesa tentando descobrir qual é o nosso cardápio. Vejo algo que se parece muito com um estrogonofe, mas está um pouco mais claro que o normal. Solto uma risadinha, ele não pode ser perfeito, né? Tinha que ter algum defeito.

— Consegui te impressionar? — pergunta sorrindo.

— Ah, isso é tudo para me impressionar?

— Claro! E para que você não passe fome também! — diz sorrindo. Estou tão à vontade em sua presença que a situação parece absolutamente normal. Se eu quiser, consigo fechar meus olhos e imaginar uma realidade diferente, onde eu possa estar aproveitando um jantar com um cara lindo que está afim de mim, e eu poderia estar a fim dele também, pois teria algo para oferecer. Mas a realidade é uma filha da puta! E nós nunca ficaríamos juntos.

— Obrigada, por não me deixar passar fome — digo realmente agradecida pelo gesto. Pela primeira vez em minha vida, um homem fez o jantar para mim. Brinco com a flor nas minhas mãos tentando não ficar constrangida com esse momento.

— Vejo que achou a flor.

— Sim, obrigada — digo, realmente grata pelo gesto, embora eu não tenha descoberto o que isso significa.

Ele se inclina sobre a mesa e coloca comida em meu prato, exageradamente! Com essa quantidade de comida, daria para alimentar pelo menos três pessoas.

— Chega! Pelo amor de Deus!

Ele para de colocar comida em meu prato e olha em meus olhos.

— Eu só quero cuidar de você — diz com os olhos brilhando, e eu solto um suspiro derrotado.

— Guilherme para — digo incapaz de conseguir seguir com esse momento. Sinto que estou prestes a estragar tudo, mas não me importo.

— Eu não posso ficar com você — solto para que ele entenda logo que nunca estarei preparada para ele nem para ninguém.

Queria poder voltar no tempo quando eu era apenas uma menininha, quando ainda tinha minha inocência e um lindo menino como nos meus sonhos. Antes eu tinha medo de dormir e ter pesadelos, agora eu fico ansiosa para dormir e conseguir sonhar com o lindo menino. Ele era tão atencioso e protetor comigo, eu sempre tentava lembrar do seu rosto, mas, assim como na foto em minha carteira, seus cabelos ficavam caindo sobre o seu rosto.

Ele me olha triste e abaixa o garfo que estava a caminho de sua boca. Me sinto um pouco culpada. Ele preparou isso e aqui estou eu estragando tudo mais uma vez.

— Eu sei — diz me surpreendendo.

— Sabe?

— Sei que você foi machucada, Gabriela, mas não posso deixar de tentar. Nunca me senti assim antes, eu realmente gosto de você e sinto muito por ter sido o culpado pelo seu acidente.

— Não foi culpa sua — e não foi mesmo, foi culpa da minha loucura.

— Eu deveria ter dito que gosto de você — Sinto meu coração bater em meu peito descompassadamente, me sinto enjoada e sufocada.

— Não tenho nada para oferecer a você — Uma lágrima solitária escorre pelo meu rosto. O vazio que sinto em meu peito é tão grande que sinto vontade de gritar, gritar com o homem que roubou tudo de mim, mas ele não está aqui.

Ele se aproxima de mim segurando a flor que ele pegou da minha mão.

— Eu sou paciente, Gabriela — ele coloca a flor em meus cabelos e mantém a mão em meu rosto — Posso esperar a vida inteira se no final eu tiver você.

— Você não me ouviu? Eu não tenho nada Guilherme, é melhor você se afastar da minha loucura. Você pode ter quem você quiser!

— Mas eu só quero você!

— E as outras mulheres? — pergunto a ele que me olha confuso. Guilherme não é nenhum santo, as mulheres caem em cima dele e eu sei que ele adora essa vida sem compromissos.

— Que outras?

— Você não namora esqueceu? — pergunto me lembrando das suas palavras no dia da festa do Rafael.

— Isso mudou no momento em que... — ele faz uma pausa como se estivesse pensando no que falar — No momento em que te conheci — mais uma pausa — Eu tentei não acreditar que isso estava acontecendo, mas eu realmente gosto de você, e não vou desistir, Gabriela! Sei que tem algo no seu passado que te impede de avançar, mas não vou negar ao meu coração o que ele deseja. Você!

As lágrimas inundam o meu rosto de vez. O coração dele me deseja, é inexplicável, como ele pode gostar de mim? Nunca serei de ninguém por completo porque uma parte de mim morreu naquele dia. Estou perdida demais em mim mesma, e não há nada que possa me salvar. Um grito estrangulado sai de dentro de mim, eu queria estar completa para ele, mas não estou. Ele se ajoelha do meu lado e abraça minha cintura.

— O que fizeram com você, minha menina? — Ah, Guilherme se você soubesse.



Guilherme

Ver minha menina despedaçada, aos prantos, partiu meu coração. Eu nunca havia entendido o sentido da frase "*eu pegaria sua dor e levaria comigo para longe*" até agora. Saber o motivo dela estar assim é ainda mais devastador. O sentimento de culpa se abate ainda mais sobre mim. Talvez se eu estivesse lá, ela não estivesse tão quebrada. Não importa o quanto ela diga que não está completa e que não tem nada para oferecer para mim, porque eu nunca estive completo de verdade. Não até agora, e eu quero é preencher cada espaço vazio em seu coração. Quero ser a sua metade, porque a melhor parte de mim é ela. E assim como ela preencheu cada espaço vazio em meu coração, quero ser aquele que a completará.

— Minha menina, olhe para mim — peço a ela depois que seus soluços cessaram.

Ela olha para mim com seus lindos olhos azuis, vermelhos por causa das lágrimas, e meu coração se contrai em meu peito ao ver sua dor refletida ali. Preciso que ela entenda que eu não a abandonarei.

— Não importa o que você diga, eu não irei desistir de você.

— Por quê? — pergunta com os olhos brilhando.

Seguro sua mão sobre meu peito em cima da minha tatuagem. Sei que talvez ela não entenda, mas espero que ela se lembre desse momento algum dia.

— Porque o meu coração sempre pertenceu a você — digo, mesmo sabendo que ela ainda não irá entender o significado das minhas palavras.

Vejo suas mãos tremendo e tenho certeza que ela está prestes a ter uma crise de pânico. Eu a pego no colo, como se pudesse quebrá-la. Isso tem se tornado um hábito, e ver que ela não se reprime nem me afasta enche meu coração de esperança.

— Vamos ver um seriado, que tal? Esses de mulherzinha que Júlia adora. E depois a gente pode conversa melhor, vou te dar um tempo para pensar sobre tudo que eu te falei — digo lhe colocando sobre o sofá. Ponho almofadas à sua volta para que ela possa ficar confortável, puxo a mesa de centro para colocar as suas pernas em cima dela. Vou até a cozinha e pego o seu prato e o meu para continuarmos comendo, ajeito tudo em uma bandeja e levo até a sala. Me sento ao seu lado, ligo a televisão na *Netflix*, e coloco em um seriado que Júlia adora: *Once Upon a Time*. Deixo rolar, esperando que isso a distraia.

— Como aprendeu a cozinhar?

— Bem, acho que não aprendi obviamente. A comida está tão branca que parece estar com anemia, mas durante o tempo em que Júlia ficou morando aqui, ela me ensinou algumas coisas. Eu não poderia viver à base de pizza e hambúrguer o tempo todo, afinal preciso manter os músculos — digo e pisco para ela, que solta uma risadinha. Fico feliz em poder colocar um sorriso em seu rosto.

— Por que ela não mora mais aqui?

— Júlia passou por muita coisa, mas essa história não é minha para contar. Sei que vocês estão bem amigas, e é só questão de tempo até Júlia te dizer. Ela quer viver todas as emoções de poder ir para a faculdade e ficar em um alojamento. Eu queria que ela ficasse aqui comigo, mas ela não quis. Fiquei muito preocupado com ela, principalmente por causa dos seus pesadelos, mas fiquei sabendo que vem ajudando a minha ratinha.

— Entendi — diz brincando com a barra da camisa — Júlia se tornou uma pessoa muito especial para mim. No início, eu não queria uma colega de quarto, mas agora não me vejo mais sem ela.

Ela me diz e um sorriso brota em meu rosto. A cada dia eu me apaixono ainda mais por ela. *Apaixonado*, essa palavra não me assusta mais.

Na verdade, faz todo o sentido e começo finalmente a entender todos os meus sentimentos.

Ficamos em um silêncio confortável, e eu a observo assistindo televisão. Seus olhos começam a se fechar sozinhos.

— Quer ir dormir? — pergunta.

— Sim — diz bocejando — mas queria tomar um banho primeiro.

Eu a pego no colo novamente e a levo para o meu quarto a depositando na minha cama.

— Vou encher a banheira — digo.

Entro no banheiro e encho a banheira, coloco alguns sais que Júlia deixou no armário dentro da água. Quando termino, saio e vejo Gabi na minha cama. Começo a pensar nas desculpas que posso inventar para que ela possa dormir em minha cama, mas não consigo pensar em nada. Eu a pego no colo e a levo para o banheiro.

— Você não precisa me carregar para todos os lugares, posso ficar na cadeira de rodas.

— E perder a oportunidade de te ter em meus braços? — *nem pensar*.

— Quero cuidar de você — digo a ela que agora está sentada no vaso sanitário com roupa e tudo.

— Precisa de ajuda?

— Você já fez muito por mim, obrigada — Saio do banheiro e me sento na minha cama com o coração acelerado e outra coisa latejando. Só de pensar que Gabriela está em meu banheiro tomando banho, tenho inúmeras fantasias que gostaria de realizar com ela.

— Guilherme — ela me chama e saio correndo com medo de que algo tenha acontecido. Minha menina é teimosa, eu poderia estar ajudando.

— O que foi? Você se machucou? — pergunto, mas minha frase morre

em minha boca quando eu a vejo enrolada em uma toalha. Céus, isso vai ser mais difícil do que eu imaginei. Meu pau começa a ganhar vida própria, me deixando desconfortável. Quero agir como um cavalheiro, mas fica difícil com ela vestida assim.

— Eu, hã... — seus olhos percorrem meu corpo até chegar ao meu pau — Preciso de ajuda para entrar.

Eu a pego no colo e sua cintura encosta em meu pau. Eu o sinto latejar ainda mais, minha cabeça começa a se voltar para o dia em que eu a vi trocando de roupa. Tão linda, com suas curvas nos lugares certos, a deixando sensual.

— Guilherme — ela me diz chamando minha atenção, me desviando dos meus pensamentos eróticos — É para você me colocar na banheira.

— De toalha e tudo?

— Essa é a ideia, quando você sair eu a tiro.

— Desculpa — pego ela no colo e a coloco na banheira apoiando sua perna num suporte para que o gesso não entre em contato com a água.

— Obrigada — diz fechando os olhos ao sentir a temperatura.

Fico a observando durante alguns segundos e saio do banheiro correndo, antes que eu haja como um homem das cavernas e a agarre ali mesmo.



Gabriela

— *Quero cuidar de você* — essa frase fica ecoando em minha cabeça. Guilherme não sente pena de mim, ele gosta de mim, quer cuidar de mim. E eu

deixo, eu cansei de lutar contra a minha vontade. Me permito viver esse momento com ele, sendo uma garota normal. Sei que provavelmente meu coração sairá destroçado dessa, mas poderei dizer que por alguns dias eu fui feliz. Sei que Guilherme acha que sabe algo sobre o meu passado, mas ele não sabe como sou suja. E, quando ele descobrir, todo conto de fadas irá acabar.

Sinto a água quente envolver meu corpo e fecho os olhos. Começo a cogitar a ideia de ligar para minha psicóloga. Preciso conversar com alguém, sinto que estou enlouquecendo a cada segundo. Estou me perdendo em minha própria loucura, a cada instante que passo ao lado de Guilherme, sinto que não sou mais dona de mim mesma. Ele conseguiu derrubar todas as minhas barreiras. Nunca ninguém além de Milena quis cuidar de mim, nem mesmo minha mãe, e aqui estou eu, na casa de um homem que fez minha vida dar um giro de cento e oitenta graus. Só espero que esse giro não mude para trezentos e sessenta e eu volte à estaca zero.

Começo a lavar meu corpo, desejando que isso leve embora toda a sujeira da minha vida, mas sei que não é possível. Céus, por que tudo tem que ser tão difícil? Eu o desejo, preciso admitir isso para mim mesma. Quero viver esse momento, mesmo que seja breve.

Fecho os olhos e lembro dos olhos de Guilherme me olhando, pedindo para que eu o deixe cuidar de mim. *Eu irei deixar Guilherme, mesmo que isso me quebre no final.* Já não sou mais dona de mim mesma, desde que você pôs seus olhos em mim.

Olho para minha perna engessada sobre um suporte de metal que a mantém fora da água, e fico pensando em tudo que precisou acontecer para que eu me permitisse viver esse momento. Eu só preciso ser forte, e pedir a Deus para que ele não veja minha loucura.

Coloco minhas mãos no fundo da banheira para conseguir me levantar, mas elas me traem e não conseguem aguentar o peso do meu corpo. Não

acredito que preciso chamar Guilherme para me ajudar a sair da banheira. Isso pode ficar ainda mais constrangedor? Ele saiu correndo do banheiro, e sei que ele estava se segurando para não me beijar. O que ele não sabia, é que dessa vez eu estava desejando o seu beijo. Se ele tivesse me beijado, eu o teria beijado de volta. Senti o seu desejo pulsando sobre minha cintura, e sei o quanto ele se controlou. Ele não me beijou nenhuma vez essa noite. Passo as mãos pelos meus lábios, lembrando do sabor do seu beijo. Me sinto ousada. Se vou viver esse momento com ele, quero testar meus limites. Um lado meu que eu nunca havia permitido sair, me diz exatamente o que devo fazer. Desisto de tentar levantar, reúno minha coragem, e o chamo.

— Guilherme.



Guilherme

Ouçó Gabriela chamando meu nome e eu juro por Deus, que essa garota ainda vai me fazer enfartar. Corro para o banheiro, vejo uma imagem que não estava nem um pouco preparado para ver.

Gabriela está na banheira, completamente nua. Seu corpo inteiro está embaixo da água, apenas sua cabeça com seus cabelos molhados estão do lado de fora, apoiados na banheira.

Quando ela me vê, levanta o corpo, e consigo ver seus seios nitidamente, sem a presença da água. Há apenas alguns pingos de água que descem por eles, fazendo com que meu pau endureça ainda mais na minha cueca, que provavelmente a essa altura já deve estar rasgada. Que porra deu em Gabriela para ela estar agindo assim?

— Vo... cê me chamou? — consigo dizer gaguejando.

Se ela está tentando testar meu limite de cavalheirismo, preciso dizer a ela que ele está por um fio.

— Preciso de ajuda para sair — diz com a voz trêmula.

— Onde está a toalha?

— No chão, mas está molhada e gelada — Não consigo desviar os olhos dos seus seios. Céus! Preciso reunir toda coragem para não entrar na banheira com ela e descobrir o que ainda está escondido pela espuma.

— Eu vou pegar outra — digo abrindo o armário para pegar uma toalha seca.

Pego uma toalha branca a deixo em cima do vaso sanitário, me aproximo da banheira olhando em seus olhos azuis. Meus olhos involuntariamente passeiam pela banheira, mas não consigo ver nada, pois a espuma não permite. Ela não parece estar envergonhada por me mostrar seus seios, pelo contrário. Apesar do rubor em suas bochechas, ela não os cobriu. Eles são pequenos e redondos, cabem perfeitamente na minha boca, que, aliás, se enche de água com o simples pensamento de sugá-los. Sua voz me tira dos meus devaneios.

— Você pode me tirar da água? Está esfriando — E aqui estou eu, mais uma vez agindo como um homem das cavernas.

Eu juro que tentei fechar os olhos ao levantá-la da banheira, mas simplesmente não consegui. Meus olhos desceram pelo seu corpo, que agora estava sobre o vaso sanitário.

— Você não quer se cobrir antes? Porque eu juro por Deus que se você não cobrir esse corpinho gostoso eu não vou responder por mim, Gabriela, e eu vou te agarrar aqui mesmo.

— Então me beija — pede me assustando. Será que ela finalmente deixaria que eu cuidasse dela? Ela não cobriu seu corpo e o seu pedido

acendeu ainda mais a chama em mim, estou incendiando. Gabriela ainda irá deixar minhas bolas roxas! Se ela soubesse como está sensual, nua pedindo para que eu a beije.

— Não precisa pedir duas vezes, minha menina — digo me ajoelhando na sua frente, capturando seus lábios com os meus.

Eu a levanto do vaso e a coloco sobre meu colo. Minhas mãos estão em sua cintura, subindo até agarrar seus seios pequenos e redondos, enquanto minha outra mão massageia seus cabelos molhados. Vê-la toda entregue a mim, com a cabeça jogada para trás, soltando pequenos gemidos, me faz desejar ainda mais estar dentro dela.

Sei que preciso ser cauteloso com ela. Gabriela não é como qualquer garota, ela é a minha menina. Sei de boa parte do que aconteceu com ela, e que não está preparada para isso.

— Minha menina — a chamo e vejo em seus olhos uma chama de desejo ardendo. Suas pupilas estão dilatadas, e seus lábios estão inchados devido aos meus beijos (nada cautelosos). Droga, só espero não tê-la machucado.

— Guilherme — ela fala meu nome finalmente acordando do seu transe.

— Vem vamos para o quarto — digo a ela e vejo uma fagulha de medo em seu rosto. Detesto que minha menina tenha passado um inferno, mas tive uma ideia, só espero que ela tope.

— Desculpa — diz com as mãos nos lábios e puxa a toalha para cobrir seu corpo.

Não sei por que ela está se desculpando, mas não vou deixar que ela deixe que esse momento morra como todos os outros.



Gabriela

Céus! Onde eu estava com a cabeça? De onde surgiu tanta coragem para pedir que ele me beijasse? Seguro a toalha em meu corpo para que ele não veja nudez, *como se ele não já tivesse visto tudo, né, Gabriela?* Seus olhos verdes estão num tom mais escuro agora, carregados de desejo. Sinto sua ereção embaixo de mim. Há apenas o fino tecido da sua roupa entre nós.

— Não se esconda, minha menina — diz passando o nariz pelo meu pescoço e sinto meus pelos se eriçarem. Meu corpo está descobrindo cada sensação nova que Guilherme está me proporcionando. Me sinto flutuar com o seu toque, e ele apenas me beijou. Mas, de um minuto para o outro, sinto o medo começar a me dominar, e os meus demônios ameaçam submergir. Olho para ele, que está com os olhos fixos em mim. Não sei por que imaginei que conseguiria ter um momento com ele sem ficar aterrorizada

Tento me levantar, mas é inútil, ele coloca suas mãos em minha cintura, me segurando em seu colo.

— Desculpa.

Me sinto tão idiota nesse momento.

— Se desculpar por quase ter me feito gozar nas calças? — pergunta sorrindo e arregalo os olhos com a sua revelação — Esse foi o melhor beijo da minha vida, se você soubesse como fica sensual gemendo em meu colo!

Sinto meu rosto queimar e o escondo com as mãos. Ele me levanta e eu tiro as mãos do rosto para segurar a toalha em meu corpo. Me leva em direção à sua cama e começo a me apavorar. Mesmo que eu o deseje, ainda não estou pronta. Mas antes que eu diga algo, ele diz:

— Confia em mim, não vamos fazer nada. Você merece algo especial,

não uma transa qualquer, mas isso não quer dizer que a gente não possa se divertir.

— Não, eu... não — tento dizer algo mas não consigo elaborar uma frase coerente.

— Confia em mim? — pergunta com os olhos brilhando, que demonstram carinho e respeito. E é por isso que eu balanço a cabeça, concordando.

— Então se prepara que eu vou te dar o melhor orgasmo da sua vida — diz sorrindo, deixando suas covinhas que eu tanto amo à mostra.

— Nem um pouco convencido, hein?

Vejo sua língua passear pelos seus lábios, ele se aproxima de mim na cama como um predador se aproximado da sua presa. Sua camisa ainda está úmida, mas ele não a tira. Me beija, mas dessa vez com mais calma. Seus dentes puxam meus lábios e me sinto latejando por ele.

Seus lábios agora passeiam pelo meu pescoço e sinto algo úmido escorrer em minhas pernas. Eu não sei o que fazer com as minhas mãos, então eu as coloco em sua cintura. Minha cabeça está jogada para trás enquanto seu rosto desce em direção aos meus seios, e sua boca captura um deles. Uma sensação deliciosa se espalha pelo meu corpo, mas quando vejo sua cabeça passando por meus seios e indo em direção às minhas pernas, eu as fecho e chamo seu nome.

— Guilherme — Estou apavorada. Todo o desejo que eu estava sentindo por ele ainda está dentro de mim, mas é aterrorizante. Por um momento, chego a ver o rosto daquele monstro. Minhas mãos começam a tremer e eu fecho os olhos tentando apagar o rosto dele da minha mente.

Ele deve ter percebido meu desespero em minha voz, pois ele me chama.

— Gabriela — minha respiração está ofegante, não acredito que estou tendo uma crise de pânico nesse momento — Abre os olhos, minha menina — ele me pede com ternura — Sou eu que estou aqui com você — ele me pede, mas minha mente está em outro lugar. Meus olhos estão fechados com força. Me odeio e odeio ainda mais tudo que aquele homem fez comigo. Como ele pode arruinar esse momento? Logo agora, quando eu estava gostando de cada sensação nova que meu corpo estava experimentando. Sinto seu corpo se aproximar do meu e me encolho. Suas mãos estão sobre meu rosto e ele continua falando comigo — Minha menina, abre os olhos para mim — ele me pede e eu cometo o erro de abri-los, e não vejo pena. Vejo em seu olhar uma dor, tão profunda quanto a minha — Se eu pudesse, pegaria toda sua dor e guardaria comigo. Esse medo em seus olhos me machuca. Eu nunca me importei com ninguém antes, além da minha mãe da minha irmã. Mas você mudou algo em mim — ele me embala em seu colo com meu corpo coberto pelo lençol. Uma lágrima solitária desce pelo meu olho e ele a beija. Nunca me senti tão amada quanto nesse momento, e isso é ainda mais assustador do que o que estávamos fazendo antes. Eu estava enganada em achar que poderia viver esse momento e sair apenas com um coração destroçado. Agora me dou conta de que, quando eu sair dessa, nem mesmo coração terei mais, pois ele estará com Guilherme.

Me dar conta de que estou apaixonada por esse homem que enxerga toda a minha dor e me embala em seu colo como se eu fosse um bebê, é assustador. Eu quero isso, eu quero mais do que tudo que Guilherme faça parte do meu mundo. Eu passei anos cativando uma imensa solidão, mas agora eu queria o seu toque. Eu ansiava por isso, mas não apenas fisicamente, também emocionalmente. Cada toque seu em meu corpo era um acalento à minha alma. Eu me sentia amada.

— Desculpa — digo a ele, escondendo meu rosto em seu pescoço.

— Não se desculpe, minha menina, a culpa é minha. Eu fui longe demais — diz com a voz carregada de emoção e arrependimento.

— Não, Guilherme, eu quero isso. Quero que você me beije — dou uma pausa para respirar e tentar formular uma frase coerente sem parecer uma louca — Mas eu tenho medo — consigo dizer a ele — Não estou preparada para te contar nada, talvez eu nunca esteja, mas eu quero você. Eu sou tão egoísta por te arrastar para minha loucura, mas não consigo evitar.

Pela primeira vez consegui ser sincera com ele, vejo um brilho em seu olhar.

— Então sejamos egoístas juntos, pois não vou abrir mão de você. Não quando você carrega meu coração em suas mãos.

— Guilherme — eu o chamo para dizer que o seu coração não está em minhas mãos, ele não poderia estar apaixonado por mim, poderia? Ele põe um dedo em minha boca, me impedindo de falar.

— Não diz nada, só me deixe ficar aqui com você, me deixe cuidar de você, por favor, minha menina — como posso dizer não a um pedido desse? Sou egoísta demais para recusar.

— Sim — consigo dizer a ele, e vejo um sorriso em seu rosto. Um sorriso no qual estou cada vez mais viciada.

— Me deixa te abraçar até você dormir? — pergunta com os olhos brilhando.

— Sim, mas quero colocar minhas roupas — digo constrangida com a minha nudez. Ele se levanta e pega uma camisa sua no armário. Levanto os braços para que ele me ajude a colocar e resisto ao impulso de levá-la até o nariz e cheirar. Ele vai até o armário pegar uma camisa para ele. O vejo tirando sua camisa e consigo visualizar suas costas nuas, definidas pelos seus músculos. São largas e diferentes do que eu achei. Guilherme não tem nenhuma

tatuagem nelas. Quero que ele vire para que eu o veja de frente, mas quando ele se vira, já está com a camisa cobrindo seu abdômen. Ele sai do quarto e volta com um copo de água na mão. Se aproxima da mesa de cabeceira, pega meu remédio e me dá junto com o copo de água para que eu o tome. Ele se deita ao meu lado e não sei exatamente o que fazer, mas ele logo me puxa para que eu deite com a minha cabeça em seu peito, e sinto suas mãos passearem pelos meus cabelos. Eu poderia facilmente me acostumar com ele cuidando de mim. Adormeço pedindo a Deus para que ele prolongue meus dias com Guilherme antes dele saber de toda minha loucura.



Guilherme

Preciso ser mais cuidadoso. Agora que entendo toda a situação, preciso controlar esse desejo dentro de mim. Não sei o que fazer para que minha menina supere seus medos, mas vou fazer de tudo para que aquele pavor em seus olhos vá embora. Meu coração fica despedaçado ao vê-la tão quebrada.

Eu a abraço ainda mais e percebo que ela caiu no sono. Coloco meu rosto entre seus cabelos e sinto seu cheiro adocicado acariciando minhas narinas. Um medo assustador começa a tomar conta do meu corpo quando me dou conta de que terei que lhe contar a verdade. Sei que ela irá me odiar, assim como passei todo esse tempo me odiando por ter que ir embora. Eu não estou apenas apaixonado por ela, eu a amo. Eu a amo desde quando pus meus olhos nela pela primeira vez. Eu a amo desde o dia em que eu senti vontade de protegê-la, não porque ela era fraca, mas porque ela era a minha menina. Eu a amo desde o dia em que a vi chorar pela primeira vez, e senti como se

estivessem esmagando meu coração. Dizem que os sentimentos das crianças são os mais puros, e assim era o que eu sentia por Gabriela. Eu a amo, e agora que estou com ela, fico aterrorizado com a possibilidade dela me odiar.

O destino trouxe de volta a minha menina, mas não inteiramente. Gabi está destroçada, completamente despedaçada, ela agora é apenas fragmentos da menina que ela já fora um dia. E sinto que parte disso é culpa minha, se eu estivesse lá talvez isso não tivesse acontecido. Se tivesse contado à sua mãe todas as vezes que a peguei chorando, mas não, eu achei que seria capaz de cuidar dela sozinho e, porra, claro que não fui! Para piorar, fui embora. Pela primeira vez em muito tempo, permito que uma lágrima escape dos meus olhos.

Sinto que perderei tudo quando toda verdade vier à tona. Preciso manter uma certa distância, pois meu desejo por ela apenas cresce. Nunca imaginei que o amor e o desejo pudessem caminhar juntos. *Amor*, uma palavra que antes me aterrorizava, hoje me faz sorrir e chorar ao mesmo tempo. Eu a amo, e, céus eu queria gritar isso a plenos pulmões para que ela soubesse. E assim eu adormeço, com o rosto em seus cabelos, e com os braços em volta dela, com o pensamento de que eu terei que dar todos os motivos para que ela não vá embora. Não agora que eu a reencontrei.

Capítulo 37

Gabriela

Abro meus olhos e sinto alguém me envolver com os braços. Tento não me mexer, mas não consigo. Preciso desesperadamente ir ao banheiro, as imagens da noite passada passam como um filme na minha mente. Normalmente me sentiria envergonhada, mas não me sinto assim. Se pudesse paralisar esse momento, onde estou aqui, agindo como uma garota normal que acabou de passar a noite nos braços de um garoto lindo, eu guardaria para sempre. Por mais que eu queira eternizar esse momento, não posso. Sei bem que minha realidade não é essa.

Guilherme se enrosca ainda mais em mim e sinto algo duro nas minhas costas. Sorrio. Até dormindo Guilherme é um safado!

Antes que eu tenha tempo de tentar acordá-lo para que ele desgrude de mim, ouço as chaves abrindo a porta e vejo Júlia entrar.

— Guilherme seu puto acorda! Cadê a Gabi, ela não está no meu quarto — ela para no meio do quarto assim que me vê na cama, ainda enroscada em Guilherme.

— MEU DEUS! — ela grita com as mãos na boca. Consigo sair dos braços de Guilherme quando ele começa a acordar com os gritos da Júlia. Sinto meu rosto esquentar de tanta vergonha, mas Júlia parece estar adorando isso tudo — Você e meu irmão, fizeram? — ela me pergunta sussurrando — Eca, deixa, não preciso saber disso!

— Gui, acorda — ela o cutuca, e ele resmunga algumas palavras incompreensíveis se sentando na cama.

— Bom dia — ele diz entre os dentes, e passa os braços sobre mim,

beijando minha bochecha. Meu rosto esquenta de tanta vergonha.

Júlia está com um sorrisinho no rosto, e olho para ela envergonhada com o gesto carinhoso de Guilherme.

Ele levanta da cama e vai até o banheiro. Júlia senta ao meu lado e me dá um abraço.

— Como você está? — ela me pergunta.

— Bem.

— Você e meu irmão, hein? — diz levantando uma de suas sobrancelhas.

— É... não é nada.

— Sei.

— Eu gosto dele — antes que ela diga algo continuo — Mas não vai dar certo, Jú, nunca daria certo. Eu e Guilherme somos muito diferentes. Eu não estou inteira, não estou preparada para ficar com ninguém — eu nunca havia me aberto tanto com ela. Ela segura minhas mãos, com os olhos cheios de emoção e me diz:

— Gabi, você se tornou uma irmã para mim. Meu irmão te ama, e, se isso não é certo, então não sei o que é! Eu nunca havia visto meu irmão tão feliz, ele me disse que você é o raio de sol dele nos dias mais escuros — uma lágrima rola pelo meu rosto, todas as minhas barreiras foram derrubadas e já não consigo mais esconder a emoção — Deixe meu irmão te amar, Gabi — diz e eu apenas abaixo a cabeça, tentando conter os sentimentos dentro de mim.

Guilherme volta do banheiro e Júlia solta minha mão. Ele vem até nós duas e dá um beijo na testa da irmã. Em seguida, vem até mim.

— Vem — diz me pegando no colo. Nem protesto, apenas deixo que ele me leve até o banheiro.

— Júlia, traz a cadeira de rodas para mim, por favor — digo assim

que termino minha higiene.

Guilherme aparece na porta do banheiro e me pega no colo antes que Júlia tenha tempo de trazer a cadeira de rodas.

— Você não se cansa, né? — pergunto.

— De que?

— De me carregar no colo.

— E perder a oportunidade de passar as mãos em você? Nunca!

— Safado.

— Nunca disse que não era, minha menina — meu coração se derrete cada vez que ele olha nos meus olhos e me chama de “minha menina”.

Ele me coloca sentada de frente para a mesa recheada de comida. Há bolos, pães de queijo, sucos e panquecas.

— Nossa! Quem fez isso tudo? — pergunto a eles.

— Eu trouxe isso tudo, sei bem que meu irmão não deve ter nada que preste nessa geladeira.

— É claro que eu tenho — Guilherme diz emburrado como uma criança.

— Cerveja não conta, Gui.

Ver a união entre eles é tão lindo, que me pego pensando em como seria ter tido um irmão, alguém que me protegesse. Talvez nada de ruim tivesse me acontecido. Em meus sonhos, há um menino que cuida de mim, e eu já não sei bem o que é realidade e o que não é. As duas coisas se entrelaçam de tal forma que não sei mais diferenciar. Uma boa parte da minha infância parece ter sido apagada da minha mente. Infelizmente, as lembranças que eu tenho são ruins, e não quero lembrar delas. Então, tento esquecer tudo que posso desse período. Se alguém cuidou de mim, eu quero saber. O olhar do menino dos meus sonhos é tão doce, tão suave, que eu me pego desejando que

isso não seja apenas um sonho, e sim uma realidade, da qual ele tenha feito parte das únicas lembranças felizes da minha infância. Desde que encontrei a foto em meu quarto, os sonhos se tornaram mais constantes. Desde então, me pego desejando sonhar cada vez mais.

— Terra chamando Gabi — Júlia me chama, desviando minha atenção dos meus pensamentos.

— Está com dor, Gabi? — Guilherme pergunta preocupado, se levantando da mesa.

— Não — digo, mas ele logo desaparece da sala de jantar.

— Você pensa demais, Gabi. Apenas viva esse momento — ela me diz e eu sorrio, pois parece algo que minha psicóloga diria.

— Você parece uma psicóloga falando.

— É para isso que estou estudando — diz sorrindo.

Guilherme volta com meus remédios nas mãos e me serve um copo de água. Engulo os remédios e lhe agradeço. Ele tão atencioso que a cada dia fica mais difícil não me apaixonar por ele. A forma como seus olhos me observam com tanto carinho, faz algo dentro de mim estremecer.

— Eu só vim ver como a Gabi está, preciso ir para a aula. De noite eu vou voltar de qualquer forma — diz se levantando da mesa, olhando para o celular. Antes que ela saia, a campainha toca e Guilherme vai atender.

— Parece que hoje é o dia das visitas — Guilherme diz a Lucas que está na porta parado com um short azul marinho e uma camiseta branca, que deixa à mostra todos os seus músculos e suas tatuagens. Seus cabelos estão molhados como se ele tivesse acabado de tomar banho.

Ele passa por Guilherme, que está parado na porta e dá um beijo demorado na cabeça de Júlia (que está quase babando, como aqueles cachorrinhos que ficam olhando a vitrine de frango assado). Abafo um riso

para que ninguém perceba. Não consigo entender como Guilherme pode ser tão cego e não ver que sua irmã está caidinha pelo seu amigo.

Ele se aproxima de mim e beija o topo da minha cabeça. Aos poucos, sinto que estou vencendo alguns obstáculos. Antes eu recuaria diante de todos esses gestos. Guilherme logo vem à mesa e se senta ao meu lado.

— Estava surfando? — Guilherme pergunta a ele.

— Sim, mas o mar estava bem calmo hoje, dei apenas um mergulho e vim até aqui — diz pegando uma caneca no armário, e se sentando ao lado de Júlia.

— Você surfa? — pergunto. Até que isso combina bem com ele, com seus cabelos loiros, a pele bronzeada e as tatuagens. Deve ser uma visão linda de se ver.

— De vez em quando — diz dando de ombros e colocando um pão de queijo na boca.

— Quando você vai voltar para o seu alojamento?

— Assim que eu puder pisar no chão com os dois pés. Fica difícil tomar banho em um chuveiro sem colocar os pés no chão — Apesar de gostar de estar aqui, tenho que terminar meus trabalhos e fazer as provas do primeiro semestre.

— Você pode ficar o tempo que precisar — Guilherme diz passando a mão pela mesa e segurando uma de minhas mãos. Dou um sorriso tímido a ele, concordando com a cabeça. Simplesmente desisto de lutar contra esses sentimentos. É aterrorizante me dar conta de que estou apaixonada por ele. É como saltar da beira de um precipício sem um paraquedas, porque eu sei que, por mais que agora esses sentimentos tragam uma sensação excitante dentro de mim, a queda se aproxima. E eu sei que, inevitavelmente, terei que deixá-lo antes que ele descubra a verdade.

— E você, Gui, quando vai saltar de novo? — Lucas pergunta a ele.

— Talvez mês que vem, estou com um projeto para terminar não tenho tido muito tempo.

— Saltar de que?

— De asa-delta — Júlia diz sem dar tempo do seu irmão responder.

— Sério? — pergunto. Fico horrorizada só de pensar em altura, não consigo nem imaginar saltar de lugar nenhum por vontade própria.

— Sim.

— Mamãe odeia que ele salte.

— É porque é perigoso — digo.

— Eu salto há anos, estar lá em cima é indescritível — diz com um brilho nos olhos.

— E perigoso — Júlia o interrompe.

— Deixa disso, ratinha, você sabe o quanto eu fui treinado.

— Talvez algum dia possamos ir todos juntos — diz olhando para mim.

— Eu passo, obrigada — digo.

— Você também tem medo?

— Não tenho medo, só não vejo necessidade de saltar de não sei quantos mil pés longe do solo — minto. Não iria admitir nunca que tenho pavor de altura.

— Sei — murmura, dando a entender que não acreditou nem um pouco na minha mentira.

— Eu tenho que ir — Júlia diz se levantando da mesa e vindo até a minha cadeira me abraçar — Eu e Milena voltamos mais tarde.

— Noite das garotas? — Guilherme pergunta sorrindo — Lucas, chama o Rafa também. Vamos ter a noite dos machos.

— Pode deixar. Espera Ju, eu te levo — diz e vem na minha direção para se despedir.

— Até logo.

— Cuida dela, Gui — Júlia grita da porta.

— Com prazer, ratinha — diz, e eu sinto meu rosto esquentar de vergonha.

Ele recolhe as coisas da mesa e começa a guardar tudo nos armários e na geladeira, e me ajuda a sair da mesa, me acomodando no seu sofá em formato de L aconchegante. Ele ajeita algumas almofadas para me deixar mais confortável, e se senta ao meu lado.

— Então, quer fazer o que agora?

— Acho que não há muito o que fazer com a perna assim — digo a ele apontando para aquele gesso gigante.

— Posso pensar em uma ou duas coisas — diz com o sorrisinho no rosto, fazendo aparecer aquelas covinhas lindas que me dão vontade de beijar.

— Acho que vou estudar — digo desconversando.

— Está bem, vou buscar suas coisas — ele levanta do sofá e vai em direção ao quarto.

Ele volta com meu caderno e alguns livros na mão, e uma mesinha de colo portátil. Ele a coloca sobre meu colo e agradeço a gentileza.

— Eu vou trabalhar no projeto com você aqui na sala, se importa? — pergunta.

— Você não tem aula hoje?

— Na verdade até tenho, mas realmente preciso terminar esse projeto.

— Tudo bem.

Ele vai até o seu escritório e volta com o notebook, uma calculadora, folhas e canetas. Se senta no chão e apóia o notebook na mesa de centro. Fico

um tempo o observando trabalhar. Seus olhos estão focados na tela do notebook, traçando linhas e fazendo alguns cálculos furiosamente com a calculadora nas mãos. Percebi que ele morde os lábios quando fica tempo demais apenas olhando a tela. Provavelmente tentando encontrar alguma solução. Por mais que observá-lo seja uma tentação, volto minha atenção para os livros, tentando diferenciar uma integral de uma derivada, mas meus olhos ficam voltando para Guilherme.

Depois de alguns minutos brigando comigo mesma, consigo começar a entender a matéria. Depois de horas, meus olhos começam a se fechar e caio num sono profundo, mas antes sinto braços fortes me carregarem até um lugar aconchegante, o seu peito.



Guilherme

Carrego Gabi no colo até a minha cama e me deito com ela. Eu a puxo para o meu peito e passo as mãos pelos seus cabelos. É incrível como pequenos momentos como esses fazem a nossa vida ter sentido. É como descobrir a chave para toda a equação que é a vida. Tê-la em meus braços depois de tantos anos, é como se antes eu estivesse vagando pela escuridão completa, mas finalmente houvesse encontrado o meu raio de sol, a minha menina.

Eu queria que tudo fosse diferente. Queria que ninguém a tivesse machucado, queria que minha menina tivesse tido uma infância normal, queria ter segurado mais as suas mãos, queria tê-la abraçado mais, queria tê-la protegido, mas, principalmente, queria não tê-la abandonado.

Eu nunca me senti tão impotente na minha vida. Não posso controlar a

sua vontade quando ela descobrir a verdade e quiser ir embora, assim como não posso controlar o nascer do sol. Mas posso dar a ela motivos para querer ficar, porque eu não a deixei ir embora.

Contra minha vontade, levanto da cama para fazer uma ligação. Sei que talvez eu não consiga nada. Durante anos não consegui descobrir a verdade, mas eu preciso tentar. Saio do quarto fechando a porta, com o telefone nas mãos e digito o número da minha mãe.

— Filho — ela me atende com carinho.

— Mãe, como a senhora está?

— Estou bem, com saudades dos meus filhos. Como você está filho?

— Bem.

— Mesmo? — Minha mãe é uma ótima advogada, não é à toa que ela sempre sabe quando estou mentindo.

— Sim, mãe será que teria como a senhora vir aqui em casa essa semana?

— Claro meu filho, mas o que houve? Aconteceu alguma coisa com você ou a sua irmã? — pergunta preocupada.

— Não mãe, está tudo bem, só estou precisando conversar.

— Meu menino dizendo que está precisando conversar? Alguma garota finalmente conquistou meu bebê?

— Há muito tempo mãe — conversamos sobre a Júlia durante um tempo, minha mãe assim como eu estava bem preocupada com ela. Sei o quanto foi difícil para ela ceder a vontade de Júlia e deixá-la morar no alojamento. Ela desliga o telefone com a promessa de que virá ainda essa semana.

Capítulo 38

Guilherme

Depois de uma aula um tanto cansativa, entro no meu apartamento e percebo que tudo está muito silencioso. Meu coração logo se acelera pensando infinitas coisas que poderiam ter acontecido com a minha menina, mas assim que eu chego até o sofá, a encontro dormindo profundamente com um livro aberto sobre o seu peito. Sorrio, pois, para mim, acabou se tornando algo normal tê-la no meu apartamento.

Peço o nosso almoço pelo aplicativo do meu celular, me sento no sofá enquanto espero nossa comida chegar e fico olhando para ela. Acho que nunca irei me cansar de disso. Ela começa a se mexer e resmungar algo incompreensível. Me aproximo dela e percebo o suor brotando no seu rosto. Céus! Ela está tendo um pesadelo. Me sento na beirada do sofá e a chamo.

— Gabi — Passo as mãos pelo seu rosto tentando trazê-la de volta para mim, mas o inesperado acontece e ela começa a gritar a plenos pulmões, e uma dor profunda me acerta em cheio. Eu nunca fui de chorar, mas neste momento eu me dou conta do quanto minha menina foi machucada, e uma lágrima solitária rola pelo meu rosto. Vê-la sofrendo com esses pesadelos, assim como Júlia, dilacera meu coração. Eu a puxo para o meu colo e tento fazê-la acordar.

— Minha menina, acorde — digo baixinho, bem perto do seu ouvido. Seus gemidos aos poucos vão cessando e ela abre seus olhos, que mais parecem a imensidão do mar azul.

— Guilherme — ela se agarra a mim chorando.

— Vai ficar tudo bem, ninguém vai te fazer mal.

Depois de alguns minutos, ela se solta de mim e me olha com os olhos brilhando.

— Obrigada, de verdade.

— Não precisa agradecer, minha menina — digo e lhe dou um beijo na ponta do seu nariz — Vamos almoçar, pedi a famosa costela do *Outback* para a gente, você gosta?

— Sim, adoro!



Gabriela

Depois de termos almoçado, acabamos adormecendo no sofá. Me mexo desconfortável e não vejo nenhum sinal de Guilherme. Vou até a cozinha e pego um copo de água para beber quando ouço uma batida na porta. Levo um pouco mais de tempo do que o normal para conseguir chegar até lá, abro e vejo uma garota morena, que deve ter a minha idade, com um shortinho bem curto na cor *pink*, com um decote bem extravagante em formato de V que deixa seus seios bem avantajados à mostra. Sua boca está combinando com a cor seu short. Apesar de vulgar, ela é linda. Tem os olhos verdes e o cabelo cacheado que vai até a sua cintura fina.

— Oi — digo a ela, que franze a testa, mas logo me devolve um sorriso.

— Gui está? — pergunta entrando na sala e se sentando no sofá onde eu estava deitada apenas alguns minutos atrás.

— Não — digo a ela, ainda tentando chegar até o sofá — E você é? — pergunto a ela, mas imediatamente me arrependo após ouvir sua resposta.

— Nati — diz analisando as unhas compridas — Futura namorada do Guilherme. E você, é?

— Gabriela — como assim futura namorada? Eu estou aqui há duas semanas e eu não a vi aqui nenhuma vez — Futura namorada? — pergunto tentando não deixar a raiva transparecer na minha voz. Ele passou todas essas semanas cuidando de mim e dizendo que queria ficar comigo quando na verdade ele estava com outra pessoa?

— Estamos nos conhecendo, há alguns meses, mas ele ainda não me pediu em namoro. Eu estava viajando a trabalho e acabei de voltar, vim ver meu fofinho; Estou morrendo de saudade dele — diz sorrindo, e céus, como eu gostaria de quebrar todos os seus dentes perfeitos — Meu fofinho é tão romântico! Tenho certeza que ele vai fazer um pedido bem especial. E você, o que está fazendo aqui? — pergunta interessada olhando para o lençol que Guilherme havia colocado em cima de mim, provavelmente após ter adormecido.

— Eu sou amiga da Júlia — digo apenas meia verdade, ela não tem nada a ver com a minha vida, não quero que ela pense nada sobre mim e Guilherme. Céus, como eu fui burra! É claro que Guilherme iria querer uma garota inteira, por que ele iria querer ficar comigo? Eu surto só de pensar em transar com ele, e essa garota na minha frente deve fazer tudo que ele deseja sem pestanejar. Sinto minhas mãos tremendo e peço aos céus para não ter nenhuma crise de pânico agora.

— Aquela sonsa? É obvio que você era amiga dela, meu fofinho não tem amigas que parecem moscas mortas como a irmãzinha dele — zomba de Júlia e de mim, e a onda de pânico passa instantaneamente, dando lugar à ira.

— Eu não sabia que Guilherme tinha namorada — digo a ela sorrindo e vejo suas narinas forçando a respiração rápida. Um a um, fofinha!

— Não me provoque, sua mosca morta! — Aí sim está a verdadeira

Nati. Ela se levanta e fica bem na minha frente — Você acha mesmo que ele iria querer ficar com alguém como você? Querida, olhe para você e olhe para mim. Quem você acha que pode satisfazê-lo? — Sinto a ira me invadir e me levanto ficando na altura dela.

— Posso até ser uma mosca morta, mas não ando por aí parecendo uma prostituta barata! E veja quem está aqui: eu e não você! — grito. A porta se abre e vejo Guilherme com sacolas de compra em um braço e o capacete em outro. Quando ele percebe que tem outra pessoa na sala, coloca imediatamente as bolsas no chão e caminha até o sofá.

— O que você está fazendo aqui, Natália? — pergunta a ela, mas diferente do que eu imaginei, ele não está nada contente com sua visita inesperada.

— Eu vim ver meu fofinho, oras. Acabei de voltar de viagem, estava com saudades — diz se aproximando dele, lhe dando um selinho. Céus, isso é demais para mim. Com a maior rapidez que consigo, entro no quarto de Júlia.

Guilherme me chama, mas não respondo. Sento na cama com as lágrimas escorrendo pelos meus olhos, odeio ser fraca! Odeio não ser inteira, odeio sentir meu coração se comprimindo em meu peito. Seco as lágrimas e começo a pegar minhas coisas e guardar, não quero mais ficar aqui. O casal deve precisar de privacidade. Com esse pensamento, a única coisa que eu sinto é raiva. Ele fez com que eu me sentisse especial quando na verdade ele estava com outra.

A porta se abre bruscamente e o vejo. Seus olhos logo voam para minha mala pela metade com algumas roupas jogada dentro dela.

— Me deixa explicar.

— Que você tem namorada? Que você mentiu para mim esse tempo todo? Ela já deixou isso bem explicado, Guilherme, obrigada.

Ele segura meu braço, me impedindo de colocar uma blusa na mala, e me faz olhar para ele. O que é um erro da minha parte, porque cada vez que olho para os seus olhos, me apaixono um pouco mais.

— Ela não é a minha namorada — diz pausadamente, me olhando com seus olhos intensos.

— Não é isso o que ela acha — digo irritada tentando soltar meu braço para terminar de arrumar a mala.

— Já fiquei com ela algumas vezes, há um ano atrás. Ela queria namorar comigo, e foi aí que a dispensei. Eu não queria um relacionamento — ele faz uma pausa passando as mãos pelos cabelos desalinhados, um gesto que ele faz sempre que está nervoso — Eu não quis namorar até conhecer você, não entende? Eu quero você!

— Por que eu? — pergunto mais para mim do que para ele — Aquela garota que estava lá fora há pouco está disposta a fazer tudo que você quiser, ela está inteira! Por que você quer ficar com alguém como eu? Eu sou metade do que eu fui um dia.

— Porque você é exatamente a metade que falta em mim. Não me importa se você é inteira ou não Gabriela, você é exatamente o que eu preciso e quero. Você é o encaixe perfeito do meu coração — diz e eu me emociono. Ele não me dá tempo de dizer mais nada, pois logo sinto seus lábios nos meus e eu aceito de bom grado, como um viciado ansiando pela sua droga. Guilherme é a minha droga, minha perdição.

Seus lábios estão sobre os meus ferozmente. Não é um beijo calmo e tranquilo. Guilherme me beija como sempre desejou. Ele me senta na cama da irmã dele e faz com que eu fique deitada com ele por cima de mim. Sinto sua ereção pulsante na minha coxa e solto um gemido baixinho. Seus lábios passeiam pelo meu pescoço até chegar à minha orelha.

— Eu quero você — ele sussurra — Quero sentir você molhadinha

para mim — me olha pedindo aprovação. Balanço a cabeça aceitando, estou incendiando por dentro. Ele tira meu short e fico apenas de calcinha, não estou com nada sexy, mas ele não parece se importar com isso.

Seus lábios sobem da minha coxa até chegar à minha calcinha. Ele me olha como se pedisse permissão de novo e eu balanço a cabeça concordando, seja lá com o que ele for fazer comigo. Faço pressão com as minhas pernas para me aliviar, mas é inútil. Sinto ainda mais prazer.

Arqueio meu corpo junto ao dele quando sua língua faz caminho até bem perto da barra da minha calcinha e solto mais um gemido... Céus! Eu o quero, não sinto medo, não dessa vez, apenas um prazer incontável. Toda a adrenalina está correndo solta em nossas veias.

— Porra, adoro quando você geme assim — ele me diz com a respiração acelerada, seus dedos afastando a minha calcinha apenas para o lado e acariciando meu clitóris. Gemo ainda mais alto quando sinto seu dedo me invadir — Caralho! Molhadinha para mim — Seu nariz passa pelo meu clitóris e sinto seu hálito quente me fazendo sentir sensações que nunca antes senti. — Tão apertadinha, olha como ela é gulosa está me sugado para dentro de você. Porra, você vai me fazer gozar nas calças.

Meu corpo que estava tomado de desejo, começa a me trair. As imagens vêm em minha mente com força total. Fecho os olhos tentando empurrar as lembranças para fundo o da minha mente.

— Gabi, abra os olhos — sinto sua mão segurando meu rosto — Sou eu, Gabi, sou eu quem está aqui com você. Volta para mim, minha menina — pede e eu abro os olhos. Vejo toda paixão refletida em seu olhar.

— Continua — digo assim que me sinto segura.

— Não precisa pedir duas vezes. Mas não feche os olhos quero você olhando nos meus — pede e eu concordo com a cabeça.

Seu polegar volta a circular meu clitóris enquanto outro dedo continua entrando e saindo dentro de mim. Sinto uma dor parecida com uma cólica, mas prazerosa, não consigo controlar mais meus gemidos. Estou entregue, sinto um prazer ainda maior e Guilherme aumenta ainda mais a velocidade.

— Goza para mim — pede ofegando, e percebo que ele está com a sua ereção para fora da cueca, se acariciando. Fico o vendo se masturbar enquanto seu dedo entra e sai de mim. Sinto todo meu corpo tremer e gozo pela primeira vez na vida. Guilherme vem logo em seguida, gemendo e soltado palavrões.

— Porra, caralho!

Guilherme vai até o banheiro se limpar e volta sorrindo, deixando à mostra suas covinhas. Ele se deita na cama ao meu lado, me puxando para perto dele. Sua mão faz carinho em meus cabelos, e fecho os olhos apreciando esse momento prazeroso.

— Me lembra de fazer outras meninas baterem aqui em casa? — Abro os olhos e o vejo sorrindo. Faço um bico mas não consigo ficar irritada por muito tempo. Não após lembrar de suas palavras *você é o encaixe perfeito do meu coração*.

Algo dentro de mim está mudando, e essa noite consigo dormir. Dessa vez me sinto um pouco mais inteira, meus fragmentos finalmente estão se juntando, e talvez ainda haja salvação para mim.

Capítulo 39

Gabriela

Uma semana havia se passado desde o dia em que eu me acidentei e eu já podia andar de muletas sem precisar que Guilherme me carregasse para todo lugar. Tenho passado muito tempo com ele e acho que nunca me senti tão feliz na vida. O trato seria que Júlia viesse ficar no apartamento pelo tempo que eu ficasse, mas como eu e Guilherme estávamos nos dando tão bem, ela quase não vinha.

Mas hoje ela e Milena estão aqui, estamos sentadas na sala. Mi está já há alguns minutos listando todos os motivos pelos quais ela não pode se envolver com Rafael, mas confesso que assim que ela listou o primeiro motivo minha mente se desligou.

Júlia está no sofá com o queixo apoiado no joelho, ouvindo atentamente tudo o que Milena está dizendo. Guilherme foi para o estágio, e hoje era para ser o dia das meninas, mas os meus pensamentos sempre voltam para ele.

Nós estávamos em uma relação bem parecida com a de namorados, mas nem havíamos tocado no assunto de nomes aos bois. Guilherme não me pressionava, o que me deixava aliviada. Eu não estava preparada para isso. Ter um relacionamento com ele representaria intimidade, coisa que eu não estava preparada para ter.

Quando Milena finalmente para de falar, ela me olha e pergunta.

— Então, como está sendo morar com o Guilherme?

— Bom — respondo a ela que parece insatisfeita com a minha resposta. Milena gosta de tudo nos mínimos detalhes, como ela mesma diz,

todos os detalhes sórdidos.

— Só bom?

— Sim — minto, é maravilhoso na verdade. Ele vem cuidando de mim e eu nunca havia me sentido tão feliz.

— O que vocês sabem sobre o Rafael? — pergunta mudando de assunto. Ela morde o lábio nervosamente. Acho que nunca vi minha amiga tão nervosa para fazer uma pergunta.

— Como assim? — Júlia pergunta.

— Ele não parece um pouco misterioso demais para vocês não?

— Ele é bem reservado, sempre foi. Quando nos mudamos para cá, alguns anos depois ele se mudou para a casa da sua avó. Rafael era bem gordinho e as crianças do condomínio caçoavam dele, ele não tinha amigos até Gui e Lucas se aproximarem dele. Tudo que eu sei sobre a família dele é que a sua mãe morreu, e que seu pai é dono de uma grande empresa de Arquitetura. Mas Rafael ama música, vocês viram aquele dia no pub. Ele faz aquilo com a alma, só não entendo por que insiste em cursar algo que não gosta — Ju diz e percebo Mi fazendo seus parafusos funcionarem.

— Ele me agarrou, uma vez — diz envergonhada. Céus! Acho que nunca a vi envergonhada na vida.

— O QUE? — eu e Ju gritamos juntas, e ela levanta as mãos, rendida.

— Talvez duas, três, e mais algumas vezes depois disso, mas tudo que ele disse da última vez foi, *ruivinha eu não namoro, não espere nada de mim*. Isso soou tão clichê que eu só ri e o agarrei de novo! Meu Deus! Eu agarrei o cara, quase pulei em cima dele e fiquei passando a mão por aquela cabeça raspada, sentindo os fios que estavam crescendo enquanto ele me...

— Cristo! Poupe-nos dos detalhes, Mi — digo sorrindo. Minha amiga sempre foi um furacão ambulante. Diferente de mim, Mi adorava ficar por aí

se agarrando com os meninos da escola. Era seu passatempo preferido. Não que ela seja vulgar ou saidinha demais, ela era apenas Milena.

— Cuidado, Mi — Ju alerta — Ele é amigo do meu irmão, mas é bem galinha quando quer.

— Você acha que eu não sei disso? Estou fugindo dele como o diabo foge da cruz, chuchu, porque não confio em mim mesma perto daquela belezura — diz e percebo que ela está um pouco magoada com toda situação.

Antes que eu possa falar alguma coisa, ouço a porta ser aberta e vejo Rafael, Lucas e Guilherme entrarem com sacolas e caixas de pizza. Guilherme coloca tudo sobre a bancada e vem ao meu encontro todo social, e incrivelmente sexy.

Ele está com uma camisa social branco gelo erguida até os cotovelos e os primeiros botões abertos, deixando parte do seu peito à mostra, e uma calça social. Seus olhos verdes me fitam e eu sorrio para ele.

— Você está babando, chuchu! — Mi resmunga no meu ouvido.

Olho para ela de cara feia e volto minha atenção para Guilherme, que agora está na minha frente sorrindo. Ele se abaixa até ficar na minha altura e me dá um beijo.

Não é beijinho apenas, é um puta beijo, que me deixou em combustão. É incrível como Guilherme consegue despertar tanta coisa nova em mim.

— Senti sua falta — sussurra para mim enquanto coloca uma mecha solta do meu rabo de cavalo atrás da minha orelha — Vou tomar um banho e já volto — ele diz depositando um beijo na minha testa e se afasta indo em direção ao seu quarto.

Ouço alguém pigarrear e vejo Júlia sorrindo para nós. Nossa atenção é desviada quando Rafael se joga ao lado de Milena sorrindo.

— E aí, ruivinha? — Rafa a cumprimenta e ela lança um olhar irritado

— Está chateada? — Ela cruza os braços sobre o peito não diz nada, então ele continua — Posso te deixar feliz rapidinho — Ela fica completamente vermelha. Sorrio, pois, raramente consigo ver Milena constrangida.

— Pois eu posso pensar em muitas formas de te socar — diz olhando para ele. Dessa vez lançando seu melhor sorriso.

Todos nós estamos com os olhos fixos neles, ouço Júlia soltar uma risadinha.

— Você não estava pensando em socar enquanto eu te...

— Nem termine a frase, seu pervertido! — grita para ele nervosa.

— Cara, deixa ela em paz — Lucas diz para ele, que o olha de cara feia.

— Você ainda vai se render a mim, ruivinha! — ele diz para Milena.

— Sonha.

Ele olha para ela sorrindo, como se nada o abalasse. Vai até a geladeira e pega uma cerveja e se senta de volta no sofá.

— Me ajuda a trazer as coisas para a sala, ratinha? — Guilherme pede a Júlia assim que volta do banho, vestindo uma bermuda e uma camiseta. Júlia levanta prontamente para ir ajudá-lo. Rafael está no sofá ao lado de Milena, que se mexe como se estivesse desconfortável. Rafael passa o braço por cima do sofá, colando seu corpo ao de Milena, que logo tenta se afastar dele. Mas como ela está na ponta do sofá, não tem para onde correr.

Olho para Lucas que está com os olhos vidrados em Júlia, como se quisesse memorizar cada pedaço dela. Júlia e Guilherme conseguem ajeitar tudo na mesinha de centro.

— Vamos ver um filme? — Guilherme pergunta.

— Vamos! — Júlia diz animada. Guilherme se levanta e vai até a televisão e conecta na *Netflix*. Entramos em uma disputa acirrada na escolha

do filme. Os meninos queriam ver *Warcraft* enquanto eu, Júlia e Milena queríamos ver *A Escolha*, de Nicholas Sparks. É claro que o filme que está passando no momento é *A Escolha*.

Lucas se acomoda ao lado de Júlia e Rafael e Milena continuam juntos. Minha cabeça está apoiada no colo de Guilherme enquanto ele faz carinho nos meus cabelos. Passamos todo o filme assim. Apesar do filme não ter sido da escolha dos meninos, eles estão atentos com o desenrolar da história.

Olho para Rafael e vejo algo que eu nunca esperava ver. Seu semblante está triste e uma lágrima solitária escorre pelo seu rosto quando o filme chega ao fim. Ele seca a lágrima rapidamente, e eu fico o encarando. Fico me perguntando o que ele esconde por trás de toda a sua armadura. Rapidamente ele se levanta e vai até a sacada fumar. Me levanto e vou até ele.

— Rafa? — Ele dá um pulo, tomando um susto com a minha aproximação — Está tudo bem?

— Sim, por que não estaria? — diz tragando seu cigarro.

— Nada — Resolvo não perguntar mais nada, sei como é querer guardar as coisas para si.

Sinto braços me envolverem por trás. Fecho os olhos saboreando a sensação de ser abraçada por Guilherme.

— Acho que alguém está na coleira — Rafael diz sorrindo enquanto joga o seu cigarro fora e vai até a sala. Eu e Guilherme ficamos na sacada apenas olhando os carros passando, ele continua me abraçando e eu me deixo me envolver nesse momento. Estar com Guilherme é tão bom que chega a ser viciante.

Depois que o filme acabou, ficamos conversando durante algumas horas, e logo depois todos foram embora. Estou lavando a louça quando Guilherme passa os braços pela minha cintura.

— Dorme comigo hoje? — ele me pede — Prometo me comportar.

Olho para trás e meus olhos voam para sua ereção.

— Sei...

— Ei, eu disse que eu vou me comportar, não prometi nada sobre ele.

Sorrio, até penso em dizer não, mas gosto dessa a proximidade tanto quanto ele. Estar com Guilherme faz com que eu me sinta viva. Concordo com a cabeça.

— Deixa a louça na máquina, vem para cama comigo, estou morrendo de cansaço — pede bocejando.

Ele fica na mesa da cozinha enquanto termino de colocar a louça na máquina, e o vejo lutando contra o sono. Assim que eu termino, vou até ele e vamos para o seu quarto. Ele tira a camisa e o short e fica apenas de *boxer* e se deita na cama. Minha boca se abre quando o vejo assim. Guilherme é tão sexy! Sua barriga é cheia de gominhos e fico tentada a passar a mãos por ela.

— Vem — ele me chama, me tirando dos meus devaneios.

Eu fico deitada de barriga para cima sem saber o que fazer, mas ele logo me puxa para ele, me deixando de costas para o seu peito e me abraça. Sinto sua respiração no meu pescoço e todo meu corpo se arrepia com essa sensação maravilhosa.

— Boa noite, minha menina — sussurra beijando meu pescoço, e logo sua respiração se normaliza. Sorrio, pois, ele realmente deveria estar muito cansado. Sua ereção ainda está encostando na minha bunda, mas ele já está realmente dormindo profundamente. Logo deixo que o sono me domine nos braços de Guilherme.

Capítulo 40

Guilherme

Dois dias haviam se passado desde a última visita de Júlia. Segundo minha irmã, ela e Milena estavam sentindo muita falta da amiga, e hoje pela manhã quando acordei, elas estavam na cozinha com Gabi tomando café. Como Rafael havia me convidado para ir até a casa dele assistir futebol, acabei deixando as meninas sozinhas e vim ficar com os caras.

— Que jogo de merda — Rafael reclama quando termina o primeiro tempo, que ainda estava zero a zero.

Lucas vai até a geladeira e pega uma cerveja para nós e se senta ao meu lado.

— Quando é que você vai contar para a Gabriela a verdade? — Lucas me pergunta apoiando os pés na mesinha de centro. Me assusto com a sua pergunta repentina, mas sei que ele apenas está preocupado com Gabi. Fico feliz em saber que ela tem gente além de mim para protegê-la.

— Eu não sei, ela não vai me perdoar cara. Eu tento todas as noites, mas não consigo, preciso de mais tempo com ela. Preciso que ela queira ficar comigo independente de qualquer coisa — digo.

— E você acha que adiar vai adiantar alguma coisa? — Lucas pergunta dando um gole na sua cerveja.

— Eu não sei cara, estou perdido. Eu acabei de encontrá-la, não quero perdê-la de novo — digo a ele.

— Ela vai te odiar quando souber que você sabia da verdade esse

tempo inteiro e nunca lhe contou, melhor você conversar com ela, Gui — diz.

— Porra! E você acha que eu não sei? Todas as noites eu durmo com a consciência pesada. Eu sei que não é justo com ela porra — digo irritado com toda situação.

— É por isso que eu não me apaixono, essas merdas não servem para mim — Rafael finalmente diz algo.

— Você diz isso por que ainda não achou a garota — digo a ele, pois foi exatamente assim que aconteceu comigo.

— Acho que não cara, o amor não é para mim — diz com um sorriso triste.

— Quando o amor te achar, você vai ficar de quatro — Lucas diz a ele.

— E que porra você sabe sobre isso? — Rafael pergunta, mas ele não diz nada.

— É Lucas, o que você sabe sobre isso? — pergunto a ele. Nesses anos todos, nunca ouvi Lucas falar sobre amor.

— É só o que eu acho, olha só para você! Desde que conheceu Gabriela você está de quatro por ela — argumenta.

— Ela é a minha vida — digo a ele.

— É por isso que essas merdas não são para mim. Graças a Deus sou imune ao amor — Rafael diz.

— Vai achando cara — digo a ele. Se tem algo que eu aprendi é que o destino não age como você quer. Não existe um interruptor de amar ou não amar. Quando o amor vem, não há como escapar.

— Quem precisa dessas merdas quando posso ter quem eu quiser? — Rafael argumenta.

— Um dia, você vai entender — digo a ele.

O jogo volta para o segundo tempo e Lucas e Rafael ficam entretidos,

mas eu estou apenas com os pensamentos na minha menina. Preciso lhe contar a verdade.

Assim que o jogo termina, pego minha moto para ir para casa e o caminho inteiro fico ensaiando o que irei falar para ela. Mas assim que a encontro dormindo no sofá com uma blusa minha, digo a mim mesmo que será só mais um dia. Essa noite eu só precisava abraçá-la.

Pego-a no colo e ela murmura algo incompreensível. A deito na minha cama e vou até o banheiro. Já de cueca *boxer* e banho recém-tomado, me deito ao seu lado e adormeço com o nariz em seus cabelos e os braços ao seu redor.

Eu só precisava de mais um dia.

Capítulo 41

Gabriela

Os dias foram se passando rapidamente, já fazia duas semanas que eu estava na casa de Guilherme, e foi a melhor semana da minha vida, sem dúvida! Mas agora eu já não tinha mais desculpas para não voltar para o alojamento. Já consigo colocar os pés no chão sem sentir dor alguma, já até havia ido às aulas.

Minhas semanas foram mágicas e eu não queria ter que ir embora. Eu e Guilherme não tivemos mais nenhum momento de explosão. Ele estava mais cauteloso, cuidando de mim como se eu fosse de vidro, e apesar de não gostar de me sentir frágil, tê-lo cuidando de mim me levou de volta a um tempo em que eu era inteira. Depois de anos tive um vislumbre de como é ser amada.

Eu estou sentada no sofá e ele, mais uma vez, está com os olhos fixos no notebook tentando terminar o seu projeto.

— Guilherme — eu o chamo — Posso ver o projeto em que você está trabalhando? — peço a ele curiosa. Mesmo que meu sonho inicial não tenha sido esse, a ideia de construir algo e mantê-lo de pé é fascinante.

Ele desvia os olhos do notebook e o traz até o sofá.

— Claro — Ele coloca o notebook no meu colo e vejo um projeto de *auto cad*, com muitas linhas coloridas cheias de detalhes.

— Nossa você fez isso tudo sozinho? — pergunto me referindo à planta em seu notebook que está linda. Estou realmente impressionada, é uma construção grande, deve ter pelo menos seis pavimentos com salas, suítes, quartos, sala de jantar, sacada, um grande jardim, quadra, piscina e garagem. Uma construção completa! A cada dia Guilherme me impressiona mais. Olho

para ele com admiração.

— Sim, antes de entrar para a faculdade, eu fiz alguns cursos de *auto cad*, sei que a maior parte dos projetos são feitos pelos arquitetos, mas eu amo desenhar — diz sorrindo, respondendo a minha pergunta.

— Um homem de muitos talentos — digo baixinho para que ele não ouça, mas o cretino ouviu, pois está com o seu típico sorrisinho no rosto.

— Você não faz nem ideia, mas posso te dar uma prévia se quiser — ele diz passando a língua pelos lábios. Estava tentada a roubar um beijo seu.

— Idiota — digo batendo em seu peito, resistindo à vontade de beijá-lo.

Ele fala um pouco mais sobre o seu projeto e percebo o quanto ele ama seu trabalho. Confesso que depois de um tempo apenas vi sua boca mexer, pois sua voz já estava bem distante para mim. Meus olhos estão fixos na sua boca, e ele percebeu, pois se aproxima de mim e toca meus lábios com os seus. Fecho os olhos e solto um suspiro quando suas mãos alcançam meus cabelos, me aproximando ainda mais dele. Mas, de repente, a campainha toca. Ele balança a cabeça resmungando e vai atender a porta.

— Mãe, entra — eu o ouço falando — Quero que você conheça a minha menina — ele diz e rapidamente olha para o meu corpo para ver se ao menos estou apresentável. Ela logo se aproxima de mim e sorri. Ela é bem parecida com ele! Seus cabelos castanhos estão bem arrumados em um coque bem feito, seu rosto está quase natural, apenas com uma maquiagem bem fraquinha, seus olhos, são um tom de castanho claro. Meus olhos se fixam neles, pois sinto que a conheço. Aqueles olhos brilhantes que agora parecem aterrorizados. Vejo o sorriso em seu rosto morrer, e a ouço chamando meu nome. Ela fica tão branca quanto a neve e a vejo prestes a desmaiar. Guilherme corre para socorrê-la e eu fico estática em meu lugar. Aqueles olhos doces e brilhantes, começo a vasculhar a minha mente em busca de

lembranças, quando começo a me lembrar dos meus sonhos com Inho.

Fevereiro de 2005

— *Mamãe assou um monte de cookies hoje quer ir lá em casa? — Inho me pergunta. Estamos sentados no chão da sua casinha da árvore, brincando com um joguinho de tabuleiro novo que ele ganhou. Concordo com a cabeça aceitando o seu convite. Os cookies da mamãe de Inho são tão deliciosos, e ela me deixa comer quantos eu quiser.*

Descemos da casa da árvore e entramos em sua casa.

Da sala já conseguimos sentir o cheirinho delicioso. Vejo sua mãe tirando algo da geladeira e se virando para nós. Ela está com um avental de corujinhas colorido, com os cabelos castanhos soltos, sorrindo. Tem uma luva rosa em uma das suas mãos. A mamãe de Inho está sempre tão feliz, seus olhos estão sempre brilhando.

Eu nunca a vejo comendo os cookies que faz, mas ela sempre fica olhando a gente comer sorrindo e perguntando sobre o nosso dia. Minha mamãe já foi como ela, mamãe já me amou como a mamãe de Inho o ama. Mas agora ela mal pergunta se eu estou bem, a maior parte do tempo fica fora de casa, e isso me entristece.

— *Gabi, fiz esse pote para você levar para casa — ela estende a mão para mim com um pote rosa cheio de cookies.*

— *Sério? — pergunto com a boca cheia de cookies. Se mamãe me visse assim, brigaria comigo.*

— *Claro! — ela me diz sorrindo. Me aproximo dela e a abraço agradecendo.*



Atualmente

— Inho — o apelido escapa da minha boca e vejo Guilherme dividido entre socorrer a mãe e chegar até a mim — Você é ele? — pergunto, vejo em seus olhos a culpa, e percebo que é verdade. Não reconheci Guilherme, talvez por sermos crianças e termos mudando tanto. Ele passou do menino de cabelos longos e rostinho gorducho para um lindo homem, mas com os sonhos vívidos em minha mente, não conseguiria esquecer da sua mãe que apenas envelheceu um pouco. Uma rajada de lembranças tomam minha mente, lembranças aprisionadas. Sinto minha cabeça latejar e me sento no sofá. Sua mãe parece estar mais calma, e ele vem até a mim, mas eu o afasto.

— Você é ele? — pergunto a ele mais uma vez, com lágrimas nos olhos.

Seus olhos estão marejados quando ele concorda com a cabeça.

— VOCÊ ME ABANDONOU! — grito, deixando toda dor do meu peito transparecer em minha voz.

— Gabi...

— Não! Você mentiu esse tempo todo para mim! Isso era o que para você? Um jogo? Um fetiche maldito de ficar com a menininha da sua infância? Você queria me arruinar ainda mais? — Sua mãe tenta falar algo, mas também não permito — Tudo isso foi uma mentira, a Júlia também sabia disso?

— Só quando você sofreu o acidente, todos nós soubemos aquele dia — diz com a voz cheia de arrependimento, mas não fico compadecida.

— Como? — Consigo perguntar.

— A foto na sua carteira — ele vai até a mesa de centro e pega sua

carteira tirando a minha foto dentro dela e me entregando.

— Esse sou eu. Quando você sofreu o acidente, fui pegar os seus documentos para entregar na recepção e vi a foto. Então eu soube que era você. Eu nunca me esqueceria, *fidélité* — ele diz segurando a minha mão e colocando em seu peito onde seu coração está batendo desesperadamente.

— Isso não muda o fato de que você foi embora, me deixou sem nem ao menos se despedir, Guilherme. Eu posso estar me lembrando disso apenas agora, mas você era tudo que eu tinha! — digo gritando desesperadamente, como se isso pudesse apagar meu sofrimento.

— Ele não tem culpa — ouço a mãe de Guilherme dizer — Ele era apenas uma criança. Foi culpa minha.

— Por quê? — pergunto a ela — Por que vocês foram embora?

Ela me olha com os olhos cobertos de dor, mas não diz nada.

— Nem da verdade eu sou digna? — pergunto dessa vez gritando com a mulher que antes era doce e feliz, mas que agora só parecia indiferente a toda a minha dor.

— Mãe, por favor — Guilherme pede a ela suplicante.

— Eu não posso — ela diz baixinho — Me desculpa.

— Eu não posso ficar aqui ouvindo isso — digo a eles e entro no quarto de Júlia ajeitando todas as minhas coisas em uma mala. Preciso desesperadamente sair dessa casa, dessa teia de mentiras. Ligo para Rafael e peço para que ele me ajude. Guilherme não vem atrás de mim, mas consigo ouvi-lo conversando com sua mãe. Minhas mãos estão trêmulas e sinto uma onda de pânico me dominando. Dessa vez busco a ajuda dos remédios, pois sei que não irei conseguir passar por isso sem eles. Depois de minutos ouço a campainha tocar e escuto a voz de Rafael e Milena.

— O que você fez com ela? — ouço Rafael gritando com Guilherme, o

segurando pela camisa.

— Ela sabe — diz, e Rafael vem até mim me abraçando. Pelo visto, todo mundo sabia da verdade menos eu.

— Gabi — Mi vem até mim e me abraça.

— É ele Mi, ele é o Inho — soluço agarrada a ela, sem me importar em ser fraca. Quero apenas acordar desse pesadelo. Por mais que eu tenha desejado que os sonhos fossem realidade, não foi tão bom assim. Eu tive sim alguém cuidando de mim, mas a realidade era que eu fui abandonada e agora meu coração está tão dilacerado quanto no dia em que ele foi embora.

— Me leva embora, por favor — peço a eles, passo por Guilherme que parece estar tão devastado quanto eu.

— Você não pode ir embora! — diz se aproximando de mim. Levanto a mão para que ele não se aproxime de mim.

— Posso e vou — digo passando pela porta.

— Deixe a ir — ouço sua mãe dizendo.

— Eu não vou abandoná-la de novo mãe — diz a ela com a voz embargada.

— É aí que está, Guilherme, você já me abandonou. Não se pode abandonar algo que já foi abandonado. Adeus!



Guilherme

Olho para minha mãe encolhida no sofá com o semblante abatido. Eu até sentiria pena se não estivesse pior que ela. Já não reconheço a mulher sentada à minha frente. Sua indiferença e frieza com relação aos meus

sentimentos pela Gabi me entristecem. A mulher que sempre pôs os filhos acima de tudo acabou de partir o meu coração. A mulher que tem o meu coração o levou do meu peito assim que saiu pela porta, por culpa minha e da minha mãe. Contenho as lágrimas, mas a raiva ferve dentro de mim.

— Por quê? — pergunto a ela — Por que esconder o motivo de termos ido embora mãe?

— Filho...

— Não abra a boca para mais mentiras mãe, eu quero a verdade, porque, pelo visto, é algo bem ruim. Você acabou de dilacerar meu coração deixando a mulher que eu amo sair por aquela porta sem a verdade. Tem a ver com o meu pai, mãe? — pergunto a ela. Meu pai foi embora assim que Júlia nasceu e ela nunca havia nos dito o porquê dele ter sumido.

— Não, eu só não posso, não agora — Ela se levanta ajeitando sua roupa e pegando a sua bolsa.

— Se você sair daqui sem me contado que realmente aconteceu, volte apenas quando estiver disposta a me dizer a verdade. Porque o vislumbre da mulher que eu vi hoje, não é a minha mãe — Eu a vejo engolindo em seco e concordando com a cabeça. E assim ela sai, me deixando completamente destroçado.

Eu nunca me senti tão impotente na minha vida. Agora eu sei exatamente como é ter o coração partido. É incrível como somos feitos de carne e osso, mas somos forçados a viver como se fossemos de ferro, como se nada pudesse nos atingir. Sinto a raiva me dominando e derrubo tudo que estava em cima da mesa. Pratos, copos, xícaras caem no chão quebrando assim como o meu coração, mas ainda não é o suficiente. Um grito escapa da minha garganta, encosto-me à parede deslizando até o chão, e, pela primeira vez em muito tempo eu choro, soluço e grito. Eu amo meu Deus! Eu amo e ela foi embora sem saber disso. Não há nada que eu possa fazer para trazê-la de

volta, não sem a verdade. Eu causei a dor que estava nos olhos na minha menina. Eles nadavam em uma dor tão profunda que eu não seria capaz de trazer de volta o sorriso que eu tanto amo.

Não sei por quanto tempo fiquei sentado no chão chorando, até que sinto braços me envolverem e, por um minuto, crio a falsa esperança de que seja a minha menina. Mas pelo perfume sei que não é.

— Ah, Gui — Júlia me abraça e chora junto comigo.

— Como ela está?

— Tão devastada quanto você, Gui, eu nunca a vi tão magoada. O que houve? Ela não quis nem conversar, apenas pediu para que eu a deixasse sozinha — Percebo como isso pode também afetar a amizade da minha irmã com Gabi, como se não bastasse me devastar, minha mãe também deixou a minha irmã triste.

— Eu chamei mamãe para conversar semana passada, e ela não pode vir, mas hoje apareceu de surpresa e viu Gabi. Ela soube na hora, eu não sei como, mas Gabi também a reconheceu. Eu pedi, ratinha, implorei para ela nos dizer a verdade, mas não disse. Ela deixou que minha menina fosse embora — Soluço nos seus braços e não me importo de parecer um fraco, só quero a minha menina de volta. Todo o tempo que passamos juntos essas semanas me deu um vislumbre de felicidade que eu nunca imaginei sentir. Ela fez com que pequenas coisas do meu dia a dia se tornassem importante, como tomar café da manhã juntos na mesa conversando sobre amenidades, ou em apenas lhe dar um beijo de boa noite. Eu não quero mais viver sem isso, eu preciso dela — Eu preciso dela, ratinha. Preciso da minha menina de volta — digo a ela já mais calmo, me levantando. Eu preciso ir até ela, preciso trazê-la de volta.

— O que você está fazendo? — pergunta quando me vê pegando a minha carteira na mesa.

— Vou trazê-la de volta.

— Gui, dê um tempo a ela, é muito para processar.

— Eu não posso, ratinha, eu preciso dela. Não suporto essa dor — digo a ela apontando para o meu peito.

— Ela precisa disso, Gui. Pelo menos hoje — ela me pede e eu decido ceder, afinal o que eu faria? Imploraria para ela voltar? Não sei o que fazer, não sem a verdade. Sento no sofá me sentindo impotente.

Se há alguns anos atrás alguém me dissesse que hoje eu estaria nessa situação, completamente apaixonado e devastado por ter sido abandonado, eu iria rir da cara dessa pessoa. Nunca fui um cara insensível, mas também nunca fui de me envolver de verdade. Nunca tive relacionamentos, então nunca havia sentindo essa dor dentro de mim. É como se estivessem esmagando meus pulmões, me impedindo de respirar, fazendo o meu coração se comprimir em meu peito.

— Gui, vou dormir aqui — ela me avisa.

— Não, ratinha, vai para casa. Cuida da minha menina para mim — peço a ela. Por mais que eu esteja sofrendo, eu tive um tempo para assimilar toda a verdade. Gabi não, ela precisa de todo apoio.

— Mas e você Gui? — pergunta.

— Vou ficar bem — digo, mesmo que seja mentira.

— Gui, eu vou conversar com a mamãe, também quero saber a verdade. Você e Gabi merecem ao menos isso, e eu sinto que há muito mais envolvido nessa história. Mamãe nunca agiu assim.

— Obrigada, ratinha — digo lhe abraçando — Por favor, qualquer coisa me liga.

— Pode deixar.

— Quer que eu chame um táxi? Desculpa, ratinha, mas não estou em condições de dirigir.

— O Lucas está me esperando lá embaixo.

— O Lucas? O que está rolando com vocês?

— O que? Não tem nada Gui — diz pegando sua bolsa e indo até a porta, me impedindo de fazer mais perguntas.

— Te amo Gui, se cuida.

— Te amo, ratinha.

Espero a porta fechar e vou até o meu escritório tentar distrair a minha cabeça. Desenhar sempre me distrai. Quase não entrei no meu escritório essas semanas, era tão gostoso trabalhar na sala ao lado dela, agora a minha casa está tão vazia! Tudo que restou foi apenas o seu cheiro, que eu sei que não durará para sempre. Eu preciso dela de volta, a dor volta a apertar o meu peito e desisto de tentar trabalhar. Pego meu violão do suporte e coloco para fora toda minha dor e solidão.

Tenho medo de acordar de madrugada

E uma luz semi apagada refletir ela pra mim

Sei que está tão curiosa e louca pra me perguntar

Quem está no seu lugar

Quem roubou meu coração

Se chama solidão



Gabriela

Os minutos se passaram e eu apenas observava os carros pela janela do *Audi* do Rafael. Milena tentou falar comigo algumas vezes, mas eu apenas a

ignorei. Não estou em condições de conversar. Só queria acordar desse pesadelo, estou entorpecida apenas tentando processar todos os fatos que acabaram de acontecer. Eu já imaginava que meu coração sairia destroçado dessa, só não imaginava que ele ficaria naquela sala assim que pus meus pés para fora. Pois, de fato, meu coração pertencia a Guilherme. Ele sempre pertenceu ao menino dos meus sonhos, *Inho*, mas é impossível negar o fato de que ele foi embora e me deixou. Está tudo tão confuso, é como se a vida não se cansasse de me quebrar. Às vezes acho que sou como um vaso na mão de um oleiro sendo moldado, e depois de pronto ele o quebra, pois não está satisfeito e o refaz diversas vezes.

Chego ao alojamento ainda sem trocar uma palavra com ninguém, vou até o banheiro e troco de roupa, tirando sua camisa do meu corpo, o que foi uma tarefa quase impossível, pois o cheiro estava nela e eu involuntariamente levei a sua camisa ao meu nariz para inalar seu perfume. Quando saio do banheiro, vejo Júlia e Milena na cama me esperando. Rafael está no batente da porta observando seu celular.

— Gabi — Júlia vem até a mim e me abraça, mas não a abraço de volta. Eu a afasto de mim.

— Vocês sabiam? — pergunto a elas, mas pelo rosto de cada uma, vejo a mesma culpa que vi no rosto de Guilherme. Todos sabiam e me fizeram de idiota — Vocês não pensaram em momento algum que eu gostaria de saber a verdade? Que teria direito de saber?

— Não era nossa história para contarmos, Gabi — Milena intervém.

— Vocês podiam ter me dito a verdade! Eu passei quase um mês, na casa do Guilherme e ninguém disse uma palavra. Você, Mi, mais do que ninguém sabia o quanto isso significava para mim — digo já sem conter as lágrimas.

Já não consigo segurar toda mágoa dentro de mim, e choro. Milena e

Júlia me abraçam e me pedem desculpas, eu as abraço. Por mais magoada que eu esteja, preciso desse breve contato. É incrível como as coisas foram mudando na minha vida. Eu que antes já não suportava ser tocada, precisava do toque para ser confortada.

Choro por horas, minutos talvez segundos.

— Quero ficar sozinha — digo a elas quando consigo conter meu choro. Elas olham balançam a cabeça dizendo que não — Por favor.

— Tudo bem, vou ver como meu irmão está — ela se aproxima de mim e me abraça mais uma vez antes de sair.

— Mi, por favor.

— Eu vou Gabi, mas depois a gente vai conversar — diz, indo de encontro a Rafael, saindo do meu quarto.

Pego meu *ipod*, meus fones e deito na cama, mas continuo inquieta. Vou até o banheiro e pego sua camisa que estava pendurada em um suporte na parede; Vou até a cama e deito em posição fetal agarrada à sua camisa. Coloco meus fones e ouço a voz do *James Arthur* preenchendo meus ouvidos, tentando inutilmente preencher também o vazio do meu coração.

*Você me fez experimentar algo
Que não posso comparar a nada
Que já tive, e tenho esperança
Que depois dessa febre eu sobreviverei
Sei que estou agindo feito louca
Estou presa, tudo meio nebuloso
Com a mão no coração, estou rezando
Para sobreviver a isso tudo*

Quando sinto minha cabeça doer, levanto da posição em que estava e apelo mais uma vez aos meus remédios. Nunca gostei de ser dependente deles, mas são necessários por hora, eu queria apenas esquecer.

Capítulo 42

Gabriela

Os dias foram se passando e, junto com eles, a minha última semana de provas. Um semestre já havia se passado desde o dia em que cheguei ao alojamento. Milena ainda corria contra o tempo para recuperar suas matérias, o que numa certa parte foi bom porque ela me deixou em paz com a história de Guilherme. Minha amizade com Júlia não mudou. Não podia culpá-la de nada e me apeguei tanto a ela que não suportaria mais essa separação.

Tudo ainda está muito confuso para mim, Júlia é apenas um ano mais nova do que eu, já tive vislumbres do meu passado, mas não consigo me recordar dela. A minha mente ainda está encoberta por uma grande e densa nuvem que não me permite lembrar de todos os detalhes. Ela me disse que morava com a avó, pois a mãe não tinha tempo de cuidar dela e trabalhar ao mesmo tempo. Mas será que Júlia não passava nenhum final de semana na casa da sua mãe? Eu preciso me lembrar de perguntar isso a ela. Suspiro na minha cama derrotada, com tantos pensamentos borbulhando dentro de mim.

Faz mais de três semanas desde o dia em que saí da casa de Guilherme. Ele deixou mensagens em meu celular, ligações, e todos os dias eu encontrava uma flor de lis na porta do meu apartamento ou presa à porta do meu armário na faculdade. Dizer que fiquei imune àquele gesto seria mentira. Em meus sonhos lembro-me dele ter me dito o significado dessa flor, lealdade. Que grande ironia não? A única coisa que ele não fez foi ser leal. Achei que seria apenas coisa de um dia ou dois, mas ele nunca me deixava sem a flor. Assim como na minha infância. Meu coração contra minha vontade ficava feliz com o gesto, e todos os dias eu já esperava encontrá-la.

Mas, estranhamente hoje, após chegar da faculdade, não havia nenhuma flor me esperando. Meio que me senti triste por isso, pois isso significava que talvez ele tenha desistido. Mas não era isso o que eu queria? Que ele me deixasse em paz? Então por que sinto esse vazio em meu peito?

Eu tenho vivido monotonamente, não faço nada além de ir a faculdade e uma rápida passada no *Outback* para comprar a sua sobremesa favorita, que ultimamente tem sido meu martírio contra meu próprio coração. Eu gostava de tudo que me fazia lembrar dele, a sua camisa ainda estava embaixo do meu travesseiro, mas já não tinha mais o seu cheiro, a sua sobremesa era uma lembrança constante dos momentos em que a dividimos juntos. Guilherme estava enraizado em mim, completamente impregnado na minha mente e no meu coração. Eu fugia dele na faculdade, andando como um fugitivo fora da lei, para não encontrá-lo.

Tudo isso estava se tornando cansativo demais, eu já não suportava mais a situação. Eu havia emagrecido inacreditavelmente mesmo depois de comer tanto doce durante essas semanas. Minhas unhas estavam lascadas e meus cabelos completamente desganhados e embolados. Eu realmente estava um caco, minha aparência transparecia exatamente como minha alma se encontrava naquele momento.

Infelizmente meu dia monótono e bem agitado não aconteceria hoje. As ligações da minha mãe se tornaram constantes, eu já havia perdido duas consultas na psicóloga, e as minhas desculpas de estar estudando para as provas haviam acabado. Eu precisava ir, eu odiava ainda ter que depender dela.

Antes que eu tenha tempo de começar a me arrumar para ir à consulta, Milena entra no quarto se jogando na cama.

— Eu estou exausta! — diz dramaticamente jogando suas bolsas no chão.

— Já conseguiu terminar todas as provas? — pergunto me sentando ao seu lado.

— Sim, e o professor me afirmou que fiz uma boa prova, então chuchu isso significa que precisamos comemorar! — diz batendo palmas, animada. Parece que o cansaço já foi embora, e o furacão que é a minha amiga já voltou.

— Ah, estou exausta também. Chama a Júlia, ela vai adorar comemorar com você — Não estou nem um pouco animada para comemorar nada, só quero ficar quieta no meu canto, é pedir demais?

— Ah, eu vou chamá-la também, mas eu vim aqui porque você também vai! Eu estou cansada dessa sua melancolia. Nem se atreva a me interromper, chuchu, eu deixei três semanas passarem para você pensar bem na sua decisão. Mas parece que só se afundou ainda mais na fossa. Olhe só seu estado, parece que um caminhão passou por cima de você. Eu mais do que ninguém sei e entendo tudo o que você passou, e é exatamente por isso que eu vim até aqui para conversamos.

Ela se aproxima ainda mais de mim, segura minhas mãos, e me olha com aqueles olhos negros tão intensos e cheios de amor.

— A única pessoa que está no caminho da sua felicidade é você mesma, Gabi. Pare de sabotar a sua felicidade. Você é uma vítima nisso tudo, mas não precisa agir como uma, aja como uma sobrevivente. Agarre essa chance, aproveite que o menino que você tanto sentia falta voltou, ao invés de ficar se lamentando por ele ter ido embora. Viva o presente, não o passado, faça disso algo bom.

Olho para nossas mãos entrelaçadas e me agarro a isso. Mi sempre foi o meu porto seguro, a única pessoa que sempre via além das minhas barreiras.

— Não consigo, Mi, não sem a verdade.

— Já parou para pensar que talvez seja melhor não saber da verdade?

— pergunta e me dou conta de que não parei para pensar nisso.

— O que pode ser pior do que isso? — pergunto, pois isso já é ruim o bastante.

— Eu não sei, Gabi — diz pensativa. Ouvimos o barulho da porta se abrindo e vemos Júlia entrar.

— Ótimo! — Mi exclama animada — Agora que estamos todas aqui vamos esclarecer algumas coisas — Jú, me diz uma coisa — Mi pede a ela sem lhe dar tempo para respirar — você acha que Guilherme sabe o motivo de vocês terem ido embora?

— Eu não deveria falar isso, Gui vai me matar, mas não importa. Nós não sabemos de nada, Gabi, absolutamente nada! Estamos no escuro, assim como você. Você acha mesmo que se meu irmão soubesse da verdade ele estaria se afundando? Ele foi afastado do projeto porque não conseguia nem trabalhar. Meu irmão está um lixo completo. Ontem ele foi saltar e teve um problema com a asa-delta me disse que estava com defeito, mas não acredito nisso, ele não estava com cabeça para nada e resolveu saltar e quase se matou — diz com a voz trêmula.

— Ele... está bem? — consigo perguntar a ela, com medo da sua resposta. Minhas mãos começam a tremer com medo do que possa ter acontecido com ele.

— Sim, desculpa, não queria jogar isso em cima de você, mas eu estou tão preocupada com meu irmão! Eu não entendo nada de asa-delta, ele me disse que uma das barras estava mal soldada e teve que fazer muito esforço para conseguir pousar, mas sinceramente não acredito. Acho que ele se distraiu e não conseguiu pousar conforme deveria. Mas ele está bem apesar de estar com uma dor terrível nas costas e todo arranhado por conta da queda na hora do pouso.

— Não acredito! — digo incrédula.

As lágrimas caem involuntariamente.

— Isso tudo é culpa minha.

Júlia vem até mim e segura minha mão livre.

— Não, Gabi, isso não é culpa sua. É culpa da nossa mãe, não se culpe por isso. Gui até cortou os laços com ela para tentar forçá-la a falar a verdade, mas nada parece funcionar. Se você ama o meu irmão, assim como eu imagino que você ame, você vai ter que deixar a verdade de lado pelo menos por agora. Ele mais do que ninguém também quer a verdade. Ele não te abandonou, Gabi, ele foi afastado de você.

— Por que ele não me procurou? — pergunto a ela algo que venho me perguntando ao longo dessas semanas.

— Isso, Gabi só ele pode te dizer — diz me olhando com os olhos verdes e intensos como os do irmão.

— Eu preciso pensar, Ju — digo enxugando as lágrimas.

— Eu entendo, só não o deixe esperando muito, ele precisa de você. Guilherme sempre foi mais apegado à minha mãe do que eu, isso está o afetando mais do que quer admitir.

— Tudo bem.

— OWWWN! Abraço em grupo— Milena grita se jogando em cima de nós.

— Guilherme é gostoso, acho que ele merece uma chance! Ele não é tão gostoso quanto Rafael, mas ainda sim, gostoso!

— Eca! — Júlia diz.

— Ah, fala sério! Lucas, Rafael e Guilherme são megagostosos!

— Mega o que? — Júlia pergunta fazendo careta.

— M-E-G-A-G-O-S-T-O-S-O-S!

— Céus Milena! Já entendemos — digo sorrindo, não tem como não rir

com Milena.

— Fala sério, Gabi, vai me dizer que você não está adorando ver o amiguinho dele.

— Amiguinho? — às vezes eu penso seriamente em recomendar a minha psicóloga para minha amiga.

— Dá para pararem de falar do pau do meu irmão, pelo amor de Deus!
— Júlia reclama.

— Vai me dizer que você nunca viu um na vida! Com certeza você já viu o do Lucas! — Milena diz saindo da minha cama se jogando em cima dela. Júlia olha para ela com as bochechas vermelhas e os olhos esbugalhados.

— Eu... — ela tenta dizer — nun... ca.

— A-haaaa! Eu sabia! Você está gaguejando! Já viu o pau do Lucas sim! Conta, conta! — Mi diz ainda em cima de Júlia, fazendo cosquinhas nela.

— Mi, para, o que deu em você hoje? — minha amiga sempre foi espalhafatosa assim, mas hoje ela está demais! — Mi, solta a Júlia.

Milena faz uma careta e se senta no sofá emburrada. Ela resmunga algo incompreensível e fica com as bochechas rosada, poucas vezes eu vi a minha amiga corar.

— Fala a nossa língua Milena — digo a ela que olha na minha direção irritada, mas logo seu sorriso diabólico aparece.

— EU VI O AMIGUINHO DO RAFAEL TÁ LEGAL? ALIÁS, AMIGÃO! — grita. — Ele é tão grande! — ela faz um gesto com a mão, tentando mostrar o tamanho — E tão gostoso!

— Cristo!

— Você não estava listando agora mesmo todos os motivos pelos quais você não deveria se envolver com ele?

— Bom, isso depois que eu... — levanto a mão para que ela pare de

falar. Uma coisa é Milena falar de um cara que eu nunca vi na vida, outra coisa era ela falar do Rafael que eu via sempre. Não quero olhar para ele e pensar no tamanho do seu pau.

— Não posso nem conversar com as minhas amigas — diz irritada cruzando os braços abaixo dos seios.

Conversamos por mais alguns minutos e nem percebo a hora passar.

— Eu preciso ir — digo a elas me levantando da cama.

— Ir aonde? — Milena pergunta.

— Eu vou andar na praia um pouco, preciso pensar — Não é inteiramente verdade, mas não quero que elas saibam aonde eu vou. Nunca gostei de falar para ninguém que preciso ir a psicóloga. Milena sempre soube, mas Júlia não. Não me sinto confortável em contar isso para as pessoas.



Passo pela praia sentindo o cheiro do mar e me sinto tentada a sair do táxi e ficar na praia apenas sentindo a brisa do mar na minha pele. Mas preciso ir à psicóloga. Minutos depois entro no consultório imaculado e me sento em seu sofá branco.

A Dra. Iara está vestida com o seu jaleco branco aberto e um vestido rosa floral que destaca a cor dos seus olhos azuis.

— Gabriela, como foi a sua semana de provas? — pergunta, provavelmente minha mãe a contou do motivo de não estar vindo nas consultas.

— Foi tudo bem.

— O que vem te incomodando então Gabriela? — ela me pergunta

olhando fixamente para mim, como se pudesse enxergar através.

— Guilherme — decido abrir o jogo com ela, preciso tentar entender tudo isso.

— Conte-me.

Conto a ela sobre a minha infância e a minha relação com Guilherme, ela ouve tudo atentamente anotando em seu caderno. Em um dado momento, ela largou a caneta e apenas me ouviu. Vi que a sua expressão antes séria estava mais suavizada, e notei um sorriso em seu rosto. Só não consegui entender o motivo.

— Como eu pude esquecer dessa parte do meu passado? Como pude esquecê-lo? — pergunto a ela algo que venho me perguntando há tempos desde que descobri a verdade.

— Quando passamos por algo traumático, nosso cérebro tem o poder de conseguir esconder o fato. As lembranças dolorosas não podem ser acessadas conscientemente, de certo modo pode ser até bom, pois te protege de reviver a dor emocional do seu passado. É por isso que você se não se lembra dele, mas pelo que me contou, após a foto que você encontrou da sua infância, você vem tendo sonhos com ele, o que mostra que o seu cérebro está se lembrando, agora me conte como está a relação de vocês depois de tudo isso.

— Nós... eu fugi dele — digo gaguejando.

— Por quê?

— Ele me abandonou, ele foi embora e nunca telefonou. Passaram-se anos e ele nunca me procurou.

— Gabriela, não cabe a mim dizer isso a você, até porque, somente a mãe dele sabe o motivo, mas você está o culpando por algo que ele não podia controlar, ele tinha somente 12 anos. Assim como você não podia ir atrás dele,

ele não poderia ficar.

Ela me diz me olhando intensamente.

— Quando você me contou sobre ele, pela primeira vez eu vi seus olhos brilharem como nunca. Esse tipo de coisa só acontece uma vez em nossas vidas Gabriela, isso não é muito profissional da minha parte, mas passei a ter um carinho por você, e não quero ver sofrendo por algo que não se pode controlar. O que vocês têm é especial, não sofra por antecipação, tenha paciência. Uma hora a verdade virá, só tenha em mente que isso não depende dele, apenas da mãe dele.

— Você acha que devo perdoá-lo?

— Não cabe a mim dizer isso a você Gabriela, mas lembre-se, é algo que você ou ele não podem controlar — ela me diz, e começo a me sentir culpada por ter fugido de Guilherme sem nem lhe dar tempo de tentar se explicar. Sinto meus olhos lacrimejando e levanto do sofá para ir embora.

— Eu preciso ir.

— Tudo bem — ela me diz. Me levanto para sair da sua sala, mas ela me chama novamente assim que abro a porta — Você agora é a única pessoa no caminho da sua felicidade, apenas seja feliz Gabriela — diz e eu sorrio com lágrimas nos olhos lembrando que Mi me disse, as mesmas palavras.

— É a segunda vez que ouço isso hoje — digo sorrindo sem lhe dar tempo de responder e saio porta a fora. Atravesso a rua e corro até a praia, ou melhor, tento correr até a praia com a perna agora presa a uma bota, e me sento na areia mesmo, sem me importar em sujar as minhas roupas.

Sinto uma culpa imensa me atingir e as lágrimas rolam pelo meu rosto. Eu não me apaixonei por ele, eu já estava apaixonada por ele. Guilherme foi o meu primeiro amor, meu Inho. Preciso saber da verdade, mas mais do que isso, preciso dele como o ar que eu respiro. As semanas que eu passei longe

dele foram as piores semanas da minha vida, e as semanas que passei ao lado dele ficaram para sempre enraizadas em mim. Só de pensar que eu quase o perdi hoje, sinto como se arrancassem um pedaço de dentro de mim. Levanto da areia e decido fazer algo que irá mudar a minha vida para sempre.

Capítulo 43

Guilherme

Estar aqui no alto onde tudo se torna pequeno costumava me trazer uma sensação extasiante. Eu sentia como se pudesse vencer qualquer dificuldade. Mas não agora, eu busco a adrenalina que antes corria em minhas veias, mas não sinto. Só encontro um enorme vazio em meu peito.

A falta que Gabriela faz em minha vida chega a ser sufocante. Eu já não sei mais como viver sem ela. Nunca entendi como as pessoas ficavam tão depressivas por amor, mas agora eu entendo e não desejo essa dor para ninguém. É como se o meu coração constantemente estivesse sendo comprimido em meu peito. Fui afastado do meu projeto, a minha relação com a minha mãe já não é mais a mesma, minha casa está vazia sem Gabriela, tanto quanto o meu coração.

As lágrimas embaçam minha vista e, quando percebo, está quase na hora de posar. Minhas mãos escorregam da barra e, com a minha visão embaçada, acabo me desequilibrando. Minhas pernas vacilam na hora do pouso, meus joelhos se arrastam na areia fina da praia porque eu estava usando proteção nas pernas, e minhas costas batem no ferro que fica acima de mim. Sinto a ardência atingir meu corpo, me solto da asa-delta e sento na areia tremendo.

Uma pessoa se aproxima de mim e me pergunta se estou bem. Assinto com gestos e coloco a cabeça nos joelhos. Choro sem me importar com o quanto podem me considerar ridículo. Tudo na minha vida está como uma grande bola de neve. Eu só queria a minha menina de volta, apenas isso bastava para ter a minha vida de volta aos eixos.

Levanto da areia com minha asa-delta e sigo mancando até a calçada onde está o carro de Lucas. Sempre que venho saltar, ele me empresta o seu carro que tem suporte para sua prancha, e serve também para minha asa-delta. Normalmente ele vem junto para surfar, mas hoje ele não queria, então vim sozinho. Abro a mala do carro e pego a capa de proteção para guardá-la.

Depois de muito esforço, consigo prendê-la no suporte. Sinto todo meu corpo latejar quando sento no carro, mas ainda assim não é maior do que a dor do meu coração. Ligo o carro e dou partida, indo até o meu apartamento. Quando entro na garagem e saio do carro tirando a asa-delta do suporte, vejo a notificação de mensagem da minha irmã me dizendo que virá até o apartamento. Suspiro, o que me faz sentir ainda mais dor. Preciso inventar uma boa desculpa para os meus machucados. Minha mãe e minha irmã sempre acharam esse esporte perigoso, e se elas souberem que por um descuido meu me machuquei, elas iriam surtar. Não que eu me importe muito com a opinião da minha mãe nesse momento, mas não quero preocupar minha irmã.

Guardo a minha asa-delta no depósito que aluguei no apartamento e sigo até o meu andar. Entro em casa indo direto para o chuveiro. Fecho os olhos, sinto a água gelada sobre meu corpo, mas ainda assim não consigo relaxar. Quando vou limpar os machucados, solto alguns palavrões ao sentir a ardência nos meus joelhos. Me enxugo e coloco uma bermuda e vou para a cozinha pegar alguns analgésicos. Sinto meu corpo cansado e decido deitar no sofá até minha irmã chegar. Afasto algumas caixas de comida e roupas que estão no sofá e deito ali, mas logo o preço de ficar noites em claro sem dormir começa a ser cobrado. Sinto meus olhos pesados e adormeço no sofá até que minha irmã chega e me acorda.

— Que porra é essa, Gui?

— Que boca suja é essa, ratinha? — pergunto tentando me levantar, mas sinto minhas costas latejarem e desisto.

— Não vem com essa, Gui, o que aconteceu?

Minto para ela e, como previsto, ela surtou e ficou falando por horas a fio ou minutos, não sei apenas perdi a noção do tempo enquanto ela citava motivos pelos quais eu não deveria mais saltar.

Depois de muito tempo, pergunto a ela como Gabi está.

— Na mesma Gui, ela perdeu peso, não sai de casa a não ser para ir até o *Outback* comprar aquela sobremesa que você gosta ou ir estudar. Mas fora isso ela fica em casa estudando ou apenas dormindo. Vocês precisam conversar, Gui — sorrio feito um bobo ao saber que ela anda comprando a minha sobremesa favorita para ela, mas logo meu sorriso morre quando Ju me conta que ela está tão mal quanto eu.

Júlia fica um tempo olhando para o apartamento e faz uma careta.

— Guilherme, esse apartamento está um lixo! — diz depois que terminamos de falar de Gabriela.

Reviro os olhos e ela me olha irritada e começa a juntar toda a bagunça e jogar fora as caixas de comida espalhadas pela casa. Eu apenas deixo. Quando Ju cisma com algo, ninguém muda sua opinião. Tento cochilar, mas Júlia não é nada silenciosa. Ela faz tanto barulho que parece que está quebrando o apartamento inteiro ao invés de arrumar. Algo a está incomodando, ela morou comigo apenas alguns meses, mas sei bem que quando algo a incomoda ela começa a limpar tudo que vê pela frente.

— Ei, ratinha o que anda te incomodando?

— Nada, Gui — ela diz e liga o aspirador que começa a fazer barulho e nos impede de conversar. Decido deixar para lá pelo menos por ora.

Depois de alguns minutos, ela termina e se senta ao meu lado para se despedir de mim com um beijo no rosto e algumas recomendações. Sorrio da situação, pois parece que os papéis se inverteram e agora é ela quem está

cuidando de mim.

Ela sai do meu apartamento me deixando com uma bolsa quente nas costas e alguns esporros. Sinto meus olhos pesarem e sinto toda a dor do meu corpo me atingir em cheio. Meus joelhos e minhas canelas estão com esparadrapos e sinto como se cada pedaço meu tivesse sido massacrado, mas ainda assim, nada se compara à dor do meu coração.

Ouçó a campainha tocando e fico me perguntando quem poderia ser. Júlia acabou de sair daqui e ela não tocaria a campainha, pois tem a chave. Levanto do sofá e vou até a porta sem me importar de estar sem camisa. O que eu vejo faz todo o meu corpo tremer.

— Gabi!



Gabriela

Inspiro.

Suspiro.

Repito o processo.

Tomo coragem e toco a campainha.

Um segundo.

Dois segundos.

Um minuto se passou.

E a porta é aberta pelo dono do meu coração.

— Gabi — ele diz e meu coração bate descompassadamente em meu peito. Quando decidi vir até aqui, de coração aberto, eu não fazia ideia do que

iria fazer. Ele me olha com aqueles olhos verdes, e pela primeira vez vejo algo semelhante a mim. Seus olhos demonstram uma dor tão profunda quanto a minha. Não preciso fazer nada, pois Guilherme se aproxima de mim e me abraça tão forte que é impossível me soltar. Passo os braços ao seu redor e inalo o seu cheiro amadeirado. Ouço um soluço e sei que não é meu. Guilherme soluça abraçado a mim e meu coração se despedaça ao ver a sua dor.

As suas lágrimas molham meu ombro e o ouço pedir perdão diversas vezes. Eu apenas deixo que ele me abrace, pois nesse momento preciso desse abraço tanto quanto ele. É como se nossas almas finalmente se encontrassem por completo e o meu coração volta para o meu peito.

— Guilherme.

— Gabi, me deixa explicar.

— Tudo bem — digo para ele que me olha surpreso.

Sento no seu sofá e ele se senta ao meu lado, segurando uma das minhas mãos.

— Eu não sabia que íamos embora — ele começa e vejo que ele está com dificuldade de falar. Percebo o quanto fui egoísta ao pensar que apenas eu estava sofrendo. Aperto sua mão para lhe dar apoio e ele continua — Quando voltei da escola, nossas malas já estavam prontas. Não levamos móveis, nem nada, apenas nossas roupas. Eu juro, Gabi, eu não sei por que fomos embora. Eu implorei à minha mãe para me deixar falar com você, pedi que ela me dissesse onde iríamos morar, mas ela não quis me dizer. Eu queria ficar, mas eu só tinha doze anos. Então eu fui, e a cada minuto que eu me afastava da sua casa, mais eu chorava. Quando chegamos em São Paulo, eu pedi, eu implorei à minha mãe para que me deixasse te ligar. Nós não tínhamos celular nem telefone em casa. Eu tentei fugir uma vez, mas minha mãe acabou me pegando no flagra. Por meses pedi para que ela comprasse um celular para mim, mas

sua resposta era sempre negativa. Em um dado momento, apenas desisti, pois tinha medo. Sabia que provavelmente você estava com raiva de mim, por isso não te procurei, Gabi, por medo. Eu fui um covarde. Eu implorei, Gabi, eu pedi para ela me contar por que fomos embora. Ju também tentou, mas ela está irredutível. Eu estou com um pressentimento ruim, minha mãe nunca destruiria nossa relação se não fosse nada demais.

— Eu não entendo — consigo dizer, confusa com tudo isso. E a frase de Milena volta à minha mente. *“Talvez seja melhor você não saber”*. Será?

— Nem eu, Gabi, tudo que te peço agora é perdão. Perdão por ter te feito sofrer, perdão por não estar ao seu lado quando você mais precisou, perdão pelas lágrimas que você derramou por mim, perdão porque omiti a verdade de você, perdão por não poder lhe dar a verdade agora. Apenas minha mãe pode.

— Eu sei — digo emocionada.

— Gabi — ele segura meu rosto em suas mãos, e seus olhos que antes demonstravam uma dor profunda, agora demostram esperança — Eu sei que esse não é o melhor momento, mas preciso que você saiba dos meus sentimentos por você, Gabi.

Balanço a cabeça concordando.

— Desde que te reencontrei, meu coração deixou de bater apenas por mim, ele passou a bater por você. Quando você foi embora, o levou do meu peito. Eu preciso de você, mais do que o ar que eu respiro. Eu quero te fazer feliz, Gabi, porque a minha felicidade é fazer você feliz. Eu nunca imaginei sentir isso dentro de mim. Eu não posso te dar a verdade, pois ela não depende de mim, mas posso te dar o que de melhor há em mim...posso te dar amor, você aceita? — minhas lágrimas embaçam a minha visão.

— Eu tenho todos os motivos para fugir — digo com dificuldade, pois um bolo se forma na minha garganta, me impedindo de falar — Mas de todas

as dores que essa verdade me trouxe, nenhuma delas, se compara à dor de não ter você. Eu aceito, Inho.

Vejo a emoção em seu olhar e o sorriso que eu tanto amo aparece em seu rosto junto com as suas covinhas. Sorrio junto com ele, aliviada por finalmente tê-lo ao meu lado.

— Eu te amo, minha menina, e eu juro que descobrirei a verdade — meu coração bate freneticamente no meu peito. Ainda não estou preparada para dizer essa frase, mas ouvi-lo dizendo, finalmente me fez sentir em paz. Agora eu estava completa.

Guilherme se aproxima de mim e nossos narizes ficam se tocando por segundos até que ele me beija. Sinto seus lábios nos meus e quase me derreto ao sentir o sabor deles. Suas mãos continuando tocando meu rosto, me prendendo a ele. Aprofundo o beijo e tento subir nele para ficar mais confortável, mas logo ouço um gemido. Não de prazer, e sim de dor. Olho para Guilherme que está com os lábios apertados em uma linha fina, e só agora percebo que ele está todo machucado, céus! Eu esqueci completamente do acidente.

— Meu Deus! Eu te machuquei? — pergunto a ele, voltando a sentar no sofá.

— Além do meu ego? Não — diz fazendo uma careta.

— Idiota.

— Eu amo o seu sorriso, você devia sorrir mais vezes — diz e sinto minhas bochechas queimando.

O telefone dele toca quebrando o clima.

— Oi, ratinha, sim ela está aqui, pode deixar! Beijo, te amo — ele desliga e guarda o celular.

— Minha irmã estava preocupada com você, ela disse que você saiu

há algumas horas e não voltou. Tentou te ligar, mas acabou de achar seu celular em sua cama — sorrio com a preocupação da Ju.

— É melhor eu ir, já está ficando tarde — digo mesmo sem vontade de ir. Sei que ele precisa descansar.

— Fica, passa a noite aqui, te levo amanhã bem cedo antes da aula — pede com os olhos brilhando.

— Você está todo machucado, e ainda vai à aula amanhã? Você é louco ou o que? Você precisa descansar!

— Nada que uma boa noite de sono não resolva, e quem sabe uns beijinhos. Vou sarar rapidinho.

— Idiota — digo batendo em seu braço e o ouço gritando de dor — Ai meu Deus! Desculpa, eu esqueci.

— Assim você me mata mulher! — diz sorrindo. Ele segura meu rosto em suas mãos e pede novamente — Fica, por favor. Desde que você foi embora, eu não tenho dormido bem, eu senti tanto sua falta.

— Tudo bem — digo sorrindo. Só a ideia de passar a noite com ele já é excitante.

— Sabia que você não ia resistir ao meu charme.

Encosto a cabeça em seu peito nu e ficamos assim por alguns minutos. Apenas apreciando a presença um do outro. Guilherme está sem camisa, o que me dá uma visão maravilhosa do seu peito. Passo a mão na sua tatuagem e levanto a cabeça do seu peito para que eu possa olhá-la melhor. É uma flor de lis, a mesma flor que ele vinha me dando agora e na minha infância. Na verdade, é um símbolo que representa a flor de lis toda negra, e embaixo está à palavra *fidélité*, meus olhos se enchem de lágrimas de emoção.

— Quando você a fez?

— No meu aniversário de dezoito anos. Eu nunca me esqueci de você,

minha menina, eu só era covarde demais para te procurar.

— Ela é linda — passo as mãos sobre ela e sinto sua pele se arrepiar.

— Não tanto quanto você — confessa e eu corro.

De todos os momentos que eu quero lembrar sempre, um deles é esse. Eu nunca havia me sentido tão plena, apesar de todas as dúvidas que rondam a minha mente. Estar aqui nos braços dele faz com que eu me sinta inteira pela primeira vez em muito tempo. Sentir tudo isso dentro de mim ainda é aterrorizante, mas não vou mais fugir com medo do meu passado, não mais, quero viver o presente. Quero viver meu futuro.

Guilherme continua passando as mãos nos meus cabelos enquanto estou de olhos fechados, apenas sentindo sua mão indo e vindo, me fazendo carinho.

— Gabi — ele me chama, me fazendo abrir os olhos — Por que você realmente está estudando Engenharia Civil? — pergunta. Provavelmente ele tem muitas dúvidas ao meu respeito — E não música? Você era apaixonada por música.

— Eu não sou mais aquela menininha, Guilherme. Eu não toco, não mais — digo, para que ele entenda de uma vez por todas que aquela Gabi que ele conhecia morreu.

— Não, você é uma versão melhorada dela — ele me diz e meus olhos começam a lacrimejar — Você é a pessoa mais forte que eu conheço, Gabi. Eu sei uma parte de tudo que aconteceu com você, e uma das provas de que você é forte é estar aqui, estudando vivendo a sua vida. Você tinha todos os motivos para sucumbir, mas decidiu seguir em frente. Agora chega de chorar, não quero ver esses olhos molhados de tristeza. A partir de hoje você só terá motivos para sorrir, minha menina — e meu coração para todas as vezes que ele me chama assim — Vem, quero te mostrar algo — sorrio e ele segura minhas mãos me levando até a sacada. Percebo que enquanto eu fiquei aqui na casa dele, eu mal vim até aqui. A sacada é toda de vidro, dando visão para estradas

cobertas por veículos.

Guilherme vai até o canto e tira o pano de cima de algo, olho e vejo o que parece uma pequena estufa, cheia de flores de lis. Ele a abre para que eu possa ver melhor e fico maravilhada.

— São lindas — digo passando a mão pelas suas pétalas — não sabia que você gostava de flores.

— Aprendi a gostar quando percebi que elas me faziam lembrar de você — diz, fechando a estufa.

Ele se aproxima de mim e me encosta na parede da varanda. Ele definitivamente tem um fetiche por elas. Ele põe uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha e fica me olhando com aqueles olhos verdes.

— Namora comigo — ele me pede.

Sorrio, sem lhe responder.

— Não me faça implorar, por favor — pede mais uma vez, com as mãos juntas e sorrio da cena.

— Sim.

— O que? Não ouvi direito.

— Você não vai me fazer gritar, Guilherme Ávila!

— Preciso implorar? — ele me pergunta com os olhos como o do gatinho de botas do filme do *Shrek*. Sorrio me lembrando da cena, e decido aceitar.

— SIM! EU ACEITO SER A SUA NAMORADA! — grito da sacada.

— Pronto agora todos do prédio sabem que você é a minha namorada.

— Idiota.

— Vem, namorada, vamos dormir de conchinha — diz e eu solto uma gargalhada.

— Guilherme Ávila dorme de conchinha?

Ele revira os olhos e me leva até o seu quarto. Fico relutante em entrar, tenho medo que meus demônios venham à tona novamente.

— Vamos apenas dormir — diz segurando minha mão.

Concordo com a cabeça entrando no quarto.

— Quer tomar um banho antes? — pergunta e eu aceito. Ele me entrega uma camisa sua e automaticamente a levo até o meu nariz para sentir o seu cheiro assim que ele sai do quarto.

Entro no banheiro para tirar o que resta da minha maquiagem e alguns minutos depois sinto seu corpo atrás do meu, pressionando o meu contra a pia.

— Se você soubesse o quanto de tesão eu sinto vendo você aqui no meu banheiro, só de imaginar que daqui a pouco você vai estar toda molhada — sussurra no meu ouvido, pressionando sua ereção na minha bunda. Sinto todos os pelos do meu corpo se arrepiarem, sua língua brinca com a minha orelha me fazendo gemer e apertar as pernas para tentar aliviar a tensão. Mas, sem mais nem menos, ele se afasta de mim e eu me viro para ele indignada por ter parado.

— Vamos apenas dormir — pisca saindo do banheiro me deixando frustrada.



Guilherme

Precisei de todas as minhas forças para conseguir me afastar de Gabriela. Eu era atraído para ela constantemente, assim como a mariposa é atraída para a luz. Sei que mais do que nunca preciso ser cuidadoso com ela. Eu lhe disse a verdade quando lhe disse que ela era forte, mas sei o quanto

tudo que aconteceu no seu passado interferiu no seu presente e só de pensar no que aquele monstro fez com ela, meu corpo é dominado pela raiva.

Ele magoou a única pessoa que deveria proteger com todas as forças. Se já não estivesse morto, sem dúvida nenhuma eu iria atrás dele. Vou até a geladeira e pego uma cerveja para me acalmar. Quando termino, coloco a garrafa na bancada e vou até o quarto. Sinto um cheiro vindo do banheiro e vejo Gabi com a porta aberta penteando seus cabelos. Como eu senti falta dessa visão! E agora, saber que ela é minha, enche o meu peito de um sentimento que eu nunca imaginei sentir. Pelo menos não tão cedo: amor.

O amor era me apaixonar ainda mais a cada dia, era conversar no café da manhã sobre amenidades, era colocar as necessidades dela acima das minhas, era vê-la acordar com os cabelos desgrehados pela manhã e achá-la a mulher mais lindo do mundo, era ver o sorriso no seu rosto por apenas me ver chegar em casa, era apenas sentir o prazer de cuidar dela. Eu percebi que o amor estava nas pequenas coisas, e que cada uma delas era importante. Descobri que viver sem ela deixava o meu peito vazio.

E agora, tê-la novamente no meu apartamento e na minha vida, faz com que eu me sinta pleno. Finalmente achei o meu lugar no mundo. Ele é onde ela estiver.

Volto minha atenção para ela, e sorrio feito bobo.

— Do que você está rindo? — pergunta saindo do banheiro, puxando a barra da camisa para baixo, como se isso ajudasse a tapar suas pernas.

— Estou feliz por você estar aqui — digo, sem conseguir esconder minha felicidade.

— Eu também — diz se aconchegando no meu peito. Passo as mãos pelos seus cabelos, sentindo seu cheiro doce. Penso em inúmeras coisas para tentar fazer minha ereção diminuir ao sentir seu corpo quente junto ao meu, mas é praticamente impossível. Beijo seu pescoço e a ouço dar um gemido

baixinho.

— Se você continuar gemendo assim e esfregando esse corpinho delicioso no meu, nós não vamos dormir.

— Eu não quero dormir — diz se aproximando de mim voltando a pressionar seu corpo no meu.

— Por mais tentadora que essa ideia seja, nós vamos dormir sim, vem — pego sua mão a levando para a cama. Não vou ceder, preciso que ela confie em mim por completo e não que aja pelo calor do momento, por mais que eu esteja pulsando por ela — Não faz esse biquinho — digo lhe roubando um selinho e um sorriso.

Deito na cama e ela se aconchega no meu peito. Faço carinho em seus cabelos.

— Sabia que antes de você ter ficado aqui aquelas semanas, já tínhamos dormido juntos? — pergunto a ela, que levanta a cabeça me olhando com os olhos azuis.

— Quando éramos crianças? Eu me lembro vagamente de termos apagado na casinha da árvore, minha mãe ficou louca da vida.

— Não, estou falando de agora, te conto se você prometer não me achar um pervertido.

— Mais? Impossível.

— Lembra da primeira vez que você dormiu aqui? — pergunto a ela que concorda com a cabeça — Você estava tão tranquila dormindo encolhida, em um sono pesado, fiquei te olhando por alguns minutos e deitei ao seu lado. Mas acabei adormecendo com você nos meus braços.

— Mentira! — diz chocada — Como você ousou?

— Bem, você estava sempre tão irritada comigo, era tão difícil vê-la tão serena que não resisti.

— Idiota! Eu sabia, quando eu acordei estava exalando seu cheiro por todos os meus poros. Você armou tudo para que eu dormisse aqui não foi?

— Sim — digo um pouco constrangido — Eu sei, agi como um idiota, como sempre, mas você não me dava uma chance sequer.

— Você não presta — diz sorrindo. Graças aos céus ela não ficou irritada com o meu plano.

— Não, não presto, mas eu te amo.

— Gui — ela me chama pelo meu apelido pela primeira vez, com seus olhos marejados.

— Shhhh, não precisa me responder de volta, não espero isso de você agora, Gabi, mas quero que saiba dos meus sentimentos por você. Isso é mais importante que tudo para mim — digo lhe abraçando mais forte, o que causou um pouco de dor na minha coluna, mas não me importo.

Continuo fazendo carinho em seus cabelos até que ouço sua respiração se normalizar e percebo que ela acabou dormindo. Beijo seus cabelos e fecho os meus olhos finalmente cedendo à exaustão que o dia me causou. Mas, dessa vez, eu durmo feliz, pois sei que amanhã acordarei ao lado da minha menina.

Capítulo 44

Gabriela

Acordo sentindo um cheiro delicioso de café fresco invadindo o ambiente. Abro os olhos e tomo um susto quando percebo que não estou na minha cama, mas logo me lembro da noite anterior, da confissão de Guilherme, de aceitar ser sua namorada e de dormir de conchinha. Mais uma vez me dou conta que estou sorrindo feito uma criança que acaba de ganhar seu doce preferido.

Apesar de saber que o que eu sinto por ele é amor, não consegui confessar meus sentimentos a ele. Guilherme já ultrapassou todos os meus muros, todas as minhas barreiras foram derrubadas, e tudo que me resta é guardar esse sentimento dentro de mim. Pelo menos por enquanto, ainda tenho medo. Não é como se as coisas fossem mudar da noite para o dia, Guilherme sabe tudo que aconteceu na minha vida e não foi embora. Isso me faz amá-lo ainda mais. Mas não quero pensar mais sobre isso, pelo menos não agora. Finalmente quero viver o agora, sem pensar no depois.

Guilherme entra no quarto com apenas uma bermuda que não está muito apertada, pois consigo ver claramente sua *boxer* branca e o v que desce até a sua ereção, que está bem evidente por sinal. Solto uma risada e ele segue meu olhar.

— Ah, é involuntário, desculpa — ele não parece nem um pouco constrangido.

— Sei.

Ele se aproxima da cama e passo as mãos nos cabelos para tentar domá-los.

— Ei, para com isso, está linda, parecendo um raio de sol — diz sarcasticamente e me seguro para não lhe dar um soco. Saio correndo para o banheiro e me olho no espelho. Raio de sol foi até um elogio se comparado ao estado atual do meu cabelo. Abro o armário e uso um creme para pentear que achei nele e também um enxaguante bucal. Volto para o quarto.

Olho para a cama e fico completamente sem reação ao ver Guilherme com uma bandeja de café da manhã recheada de bolos, pãezinhos, café, suco, iogurte e uma flor de lis. Sento na cama e ele coloca a bandeja sobre mim, e me dá um selinho.

— Obrigada — digo emocionada com o gesto.

— Não precisa agradecer — diz colocando um pão de queijo na boca.

Depois do meu café da manhã maravilhoso, o restante do dia foi um borrão. Tive todas as aulas de nove até as cinco da tarde, e não consegui me concentrar em nenhuma delas. Eu estava sorrindo feito boba e com o pensamento longe, mais precisamente em Guilherme.

Júlia e Milena entram no quarto, me tiram dos meus lindos sonhos com um certo moreno de olhos verdes.

— Acho que alguém viu o passarinho verde, ops, o passarinho de alguém — Mi diz sorrindo.

— Eca — Júlia diz sorrindo — Parem de falar do passarinho do meu irmão.

— Eu não vi o passarinho de ninguém — elas reviram os olhos, descrentes.

— Sei, então que sorrisinho besta é esse? — Mi me pergunta.

Sorrio o que as deixa ainda mais curiosas.

— Conta logo, Gabi — Ju me pede.

— Estou namorado — digo baixinho.

— O que? — Júlia pergunta.

— Eu estou namorando.

— Eu ouvi direito? — dessa vez é Milena quem pergunta.

— Sim, eu estou namorando um moreno irresistível, gostoso, de olhos verdes que faz as minhas pernas ficarem bambas todas as vezes que fala meu nome, satisfeitas?

Elas gargalham olhando para porta.

— E ele está atrás de mim não está?

— Oi namorada, gostosa e irresistível — ele se aproxima debochando de mim e logo em seguida me arrancando um beijo.

— O que você está fazendo aqui?

— Vim ver minha namorada, posso?

Reviro os olhos para ele.

— E também vim te convidar para irmos ao Pão de Açúcar amanhã.

— Sério? — pergunto a ele. Sempre quis ir lá, mas nunca tive oportunidade.

— Sim, vamos bem cedo. Aliás, todos nós vamos. Eu, você, Milena, Jú, Rafa e o Lucas — ele diz e eu murcho na mesma hora. Pensei que fosse um passeio só para nós dois.

— Tudo bem — digo tentando não demonstrar frustração. Ele se aproxima de mim e sussurra no meu ouvido.

— Não fique triste, se você se comportar direitinho, depois do passeio tenho uma surpresa para você.

— Não sou eu quem precisa se comportar, né? — sussurro em seu ouvido. Ele se aproxima de mim e me pressiona na parede e sinto sua ereção na minha barriga.

— Ei! Vão para um quarto! — Mi diz, fazendo que nós nos afastemos.

Sei que ela está brincando, minha amiga esta sorrindo tanto que depois provavelmente sentirá dor nas bochechas.

— Você está no meu quarto! — digo a ela sorrindo.

— Eu preciso mesmo ir, tenho que conversar o com meu chefe sobre o projeto — diz.

— Você vai voltar, Gui? — Júlia pergunta.

— Vou sim, ratinha, eu vou lá conversar com ele hoje — Fico feliz por ele, porque, pelo que Ju havia dito, Guilherme havia sido afastado. Fico feliz que ele esteja voltando.

Nos despedimos na porta com um beijo que me deixou bem envergonhada por sinal, pois Ju e Mi estavam apenas alguns metros distantes. Fecho a porta e volto para a minha cama sorridente.

— Meu Deus Ju, o que estou vendo no rosto da Gabi? Será um sorriso?
— Mi debocha de mim.

— HAHA, que engraçado Milena!

— Deixa ela Mi, quero saber tudo — Ju diz cruzando as pernas em cima da sua cama e apoiando o queixo nas mãos, com os olhos fixos em mim.

— Anda conta logo — Mi diz se jogando na cama ao meu lado.

E assim passamos todo o resto da tarde, conversando sobre meu recém-relacionamento com Guilherme. Contei a elas todos os meus medos e receios.



No dia seguinte

Acordo sobressaltada com alguém me sacudindo. Forço meus olhos a

se abrirem e vejo quem está importunando meu sono. Julia está com um sorriso radiante no rosto me sacudindo para que eu acorde.

— Vamos Gabi, meu irmão já está vindo — diz enquanto me espreguiço. Parece que meu corpo está cobrando o preço de todas as noites sem dormir.

— Que horas são? — pergunto a ela olhando para a janela e constato que o sol já está radiante no céu. Pelo visto dormi demais.

— São quase meio dia — diz enquanto penteia sua cabeleira.

— Céus! Não acredito que dormi tanto assim — digo indo em direção ao banheiro para fazer minha higiene matinal e tomar um banho.

Em menos de vinte minutos consigo ficar apresentável. Visto uma saia longa de cintura alta florida com uma fenda na coxa, e um *cropped* branco que deixa à mostra apenas uma parte da minha barriga. Completo o look com uma rasteirinha marrom.

— Uau! Assim você vai matar meu irmão do coração — Júlia diz para mim e sorrio. Essa é a ideia.

Ela está com um vestido longo azul bebê com flores num tom de azul mais escuro. Ele fica preso ao seu pescoço deixando seu colo à mostra. Quando ela se vira, vejo que suas costas estão nuas e uma fenda na lateral que a deixou sexy e linda.

— Uau, acho que o Lucas é quem vai morrer do coração — digo a ela que solta uma risadinha triste.

— Ei, o que foi? — pergunto a ela que logo me olha com aqueles olhos azuis marejados.

— Nada — ela mexe nervosamente no cabelo.

— Não minta para mim, Ju, sei que tem algo acontecendo.

Somos interrompidas quando a porta se abre e Mi entra, como ela

mesma diz, *divando*. Ela está com um vestidinho verde claro colado no corpo que tem o comprimento até a metade da sua coxa. Seus cabelos estão soltos, mas dessa vez com cachos nas pontas. Ela está apenas com um batom *nude* que fica lindo com o tom do seu cabelo ruivo, e, assim como eu, ela está com uma rasteirinha marrom.

— Uau, estamos arrasando — Mi não é nada modesta.

— Acho que o Rafa vai ter um treco — Ju diz sorrindo.

— Falando nisso, quero saber o que anda acontecendo com vocês.

— O que? — pergunta se fazendo de desentendida — Nós só damos uns beijinhos, ele não namora, esqueceram? E eu decidi que eu quero um amor de verdade, estou cansada desses relacionamentos de uma noite apenas — ela diz com um pouco de tristeza. Acho que minha amiga já estava se apegando a Rafael mesmo ele sendo canalha. Fico triste por ela, pois sei o quanto ela deseja ter um relacionamento como o dos seus pais.

— Ah Mi.

— Está tudo bem — diz balançando a mão como se não fosse nada.

Ouvimos alguém batendo na porta e Júlia vai atender. Vejo seu irmão, Lucas e Rafa, mas só tenho olhos para Guilherme. Perco o fôlego ao vê-lo. Ele está com uma bermuda cargo azul marinho, uma camisa pólo branca, que deixa seus olhos ainda mais claros, e um sapatênis também branco. Seus cabelos estão arrumados penteados para trás, o que é uma novidade. Ele se aproxima de mim e sinto seu cheiro amadeirado que adoro. Sabe aquelas sensações que tanto dizem? As borboletas no estômago? Exatamente isso que sinto cada vez que olho para Guilherme.

Ele se aproxima de mim e sussurra no meu ouvido:

— Você estava querendo me provocar com essa fenda? — diz passando os olhos pelo meu corpo — Porque se você queria, conseguiu me

deixar cheio de tesão. Estou pensando seriamente em desistir do passeio e te levar para o meu apartamento. Eu até tento ser cavalheiro, mas você dificulta — sinto todo o meu corpo se arrepiar com a sua voz rouca em meu ouvido com seu hálito quente.

— Tentador — digo para provocá-lo — Mas estou ansiosa pelo passeio! — Rafael entra no quarto vestindo uma bermuda preta desfiada uma camiseta que deixa a mostra todos os seus músculos e um boné branco. Ele olha Milena de cima a baixo e assobia em aprovação.

— Uau, ruivinha, como você está gostosa — diz do seu jeito sedutor para Milena, que está vermelha como um pimentão. Basta saber se é de raiva ou de vergonha.

— Rafael! — Lucas e Guilherme o advertem, e ele apenas sorri ainda olhando para Milena.

— O que foi? Só estou sendo sincero!

— Acontece que ela não é um pedaço de carne para ser tratada assim — Júlia briga com ele.

— Esquece, Ju — ela olha para Rafael de cara feia e depois para mim novamente — Vamos?

Saímos do apartamento e vamos em direção à garagem. O clima não está um dos melhores. Milena e Júlia estão na frente, de braços dados. Rafael e Lucas estão conversando e eu e Guilherme estamos de mãos dadas.

Nos aproximamos do carro de Lucas e vemos uma loira com um microvestido encostada no seu carro. Seus peitos estão saltando para fora do vestido, e seu rosto está carregado com uma maquiagem que não deveria ser usada nem à noite.

— Gato! Você demorou! — ela diz beijando Lucas e deixando uma marca de batom no seu pescoço. Ele sorri para ela e imediatamente olha pra

Júlia, que está sem reação, tentando ficar indiferente. Pela sua cara está sendo uma tarefa difícil.

— Não vai apresentar sua amiga Lucas? — Rafael pergunta sorrindo, olhando para os seus peitos como quem olha um pedaço de carne.

— Prazer, Laura — diz indo na direção do Rafael e também lhe beijando no pescoço. Lucas não parece se preocupar com a acompanhante dele beijando o pescoço de seus amigos. Quando ela vem na nossa direção eu entro na frente de Guilherme e digo a ela.

— Prazer, Gabriela — Olho para Guilherme que está com um sorriso no rosto de satisfação com meu gesto de ciúmes — Vamos?

Lucas vai no seu carro com a tal da Laura, eu, Milena, Júlia, Rafael e Gui vamos no carro do Rafa. Sento entre Guilherme e Júlia e seguro a mão da Júlia que está gelada. Ela parece estar bem nervosa e não sei como Guilherme não percebe sua irmã gosta do seu melhor amigo.

O trajeto dura apenas meia hora. Saímos do carro e andamos em direção a uma entrada com a fachada onde está escrito: Teleférico Pão de Açúcar.

— Aquela lá é a estação inicial — ele diz apontando para frente — É dali que o bondinho sai para subir — o bondinho parece uma caixa toda de vidro que deve acomodar no máximo quarenta e cinco pessoas.

— Eu não sabia que era tão alto — sussurro para Milena com pavor, quando observo um bondinho voltando do que parece uma montanha, se segurando apenas por um cabo de aço! Céus, minhas mãos começam a suar involuntariamente e sinto um frio subir pela minha barriga.

— Não vai amarelar agora, chuchu!

— Você sabe que eu tenho medo de altura, Mi.

— Está na hora de superar os medos, chuchu! Vamos! — diz puxando

minha mão para continuar andando.

Um passo de cada vez Gabi, digo a mim mesma, seguindo em direção ao teleférico.

— Gato, por que você não me disse que íamos nisso? — Laura pergunta com a sua voz irritante apontando com a sua unha gigante para o teleférico.

— Você tem medo? — pergunta passando o braço pelos ombros dela.

— Não se você estiver comigo — diz sorrindo como uma hiena! Que garota irritante! Júlia está roxa, verde, azul todas as cores possíveis. Guilherme olha para ela preocupado.

— Ratinha? Está tudo bem?

— Estou sim, Gui, só estou com fome — diz sorrindo, mas sei que é mentira. Júlia está morrendo de ciúme, está tendo um trabalho danando para não demonstrar, mas está sendo inútil. Só não consigo entender por que Lucas está fazendo isso com ela. Eles estavam tão unidos, eu realmente achei que algo estava acontecendo entre eles, mas parece que me enganei profundamente.

— Vamos comer algo lá em cima, tem um restaurante bem legal. E tem petisco de queijo — ele diz a Júlia que solta uma risadinha um pouco mais animada.

Entramos em uma fila bem pequena, Milena estava conversando com Júlia tentando distraí-la. O local estava pouco movimentado apesar de ser um dos maiores pontos turísticos da cidade. Dei graças a Deus por isso. Quanto menor a quantidade de pessoas, menor o risco do bondinho cair, certo? A não ser que o cabo de aço se solte ou arrebente. Preciso parar de pensar nisso!

Confesso que fiz praticamente toda travessia de olhos fechados. Estava morrendo de medo, foram apenas alguns minutos, mas para mim a travessia durou horas. Assim que começamos a subir, Guilherme segurou minha cintura

e pareceu ficar alheio a tudo. O que de certa forma foi bom, não precisei admitir que estava morrendo de medo para ele. O bondinho era todo de vidro, só de ver a altura que estávamos me dava náuseas.

Ao sairmos do bondinho, Guilherme segura minha mão me afastando dos seus amigos e das minhas amigas, me puxando em direção ao guarda corpo. Meu medo fica em segundo plano quando observo a linda vista.

— É lindo, não é? — pergunta ainda olhando o horizonte.

— Sim — digo completamente encantada. Consigo ver o mar azul, as grandes construções, o verde que cobre todo o Rio de Janeiro e também o Cristo Redentor.

— Eu não me canso de vir aqui. Conseguimos ver tanta coisa, olha — diz apontado para o mar — Essa é a Praia Vermelha, do outro lado é a Floresta da Tijuca. É tudo tão lindo que parece um conjunto, e também a Baía de Guanabara. Vamos comer primeiro, depois eu te dou uma aula de turismo, ele diz dando um tapinha na minha bunda.

Seguimos em direção ao *Beach Club* e Júlia, Milena e os outros meninos acompanhados da Laura estão na mesa perto do guarda corpo, dando lugar a uma linda vista. Simplesmente fantástico! Há mesas de madeira quadradas e redondas, as cadeiras trabalhadas também em madeira, mas num estilo artesanal, o piso é da cor de areia, o telhado também de madeira com vãos que deixam a luz do sol passar, deixando o ambiente ainda mais natural.

Um garçom se aproxima de nós e anota os nossos pedidos. Eu pedi uma batata rústica com azeite de alecrim, e Guilherme pediu o mesmo. Para beber, pedimos um suco de abacaxi com hortelã.

Júlia está comendo como era de se esperar o tal petisco com queijo coberto por orégano. Lucas e Rafa estão tomando uma cerveja artesanal e Laura está torcendo o nariz olhando o sanduíche natural que ela pediu.

— Vou ao banheiro, gato — anuncia para a mesa inteira e levanta rebolando indo em direção ao banheiro.

— Que mala! — Mi reclama.

— Achei que fossemos só nós seis — digo a Guilherme.

— Ninguém sabia que Lucas ia trazer ela — Guilherme diz olhando feio para Lucas. — Aliás, por que mesmo você a trouxe?

— Estamos nos conhecendo — Lucas diz dando de ombros.

— Duvido! Fala logo que porra está rolando Lucas — Rafael diz.

— Mas eu estou falando a verdade!

— Você ainda não conseguiu comer, ela e está fazendo a regra do primeiro e último encontro? — Rafa pergunta com um sorriso malicioso.

— Que regra é essa? — Milena pergunta curiosa.

— Quando não conseguimos ficar com a garota logo de cara, vamos a um encontro e jogamos com todas as nossas armas. Se ela aceitar bem vocês já sabem, mas se não, adeus! Um encontro já é o suficiente — Rafa diz sorrindo.

— Que regra idiota, vocês usam as garotas e depois as descartam? — Mi pergunta com raiva.

Laura interrompe a conversa quando volta a mesa e avisa que precisa ir embora.

— Nossa, que pena! — Milena diz fingindo estar triste. Solto uma risadinha sem conseguir me controlar.

Ela beija Lucas sem pudor na nossa frente e vejo Júlia correndo para o banheiro. Vou atrás dela e a vejo na pia colocando tudo que comeu para fora. Seguro seus cabelos e deixo que se sinta melhor para que eu possa conversar com ela.

— O que está acontecendo com você, Ju? — digo ajudando ela se sentar em uma poltrona perto do espelho.

— Não é nada, acho que o queijo só não me fez bem — ela diz colocando a mão na barriga e percebo que suas mãos estão trêmulas. Milena entra logo em seguida.

— Eu vou quebrar a cara do Lucas! — ela grita com raiva — Chuchu, não fique assim por causa dele.

— Eu não estou assim por causa dele, foi só a comida — diz se levantando e lavando o rosto.

— Sei — Milena diz para ela, descrente, colocando as mãos na cintura — Me engana que eu gosto!

— É verdade — Júlia se defende

— Tudo bem, vamos voltar para mesa. Daqui a pouco Guilherme vai arrombar essa porta se não sairmos — digo a elas. Ele já havia me enviado milhares de mensagem querendo saber de Júlia.

Como era de se esperar, Guilherme está na porta do banheiro com as mãos no bolso da bermuda parecendo bem nervoso.

— O que aconteceu? — pergunta assim que saímos do banheiro.

— Júlia não está se sentido bem — digo a ele.

— Quer ir ao hospital, ratinha? — pergunta com carinho. Vê-los assim unidos me deixa tão feliz!

— Não, Gui, eu já estou bem, foi só a comida — diz se livrando do abraço dele e indo até a nossa mesa.

Lucas está com o semblante preocupado e arrependido e Rafa está olhando para a tela do seu celular.

— Jujuba, você está bem? — ele pergunta pelo apelido carinhoso que só ele a chama.

— Sim — diz seca. Bem feito para você Lucas! Digo para mim mesma em pensamento.

Após o almoço, fomos até o museu Cocuruto. Lá conhecemos um pouco da história do bondinho, em diferentes anos. Guilherme disse que apesar de sempre vir aqui, poucas vezes vinha ao museu. Seu lugar preferido era perto do guarda corpo, ao lado de uma árvore grande. Ele me afastou dos seus amigos e me levou até lá, me encostou no guarda corpo e ficamos trocando beijos, como um casal normal. Cada dia ao lado de Guilherme é uma superação para mim, nunca imaginei que pudesse ser tão feliz assim.

Nós estamos observando nossos amigos de onde estamos. Rafael está conversando com Milena, que parece um pouco irritada com ele.

— Esses dois — Guilherme começa — Vão se matar a qualquer momento.

— Milena tem um gênio difícil, quando ela coloca algo na cabeça, não há quem tire, e agora cismou que quer um amor de verdade. Ela me contou que ela e Rafa trocaram alguns beijos, mas ele disse que não namora. Então, você já pode imaginar que ela quer ficar o mais longe possível dele. Mas o que você sabe sobre ele? — pergunto curiosa.

— Rafa é complicado, ele realmente nunca namorou — diz pensativo.

— Você sabe por quê? — pergunto.

— Acho que ele só não encontrou a garota certa ainda — diz.

— O que mais você sabe sobre ele? — pergunto curiosa. Júlia me disse algumas coisas a respeito dele, mas ela também não sabia muito.

— Rafael é muito reservado, mas é um bom amigo. Júlia já deve ter contado que ele quase não tinha amigos quando viramos vizinhos. Ele só ficava com a gente, mas mesmo assim mal conversava conosco. Às vezes some por dias e ninguém sabe onde ele está, mas sempre que o perguntamos, ele diz a mesma coisa: viajando a trabalho. Nunca o vi namorando, nem saindo com a mesma menina mais do que duas vezes. E sobre a família dele, só vi o seu pai

duas vezes nesse tempo todo em que ele morava com a avó paterna. O pai dele estava sempre viajando, e quando Rafa passou a morar com a avó, a mãe já havia morrido, mas ninguém sabe a causa. Rafa não conversa sobre isso também — diz e fico pensando no dia em que eu o encontrei no hospital. Será que ele estava lá a trabalho?

— O que foi?

— Nada, só estou pensando — digo a ele, aponto para Júlia que está com uma cara irritada enquanto Lucas conversa com ela — e Júlia e Lucas?

— O que tem? — pergunta. Sério que ele não percebe mesmo que tem algo acontecendo entre eles?

— Você não acha que eles são próximos demais não? — pergunto a ele que logo me olha confuso.

— Você não acha que tem algo acontecendo entre eles não?

Ele começa a rir da minha cara.

— Júlia e Lucas? Fala sério, Gabi, eles são só amigos. Lucas e ela sempre foram unidos, tipo unha e carne sabe? Lucas não é tão idiota de se envolver com a minha irmã, ele não faria isso comigo. Ele é quieto, mas é pior que nós todos, e você viu hoje o tipo de garota que ele costuma ficar — Ele acredita tão fielmente que Lucas nunca se interessaria por Júlia que fica cego com que o está bem debaixo do seu nariz — Eu arrebento a cara dele se ele encostar um dedo na minha irmã — ele diz sorrindo, mas sei que ele está falando a verdade. Não quero nem imaginar quando ele descobrir que Júlia gosta de Lucas.

— Se você está dizendo...

Ficamos mais algumas horas batendo papo, conversamos sobre lugares que ele me prometeu que me levaria para conhecer, como o Maracanã, a praia da Urca, o Cristo Redentor, a boate que Rafa toca às vezes, entre outros.

Chegamos em casa mortos de cansaço. Como Lucas não estava mais com a sua acompanhante, Júlia foi com ele, eu, Milena, Rafael e Guilherme chegamos na frente. Milena logo foi para casa, ela conseguiu comprar um apartamento lindo em Copacabana bem em frente à praia com parte da herança que sua mãe lhe deixou. Rafael também foi junto e agora estamos eu e Guilherme deitados na minha cama. Já havia se passado meia hora e nenhum sinal de Júlia ou de Lucas. Guilherme já estava uma pilha de preocupação.

— Por que você não liga para eles? Talvez eles tenham parado em algum lugar — digo a ele que logo pega o celular.

— Nenhum dos dois atende, será que ela passou mal de novo? — ele me pergunta preocupado, passando as mãos pelos cabelos desalinhados.

— Acho que não, Júlia estava bem melhor — digo tentando deixá-lo mais tranquilo.

Ele volta a se deitar na minha cama minúscula, que mal comporta nós dois, e fica por cima de mim. Envolver minhas pernas ao redor da sua cintura e o puxo para perto de mim tentando distraí-lo. Ele desce a boca até a minha e me dá um beijo de tirar o fôlego. Depois levanta a cabeça e me olha com seus olhos verdes intensos. Dessa vez não me preocupo mais com o que ele pode enxergar dentro de mim.

— Confia em mim? — pergunta. Balanço a cabeça concordando. Confio em Guilherme mais do que em mim mesma.

O seu hálito quente acaricia a minha boca fazendo todo o meu corpo formigar. Um gemido rouco escapa da sua garganta quando sua língua volta a entrar na minha boca. Todo o meu corpo vibra quando ele pressiona ainda mais a sua ereção em mim.

— Você me provocou o dia inteiro com essa fenda — ele me diz com a voz rouca — Você é uma menina muito má, Gabriela! O que eu vou fazer com você, hein? — ele me pergunta enquanto sua mão passa por de baixo da minha

blusa e aperta o meu mamilo. Gemo em resposta ao seu toque.

Todo o meu corpo está queimando de excitação. Ele roça o polegar no meu quadril e ameaça tirar minha calcinha por baixo da saia.

— A porta — Júlia pode chegar a qualquer momento, ele se levanta e tranca a porta com um trinco que temos. Mesmo que tenhamos a chave ainda sim iríamos precisar puxar o trinco para abrir a porta.

Continuo deitada na cama com as roupas amassadas e a blusa torta.

— Tão gostosa — diz passando a língua em seus lábios. Sua boca faz caminho do meu pé até chegar à minha barriga. Arqueio meu corpo de encontro ao dele e ouço ele gemer baixinho quando pressiono minha virilha na dele.

— Porra! Você me deixa louco — diz com a voz carregada de desejo — Deixa eu te provar — ele me pede.

Guilherme consegue me fazer incendiar de uma hora para a outra. Concordo com a cabeça. Ele começa a tirar a minha saia com uma rapidez assustadora. Ele olha para mim com os olhos carregados de desejo. Dessa vez, estou com uma calcinha toda de renda preta com lacinhos ao lado da cintura.

— Caralho! Sua provocadora!

Solto uma risadinha e logo vejo minha calcinha fazer companhia à minha saia no chão, ao lado do pé da cama. Fecho as pernas de vergonha e tremo de ansiedade. Apesar de tudo que aconteceu comigo no passado, eu nunca senti prazer, e Guilherme parecia disposto a me deixar bêbada dessa sensação.

Seu nariz passeia pelo meu clitóris e solto um gemido.

— Tão cheirosa, porra! Posso te provar Gabriela? — pergunta mais uma vez, e eu apenas assinto.

Seus lábios distribuem beijos pela minha coxa interna, me deixando

ardendo de ansiedade e de desejo. Gemo.

— Guilherme — eu o chamo.

— Sim? — ele me pergunta levantando os olhos até os meus.

— Por favor — peço a ele para que termine com essa tortura logo.

— Peça — diz.

— Por favor — imploro a ele.

— Quero que você me peça para fazer você gozar.

— Me faz gozar Gui — peço a ele e gemo de alívio e de desejo quando sinto sua língua quente me invadir. Arqueio ainda mais o corpo e jogo a cabeça para trás enquanto sinto sua língua circular o meu clitóris. Ele começa a dar pequenas lambidas, pressionando meu clitóris, e introduz um dedo dentro de mim enquanto chupa me chupa, e me sinto à beira de um precipício

— Gui...

— Goza para mim, minha menina — ele me pede e como se meu copo obedecesse ao seu comando, as minhas paredes se fecham ao redor da sua língua e gozo violentamente gemendo seu nome.

Olho para ele com os olhos carregados de desejo, crio coragem e, com as minhas mãos trêmulas, aperto o seu membro sobre a sua bermuda. Ele me olha com os olhos cheios de desejo, mas segura minhas mãos.

— Você não precisa fazer isso, fico feliz em apenas te dar prazer.

— Mas eu quero — digo determinada.

— Tem certeza? — pergunta com cautela e eu concordo com a cabeça. Guilherme consegue me levar ao ápice do prazer. Ele conseguiu transformar algo que dava medo em algo bom. Não estou pronta para próximo passo, mas sei que posso ao menos dar um pouco de prazer a ele como ele me deu. Olho para o seu v que segue até o botão da sua bermuda e sinto o desejo correndo

meu corpo novamente.

Concordo com a cabeça e faço ele se sentar com a cabeça apoiada na cabeceira da cama. Com as mãos trêmulas, abro seu zíper e vejo sua cueca branca tentando inutilmente controlar o volume da sua ereção. Olho para seus olhos, que estão atentos a qualquer movimento meu. Seu olhar está carregado de desejo, e quando pressiono seu pau por cima da cueca ele geme fechando os olhos. Tomo coragem e tiro sua cueca do meu caminho, olho para o seu pau agora livre, pulsando para fora da cueca. Ele está tão duro, e tão grande que chega a ser assustador. O seguro com uma das minhas mãos e fico parada sem saber o que fazer. Sinto sua mão segurando a minha e ele me mostra.

— Assim — ele me mostra subindo e descendo a minha mão, num ritmo constante. Ele solta a minha mão e ouço seus gemidos baixinho.

— Porra — ele geme e eu aumento o ritmo — Não vou durar muito Gabriela — sua voz está por um fio.

Subo por cima dele e fico com os olhos fixos nos dele enquanto o masturbo. Ver seu desejo crescendo me dá ainda mais tesão. Beijo seus lábios e ele segura minha cabeça, olhando nos meus olhos e assim ele goza, gritando meu nome.



Abro meus olhos e tento me levantar, mas sou impedida porque há braços e pernas me envolvendo, me impedido de sair do lugar. Guilherme me abraça forte enquanto dorme. Tento sair sem acordar, mas é inútil. O aperto diminui e viro para olhá-lo. Ele é tão lindo! Faço contorno do seu abdômen até o v e ele segura minhas mãos me impedindo de continuar.

— Dia — murmura me abraçando.

— Bom dia, não acredito que conseguimos dormir nessa cama minúscula — digo a ele.

Como num estalo ele levanta da cama e fica sentado, olha para o celular e vê a hora.

— Nem um sinal da Júlia até agora — diz preocupado, se levantando da cama — vou à polícia, o telefone dela só dá desligado.

— Tenta ligar para o Lucas de novo — digo a ele que logo faz o que eu sugeri.

Ouvimos um som na porta e Guilherme corre até ela ouvindo o som de um celular tocando. Quando ele abre a porta só tenho tempo de gritar quando Guilherme acerta um soco na cara de Lucas que estava beijando Júlia na porta.

— Que porra é essa? — ele grita enfurecido.

Capítulo 45

Guilherme

Eu definitivamente não estava nem um pouco preparado para o que os meus olhos estão vendo nesse momento. Júlia está com o mesmo vestido de ontem, mas completamente amassado. Seu peito está quase à mostra com a alça caindo em seu ombro. Suas sandálias estão em suas mãos e Lucas está com a camisa com alguns botões abertos e alguns chupões no pescoço. Eles estão meio cambaleantes o que prova que beberam mais do que o normal, mas por que raios eles estavam se agarrando? Lucas sempre viu Júlia como uma irmã, ou não? A raiva cresce dentro de mim de maneira descontrolada. Se Gabi não tivesse entrado na frente, eu teria quebrado a cara dele.

— Alguém pode me explicar que porra está acontecendo aqui? — pergunto a eles mais uma vez — Até poucas horas atrás você estava se agarrando com uma de suas peguetes, seu filho da puta. Minha irmã não é como elas!

Tento avançar sobre ele, mas Gabi me impede. Me viro para Júlia que está agora com um semblante triste e com a cara de quem está prestes a vomitar.

— Você é um filho da puta irresponsável — digo, e dessa vez seu sorriso morre quando se dá conta de que fez minha irmã reviver um pouco do passado. Pego minha irmã no colo, pois ela não está conseguindo nem dar um passo sem cair, e a levo para o banheiro. A coloco de roupa e tudo debaixo do chuveiro e Gabi ajuda Lucas a se sentar na cama de Júlia.

Eu e Gabi trocamos de lugar e agora ela está ajudando Júlia a colocar a roupa e eu estou olhando furiosamente para Lucas, que acabou adormecendo

na cama. Quando ele acordar, teremos uma conversa séria. O que ele fez foi muito irresponsável, ainda mais sabendo de tudo que aconteceu com a minha irmã. Eu quero arrebentar a cara dele.

— Eu fui tão cego assim? — pergunto a Gabi após termos colocado Júlia na cama com as roupas limpas. Agora ela dorme tranquilamente.

— Desculpa te dizer, mas eu te alertei — Gabriela me diz.

— Eles sempre foram assim — desde o dia em que Júlia conheceu ele, grudou igual chiclete — Era impossível desconfiar.

— Eu me apaixonei por você quando nem sabia o que era esse sentimento — ela me diz fazendo meu coração bater forte em meu peito — Eu acho que Júlia sempre gostou dele.

— Você acabou de admitir que está apaixonada por mim, Srta. Gabriela? — pergunto a ela, que me lança um sorrisinho envergonhado.

— Completamente — diz, me beijando, me deixando sem reação. Isso é o mais perto de admitir que realmente estava apaixonada por mim.

Olho para as duas camas ainda juntas. Lucas ainda dormindo, se vira para o lado de Júlia e fica bem junto dela. Minhas narinas se inflam de raiva e avanço em direção à cama. Gabi me detém, segurando meu braço, e paro na mesma hora. Ela me leva para a cozinha para que eu não faça nenhuma besteira.

— Eu não vou aceitar isso! — digo irritado apontando para a cama.

— Isso quem tem que decidir é ela e não você

— De que lado você está? — pergunto irritado.

— Só quero a felicidade dela, Guilherme. Júlia se tornou uma irmã para mim, se ela é feliz com ele, quem somos nós para questionar? — ela me diz e eu sei que ela quer o bem da minha irmã, mas Lucas troca de mulher como quem troca de cueca. Não vou deixar ele fazer o que ele quiser com a

minha irmã.

— Minha irmã passou por um monte de merda, Gabi. Você não entende, ela não precisa disso agora — lhe digo passando as mãos pelos meus cabelos — Lucas deveria protegê-la e não tentar entrar na calcinha dela! Ela... — gaguejo com dificuldade de falar — Passou pelo inferno nas mãos do seu ex-namorado, não vou deixar minha irmã sofrer de novo.

— Gui — ela me chama pelo meu apelido me desarmando — você precisa deixar sua irmã viver. Lucas não é um completo estranho, ele é o seu melhor amigo. Apenas converse com eles quando eles acordarem tudo bem? — pede e eu cedo.

— Vamos dar uma volta então, coloca um biquíni e uma bermuda — preciso distrair a minha mente, ficar aqui olhando os dois dormindo juntos é demais para mim.

— Onde nós vamos? — pergunta.

— Vamos a Copacabana, preciso me distrair — digo a ela que logo corre para o banheiro para se trocar. Como hoje é domingo, não precisamos nos preocupar em perder aula.

No caminho, passamos pelo meu apartamento para pegar uma roupa para mim, e a minha moto. Sentir o vento no meu rosto me acalmou um pouco. Gabi segura forte a minha cintura e fica me provocando com as suas pequenas mãos passeando pela minha barriga.

— Gabi, não provoca! — digo a ela quando paramos em um sinal. Ela solta uma risadinha e continua me provocando, passando a mão pela minha barriga e pelo meu peito — Safada! Me deixa ficar com as mãos livres, você vai ver o que dá ficando me provocando! — digo já sentindo a ereção crescer.

— Ameaças, Guilherme, apenas ameaças — ela zomba de mim. Sorrio malicioso mesmo sabendo que ela não pode me ver. Se soubesse cada coisa

que eu gostaria de fazer com ela, fugiria me achando um perverso. Mas o que eu posso fazer? Gabriela é a fantasia de qualquer homem.

A pista não estava congestionada e conseguimos chegar à praia em poucos minutos. Gabi estende uma toalha na areia e se senta com as pernas cruzadas de frente para mim comendo uma maçã que pegamos no meu apartamento.

Seus olhos ficam ainda mais azuis em contraste com o mar, ainda não acredito que a reencontrei e que ela está aqui comigo, como minha namorada. Apesar de todas as dúvidas do passado, isso já é mais do que o suficiente para mim.

— Vamos nadar — eu a convido já em pé, estendendo uma mão para ela que logo aceita.

O clima está bem quente no Rio e, apesar de não serem nem dez horas da manhã, o sol estava escaldante. Entro na água que está com uma temperatura maravilhosa. Fecho os olhos deixando a água envolver meu corpo. Gabi segura minhas mãos sorrindo.

— Está mais calmo? — pergunta quando abro meus olhos.

— Um pouco — dirigir, nadar e saltar sempre me ajudam a acalmar os ânimos — Mas ainda quero quebrar a cara daquele cretino!

Ela sorri me abraçando. Beijo o topo da sua cabeça e seguro sua cintura, fazendo com que ela enrosque suas pernas ao meu redor. Assim que ela faz, um sorriso nasce em seus lábios quando percebe que estou duro.

— Está sentindo — digo esfregando minha ereção nela — o que você faz comigo sua provocadora.

Ela solta risinhos e me beija.

Logo voltamos para o alojamento. Estava preocupado e queria conversar com Júlia. Coloco as mãos no bolso e sinto a caixinha nas minhas

mãos, eu queria ter dado para Gabi ontem no Pão de Açúcar e agora fico andando com ela para cima e para baixo esperando o momento certo, porque aprendi que com Gabriela tenho que dar um passo de cada vez.

Na volta, vamos direto para o alojamento, e eu me deparo com uma cena que não esperava ver nem tão cedo.



Gabriela

Passar o dia com Guilherme é uma das coisas que eu nunca vou enjoar. Apesar do seu nervosismo, tivemos um ótimo dia e eu me sinto nas nuvens. Apesar de todas as minhas dúvidas eu sei que nunca me senti tão feliz assim.

É incrível como a vida é marcada por momentos, sejam eles bons ou ruins. Como a primeira vez em que fui agredida pelo meu pai, ou quando ouvi a primeira vez que Guilherme me consolou. Eu não estou forte, estou longe de ser, mas já não deixo que o meu passado me impeça de viver esses momentos ao lado de Guilherme. O seguro firme enquanto estamos voltando da praia, não o provooco não dessa vez, sei que deve estar por um fio. Ele não me pressiona para avançar e o amo ainda mais por isso.

Chegamos rapidamente ao alojamento, entramos no quarto e me deparo com Júlia furiosa gritando com Lucas que apenas a olha com os olhos cheios de arrependimento. Em questão de segundos, Guilherme avança sobre Lucas, e eu seguro Júlia que tenta chegar até eles.

— O que você fez com a minha irmã seu filho da puta? — ele grita segurando Lucas pelo colarinho da sua camisa. Lucas apenas abaixa a cabeça e não responde — Responde — Guilherme grita com ele.

— Eu... — ele gagueja — Eu a amo, tá legal? Eu a amo desde que pus

os meus olhos nela! Fui um idiota, tentei não amá-la, mas eu não consegui. Não quando ela fazia com que eu me sentisse especial — ele olha pra Júlia que o olha com o mesmo desespero — Me desculpa.

Júlia treme em meus braços e tento acalmá-la. Achei que ela fosse ficar feliz com essa confissão, mas, diferente do que eu pensei, ela diz com toda raiva e ressentimento do mundo:

— Vai embora, eu não amo você — ela diz pausadamente — Não quero te ver nunca mais — Meu Deus, o que fizeram com a minha amiga? Aquela menina doce deu lugar a uma Júlia irascível.

— Jujuba — ele a chama suplicando com os olhos, e sinto pena dele instantaneamente — por favor!

— Vai embora — ela continua a tremer nos meus braços, mas se mantém firme em sua decisão.

— Vai, Lucas, depois a gente conversa — Guilherme diz a ele um pouco mais calmo.

Lucas olha mais uma vez para Júlia com os olhos molhados e tristes e vai embora. Logo em seguida ouço um soluço vindo da garganta de Júlia e eu a abraço, consolando-a. Eu sei que ela o ama, só não entendo por que o mandou embora, logo quando ele disse que a amava.

Guilherme passa a mão na cabeça inúmeras vezes, como se isso resolvesse todos os problemas. O simples fato de ver sua irmã nesse estado o deixa devastado. Acho que nem se eles fossem gêmeos a ligação deles seria tão forte.

Depois de intermináveis minutos, Júlia se acalma e me agradece por ter ficado com ela. Guilherme se senta ao seu lado e segura suas mãos.

— Ratinha, o que aconteceu? — ele pergunta acariciando suas mãos trêmulas.

— Eu, tive uma recaída, eu bebi, apenas bebi, Gui — ele solta um suspiro — Lucas tentou me ajudar, me trazer para casa, mas fiz ele ficar comigo e beber, o resto você já sabe.

— Por que você o mandou embora?

— Eu disse a verdade Gui, eu não o amo, e não acho que ele esteja sendo sincero, algumas horas atrás ele estava com outra — ela diz e sinto um tremor na sua voz, ela está mentindo, só não entendo o porquê.

— Ratinha, sou seu irmão, quero que seja sincera.

— Não quero mais falar sobre isso, Gui, por favor. Minha cabeça está latejando.

Guilherme, muito relutante, resolve deixar para lá, mas sei que ele não vai deixar esse episódio passar em branco. Ele decide ir para casa porque está no final do seu projeto, e me deixa a sós com Júlia.

Ela está em posição fetal na sua cama de olhos fechados, enquanto passo as mãos pelos seus cabelos.

— Ju, estou aqui se quiser conversar.

— Obrigada, Gabi — ela me agradece e a deixa em paz. Mais do que ninguém, eu sei o que é querer ficar sozinha apenas com meu silêncio. Fico fazendo carinho na sua cabeça até que ouço sua respiração se normalizar. Meu celular apita e vejo uma mensagem de Guilherme e outra de Lucas, mas as duas diziam a mesma coisa.

Guilherme/Lucas

Como ela está?

Gabriela

Bem. Dormindo.

Respondo aos dois

Eu e Guilherme passamos algumas horas conversando por mensagem após ele ter finalizado o projeto. A hora passou rapidamente, quando vimos, estava na hora de dormir, mas ainda continuávamos conversando pelo celular. Parecíamos dois adolescentes que acabaram de se conhecer. Meus olhos estão quase fechados de sono quando recebo mais uma mensagem de Guilherme.

Guilherme

Queria você aqui para dormir comigo na minha cama.

Gabriela

Só para dormir?

Guilherme

Sua pervertida! É óbvio que não, para fazer outras coisas também!

Gabriela

E a pervertida sou eu?

Guilherme

Parece que eu estou te corrompendo.

Gabriela

Estou adorando ser corrompida.

Guilherme

Que roupa você está vestindo?

Gabriela

Eu não vou fazer isso!

Guilherme

Isso que?

Gabriela

Sexo no telefone.

Guilherme

Poxa.

Gabriela

Sua irmã está dormindo ao meu lado!

Guilherme

Tudo bem!

Conversamos mais alguns minutos e caio em um sono profundo após nos despedirmos.

Capítulo 46

Um mês depois...

Gabriela

Já estávamos no fim das férias, não pude aproveitar quase nada. Minha perna foi o maior empecilho, passei grande parte do tempo no apartamento de Guilherme ou fazendo programas no shopping com Milena e Júlia.

Júlia sumia constantemente e Guilherme já estava ficando louco da vida. Ela diz que vai para a casa da mãe, mas Gui acha que é mentira já que ela está tão chateada com a mãe quanto ele, e ele não quer ligar para a mãe para confirmar por tudo que aconteceu. O que o tranquiliza é que ela está sempre trocando mensagens com ele. Tento dizer a ele que a Júlia é maior de idade e tem a própria vida dela, mas Gui ainda acha que a sua irmã é um bebê.

Eu e Guilherme estamos indo ao hospital para tirar a bota ortopédica do meu pé, dar início à fisioterapia e fazer alguns exames necessários. Um mês se passou e as coisas continuavam na mesma. Júlia evitava Lucas a qualquer custo e, aos poucos, Guilherme voltava a falar normalmente com ele. As coisas ficaram um pouco estranhas depois de tudo que aconteceu, mas Guilherme foi aceitando a ideia de que Lucas gostava de sua irmã, o que já não importava mais, porque Júlia não queria vê-lo nem pintado de ouro. Mas desde o dia em que fomos ao Pão de Açúcar, eu não havia visto Lucas com mais ninguém, o que só comprovava que ele estava dizendo a verdade quando disse que amava Júlia. Mas nem assim ela arredava o pé da sua decisão.

Milena conheceu um carinha que era da sua classe e está saindo com ele, mas não é nada sério. Ela tenta se manter imune ao charme do Rafael, o que é uma tarefa quase impossível, já que os dois acabavam se esbarrando

sempre. Minha amiga ainda busca o seu verdadeiro amor. Apesar de não amar Rodrigo, ela acha que ele pode ser o cara certo e queria conhecê-lo mais. Eu e Guilherme estávamos mais do que bem, não desgrudávamos um do outro. Eu estava passando mais tempo no apartamento dele do que no alojamento, ele agora cismou que vai me levar para voar com ele, e eu tremo só de pensar nessa ideia.

Guilherme finalmente decidiu comprar um carro, e agora estávamos no seu *Jeep* a caminho do hospital, ao som de Renato Vianna.

— Você não vai tirar esse sorrisinho do rosto? — pergunto a ele que não para de sorrir desde que tirou o carro da garagem. Ele está como uma criança que acaba de ganhar um presente que queria muito, desde que fomos buscar o carro na concessionária.

— Esse bebezinho aqui é uma delícia de dirigir. Acho que a minha r6 vai ficar com ciúmes — diz passando a mão pelo painel.

— Você chama seus automóveis de bebês?

— E você não? — pergunta como se fosse óbvio.

— Eu nem comprei o meu carro ainda! Você me deixou muito mal-acostumada me levando para todos os lugares — nunca fui muito fã de dirigir, e além de não poder dirigir por causa da minha perna.

— Esse bebê aqui você pode dirigir, eu te empresto. Mas a minha r6 não.

— Devo ficar com ciúmes? — pergunto.

— No meu coração há espaço para as duas — diz piscando o olho e eu sorrio. É impossível ficar séria ao lado de Guilherme.

Passamos no *Starbucks* a caminho do hospital e aproveito para ir ao banheiro enquanto Guilherme pede nossas bebidas. Ouço uma voz e meu corpo trava no lugar instantaneamente.

— Olha quem está aqui! A mosca morta! Me diga, Fofinho já se cansou de você? — olho para Natália tentando não deixar transparecer a raiva em meu olhar, mas é quase impossível. Ela despertou um lado meu que nunca imaginei sentir, um ciúme incontrolável toma conta do meu corpo e preciso de toda força do mundo pra não avançar nela. Dou o meu melhor sorriso e digo.

— Você não se cansa de fazer esse papel de deixada para trás? — pergunto a ela que me olha furiosa.

— E quem te disse que eu fui deixada? Eu que não quis nada com Guilherme! — ela está vermelha de raiva.

— Não foi isso que eu soube — digo a ela mostrando meu melhor sorriso, tentando não deixar transparecer a raiva por trás da minha voz.

— Quero ver você ter esse sorrisinho idiota no rosto quando ele te deixar. Você acha mesmo que vai satisfazê-lo para sempre? — pergunta tocando no meu ponto fraco — Ele pode ter quem quiser, acha mesmo que ele vai querer ficar com alguém que parece uma mosca morta? Se olhe no espelho! Olhe sua cara de coitada. Guilherme só está com você por pena!

— Mas essa pena tem durado mais de três meses, hein? Quanto tempo você ficou com ele? Um dia ou dois? — sorrio quando vejo seu rosto enfurecido — Guilherme me ama e não se cansa de dizer isso todos os dias, apenas aceite isso... fofinha!

— Sua sonsa! — ela avança sobre mim, puxando meus cabelos. Achei que ela fosse mais inteligente que isso. Dou um soco na sua barriga para que ela se afaste de mim e ela se curva sentindo dor. Seus olhos estão me olhando como se pudesse me fuzilar. Pisco para ela antes de sair do banheiro e vejo Guilherme me esperando na porta com nossas bebidas. Ele me olha intrigado.

— O que houve com o seu cabelo? — pergunta colocando uma mecha do meu cabelo bagunçado atrás da minha orelha.

— A sua fofinha estava aí dentro — digo com raiva apontando para a porta.

— E você brigou com ela?

— Ela veio para cima de mim, eu só me defendi — digo levantando os ombros, e ele sorri.

Natália sai do banheiro meio curvada, com a mão na barriga e olha para mim com ódio. Ela sorri para Guilherme mas parece mais uma careta de dor do que um sorriso. Guilherme solta uma gargalhada, mas não sorri de volta. Apesar de ter me feito de forte, sinto mil duvidas dentro de mim.

— Essa é minha garota — diz passando os braços por cima do meu ombro, me levando para fora do *Starbucks*.

Chegamos ao hospital e o médico passou algumas orientações após ter feito os exames e constatar que tudo estava certo. Terei que fazer uma série de fisioterapias por alguns meses, mas tirar a bota depois de meses foi libertador! Eu ainda estava mancando um pouco, mas o médico disse que era normal. Guilherme me acompanhou durante todos os exames, mas não troquei muitas palavras com ele. Os meus pensamentos estavam um turbilhão e eu não conseguia conter essa insegurança dentro de mim.

Entramos no seu apartamento e vou direto para o banheiro, para finalmente tomar um banho sem me preocupar em molhar a bota. Demoro mais do que o normal, deixando que a água lave o meu corpo.

Me enrolo na toalha e Guilherme me olha de cima a baixo quando saio do banheiro.

— Vem aqui — ele me puxa pelo braço fazendo com que eu sente em seu colo — O que houve? — ele me pergunta.

— Nada — digo a ele sem querer conversar.

— Não minta para mim — ele me olha com os olhos semicerrados —

Me conta o que está acontecendo.

Não digo nada apenas deixo a toalha cair relevando meu corpo nu e os olhos de Guilherme se enchem de desejo. Não sinto vergonha, quero ser como outras meninas, quero lhe dar tudo sem medo.

— Caralho, Gabi! Quer me matar? — ele me pergunta já duro debaixo de mim, suas mãos percorrem o meu corpo, como se quisesse gravar cada pedaço de mim na memória.

Abro seu zíper e seguro seu pau nas minhas mãos trêmulas, o movimentando para cima e para baixo. Ele solta um grunhido e me ajoelho na sua frente. Ele me olha com os olhos arregalados e segura meu rosto.

— Tem certeza? — pergunta olhando nos meus olhos. Balanço a cabeça concordando e ele solta meu rosto. Abaixo a cabeça e beijo a cabeça do seu pau. Nem sei como satisfazê-lo, ele deve estar me achando uma idiota. Abro a boca e passo a língua na sua cabeça.

— A cada segundo você me mata um pouco mais Gabriela — diz e sorrio. Ou ele finge muito bem, ou realmente estava gostando.

Começo a chupá-lo devagar e aumento o ritmo conforme seus gemidos aumentam.

— Caralho, Gabriela — ele segura minha cabeça — Para — pede, mas não obedeço, continuo sugando o mais fundo que posso. Ele segura meus cabelos enquanto chupo — Para, senão eu vou gozar na sua boca — ele praticamente grita comigo e não o solto, sinto o prazer inundando meu corpo cada vez que o ouço gemer. Chupo fundo e quase me engasgo quando sinto seu gozo na minha garganta. Engulo tudo e olho para ele, que me olha com uma cara espantada.

— O que foi isso tudo? — pergunta me fazendo sentar no seu colo novamente. Vejo o brilho na sua testa e sorrio comigo mesma. Sua respiração

está ofegante e seus olhos me olham como se eu fosse a última gota de água no deserto.

— Só queria provar a mim mesma que posso te satisfazer — digo a ele com a voz baixa.

— E o que te fez pensar que você não poderia me satisfazer? — ele me pergunta mas logo mata a charada — O que Natália falou o que para você?

— Que logo você se cansaria de ficar com uma mosca morta como eu. E que eu não poderia te satisfazer por muito tempo, que você ia enjoar de mim. Olhe para mim, não consigo nem deixar me tomar por completo, Guilherme. Eu tenho um passado fodido, todas as outras garotas dariam tudo para transar com você! — digo com raiva de mim mesma.

— Olhe para mim Gabi — pede e eu cedo. Ele coloca uma mecha do meu cabelo atrás da orelha e segura meu queixo me fazendo olhar para ele — Eu amo cada pedaço de você — diz sem tirar os olhos dos meus — Até mesmo os seus medos e suas inseguranças. Não tenho pressa, tenho a vida toda ao seu lado. Nunca pense que você não pode me satisfazer, porque você consegue me deixar duro até descabelada. Eu amo tudo em você, cada pedaço da sua vida porque é isso que molda quem você é. Sempre haverá a primeira e a última garota, geralmente a que importa é a última, mas no meu caso você está no início e no fim e isso é tudo que importa para mim. Depois de você, não haverá ninguém, pois se algum dia você me deixar, irá levar o meu coração e não restará nada para ninguém.

Suas palavras me emocionam e me deixam sem fala. Eu choro, mas dessa vez de alegria. Nunca imaginei que pudesse ser tão amada assim. Guilherme beija cada uma das minhas lágrimas e, quando paro de chorar, ele se levanta e vai até a cabeceira da sua cama e pega uma caixinha.

— Naquele dia do Pão de Açúcar, eu queria te dar algo, mas não achei que fosse o momento certo — ele tira uma caixinha do bolso. Recuo para trás,

completamente assustada.

— Não vou te pedir em casamento — diz sorrindo, segurando a caixinha nas mãos e eu solto um suspiro de alívio. Estamos juntos há pouco mais de dois meses, não sei se ainda estou preparada para esse passo — Ainda — ele diz sorrindo e abrindo a caixinha que revela uma chave com a minha inicial, ou seria a dele?

— Quero que fique com a chave do meu apartamento. Não estou pedindo para você morar comigo, pois sei que você não aceitaria, mas quero que fique com a chave e venha sempre que quiser — diz e uma lágrima solitária rola pelo meu rosto de felicidade. Com as mãos trêmulas, pego a caixinha e a seguro.

— Obrigada — digo o beijando.



Naquele dia dormimos, abraçados, assim como nos dias seguintes, e aos poucos o seu closet estava abarrotado de roupas minhas.

Meu relacionamento com Guilherme é como uma pedra sendo lapidada, estávamos avançando conforme os meus medos permitiam. A cada dia eu me sentia mais forte, mas ainda não chegamos nos finais. Guilherme diz que não tem pressa, mas eu quero mais do que tudo ser dele por inteiro. Ele entra na sala com o telefone no ouvido e o ouço marcando algo para o fim de semana. Ele sorri para mim e me dá um beijo.

— Que sorriso é esse de quem fez merda e vai me contar agora? — aprendi a decifrar Guilherme com apenas um olhar.

— Marqueionossosaltoparasábadodetarde — ele diz entre os dentes ainda sorrindo.

— O que? Fala direito, Guilherme!

— Eu marquei o nosso salto para sábado à tarde — ele me diz e fica avaliando a minha reação. É obvio que eu estou irritada!

— Você não fez isso!

— Fiz!

— Guilherme, eu disse eu não ia!

— O que Milena disse para você uma vez? — Guilherme sabia sobre essa parte da minha vida, eu lhe contei tudo, desde as sessões em que conversamos sobre ele, sobre as sessões em que conversávamos sobre minha mãe, e lhe contei a forma como ela vinha me ajudando a manter os meus fantasmas longe.

— Um passo de cada vez — repito a frase que se tornou um mantra — Você não é uma vítima, é uma sobrevivente. Mas eu tenho pavor de altura, Guilherme.

— Vamos vencer cada um dos seus medos, juntos — ele diz segurando a minha mão e eu cedo. Como resistir a alguém que só me quer bem?

— Está bem — digo concordando com ele que logo me dá um beijo que nos deixa em combustão.

— Acho que mereço aquela coisa maravilhosa que você faz com essa boquinha, o que acha? — diz roçando o polegar no meu lábio e me lança seu sorrisinho safado que deixa à mostra suas covinhas. Ele começa a me beijar, me deixando ainda mais excitada.

E a cada noite juntos dávamos mais um passo. Não sou uma vítima, sou uma sobrevivente!

Capítulo 47

Gabriela

Guilherme me acorda com beijos molhados pela manhã, acariciando todo o meu corpo. Solto uma gargalhada quando ele começa a fazer cosquinhas em mim e me sento na cama.

— Vamos! — ele praticamente me puxa da cama quando me sento nela ainda meio sonolenta.

Tomo um banho gelado e me visto, entro na cozinha secando meus cabelos com a toalha e vejo Guilherme me esperando sentado à mesa, mexendo no telefone.

— O tempo está ao nosso favor, olha — diz mostrando o celular e vejo que o dia será ensolarado e sem nuvens — Você vai amar quando estiver lá em cima! Você vai ver como é maravilhoso! — ele me diz com o ar sonhador que só adquire quando fala do seu esporte favorito. Voar para Gui é uma das coisas que ele mais ama fazer na vida.

— Eu não sei no que estava pensando quando aceitei isso — digo colocando um pedaço de bolo de chocolate na boca. Quando Júlia estava de bom humor, ela cozinhava de tudo!

— Lembra do que conversamos ontem? — pergunta segurando minha mão direita sobre a mesa.

— Lembro — solto um suspiro. Sei que ele tem razão, mas isso não muda o fato de que estarei voando a mais de cem quilômetros por hora, presa apenas por um cinto.

— Vamos, depois quero te levar a um lugar bem legal — diz pegando sua mochila perto do sofá

— Aonde? — pergunto curiosa.

— É surpresa — ele sorri segurando minha mão. Entramos no elevador, que está praticamente vazio a não ser uma senhora com um *pug* no colo, com a língua de fora.

— Bom dia — Guilherme cumprimenta uma moça no elevador e a vejo lhe dando um sorrisinho nada discreto. Ela tem idade para ser a mãe dele, e mesmo assim o olha com olhar de puro desejo. Guilherme nem percebe que a mulher o está comendo com os olhos, acho que nunca vou me acostumar com as mulheres cobiçando meu namorado.

Vamos para o térreo, onde fica a garagem, e seguimos em direção a uma porta com uma placa onde está escrito “depósito”. Guilherme tira a chave do bolso e abre a porta. O cômodo tem apenas o que eu imagino que seja sua asa-delta, que está coberta por uma lona azul. É enorme e deve ser por isso que ele a deixa ali no depósito.

Eu o ajudo a amarrá-la em cima do carro e seguimos viagem até o Parque da Cidade. Passamos pela famosa ponte Rio-Niterói, que atravessa a Baía de Guanabara, e vejo a paixão com que Guilherme fala sobre a construção. Ele me conta que ela é a maior ponte de concreto protendido no Hemisfério Sul, e a décima primeira maior do mundo. Ele sabe até mesmo a estimativa de vítimas que morreram em acidentes de trabalho na construção.

— Eu adoraria ter acompanhado toda a construção — diz com o ar sonhador — O primeiro projeto foi feito à mão, imagine uma obra dessa magnitude sem os recursos tecnológicos que temos hoje! — ele diz empolgado. Olho para ele sorrindo e o admirando.

— O que foi? — pergunta com o cenho franzido.

— É que você fica sexy quando fica assim todo *nerd* — digo a ele.

— Não sabia que você tinha fetiche por *nerds*, Gabriela, devo me

preocupar? — pergunta tentando parecer sério, mas acaba rindo.

Bato em seu braço para que ele retome a atenção ao trânsito. A travessia da ponte levou apenas meia hora. Assim que chegamos à cidade de Niterói, sinto o cheiro de maresia e logo tampo o nariz, enjoada.

— Nossa, que horror! — digo.

— Com o tempo você se acostuma — diz sorrindo do meu drama. Meu estômago embrulhou na mesma hora, parecia que estávamos passando por um depósito de peixe podre.

Quando o carro começa a subir um morro que parece não ter fim, Guilherme me avisa que já estamos perto. Engulo a bile que se forma na minha garganta tentando conter meu nervosismo. Cada vez subimos mais. Quando estava prestes a perguntar se faltava muito, Guilherme estaciona o carro e vem ao meu lado para abrir a minha porta. Mas parece que estou grudada no assento e não consigo sair do lugar.

— Se você não sair daí eu vou te pegar no colo — me avisa e eu sei que está falando sério. Forço minhas pernas a funcionarem e saio do carro. Ele tira a asa-delta do suporte e passamos por um parque onde algumas crianças estavam brincando. Subimos uma escadinha e andamos até a pista.

— Você sempre voou? — pergunto a ele tentando me distrair.

— Não, nem sempre. Assim que viemos para o Rio, eu estava muito deprimido, não queria sair de casa. Minha mãe teve a ideia de nos trazer aqui, porque aqui tinha vista para os maiores pontos turísticos. Eu era uma criança na época, e não ligava para a vista, estava emburrado e só queria ir embora. Mas quando passamos pela rampa de vôo, eu simplesmente paralisei. Não conseguia entender como alguém teria coragem de soltar daquela altura — ele diz sorrindo — Mas quando eu os vi voando, foi mágico. Pedi para minha mãe me deixar saltar também, e ela disse que não, mas ela me deixou ficar bem perto da rampa sentado olhando as pessoas saltarem. Senti o vento no meu

rosto e fiquei imaginando como seria estar voando — ele está com uma expressão sonhadora em seu rosto — Mas quando fiz dezoito anos, minha mãe me trouxe de volta. Eu já havia me esquecido desse sonho, eu não era mais um molequinho emburrado, mas ela nunca havia se esquecido disso. Quando coloquei meus pés aqui, nessa rampa, senti todo o desejo de saltar. Ela disse que seria meu presente de aniversário. Mesmo aterrorizada com a ideia, ela ficou lá me olhando, enquanto eu saltava com um instrutor. E durante esses anos, acabei cansando de voar com os instrutores, então fiz alguns cursos e desde então voo sozinho, até hoje.

Vejo o amor com que ele fala da mãe, e sinto a tristeza em dizer como ela era, a mulher que eu me lembrava da minha infância não é nada parecida com a mulher que nos deixou sem resposta alguma. Ainda penso muito sobre o que ela esconde de nós, eu tenho a sensação que é algo bem ruim. Só não consigo imaginar o que seja tão ruim a ponto de permitir que perca os laços com o filho. Guilherme não fala, mas sei que ele sente falta da mãe. Ele puxa minha mão para chegar mais próximo da rampa.

— Eu estou com medo! — confesso a ele. Desde que saímos de casa, o frio na minha barriga aumenta cada vez mais.

Não estou acreditando que eu realmente topei pular com ele sendo segurada apenas por um cinto preso à asa-delta. Eu tenho pavor de andar de avião, que dirá saltar de asa-delta!

— Não precisa ficar com medo, eu faço isso há anos, vou proteger você — diz pegando minha mão — Estar lá em cima, é uma sensação tão maravilhosa que você só saberá voando. Você precisa aprender a confiar em mim — abro a boca para dizer que confio, mas ele coloca o dedo indicador nos meus lábios — Não estou falando nesse tipo de confiança Gabi, você precisa aprender a deixar alguém no controle da situação, você precisa aprender a se entregar, pense nisso como um exercício de confiança.

— Você está parecendo minha psicóloga falando desse jeito.

— Nem ela teria uma ideia tão brilhante quanto essa — diz sorrindo, bem convencido, típico de Guilherme.

— Você agora tem PhD em Psicologia?

— Não desvia do assunto, Gabi! Vamos, vai ser divertido.

— Eu não quero ir Gui, eu tenho pavor de altura — só de pensar em estar a mais de cem metros do chão, fico aterrorizada.

Meu maior medo em entrar no avião é a altura, mas o que mais me aterroriza é confiar a minha vida a outra pessoa. Só de pensar nisso, sinto um frio na barriga. Sinto minhas mãos suarem, e meu coração acelerado em meu peito. Confiar minha vida a ele é um passo grande demais para mim.

— Você precisa confiar em mim, eu voo há dois anos sozinho — diz segurando minhas mãos suadas e trêmulas. Ele deve ter percebido meu nervosismo pois logo diz — Eu te amo Gabi, nunca deixaria você cair — seu pedido mais parecia uma suplica. Suspiro soltando a respiração que estava presa em minha garganta, e decido aceitar.

Eu quero vencer meus medos. Saber que meu passado ainda está entre nós, me impedindo de viver os momentos, me causa uma frustração enorme! Eu o amo, nunca havia dito isso a ele, mas eu amo desde criança com cabelos longos batendo em seus olhos me esperando na escola como um verdadeiro cavalheiro. Meu coração já era dele, antes mesmo de ter sido destruído. Não vou deixar meu pai estragar o que aconteceu de melhor na minha vida. Eu me neguei tanto esse amor, por medo, mas agora eu quero viver.

Pego minha mão livre e seguro a sua.

— Tudo bem — digo a ele que logo abre um sorriso e me abraça.

— Obrigada por confiar em mim — ele afrouxa um pouco o abraço e dá um beijo cheio de carinho e amor.

Ele tira a sua asa-delta da capa e a monta, ele faz tudo com uma agilidade imensa e fico me perguntando quantas vezes ele já deve ter feito esse mesmo processo.

Vou com ele até onde estão alguns instrutores, um moreno de meia idade, alto com cabelos longos dá um tapinha nas costas de Guilherme e se apresenta como Paulo. Eles conversam entre si e Guilherme me conta que ele foi o seu professor. Paulo voa a mais de dez anos, é um dos melhores da região mesmo que tenha dito que não, percebo sua humildade e também como ele gosta de Guilherme.

Paulo nos ajuda a nos encaixarmos na asa-delta, coloca os cintos presos a nós, e, quando termina, nos entrega os óculos de proteção. Guilherme me explica que a estrutura é feita de metal e tecido que permite que a asa-delta se mantenha no ar, e mais algumas coisas que não consigo prestar atenção por conta do nervosismo.

Nos levantamos do chão onde estávamos quase deitados de barriga para baixo e Gui me avisa que precisamos dar uma corridinha antes de saltarmos. Sinto minhas pernas rígidas pelo nervosismo e não consigo me mover.

— Vai ficar tudo bem Gabi — balanço a cabeça para não precisar falar, pois sei que se eu falasse, provavelmente pediria para voltarmos.

Finalmente consigo fazer minhas pernas me obedecerem, corremos uns cinco metros e saltamos, quando pulamos da rampa de vôo, tive que fechar os olhos para não gritar de medo.

— Abre os olhos, Gabi — grita para que eu o consiga ouvir.

— Como você sabe que estou de olhos fechados? — pergunto.

— Porque eu conheço minha namorada — um sorriso surge em meu rosto o ouvindo dizer essa palavra — Você fazia a mesma coisa quando era

criança na casa da árvore.

Gui me conhece melhor do que ninguém, ele realmente conhece a minha alma. Deixo o medo de lado e abro os olhos, mas logo os fecho novamente quando vejo a altura em que estamos. Sinto um braço me envolvendo e abro os olhos novamente dessa vez aterrorizada.

— Segura isso Guilherme Ávila, você está maluco? — Guilherme soltou uma das mãos da barra para me envolver com um braço. Ele está guiando a asa-delta com apenas uma mão, o medo de cair me deixa completamente desesperada.

— Quero que você segure — meu Deus ele só pode estar maluco, como eu vou guiar? Se eu nunca voei e estou com medo só de abrir os olhos — Se você não segurar, vamos cair, não dá para guiar com uma mão apenas — ele diz, dessa vez meu coração não está acelerado, parece que ele parou de bater de tanto medo.

— Não brinca assim, por favor, eu nunca voei — lhe digo quase chorando.

— Apenas segure Gabi, vou estar segurando também, juntos conseguimos guiar — diz com a voz calma.

— Gabi — Guilherme grita — Está me ouvindo? — balanço a cabeça dizendo que sim e ele diz o mais próximo do meu ouvido que a asa-delta permite — Gabi, nós não temos que ser comuns, e viver com medo, devemos cometer nossos melhores erros, mas também devemos viver os nossos maiores acertos. Não importa quantos empecilhos tenham em nosso caminho, porque momentos como este, fazem tudo valer a pena. Sentir o meu coração acelerado enquanto estou aqui em cima faz com que eu me sinta vivo. Às vezes vivemos com tanto medo, criando muros de proteção ao nosso redor, que não vivemos, apenas sobrevivemos. Quero apenas que você viva intensamente, porque não temos tempo para lamentar.

Essas palavras mudam algo dentro de mim, me dei conta de que estou apenas sobrevivendo, como Guilherme disse. Mesmo se o caminho a percorrer seja difícil, se no final eu vir o sorriso no rosto de Gui, valerá a pena. Queria poder registrar esse momento, em que estamos nós dois aqui em cima no alto céu vivendo. Ele solta a sua única mão que estava segurando a barra e a asa delta parece cair em queda livre.

Solto um dos braços que estava preso ao lado do seu corpo, e seguro a barra, abrindo os olhos. Suspiro para tentar controlar minha respiração.

— É você quem está no controle da situação! — ele grita para que eu possa ouvi-lo. Ele abre os braços e deixa que o vento o leve tranquilamente. Assim que as minhas mãos foram para a barra, a asa-delta logo se apruma e para de cair. Sorrio, pois Guilherme tinha razão. Ele toma o controle da asa-delta e solto um suspiro de alívio. Não consigo olhar para o seu rosto, mas sei que com certeza ele está com um sorriso no rosto, após o medo ter me deixado senti toda a emoção que Guilherme sempre falava o vento no meu rosto, a paisagem embaixo de mim, estar aqui apenas com ele onde nós guiamos a situação faz com que eu me sinta dona do mundo, a sensação é poderosa, única e agora eu entendo.

O vento forte bate no meu rosto. Se eu não estivesse com óculos de proteção, provavelmente atrapalharia minha visão, mas consigo enxergar tudo nitidamente. Guilherme começa a me mostrar os pontos turísticos, as praias de Piratininga, Itaipu, Camboinhas, São Francisco, e também a praia de Charitas, que é onde nós iremos pousar. Quando eu menos percebo, meu medo foi embora, e estou maravilhada com tamanha beleza! De onde estamos, temos uma ampla visão do mar que fica à minha direita. Bem no meio, consigo avistar algumas casas que de longe parecem minúsculas. E ao meu lado esquerdo, há apenas vegetação. Estou maravilhada, e com um sorriso besta no rosto.

Meu peito se enche de um sentimento que achei que não seria digno de mim. Senti uma felicidade sem fim, não apenas uma alegria passageira. Sinto-me realizada e eu não queria estar em outro lugar que não fosse ao lado desse homem maravilhoso, que torna até os dias mais simples, dias felizes - e os faz durar uma eternidade.

Guilherme me faz bem. Como eu pude sequer achar que ele não faria? Ele tem sido paciente, seu amor e devoção por mim são nítidos em seus olhos. Meu coração se dá conta de que eu nunca, nunca conseguiria viver sem esse amor, pois ele é a maior parte de mim, é a parte mais bonita do meu coração.

Assim que pousamos, nos sentamos na areia da praia e ele vira o rosto para mim. Vejo seu sorriso radiante e aproveito esse momento em que ele está olhando em meus olhos para dizer algo que meu coração já estava cansado de saber.

— Gui... Eu sei que demorei meses para lhe dizer isso, mas é algo que já sinto não é de agora. Eu estava tentando me proteger, mas hoje eu tive a prova de que posso confiar a minha vida a você — fecho os olhos e suspiro tentando formular as frases — Eu não quero que meu passado volte, não quero pensar no que o futuro reservou para mim, quero apenas viver este momento intensamente. Obrigada por me mostrar isso, Gui. Eu te amo! — uma lágrima rola em meu rosto, e vejo os olhos de Guilherme lacrimejando. Foram poucas as vezes em que o vi chorando. Um misto de emoções passa em seu rosto, e eu soube que nunca seria tão feliz se não tivesse esse amor.

Ele me beija como se quisesse se fundir ao meu corpo.

— Ela me ama porra! — grita e algumas pessoas olham para ele assustadas, admiradas e eu apenas sorrio sentindo uma felicidade sem fim no meu peito. Ele me enche de beijos, fazendo meu corpo se encher de desejo.

Guilherme se levanta da areia, pegando sua asa-delta e levando para o carro. Sacudo a areia do meu corpo e o ajudo a prendê-la.

— Qual é o lugar que você vai me levar?

— Eu disse que é surpresa!

Cruzo os braços frustrada.

— Pode ir parando, isso não funciona comigo. Não adianta fazer biquinho.

— Eu não estou fazendo bico.

— Ah, está sim, mas primeiro vamos passar no apartamento.

— É um lugar especial? — pergunto tentando lhe tirar alguma informação.

— Já disse pra desistir, esqueceu que eu sou irmão da Júlia? — ele me pergunta sorrindo — Aprendi a não ceder à persuasão de vocês.

Passamos por uma série de casas e apartamento de luxo e vejo que Guilherme ficou calado.

— O que foi? — pergunto a ele passando a mão na sua perna, para chamar a sua atenção.

Ele suspira e me responde.

— Minha mãe mora a alguns quarteirões daqui. Eu queria tanto que as coisas fossem diferentes — ele me diz e eu não sei o que responder, então apenas acaricio sua mão quando ele não está passando a marcha.

Meus olhos começam a pesar e acabo adormecendo.

Capítulo 48

Guilherme

Gabriela acabou adormecendo. Estaciono o carro na garagem e fico um tempo a observando dormir. Minha menina está ficando mais forte a cada dia que passa. Eu sabia que podia dar errado forçar a barra para ela voar comigo, mas as coisas deram mais certo do que eu mesmo imaginava. A cada dia o nosso relacionamento avançava mais. Dizer que não sinto falta de sexo é mentira, pois é só ver Gabriela vestindo uma das minhas camisas com apenas uma calcinha que fico duro instantaneamente. É como se ligassem um interruptor em mim! Mas sou paciente. Só de lembrar de tudo que fizeram com a minha menina, é como se jogassem um balde de água fria sobre mim, e então me acalmo.

Ela abre os seus lindos olhos e pisca, tentando ajustar a visão ao ambiente.

— Você estava me olhando dormir? — pergunta coçando os olhos. Balanço a cabeça concordando e ela ri — Isso é muito bizarro, sabia?

— Eu estava olhando você babando enquanto dormia, isso é engraçado e não bizarro! — Ela abre a boca para rebater, mas desiste e bate no meu braço.

— Idiota!

Guardo a minha asa-delta no depósito e entro no elevador com Gabi.

— Vou tomar banho — digo assim que entro no apartamento, deixando minha mochila no quarto.

Entro no boxe e abro o chuveiro. A água fria cai sobre o meu corpo, ouço um barulho da porta se abrindo e vejo Gabriela ali parada, nua, me olhando com aqueles olhos de desejo. Ela entra no boxe e fica de frente para

mim. Sinto seu polegar nos meus lábios e na mesma hora sinto minha ereção crescer.

— Se continuar com a boca aberta assim vai entrar mosca — ela me beija. Seus lábios sugam os meus enquanto suas mãos puxam meus cabelos como se isso pudesse me aproximar ainda mais dela.

Coloco uma mão em sua cintura enquanto subo com a outra mão e aperto seu seio, fazendo-a gemer contra a minha boca. Quando ela termina de me beijar, eu a encosto na parede do boxee ela enrosca suas pernas na minha cintura, nos deixando bem próximos.

— Gui — ela geme. Se tem algo que descobri sobre ela, é que apesar de todos os seus medos, ela se entrega ao máximo até onde consegue, e eu amo vê-la se contorcendo e gemendo meu nome.

Uma necessidade primitiva toma conta de mim e tento me controlar ao máximo.

— Porra, Gabi, você quer me matar não quer? — pergunto a ela distribuindo beijos pelo seu pescoço. Desço minhas mãos até o seu centro lisinho, e sinto como ela está molhada. Me ajoelho diante dela e vejo seus olhos brilhando de expectativa. Seguro suas pernas e coloco uma delas apoiada no meu ombro. Vê-la aberta para mim é a visão mais sensual que eu já tive. Seus olhos estão fixos em mim. Coloco minha língua para fora e a ouço arfar de ansiedade, e quando minha língua começa a brincar com o seu clitóris, ouço seus gemidos entrecortados.

Suas mãos estão ainda mais firmes puxando os meus cabelos em direção a ela.

— Calma minha, menina.

— Gui, por favor, quero ser sua — diz e meu coração dá um solavanco em meu peito — Eu estou pronta, Gui, me faça sua — ela continua pedindo.

Tiro minha boca do seu centro e me levanto. Seguro seu rosto com as minhas mãos.

— Tem certeza? — pergunto a ela. O dia hoje foi cheio de emoções e eu sei como é ter a adrenalina correndo solta em minhas veias, não quero que ela faça nada que venha a se arrepender depois que passar o calor do momento.

— Eu te amo Gui, e eu tenho toda certeza do mundo — eu me levanto e ela reclama pela interrupção.

— Minha menina — ponho uma mecha que estava no seu rosto atrás da sua orelha — Não aqui, não assim, quero que seja especial.

— Você não me quer? — ela me pergunta colocando as mãos sobre os seios como se estivesse com vergonha.

— É sério que você me perguntou isso? Olha como eu estou duro por você, você não tem ideia do quanto eu quero entrar em você, mas quero que seja especial — digo a ela que me lança um sorrisinho — Agora eu vou terminar o que eu comecei — digo me ajoelhando novamente diante dela.

Minha língua passeia no seu centro e sinto quando o seu corpo começa a ter espasmos de prazer. Introduzo um dedo dentro dela, elevando ainda mais o êxtase. Ela começa a se contorcer com mais força e a gemer mais alto, e assim que goza, eu tomo tudo que ela tem para me dar.



Gabriela

Guilherme não quis me dizer aonde vai me levar. Estou tentando descobrir há horas e não consigo arrancar nenhuma informação dele. Tudo que

disse foi que eu deveria ter um pouco mais de paciência.

Mas eu não tinha paciência alguma, depois da sessão de quase sexo no chuveiro, a excitação estava tomando meu corpo por completo. Eu nunca havia me sentido assim. Com Guilherme, descobri que ele podia me elevar a vários tipos de prazer.

Estamos juntos há três meses oficialmente, e eu não havia me entregado para ele ainda. O medo de que os demônios viessem à tona era maior, e não me permitia viver esse momento plenamente. Mas hoje, lá no céu voando com ele e deixando que nos conduzisse, eu constatei o que já sabia há algum tempo, mas não acreditava. Meu coração por completo pertencia a ele e eu o amava mais do que tudo. Confiaria minha vida a ele e, mais do que nunca, estou pronta para ser dele.

— Estamos em Ipanema — digo olhando para a placa e logo em frente avisto um grande calçadão banhado pela luz da lua e pela iluminação dos postes. O clima está muito agradável. Estou usando um vestido longo branco com uma grande fenda na coxa. Vesti meus sapatos de salto da cor areia e, para completar, fiz uma trança no meu cabelo. A única informação que Guilherme me deu foi que íamos jantar. Ele vestia uma calça cargo num tom azul escuro e uma camisa social, com os primeiros botões abertos. Estava lindo e sexy.

Paramos em frente a um prédio enorme, o mais alto do quarteirão, pintado num tom de bege claro com marrom escuro. As esquadrias das janelas formam um arco, o deixando com ar de prédio antigo, mas sofisticado. Uma verdadeira obra arquitetônica!

O prédio fica de frente para a praia de Ipanema. Guilherme dá o carro para o manobrista e segura minha mão para entrar no hotel. Já fui a muitos hotéis sofisticados, mas estar aqui com Guilherme faz com que tudo se torne ainda mais lindo.

Entramos no hall e vejo que o ambiente está banhado por uma luz mais fraca, onde ficam as poltronas na cor bege. Onde as recepcionistas ficam, uma série de luminárias sobre elas num tom mais amarelado. Há três moças à nossa frente, a que está nos atendendo é uma morena com olhos verdes, uniforme azul marinho e um coque bem arrumado, sem nenhum fio de cabelo fora do lugar. Ela está olhando descaradamente para Guilherme, ele nem a nota, mas isso não quer dizer que eu não fique com raiva.

— Quartos separados, senhor? — pergunta com um sorriso enorme no rosto. Será que ela não percebeu que estávamos de mãos dadas?

— Eu já fiz a reserva — ele solta a minha mão e mexe na carteira, pegando um papel com um número anotado, e entrega a ela, que logo digita no computador.

— Um quarto apenas, na cobertura, certo senhor? — ela ainda tenta, aposto que ela queria que ele disse que eram quartos separados.

— Sim — ele diz a ela que logo murcha com a sua confirmação e lhe entrega um cartão magnético.

Olho para ele o fuzilando.

— O que foi? — pergunta.

— Ela estava te olhando descaradamente! — digo.

Ele sorri e olha para ela, que está com os olhos vidrados na gente.

— Ciúmes?

Olho para ele querendo matá-lo.

— Eu não olhei, olhei? — pergunta passando a mão nos meus cabelos.

— Não — respondo.

— Eu só tenho olhos para você — Ele me beija colocando as mãos no meu rosto, me aproximando ainda mais dele. Sua boca acaricia a minha, abrindo caminho para a sua língua me beijando com vontade — Agora ela

sabe que eu sou todo seu!

Sorrio e ele me dá um tapinha na bunda.

— Quer jantar agora ou depois?

— O que você acha? — pergunto no seu ouvido lhe dando uma mordinha no seu pescoço.

— Porra! — ele resmunga e me leva em direção ao elevador.

O elevador demorou uma eternidade para chegar ao térreo. Guilherme já estava impaciente e eu só ria da sua careta.

— Nós vamos ficar aqui? — pergunto.

— Vamos.

— Mas eu nem trouxe malas — digo.

— Eu pedi para Júlia preparar uma para você, mas ficou no portamalas do carro. Você me desconcentrou com essa fenda — então ele realmente pensou em tudo.

— Por que você não me disse que íamos dormir aqui? — pergunto assim que entramos no elevador.

— Primeiro: era surpresa; segundo: quem disse que vamos dormir? — diz levantando a sobrancelha e encostando sua ereção em mim.

Mordo os lábios de nervosismo quando sinto todo o meu corpo tremer. *Eu estou pronta*, digo a mim mesma repetidas vezes.

Mordo sua orelha quando ele começa a distribuir beijos pelo meu pescoço e eu começo a relaxar. O elevador para no sexto andar e uma moça com um bebê no colo entra. Guilherme se afasta de mim, me deixando com cara de idiota com o batom borrado pelos seus beijos.

Finalmente chegamos ao vigésimo andar e entramos em uma enorme suíte, toda pintada na cor azul bebê, com um enorme pé direito com luzes distribuídas deixando o ambiente agradável. Há uma grande porta de vidro que

leva até a sacada. Olho para a cama e sinto um frio na barriga. Ela está coberta por um jogo de cama todo branco e, sobre a colcha, há várias flores de lis. Meus olhos se enchem de lágrimas e eu olho para ele, que me olha com paixão, amor e luxúria. Me aproximo dele e o abraço.

— Obrigada!

— Não precisa agradecer, minha menina — diz me beijando — Ainda tem certeza que quer isso?

— Absoluta! — ele vai até o aparelho de som e coloca o *ipod* para tocar. Ele escolhe a música *Everything* do *Lifehouse*. A voz soa dos auto-falantes deixando o ambiente ainda mais romântico.

— Quando você fez a reserva? — pergunto.

— No mesmo dia em que fiz a do nosso voo.

— Você sabia que nós íamos finalmente... — Não consigo terminar a frase.

— Mas é claro! Quem resiste ao meu charme? — diz convencido.

Abro a boca para lhe responder, mas ele não deixa.

— É claro que eu não sabia, Gabi. Falei brincando. Mesmo que não cheguemos às vias de fato, quero um momento especial ao seu lado. Não aproveitamos quase nada das nossas férias, e queria te dar pelo menos algo bom para se lembrar — e a cada frase que sai da sua boca eu me apaixono mais — Eu quero te dar algo, mas me promete que não vai surtar.

Olho para ele confusa e o vejo tirando uma caixinha vermelha de veludo do seu bolso. Ele fica me olhando com aqueles olhos intensos e abre a caixinha. Minha respiração para por um segundo, eu não saberia o que dizer se ele me pedisse em casamento agora. Eu o amo, mas não sei se ainda estou pronta. Solto um suspiro de alívio ao ver que são duas alianças de ouro branco.

— Eu queria algo que simbolizasse o nosso amor. Se tivesse certeza que você aceitaria, te pediria em casamento agora, Gabriela. Mas sei que ainda não se sente preparada, e eu respeito isso. Mas quero te dar essas alianças. São de compromisso — olho para ele completamente apaixonada, e ele coça a cabeça nervosamente — Isso é tão mulherzinha, estou me sentindo meio idiota aqui, você pode falar alguma coisa?

— Eu ... te amo! — digo e quase me jogo em cima dele, o beijando. Quando termino, pego finalmente a caixinha das suas mãos e olho nossas alianças de ouro branco. A dele é completamente lisa, com o acabamento reto. A minha é igual, o que diferencia são as três pedrinhas na vertical num tom azul claro.

— Eu pedi que colocassem da cor dos seus olhos — diz, passando a mão pelos cabelos como se ainda estivesse nervoso.

O que eu vejo dentro da aliança na parte interna me emociona ainda mais. A palavra *fidélité* está gravada nas duas alianças.

Ele segura a minha aliança em suas mãos e me olha quando a coloca em meu dedo.

— Eu não posso apagar o seu passado, mas quero colocar boas lembranças no lugar das lembranças ruins. Quero que esse dia fique guardado na sua memória, assim como ficará para sempre na minha memória. Essa aliança simboliza a minha *fidélité*. Eu te amo, minha menina — Meus olhos estão molhados com lágrimas de alegria. Ele beija minha mão assim que coloca a aliança em meu dedo. Seguro sua aliança com as mãos trêmulas e penso no que dizer.

— Guilherme, você foi o meu farol no meio da escuridão. Antes de você, eu apenas sobrevivía, um dia após o outro. Mas agora, cada segundo ao seu lado faz com que eu me sinta viva. Eu te amo por ser paciente, eu te amo por me amar incondicionalmente, eu te amo por cuidar de mim, eu te amo pela

sua *fidélité* — coloco a aliança em seu dedo e selo esse momento com um beijo. Me solto dele apenas para olhar em seus olhos, e vejo o mesmo que está refletido nos meus: amor.

Me aproximo dele e abro os botões da sua camisa com as minhas mãos trêmulas, deixando seu peito nu. Ele me olha com desejo e, assim que eu termino de tirar sua camisa, ele abre a lateral do meu vestido lentamente, fazendo com que seus dedos rocem na minha pele. Todo o meu corpo queima como brasa viva sob seu toque. Ele termina de tirar meu vestido, me deixando apenas de lingerie branca.

— Caralho! — diz passando a mão pelo meu corpo, como se quisesse provar que é real.

Guilherme tira sua calça e fica apenas com uma *boxer* preta, que deixa seu volume bem evidente. Sinto a excitação em mim e, quando percebo, sinto que já estou toda molhada e ele mal me tocou.

Ele me senta na cama, vai até as minhas costas tirando meu sutiã e distribuindo pequenos beijos pelo meu ombro.

— Eu te amo — diz no meu ouvido, me fazendo arrepiar da cabeça aos pés — Eu te amo tanto que chega a doer.

Ele vem até a minha frente e se ajoelha, tirando minha calcinha. Tento tirar os sapatos, mas ele não deixa.

— Não tira, eles te deixam sexy!

Ele começa a distribuir beijos na parte interior da minha perna, e eu jogo a cabeça para trás quando o sinto indo em direção ao meu clitóris.

— Tão gostosa — diz passando a língua no meu clitóris. Ele beija, morde, puxa, chupa me deixando completamente excitada.

Apóio uma perna em seu ombro e puxo sua cabeça para mais perto. Ele intensifica ainda mais os movimentos e eu gozo em sua boca, gritando seu

nome. Guilherme é tão intenso, seus olhos predadores me fitam enquanto tira sua *boxer*. Passo a língua nos meus lábios ao ver sua ereção: ele está duro como uma rocha e suas as veias estão pulsando intensamente. Me levanto da cama e faço ele se sentar. Me ajoelho na sua frente e o tomo. Faço movimentos com a minha mão livre enquanto eu o chupo, e ele segura minha cabeça para que eu não pare.

— Porra! Que boquinha gostosa, mas eu não quero gozar na sua boca, vem — ele me levanta do chão e me faz deitar na cama.

Ele venera cada parte do meu corpo, chupa meus mamilos e os aperta, me deixando ainda mais molhada. Cruzo as pernas para conter a minha excitação, mas ele não deixa.

Suas mãos descem até o meu centro e desliza um dedo para dentro de mim. Arqueio meu corpo em direção à sua mão e ele intensifica ainda mais. Quando estou quase gozando de novo, ele tira a mão deixando um enorme vazio.

Ele fica apoiado nas pernas e me olha como se quisesse se certificar que eu estava bem. Sorrio para tranquiliza-lo. Fazia tempo desde meu último surto em um momento íntimo, e desde então, ele vinha tomando todo cuidado possível comigo, mas eu não iria deixá-lo estragar esse momento, não hoje.

Ele pega uma camisinha e coloca. Meu corpo treme de medo e de ansiedade. *Por favor, não deixe meus demônios virem à tona*, peço a Deus.

— Olha para mim — ele me pede e olho para os seus olhos, que me fitam com puro amor — Sou eu quem está aqui com você — ele se aproxima de mim e começa a me preencher. Fecho os olhos novamente quando meu corpo começa a tremer — Abre os olhos minha menina — ele pede e uso toda minha força de controle para manter a minha sanidade e não pensar em nada. Abro meus olhos e ele me preenche por completo e fica parado avaliando minha reação. Eu o abraço quando meus demônios ameaçam vir à tona. Ele

tenta sair de cima de mim, mas não deixo, sei que consigo. O aperto com força e, dessa vez, ele cede deixando que eu o abrace ainda mais dentro de mim. Uma lágrima solitária escorre pelo meu rosto e ele a beija, passando as mãos pelos meus cabelos, repetindo a todo instante o quanto me ama. Quando me sinto bem, o solto e olho para ele sorrindo, dando permissão para ele continuar. Ele começa a se movimentar lentamente dentro de mim e eu consigo relaxar deixando que o prazer percorra o meu corpo.

— Eu te amo — diz isso a todo instante, acompanhado de — minha menina — e eu o amo ainda mais cada segundo.

Guilherme segura minhas mãos em cima da minha cabeça e beija meu pescoço. Sempre que ameaço fechar os olhos, ele me pede para olhar para ele. Sinto que ele está no limite e eu também. Ele intensifica suas estocadas e arqueio meu corpo de encontro ao dele, cravo minhas unhas em suas costas o ouço gemer. Ele me beija e olha nos meus olhos e assim gozamos juntos, e nossas almas estavam mais ligadas do que nunca.

E durante toda a noite ele me leva ao paraíso inúmeras vezes.



Guilherme

Olho para Gabriela dormindo tranquilamente e me lembro da noite passada. Minha menina venceu mais um obstáculo, e agora ela era minha por completo, de corpo e alma. Eu nunca achei que pudesse amar tanto alguém assim! Finalmente encontrei o meu lugar no mundo. Fico admirando o contorno da sua boca, que forma um coração bem rosado. Olho para sua mão direita, que está sobre meu peito, e vejo a nossa aliança. Eu a beijo e ela abre seus lindos olhos azuis e fica me olhando. Eu a puxo para mais perto de mim e me

aconchego nela, abraçando e fazendo carinho em seu cabelo.

— Bom dia — digo a ela, e beijo o topo da sua cabeça, sentindo o cheiro de flor de lis.

— Dia — ela resmunga contra o meu peito.

— Eu ia pedir serviço de quarto, mas queria tomar café no hall e nadar um pouco, o que você acha?

— Posso dormir um pouco mais? — pergunta ainda sonolenta — Estou dolorida em todos os lugares possíveis!

Sorrio do seu drama e olho o relógio.

— Ah é?

Ela concorda com a cabeça bocejando.

— Já são dez horas, vamos aproveitar o dia — digo a ela me levantando da cama. Me aproximo e a pego no colo, levando-a até a banheira e ali fazemos amor mais uma vez. Não consigo para de tocá-la, estou completamente viciado nela.

Depois que conseguimos sair da banheira, nos arrumamos para tomar café. Sentamos em uma mesa para duas pessoas, um garçom anota nosso pedido e vejo Gabi com um semblante estranho olhando para o celular

— O que foi? — pergunto.

— Minha mãe — ela me mostra o telefone — Deixou um monte de ligações no meu celular e agora enviou uma mensagem perguntando onde eu estou. Isso é tão estranho, eu mal falo com ela, o que será que ela quer? — ela me pergunta e não sei o que dizer. Nesse tempo em que eu estou com Gabi, só fiquei sabendo de duas ligações da mãe, e todas elas eram a respeito de contas, faculdade ou sobre a psicóloga.

— Talvez ela queira te ver.

— Eu não sei Gui, isso não é do feitio dela — somos interrompidos

quando o garçom coloca os nossos pedidos na mesa. Gabi desvia os olhos do celular e levanta a cabeça para olhá-lo e agradecer. Mas quando ele se vira, percebo que Gabi está olhando constantemente para um homem que está apenas a alguns metros na mesa ao lado. Ela o fita com os olhos arregalados e dá um pulo da cadeira como se tivesse pegando fogo. Vejo seus olhos aterrorizados.

Vejo-a colocando a mão na cabeça nervosa e fechando os olhos.

— Isso não é real, isso não é real... — ela repete isso como se fosse um mantra. Fazia meses desde a sua última crise de pânico, não faço ideia do que possa ter despertado isso nela.

As pessoas começam a olhar para a cena e eu me aproximo dela tocando seus braços, mas ela logo recua do meu toque.

— O que foi Gabi? — pergunto a ela preocupado. O homem continua olhando para nós, passando a mão pelos cabelos, ele levanta e caminha até onde estamos. Gabriela dá um passo para trás como se não pudesse ficar perto dele.

— Gabi? — ele a chama. Como ele a conhece? Como ele sabe o seu nome?

— Não — ela grita desesperada. Olho para os olhos daquele homem para saber o que casou isso nela e vejo seus olhos molhados. Eles são idênticos aos da minha menina, mas isso não é possível. A única pessoa que tinha o olhar igual ao dela era o seu pai. Mas ele está morto, como era possível? Forço minha mente a me lembrar daquele homem e, apesar da idade ter cobrado um preço alto a ele, vejo quem ele é. É o homem que havia destruído a infância da minha menina.

— Ele é... — começo a frase.

— O meu pai — Gabi termina a minha frase e desmaia em meus

braços.

Continua...

Nota da autora

Escrever “O Que Resta de Mim” não foi fácil. Criar uma personagem que tinha passado por tantas dores me faz sentir cada uma delas. Cada vez que eu via algum caso de estupro familiar nas reportagens, me dava mais forças para escrever a minha história.

Mães, pais, deem atenção ao comportamento dos seus filhos. Cuidem deles como se fossem uma joia preciosa, porque o passado molda o presente e o futuro.

Se por ventura você tiver passado por algo parecido com o que Gabriela passou, seja físico ou emocional, busque ajuda, e lembre-se do que a Milena disse para a Gabriela: *“você é uma vítima, mas não precisa agir como uma, aja como um sobrevivente”* porque é isso que você é: um sobrevivente!

Biografia



Thays M. de Lima tem 20 anos e vive no Rio de Janeiro.

Estudante de Engenharia Civil, também é apaixonada pela literatura, motivo pelo qual há 2 anos criou seu canal no YouTube.

Com uma rotina bem agitada, divide seu tempo entre a faculdade, trabalho, seu canal no YouTube e escrever.

“O Que Resta de Mim” é o seu romance de estreia na Amazon.

E-MAIL

thaysm.delima@gmail.com

SKOOB

<https://www.skoob.com.br/usuario/1424935>

BLOG

<http://thaysmdelima.blogspot.com.br/>

INSTAGRAM

<https://instagram.com/thaysmdelima/>

PÁGINA NO FACEBOOK

<https://www.facebook.com/thaysmdelima/?ref=ts&fref=ts>

GRUPO NO FACEBOOK

<https://www.facebook.com/profile.php?id=1465565063756347&ref=ts&fref=ts>

CANAL NO YOUTUBE

https://www.youtube.com/channel/UCEAOSxp_hy3Bklx1QgLg_Dw